

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ–UFC**  
**CENTRO DE HUMANIDADE**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**CÁRMEM DÉBORA LOPES BARBOSA**

**EXPERIÊNCIAS DE VIDA E FORMAÇÃO DO EDUCADOR POPULAR**  
**ALEMBERG QUINDINS DA FUNDAÇÃO CASA GRANDE–MEMORIAL DO**  
**HOMEM KARIRI**

**FORTALEZA-CE**

**2010**

**CARMEM DÉBORA LOPES BARBOSA**

**EXPERIÊNCIAS DE VIDA E FORMAÇÃO DO EDUCADOR POPULAR  
ALEMBERG QUINDINS DA FUNDAÇÃO CASA GRANDE–MEMORIAL DO  
HOMEM KARIRI**

**Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará–UFC, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Brasileira.**

**Área de concentração: Educação Brasileira.**

**Orientador: Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda**

**FORTALEZA-CE**

**2010**

**CARMEM DÉBORA LOPES BARBOSA**

**EXPERIÊNCIAS DE VIDA E FORMAÇÃO DO EDUCADOR POPULAR  
ALEMBERG QUINDINS DA FUNDAÇÃO CASA GRANDE–MEMORIAL DO  
HOMEM KARIRI**

**Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará–UFC, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Brasileira. Área de concentração: Educação Brasileira.**

**Aprovada em 26/03/2010**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Ercilia Maria Braga de Olinda  
Orientadora (UFC)

---

Profa. Dra. Maria da Conceição Passeggi  
Examinadora (UFRN)

---

Prof. Dr. João Batista de Albuquerque Figueiredo  
Examinador (UFC)

**Dedico este trabalho a todos aqueles que realizam um trabalho social em favor de crianças e jovens deste mundo ainda tão carente de amor e solidariedade.**

## GRATIDÃO

**Ao Mestre por ser meu guia espiritual e a luz do meu caminho.**

**À minha orientadora e amiga Ercília, pela sua energia positiva, confiança no nosso projeto e por ser motivadora desse percurso de si.**

**À figura central dessa pesquisa Alembert Quindins que permitiu que eu adentrasse na sua vida e pela boa vontade e atenção que sempre teve comigo nesse trabalho.**

**Aos meus pais que me deram a oportunidade de existir.**

**À minha família, Rodrigo, Daniel e Amanda que compreenderam os momentos em que não pude compartilhar com eles, principalmente nos finais de semana de lazer.**

**Ao meu amigo querido Pádua Campos que me ensinou a ser uma eterna aprendiz e a valorizar o essencial da vida.**

**E aos meninos e meninas da Fundação Casa Grande que cativaram meu coração desde o primeiro momento que os vi.**

## **RESUMO**

Este trabalho teve como objetivo compreender a dimensão formadora do educador popular Alemberg Quindins, criador da Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri. Os dados foram coletados pela técnica da Entrevista Narrativa (Jovchelovitch & Bauer, 2002) e sua análise se deu através do Método (Auto)biográfico. Teve como principais referências as obras de Paulo Freire (1986, 1987, 1992) e Marie-Christine Josso (2002, 2004). Apóia-se também em Maturana e Varela, Edgar Morin e Maria Cândida Moraes que muito têm contribuído para o surgimento de um novo paradigma emergente em educação. Teve como objetivo encontrar respostas para: Que aprendizagens experienciais foram mais significativas na trajetória de vida de Alemberg Quindins? O que o tornou o que é? E, analisando sua trajetória e seus encontros ao longo da vida, encontra os seguintes aspectos que vem contribuindo para sua formação: a forte influência da figura paterna; a insatisfação com os processos de aprendizagem escolar; o contato e a identificação com a cultura local; a valorização das pessoas simples da região e de seus saberes populares; a religiosidade popular; a interação com crianças e jovens; a partilha de sonhos; a família que construiu e a aprendizagem na escola da vida.

**PALAVRAS-CHAVE: Experiência; Formação; Narrativa; Educação Popular.**

## **ABSTRACT**

This study aimed to understand the extent of forming Alemberg Quindins popular educator, the founder of the Casa Grande-Memorial Human Kariri. Data were collected by the technique of narrative interviews (Jovchelovitch & Bauer, 2002) and their analysis was performed using the method (Auto) biography. Had as main references the works of Paulo Freire (1986, 1987, 1992) and Marie-Christine Josso (2002, 2004). Rest also on Maturana and Varela, Edgar Morin and Maria Cândida Moraes who have greatly contributed to rise of a new paradigm emerging in education. Aimed to find answers to: What experiential learning were more significant in the lives of Alemberg Quindins? What made it what it is? And looking at his career and his encounters throughout life, are the following aspects that have contributed to its formation: the strong influence of the father figure, the dissatisfaction with the process of school education, contact and identification with local culture, the exploitation of simple people of the region and its popular knowledge, popular piety, the interaction with children and young people, sharing dreams, the family who built and learning in school life.

**KEYWORDS: Experience; Formation; Narrative; Popular Education.**

## **LISTA DE FOTOGRAFIAS**

**Fotografia 1: A pesquisadora Carmem Débora**

**Fotobiografia**

**Fotografia 2: Alemberg Quindins**

**Fotografia 3: Alemberg quando criança**

**Fotografia 4: A índia Artemisia hoje**

**Fotografia 5: Alemberg e Rosiane participando de um festival de música**

**Fotografia 6: Alemberg e José Henrique**

**Fotografia 7: Alemberg ministrando palestra para jovens.**

**Fotografia 8: Mestre Gabriel - Fundador do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal.**

**Fotobiografia de Alemberg Quindins**

**Fotografia 9: Meninos da Casa Grande brincando**

**Fotografia 10: Meninos da Casa Grande em atividade**

**Fotografia 11: Estátua em madeira do índio Kariri–Mascote do Memorial do Homem Kariri**

**Fotografia 12: Sala do Coração de Jesus–Entrada principal do Memorial do Homem Kariri**

**Fotografia 13: Crianças brincando em frete ao Museu**

**Fotografia 14: Eleição da Diretoria**

**Fotografia 15: recepcionistas mirins do Museu**

**Fotografia 16: Fachada da Escola de Comunicação**

**Fotografia 17: Fachada do Teatro Violeta Arraes**

**Fotografia 18: Pedrinho Ian, filho de Alemberg e Rosiane no Campeonato de Futebol na Casa Grande**



## **LISTA DE QUADROS**

**Quadro 1: Fases da Entrevista Narrativa**

**Quadro 2: Tribos Kariris**

**Quadro 3: Programas da Fundação Casa Grande**

**Quadro 4: Laboratórios da Fundação**

**Quadro 5: Atendimento ao público no Ano de 2008**

**Quadro 6: Atendimento ao público no Ano de 2009**

**Quadro 7: Busca da Felicidade**

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- ONG** Organização Não-Governamental
- FCG** Fundação Casa Grande
- URCA** Universidade Regional do Cariri
- JUCEC** Junta Comercial do Estado do Ceará
- ITA** Instituto Tecnológico da Aeronáutica
- UNIFOR** universidade de Fortaleza
- COBAL** Companhia Brasileira de Alimentos
- SUDEC** Superintendência de Desenvolvimento
- IBAMA** Instituto Brasileiro de Meio Ambiente
- FUMDHAM** Fundação Museu do Homem Americano
- OSCIP** Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
- USP** Universidade de São Paulo
- UFC** Universidade Federal do Ceará
- UFRN** Universidade Federal do Rio Grande do Norte
- COOPAGRAN** Cooperativa dos Pais e Amigos da Casa Grande
- UNICEF** Fundo das Nações Unidas para a Infância
- IPHAN** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional
- UFPE** Universidade Federal de Pernambuco
- INEP** Instituto Nacional de Educação e Pesquisa
- MEC** Ministério da Educação
- UNESCO** United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
- AIDS** Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
- ANATEL** Agência Nacional de Telecomunicações
- ONU** Organização das Nações Unidas
- TER** Tribunal Regional Eleitoral

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>PRIMEIRAS PALAVRAS.....</b>	<b>9</b>
<b>A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....</b>	<b>14</b>
<b>COMO VENHO TRANSFORMANDO-ME AO LONGO DA CAMINHADA:</b>	
<b>ALEGRIAS, EMOÇÕES E SONHOS.....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO 1. O PERCURSO METODOLÓGICO: APRENDIZADOS A PARTIR</b>	
<b>DAS NARRATIVAS DE VIDA DE UM EDUCADOR POPULAR.....</b>	<b>40</b>
<b>CAPÍTULO 2. AS EXPERIÊNCIAS FORMADORAS DE UM EDUCADOR</b>	
<b>POPULAR DO SERTÃO.....</b>	<b>61</b>
<b>2.1. Os processos de aprendizagens de um menino sonhador.....</b>	<b>64</b>
<b>2.2. O processo de formação de um jovem músico e pesquisador.....</b>	<b>105</b>
<b>2.3. As buscas de conhecimento de um educador popular e produtor cultural....</b>	<b>126</b>
<b>CAPÍTULO 3. A EDUCAÇÃO POPULAR NA FUNDAÇÃO CASA GRANDE:</b>	
<b>NARRATIVAS, IMAGENS E SONHOS.....</b>	<b>146</b>
<b>3.1. A educação popular na Fundação Casa Grande: formação na arte de</b>	
<b>viver.....</b>	<b>152</b>
<b>3.2. O Reino dos encantados da Fundação Casa Grande–Memorial do</b>	
<b>Homem kariri.....</b>	<b>161</b>
<b>3.3. Os espaços de experiências formadoras da Fundação Casa Grande.....</b>	<b>172</b>
<b>3.3.1. O Memorial do Homem Kariri.....</b>	<b>173</b>
<b>3.3.2. Escola de comunicação para as crianças do sertão.....</b>	<b>194</b>
<b>3.3.3. O Teatro Violeta Arraes–Engenho de fazer artes.....</b>	<b>204</b>
<b>PALAVRAS “QUASE” CONCLUSIVAS.....</b>	<b>219</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>227</b>

## INTRODUÇÃO

Muitas vezes basta ser:  
colo que acolhe, braço que envolve,  
palavra que conforta, silêncio que respeita,  
alegria que contagia, lágrima que corre,  
olhar que sacia, amor que promove.  
Cora Coralina

## PRIMEIRAS PALAVRAS

Na presente pesquisa debruçamo-nos sobre os significados das experiências formadoras do educador popular Alemberg Quindins no contexto cultural caririense e no âmbito de uma Organização Não-Governamental (ONG), a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri, objetivando compreender a dimensão formadora das experiências vivenciadas, analisando em que medida as mesmas colaboraram para sua formação como educador popular.

As questões centrais focadas neste trabalho foram: Que experiências foram mais significativas para a formação deste educador popular? O que o tornou o que é? Que contribuições a práxis pedagógica da Fundação Casa Grande traz para a experiência em educação popular? Buscamos responder essas questões tentando identificar e compreender, especificamente, como se processou a formação de Alemberg Quindins, idealizador da Fundação Casa Grande através de suas narrativas. Contamos ainda, com depoimentos de Rosiane Limaverde, sua companheira e parceira no trabalho de criação e gestão da Fundação.

Francisco Alemberg de Sousa, 46 anos, brasileiro, casado com Rosiane Lima Verde, dois filhos (Ana Sewi, 14 anos e Pedro Ian, 8 anos) nasceu em Nova Olinda-CE em 19 de dezembro de 1964, criador e presidente da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri, uma ONG que desenvolve atividades educativas e culturais com crianças e jovens.

Do ponto de vista teórico, nos amparamos fundamentalmente em Paulo Freire e Marie-Christine Josso. Do primeiro, extraímos os aspectos da dialogicidade, esperança, autonomia, conscientização, justiça social, participação, multidimensionalidade, inter/transdisciplinaridade, afetividade, teoria/prática. O educador pernambucano é uma referência já que toda a sua obra traz relatos autobiográficos, pois quando ele fala de

educação, fala da sua própria educação recebida dos pais, dos professores, das experiências que viveu como docente, pesquisador e gestor. As obras aqui tomadas como referências principais foram *Pedagogia do Oprimido* (1987) e *Pedagogia da Esperança* (1992), que o autor reflete sobre a educação transformadora e o momento formador de sua vida, ressaltando a natureza desse processo e valorizando o método biográfico. Paulo Freire já dizia que ninguém forma ninguém, que é preciso a pessoa querer se formar para poder desenvolver-se, que este é um trabalho de conscientização.

Da segunda autora, importante referências da pesquisa (auto)biográfica, destacamos os seguintes conceitos: experiência (significativa e formadora), narrativa autobiográfica, aprendizagem experiencial e formação ao longo da vida, retirados do livro *Experiência de Vida e Formação* (2004).

Na busca de uma compreensão mais ampla, nos apoiamos também em outros autores como: Maturana e Varela – autopoiesis; Edgar Morin - pensamento complexo e Maria Cândida Moraes - pensamento sistêmico, que muito têm contribuído para o surgimento de um novo paradigma emergente para dar conta dos grandes desafios que temos nos deparados na atualidade em educação. Damos importância ao trabalho de pesquisa que busca uma compreensão do fenômeno analisado em sua totalidade, que procura entender a dinâmica do processo e sua rede de relacionamentos, ou seja, buscamos compreender o objeto de estudo em todo o seu contexto histórico, afetivo, emocional, social e cultural.

A escolha de um único sujeito pode ser justificada pela força criadora, pela liderança e presença vital de Alemberg Quindins na Fundação Casa Grande. Apoiamos na visão de Ferrarotti (1988, p. 26 e 27), quando diz que o método biográfico, pretende atribuir à subjetividade um valor de conhecimento, fazendo emergir o universal singular. Por meio da narrativa biográfica de suas experiências ao longo da vida o ser se torna universal pela universalidade singular de sua história humana e singular pela singularidade dos seus projetos e atitudes. Buscamos, então, produzir uma visão de totalidade das experiências de vida apoiadas nas narrativas de quem a vivenciou.

Nessa busca de compreensão procuramos mergulhar na perspectiva histórica-social-pessoal do sujeito pesquisado, já que o sujeito se constitui a partir das relações e, conseqüentemente, das mediações que estabelece com o mundo que o rodeia. Situado num contexto histórico específico, ele está envolvido em complexidades, conflitos, contradições, negações, afirmações e superações que vão se imprimindo em seus sentimentos através das emoções provocadas pelas ações cotidianas, mediadas pelo fluir

da vida. Assim, o ser se torna singular, original e único ao mesmo tempo em que é universal, pois traz consigo a história da humanidade e de tudo quanto há, encontrando-se receptivo a muitas possibilidades de ser e fazer diferente e ser autor de sua própria história.

Concordamos com Moraes (2008, p. 36) quando diz que todo acontecimento local está cada vez mais relacionado com o contexto global e planetário, nos fazendo compreender melhor o “triângulo da vida” proposto por Ubiratan D’Ambrósio (1998) que explica sobre a interdependência e a complementaridade das relações existentes entre indivíduo, sociedade e natureza.

Assim como Moraes (2008, p. 98), também observamos que:

“Ver um objeto contextualmente é compreender as relações que emergem. É reconhecer as redes que se apresentam, percebendo que as propriedades do todo são sempre diferentes das propriedades das partes. [...] O princípio sistêmico-organizacional nos revela inseparabilidade de tudo que tece a realidade de nossa existência”.

Para se apropriar de si mesmo e de sua vida o ser humano se utiliza desde a antiguidade da contação de histórias através de palavras e imagens, trazendo representações para denominar sua existência. Ouvimos falar em trajetórias, percursos, ciclos, labirintos, fios, cursos e muitas outras denominações quando se quer falar de tempos de vida ou tempos vividos. E, assim, passamos toda a vida buscando encontrar respostas para algumas perguntas fundamentais da existência: Quem sou? De onde vim? Para onde vou? Chegamos neste planeta sem saber nem como nem por que. Recebemos um corpo, um nome, começamos a ver coisas, a sentir emoções, a encontrar pessoas, e neste processo vamos desenvolvendo algumas singularidades e resolvemos editar uma história para responder “quem sou”. Abrimo-nos para nossa verdade interior, colocando numa manchete e dizendo para os outros que somos aquilo que somos, ou que, naquele momento acreditamos que somos. Somos um universo de coisas e às vezes, a gente pensa que é aquela história, mas como fazer para ser o autor desta história? Quem é este “eu” que fala de si? A narrativa se apresenta, então, como a linguagem que utilizamos para contar e escrever nossa história, e através dela nos reconhecemos e nos inserimos no mundo na busca de fazer de nossa história uma parte da grande obra de arte que é a vida.

Esta mediação entre individual e social, singular e universal é facilitada pela narrativa, oral, escrita e imagética em que expressões do corpo, dos afetos e do gosto incorporam-se na reflexão sobre o “tornar-se o que se é”. O material narrativo constitui-

se a partir de recordações-referências, consideradas por Josso (2004) a base das aprendizagens experienciais, da evolução dos itinerários sócio-culturais e das representações que construíram de si próprios e do seu meio humano e natural.

Também desenvolvemos uma relação intersubjetiva com o Aemberg Quindins, procurando com ele, fazer uma interpretação dos significados das suas experiências vividas ao longo da vida relatadas nas suas narrativas e a incidência delas na sua formação/transformação. Percebemos as influências recebidas ao longo da trajetória, identificando seus conflitos e suas atitudes nas tomadas de decisões e nos “momentos charneiras”<sup>1</sup>.

Cabe destacar que a própria opção como pesquisadora pela análise dos saberes de um educador popular pressupõe a compreensão de que o educador é um sujeito com saberes específicos, ou seja, distintos dos saberes dos educandos, sem que isso signifique atribuir aos saberes dos educadores, maior ou menor valor, mas sim, aceitar que são saberes próprios da sua experiência como educador.

Tratar de experiências de um educador popular justifica-se ainda pela relevância de se compreender seu universo, suas experiências e sua formação, amparadas pela abordagem (auto)biográfica que cada vez mais vem se fazendo presente em pesquisas na área de educação no Brasil. No nosso caso, diferente da grande maioria que se utiliza desse método para estudar a formação de professores, optamos por compreender a formação de um educador popular específico, trazendo sua singularidade na intenção de perceber sua universalidade e contribuir, assim, com a ampliação do uso dessa metodologia em outras dimensões.

As variadas experiências em educação popular vêm se afirmando e contribuindo para a formação de um educador influenciado, não apenas pelo contexto educativo em que atua, seja ele escolar ou não-escolar, mas também pelos princípios que orientam o campo educacional popular. Assim, educandos e educadores formam-se mutuamente, ao longo do processo educativo, ou melhor, “já não se pode afirmar que alguém liberta alguém, ou que alguém se liberta sozinho, mas os homens se libertam em comunhão” (Freire, 1987, p.130).

---

<sup>1</sup> Segundo Josso (2004, p. 64) “Momentos charneira são aqueles que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de água”. A tradutora da obra de Josso aqui considerada, esclarece que o termo charneira, pouco utilizado no Brasil, significa Charneira é uma dobradiça, algo que, portanto, faz o papel de uma articulação. [...] para designar os acontecimentos que separam, dividem e articulam as etapas da vida. (N.R.)

Paulo Freire já nos ensinava que aprendemos com a própria vida e que nada melhor do que mostrar na prática o que aprendemos com ela, através dela e assim, descobrir o sentido da educação como seu centro. A vida se manifesta através de nossas características e experiências pessoais e sociais como: família, amigos, religião, trabalho, amor, escola, ideologias, posicionamentos, relação com a natureza, com o universo, etc.

Em duas de suas importantes obras, *Pedagogia do Oprimido* e *A Educação como Prática de Liberdade*, Paulo Freire expressa sua compreensão de “popular” associada à idéia de oprimido. Dos que vivem sem as condições básicas para o exercício da cidadania, estando assim, fora do uso dos bens materiais e culturais produzidos socialmente. Então, a educação popular, vista por esta realidade, pode se tornar um agente importante nos processos de libertação do indivíduo e da sociedade. É uma educação que traz consigo atividades e procedimentos que motivam e proporcionam a participação e promoção na busca da autonomia e do exercício da cidadania, que pode incentivar valores éticos e estimular sonhos e projetos futuros.

Para pensar, sentir e conceituar o que é ser educador popular, continua sendo fecundo retomar a teoria e a prática de Paulo Freire, pois na sua concepção, o educador popular é aquele que reconhece e realça na educação o caráter político, social, cultural e, principalmente humano, do qual ela se reveste e faz de seu trabalho um ato de amor e comprometimento com a prática de uma educação democrática que é essencialmente uma ação de conhecimento e, principalmente, de conscientização. É um agente-meio de educação para o povo, a partir de uma visão de mundo possível, partindo dos saberes e fazeres do povo, das suas perspectivas e utopias, entendidas por Paulo Freire (1984) não como sonhos impossíveis, mas como a busca de novas possibilidades, do não realizado ainda - utopia. O educador, juntamente com os educandos, cria as condições para que, cada um, no seu próprio ritmo de apropriação de conhecimentos, recrie suas experiências e (re)construa seus conhecimentos, habilidades e atitudes.

As classes populares produzem saberes, ligados às suas experiências de vida e ao contexto social em que estão inseridas e a educação popular caracteriza-se por valorizar e refletir sobre esses saberes, sem subjugar-los pelos saberes acadêmicos. Ao contrário, a educação popular vem ao longo do tempo resgatando os conhecimentos populares, articulando-os aos saberes acadêmicos. De qualquer modo, está claro ao campo educacional popular que, entre seus inúmeros desafios, despontam: a articulação entre teoria e prática; o diálogo entre saberes acadêmicos e saberes populares. Enfim, ação-reflexão-ação no quadro de um projeto transformador.



## A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Esta dissertação é fruto de dois anos de trabalho sobre a orientação da professora doutora Ercília Maria Braga de Olinda. Comecei a me interessar pelo tema quando em 1995, vim com a família morar na cidade de Crato-CE. Conheci a Fundação Casa Grande e seus criadores Alembert e Rosiane Limaverde, tendo a oportunidade de participar um pouco do seu início, pois naquela época, a instituição ainda estava em processo de estruturação com apenas 3 anos de fundação e me vi totalmente sensibilizada com o trabalho de cultura, arte e memória desenvolvido por e para crianças e jovens.

Em 2000, retornei à Fortaleza quando senti a necessidade de retomar os estudos e ampliar minhas competências. A Educação era o caminho que estava querendo seguir, mudando o rumo profissional que vinha trilhando como funcionária pública da Junta Comercial do Estado do Ceará e como formadora de professores em Linguagem. Meu desejo era realizar estudos e pesquisas que contribuíssem com a educação brasileira numa visão do sujeito como centro de análise.

Mas, o que pesquisar? Foi então, que veio o sentimento de conhecer mais a experiência da Fundação Casa Grande, no seu aspecto organizacional e metodológico, mas também, investigar sobre o que levou seus fundadores à idéia e à realização daquele sonho. Tomada a decisão, fui informada do edital pela professora e amiga Tânia Batista, consultei-o e comecei a fazer as leituras para participar da seleção num período curto de 3 meses. Então, em 2006 cheguei à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, no curso de Pós-Graduação, com o projeto “A Fundação Casa Grande: Espaço de Crescimento e Autonomia”, aventurando-me na seleção de mestrado. Fiz a prova escrita e para minha surpresa, fui selecionada para a segunda fase, ou seja, para a entrevista sobre o projeto. Eu estava consciente que meu projeto não estava tão bom assim, afinal fiz tudo sozinha. Ao final da entrevista percebi que não seria desta vez, pois eu não estava tão segura e fiquei um pouco nervosa.

O meu coração ficou tranquilo porque venho procurando aprender com os processos que vivencio. Logo depois aceitei o convite da Professora Ercília Braga para participar de uma disciplina como aluna especial, o que me motivou a não desistir. Matriculei-me na disciplina “Seminários Temáticos: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola”, em 2007.1, que além da professora Ercília contou com a participação da professora Sandra Haydée Petit. A disciplina desenvolveu-se na forma de um “Ateliê Biográfico”, inspirado em duas vertentes: na abordagem (auto) biográfica, sobretudo a

partir das contribuições de Josso (2004) juntamente com Delory-Momberger (2006) e nos Círculos de Cultura da tradição libertadora freireana. Daí, senti-me totalmente envolvida com o universo da Educação Popular e aproveitei para aprofundar as leituras da área percorrendo além de Josso, Delory-Momberger, Gastón Pineau, Larrosa, como também as obras de Paulo Freire. A experiência pessoal vivenciada na disciplina anteriormente citada sinalizava um rico universo a ser explorado que resultou em me trazer onde estou agora.

Com mais clareza teórica, segurança e determinação em aprofundar meus estudos, refiz o projeto de pesquisa que passou a ter o título “Educação Popular e Experiências Formadoras na Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri”. Fiz novamente a seleção e tive um resultado positivo. Iniciei a caminhada no Mestrado motivada em aprofundar os estudos sobre a abordagem (auto)biográfica. As interações e estudos realizados no Grupo de Pesquisa DIAFHNA – Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas, coordenado pela orientadora deste trabalho, foram ricas e propiciadoras de novas questões.

Em 2007-2, já como aluna do programa, iniciei o aprofundamento teórico que preparou o terreno para o desenvolvimento desta pesquisa, que teve como objetivo geral: Compreender, a partir das narrativas de vida de Alemberg Quindins o seu processo de tornar-se educador popular, destacando suas experiências formadoras. Vislumbramos os seguintes objetivos específicos:

- ☆ Descobrir e analisar suas experiências mais significativas;
- ☆ Encontrar as pessoas que mais o influenciaram durante sua formação ao longo da vida;
- ☆ Pesquisar suas ações educativas que podem influenciar a Educação Popular hoje;
- ☆ Demonstrar a fecundidade da pesquisa (auto)biográfica para a teorização sobre a formação de educadores populares;
- ☆ Contribuir para a reconstrução da história da Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri.

A seguir, trazemos o relato sobre o Ateliê Biográfico anteriormente citado. No mesmo foram propiciadas variadas vivências, usando múltiplas linguagens e imagens, complementadas com textos teóricos que agregaram saberes sobre a temática e que serviram para fundamentar nossas análises e reflexões.

O Ateliê Biográfico foi uma oportunidade para vivenciar um “caminhar para si” como procedimento de formação com a utilização de narrativas de histórias de vida como construção das experiências saboreadas pelo sujeito com o objetivo de clarear seu processo de formação, que conforme Pineau (1988) realiza-se numa perspectiva tripolar de auto-formação (nós); heteroformação (os outros) e ecoformação (o contexto).

Compreendemos que “caminhar para si” (Josso, 2004) é um trabalho auto-formativo, é um retorno ao começo no labirinto da vida, como o fluir da energia universal, no sentido de ir ao encontro de si mesma, procurando iluminar a trajetória e entender o que nos tornou o que somos para, assim, ter consciência da nossa identidade e presença no mundo e assim, ter possibilidades de projetar o futuro, ou seja, vislumbrar o caminho que se quer percorrer em direção ao vir-a-ser, preparando-nos para o que há de vir.

De acordo com Delory-Momberger (2006, p.366),

O procedimento do ateliê biográfico de projeto inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga as três dimensões da temporalidade (passado, presente e futuro) e visa fundar um futuro do sujeito e fazer emergir seu projeto pessoal.

A experiência vivenciada no Ateliê Biográfico levou-me a tecer minha narrativa de formação a partir da pergunta: Como me tornei a educadora popular que sou hoje? Isso me permitiu recordar e refletir sobre minhas aprendizagens experienciais e preparou-me para os procedimentos de pesquisa realizados para este trabalho. Afinal, para entender o processo formativo do outro é necessário compreender o nosso próprio.

Falar das minhas próprias experiências formadoras foi fazer o caminho de volta na estrada da vida, procurando recordar e refletir sobre atitudes, comportamentos, sentimentos, que foram marcantes, negativa e positivamente em minha formação como gente, trazendo à tona as emoções e sensações um dia vividas. Foi contar para mim mesma, o mais honesto possível, a minha própria versão da minha história e pinçar os “momentos charneiras” (Josso, 2004, p. 64), para extrair as informações que contribuíram na reconstrução desse caminhar, refletindo e analisando sobre o que se passou, o que senti, o que ficou, o que marcou...

No primeiro momento do Ateliê foi realizado uma atividade de integração onde se trabalhou a percepção de si mesmo no mundo, do nosso caminhar e a percepção do outro com o objetivo de se adquirir auto-confiança e confiança no grupo, já que íamos abrir o

nosso coração e a nossa memória íntima para todos. Então, era preciso nos preparar para o que iria acontecer.

No encontro seguinte, foram dadas as devidas informações pelas professoras sobre a abordagem (auto)biográfica, sobre os procedimentos, os objetivos e o contrato ético que tínhamos que fazer para participar da experiência, principalmente no exercício de ouvir o outro com respeito, sem julgamentos e senso crítico.

Após definirmos as regras de funcionamento, deu-se início às narrativas orais, com a duração de 20 minutos para cada uma, com a devida gravação em áudio.

Dias antes de chegar a minha vez de narrar-me, fiquei lembrando as etapas da minha vida, como em um filme, chegando muitas vezes a me emocionar com algumas dessas recordações e refletindo: o que tenho para contar de mim? Terei mesmo uma história? O que foi significativo na minha vida? Será que os outros vão me compreender e aceitar? Mas, por enquanto ia me deliciando com a experiência de ouvir o outro.

Chegada a hora, iniciei a contação da minha história compassadamente procurando segurar no “fio de Ariadne” para não ter perigo de me perder no labirinto da minha vida, podendo percorrer os períodos que estruturam a relação comigo mesma, com as pessoas e com o meio em que vivi. Fui falando e me revelando ao grupo e a mim mesma, criando *raport* com emoções, aromas, sensações antes vividas que eu nem sabia que ainda estavam tão vivas dentro de mim. Ao longo da minha fala, foi-se apresentando meu auto-retrato formado por fragmentos de uma busca de mim, colocando em cena minhas fragilidades, valores e sonhos.

Ao final da narrativa, as lágrimas rolavam pelo meu rosto, não de tristeza ou vergonha, mas, motivada por uma sensação de que eu tinha uma história já vivida e que tinha o que contar para alguém, sobretudo para meus filhos. É como a música cantada por Roberto Carlos: “o importante é que emoções eu vivi...”

Poder perceber alguns momentos que foram formadores como educadora foi uma maneira de me reconhecer como tal e querer mais do que nunca me aperfeiçoar profissionalmente e, ao mesmo tempo, ter a feliz sensação “de ser uma eterna aprendiz” como expressou Gonzaguinha. Um deles foi a ligação muito forte que tive com minha avó paterna, vovó Luizinha, que era professora, lia muito para mim quando criança e que me transmitiu os primeiros conceitos de educação, ecologia, literatura e filosofia.

Este foi o primeiro momento de tomada de consciência, o qual me deixou um pouco surpresa. Não sabia que tinha tanta coisa para contar... Na hora, foram emergindo idéias que não havia pensado antes, na preparação. Senti-me totalmente livre, sincera,

deixando as emoções tomarem conta de mim e feliz de estar tendo aquela oportunidade primeira, única e muito enriquecedora. Vivendo e aprendendo.

É chegada a hora de olhar, perceber, ouvir e sentir o outro sem preconceitos e julgamentos. Simplesmente ouvir e compreender. Que experiência significativa! Por alguns momentos pude me reconhecer na fala do colega, me identificar nas suas carências e sofrimentos e também nos seus sonhos. Pude perceber que o meu eu é preenchido por tantas gentes, que eu sou todos e estou em todos, que sou singular no universal e universal na minha singularidade.

Lembrei da música *Caminhos do Coração* do Gonzaguinha, que retrata bem esse momento:

Há muito tempo que eu saí de casa  
 Há muito tempo que eu caí na estrada  
 Há muito tempo que eu estou na vida  
 Foi assim que eu quis, e assim eu sou feliz  
 Principalmente por poder voltar  
 A todos os lugares onde já cheguei  
 Pois lá deixei um prato de comida  
 Um abraço amigo, um canto prá dormir e sonhar  
 E aprendi que se depende sempre  
 De tanta, muita, diferente gente  
 Toda pessoa sempre é as marcas  
 Das lições diárias de outras tantas pessoas  
 E é tão bonito quando a gente entende  
 Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá  
 E é tão bonito quando a gente sente  
 Que nunca está sozinho por mais que pense estar  
 É tão bonito quando a gente pisa firme  
 Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos  
 É tão bonito quando a gente vai à vida  
 Nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração  
 O coração, o coração

O próximo passo desta travessia foi ouvir a minha própria história. Inicialmente, tive um sentimento de estranheza pelo som da voz e por algumas etapas da história que eclodiram voluntariamente da memória sem uma preparação anterior. Transcrevi o áudio para vivenciar a experiência da escrita, que recebe algumas alterações, tanto em nível da forma padrão da língua como também de acréscimos e retiradas de pequenos trechos.

Quando o grupo se encontrou novamente para ouvir a narrativa escrita de alguns, uma das participantes fez sua leitura e ao concluir, nós percebemos que o texto escrito estava totalmente diferente da narrativa oral, ficando bem claro o distanciamento dessas duas modalidades da língua e demonstrando principalmente como a linguagem oral é mais ligada à memória, sentimento, enquanto a escrita é mais formal e cheia de regras sociais. Um poema de Fernando Pessoa traz uma contribuição para essa reflexão:

Procuo despir-me do que aprendi,  
Procuo esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,  
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,  
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras  
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caieiro,  
Mas um animal humano que a natureza produziu.

Após a escrita veio a interpretação e análise da trajetória de cada um. Parar, olhar o percurso, os encontros, refletir, procurando se conhecer verdadeiramente, se compreender, se aceitar, enfim, responder à pergunta fundamental: Como me tornei no que sou? Sinto que a vida é uma oportunidade para se aprender, crescer através das experiências vividas e o caminho é percorrido como num labirinto em espiral onde podemos nos encontrar no centro e perceber que a nossa essência é sagrada. É como um cristal que nasce bruto e vem se lapidando e brilhando. Viver não é fácil, viver é arte e precisamos ser artistas para pintar a vida com beleza.

Viver exige educação e a educação está totalmente ligada ao conceito de formação, formação onde o sujeito está no centro, com sua subjetividade e singularidade, mas em constante transformação na busca de um aperfeiçoamento que só dá-se através das muitas experiências saboreadas, como um eterno devir.

A condição humana é marcada pela troca de experiências, pelas narrativas que ouvimos e contamos ao longo de nossa vida. Daí a emergência da utilização cada vez mais das (auto)biografias nos formatos de Ateliê Biográfico ou de grupos reflexivos, nos

contextos de pesquisas na área educacional. A utilização dessa abordagem em educação potencializa o entendimento dos diferentes processos históricos formativos relativos à educação do sujeito em sua temporalidade nos ciclos da vida.

A construção da (auto)narrativa contribui para a construção do sujeito no seu processo de conscientização de si, do meio ambiente e do universo, abrindo espaços para falar, ouvir, ler, escrever, refletir e sentir, tanto o seu, como o processo do outro. É uma maneira eficiente de tornar-se gente, de humanizar-se num mundo tão desigual e técnico.

Esta formação de si, já trazida por nosso querido Paulo Freire em muitas de suas obras<sup>2</sup>, como um devir, como uma filosofia da experiência, inscreve-se como filosofia da vida e do espírito, afirmando-se na busca de uma sabedoria de vida, do saber ser e na busca de sentido.

Neste longo caminho de aprendizagens e lições que temos que percorrer na jornada da vida, pouco sabemos, pois muitos são os mistérios a desvendar do nosso próprio eu e do conhecimento universal. Mas, como nos fala Guimarães Rosa<sup>3</sup>: “A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é CORAGEM”.

A participação no Ateliê Biográfico auxiliou-me significativamente para compreender a minha história, reconhecê-la e lançar setas para o futuro com novos projetos de desenvolvimento pessoal, profissional e espiritual. A experiência vivida sedimentou a idéia de que esta é uma pesquisa-ação-formação-existencial (PINEAU, 2006), onde ambos, sujeito/pesquisado e sujeito/pesquisador formam-se num processo de cooperação mútua.

Pedimos licença aos leitores para fazer, em seguida, um parêntese e abrir um pouco os arquivos da minha memória, apresentando minha autobiografia, produto do Ateliê Biográfico anteriormente comentado.

---

<sup>2</sup> A título de ilustração lembramos de: *Pedagogia da Esperança, Á Sombra da Mangueira e Cartas à Cristina*, além dos livros em parceria com outros pensadores, em que Freire reflete sobre a educação transformadora e sobre os momentos formadores de sua vida, ressaltando a natureza desse processo e valorizando, indiretamente, o método biográfico.

<sup>3</sup> Acessado em [www.pensador.info/autor/Guimaraes\\_Rosa](http://www.pensador.info/autor/Guimaraes_Rosa)



**Fotografia 1: A pesquisadora Carmem Débora**



## **COMO VENHO TRANSFORMANDO-ME AO LONGO DA CAMINHADA: ALEGRIAS, EMOÇÕES E SONHOS**

O querer ser educadora vem comigo há muito tempo, desde cedo já me interessava por assuntos ligados à formação humana, linguagem, literatura, filosofia e espiritualidade e isso me levou inicialmente a fazer o curso de graduação de Licenciatura em Letras por receber grande influência da minha avó paterna, minha querida e inesquecível vovó Luizinha, que muito lia para mim antes de dormir em sua cama aconchegante, perfumada com seu cheiro de talco e coberta por um filó para evitar as picadas de muriçocas e que me parecia uma tenda de sonhos e viagens que suas leituras de histórias fantásticas e contos de Raquel de Queiroz e Monteiro Lobato me levavam.

No curso de Letras tive a oportunidade de estudar com os grandes escritores cearenses, como Moreira Campos, Sânzio de Azevedo, Eduardo Benevides, entre outros. Fiz a opção por focar meus estudos na Língua Portuguesa e logo depois fiz uma especialização em Língua Portuguesa e Lingüística na Universidade Regional do Cariri-URCA, em um período que morava na cidade de Crato onde conheci a professora Socorro Correia, que faço aqui uma homenagem *in memória* de reconhecimento por ter me acolhido e me incentivado a ampliar meus conhecimentos na área e a me desenvolver profissionalmente.

Após a conclusão da Especialização, trabalhei com Formação de Professores em Linguagem o qual foi um período de muito aprendizado, sendo possível conhecer a realidade da educação e dos profissionais do interior do Estado do Ceará.

Na época cheguei a prestar concurso na URCA para professor substituto sendo bem sucedida nos resultados e mesmo sem poder assumir por motivo de já ter contrato empregatício com o Estado na Junta Comercial do Estado do Ceará-JUCEC, isso me motivou a continuar meu processo de formação.

De volta a residir em Fortaleza em 2000, me inscrevi num Mestrado Profissional em Políticas Públicas que o Governo do Estado estava oferecendo para os funcionários na Universidade Estadual do Ceará-UECE, o qual fiz toda a parte teórica, mas por não estar satisfeita, pois meu coração sinalizava que não era política o que eu queria estudar e sim Educação, tomei a decisão de que não daria continuidade ao curso e investiria na seleção do Curso de Pós-graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará.

Na segunda tentativa fui aprovada e hoje estou no início de uma caminhada de dois anos que culminará com minha dissertação.

No jardim da minha vida - uso a imagem de um jardim porque é assim que compreendo a vida, como um grande jardim aonde a gente vem aprendendo a ser jardineiro, a plantar, a regar, a cuidar e a colher o que foi plantado. Pergunto-me: Quem sou eu? A pergunta é simples, mas crucial porque pretendo descobrir minha natureza, metas e realizações autênticas. Então, venho me fazer um convite para embarcar na grande viagem em direção a mim mesma. EU, duas letras que definem não apenas um corpo, mas também um universo inteiro. Sonhos, desejos, emoções, pensamentos, medos, frustrações, esperanças. Tudo sempre em movimento e influenciando as várias facetas da vida.

Toda pessoa é mesmo uma combinação de funções que desempenha ao longo da estrada. Sou filha, mãe, estudante, profissional, enfim, posso ser ao mesmo tempo - tantas e variadas – como peças de um mosaico que, de múltiplos desenhos, faz surgir algo único e absolutamente singular.

Quero ir em busca dos valores que me são mais caros, identificando que áreas da minha vida – carreira, relações, família, lazer – se encontram aquém do que desejo. É a chamada *auto-descoberta*, que exige ousadia para introjetarmos a idéia de Sófocles, expressa na obra *Antígona*:

Em mim só manda um rei:  
O que constrói as pontes  
E destrói as muralhas

A seguir, mergulharei num passado mais distante, continuando as reflexões sobre quem sou e como venho me tornando e me transformando.

Meu pai, uma pessoa amante do cinema hollywoodiano, colocou meu nome inspirado nas suas atrizes preferidas, ou seja, Carmem, de Carmem Miranda e Débora, de Déborah Kerr.



**Carmen Miranda** (pseudônimo de Maria do Carmo Miranda da Cunha; Marco de Canaveses, 9 de fevereiro de 1909 — Beverly Hills, 5 de agosto de 1955) foi uma cantora e atriz luso-brasileira. Sua carreira artística transcorreu no Brasil e Estados Unidos entre as décadas de 1930 e 1950. Trabalhou no rádio, no teatro de revista, no cinema e na televisão. Chegou a receber o maior salário até então pago a uma mulher nos Estados Unidos. Seu estilo eclético faz com que fosse considerada precursora do tropicalismo, movimento cultural brasileiro surgido no final da década de 1960. (Texto extraído da Wikipédia)



**Deborah Jane Kerr-Trimmer** (Helensburgh, 30 de Setembro de 1921 — Suffolk, 16 de outubro de 2007) foi uma atriz britânica nascida na Escócia. Recebeu um Óscar honorário por sua carreira, que sempre representou perfeição, disciplina e elegância. Foi homenageada pela Rainha do Reino Unido com a Ordem do Império Britânico. (Texto extraído da Wikipédia)



Eu vim ao mundo por uma cidade bem pequenininha chamada Carriús<sup>4</sup>, de parto natural feito em casa, fui recebida por uma parteira<sup>5</sup> chamada Mãe Zefinha, uma preta muito distinta, educada, de sorriso aberto e branco, no dia 21 de maio de 1960, às 18.00h numa casinha simples que fica na praça principal que tinha como aspecto marcante quatro árvores imensas por nome de Samaúma, também conhecida como rainha da floresta, pois na Amazônia ela se destaca das outras por seu porte majestoso.

Tive uma infância que considero muito feliz. O dia todo era dedicado a muitas aventuras e brincadeiras, dentre elas: brincadeiras de roda, esconde-esconde, gato e rato, pula-corda, macaca (amarelinha), chibiu, teatros, escolinha, além dos banhos de rio, guisados em baixo de árvores e tantas outras.



A minha avó materna, Vovó Maria Correia, era uma mulher matriarcal, muito forte, muito religiosa, fazia parte das “Filhas de Maria” e teve 14 filhos. Casou com 14 anos sem conhecer o marido, que lhe foi oferecido ao seu pai por carta. Ela fazia uns doces maravilhosos, como o de goiaba, o de laranja da terra em calda e em tijolo, que eu amava. Ela cozinhava no seu fogão a lenha de ágata pintada, muito bonito. Também fazia colorau, do urucum colhido do seu próprio quintal. Há! Que quintal maravilhoso! Era enorme, cheio de árvores frutíferas como: cajarana, tamarino, cajá, pitomba, laranja, limão, condessa, pitanga e tantas outras. Passava horas em baixo daquelas árvores a me deliciar com o sabor daquelas



<sup>4</sup> Fundação: 1951; Altitude: 240m; População: 16.931 habitantes; Área Total: 1.055,9km<sup>2</sup>; Densidade Demográfica: 16,03hab/km<sup>2</sup>. As terras entre as serras: dos Bastiões, das Palmeiras, da Quicumca e de Santa Maria eram habitada por diversas etni indígenas tais como os: Juca, Quixará, Quixelô e com a expansão das missões indígenas, da peruária e busca do ouro sul no Ceará, surge o povoado de **Poço de Paus**. A consolidação deste se deu partir dos anos 1920, pelos projetos do então presidente do Brasil, Epitácio Pessoa: a construção da estação ferroviária de Poço dos Paus, parte do projeto da expansão da Estrada de Ferro em direção do Crato e a construção de armazéns e acampamento para trabalhadores da construção da barragem do projeto da construção da baaragem do açude sobre o rio pelo DNOCS. Neste contexto antigo destrito de São mateus, deselvolve-se até a emacipação como município.

<sup>5</sup> Recebe também outros nomes como: curiosa, aparadora, etc. e representa um profissional muito importante na história da assistência ao parto. Sua função é tão antiga quanto a própria humanidade. Através da história foram perseguidas, combatidas e caluniadas pelos representantes da sociedade que detinham certos poderes, tais como sacerdotes, administradores, médicos. Muitas vezes considerada ignorante e perigosa para a mãe e a criança, além de faltar ao asseio em suas práticas. Na Idade Média chegaram a ser queimadas nas fogueiras da inquisição. (Marília Largura (<http://www.partohumanizado.com.br/cap9.html>))

frutinhas. Lembro dos dias de inverno que após a chuva corria, subia nos pés de cajarana e ficava lá em cima, chupando cajarana e brincando de balançar os galhos para molhar a garotada que ficava em baixo.

A casa da vovó Maria Correia era muito bonita, estilo inglês, com móveis antigos muito bem conservados. Ela tinha uma empregada muito divertida, chamada Antonia. Toda semana Antonia tinha que encerar o piso da casa que era de cimento queimado e, para isso, ela passava a cera manualmente e vinha com um pano seco e um tipo de enceradeira manual que tinha um ferro no cabo. Mas geralmente, Antonia me colocava sobre o pano seco e arrastava-me em toda velocidade. Era super legal e o piso ficava bem enceradinho.

Guardo alguns ensinamentos da vovó Maria Correia, pois ela gostava muito de falar através de provérbios, como: “Dizes com quem andas que te direi quem és”, “Deus ajuda a quem cedo madruga” e outros.

Já o meu avô materno, Vovô Zequinha era uma pessoa muito serena, tranqüila. Vivia de rendas de aluguéis de imóveis e tinha um quartinho no quintal onde trabalhava com motores. Gostava muito também de cuidar do pomar no quintal e fazia a irrigação com telhas para aguar as plantas. Eles viviam bem, pois nunca os vi brigando.



A minha avó paterna, a vovó Luizinha, foi uma pessoa muito marcante na minha vida, foi ela que me introduziu no mundo da leitura, das histórias. Ela foi uma avó que me deu carinho e atenção. Eu sentia que ela gostava de mim. Ela fazia aquelas camisolas de algodão compridas para eu dormir em seu quarto, na sua cama com cortinado. Ela também me introduziu nos conceitos ecológicos, pois na época nem se falava em reciclagem e ela fazia toalhas de mesa feitas de papel, com recortes de revistas e cobria com plástico transparente. Gostava também de fazer colchas e tapetes de retalhos.

Toda a semana recebia a visita da Francisca e sua mãe, que eram duas senhoras bem pequenininhas, quase anãs, que faziam bonecas de pano, bem características da cultura popular cearense. E a vovó sempre comprava essas bonequinhas para mim. Eu as adorava!

Na casa da vovó Maria Correia eu aproveitava o quintal maravilhoso e na casa da vovó Luizinha tinha um jardim lindo, cheio de flores e beija-flores, onde eu ficava muito tempo num balanço, em baixo de um caramanchão de bulganville, que era muito bonito...

Ela lia muito para mim Raquel de Queiroz, sua autora preferida. Também lia Monteiro Lobato. Lembro uma vez, que ela leu um texto: “Cinco minutos sobre Tóquio”, que falava sobre a guerra e as lágrimas rolavam em seu rosto enquanto lia. Então, ela era uma pessoa que gostava muito de ler e escrever e juntamente com a tia Diva foram as primeiras professoras da cidade.

Vovó Luizinha ensinou-me muita coisa. A gastronomia da casa dela era diferente, pois era tradicional o doce de ovos, chouriço, sequilhos, galinha à cabidela. Hummm! Também me servia no café da manhã, um leitinho quentinho como o calor do seu carinho, num copo em formato de vaquinha. Foi o melhor leite que já bebi! Bem, era uma pessoa especial e um espaço que eu me sentia totalmente à vontade e acolhida, principalmente quando a mamãe ficava brava comigo eu corria para o seu colo.

Meu avô paterno, o vovô Jonas era farmacêutico, dono de farmácia, um homem



super engraçado, sardento e cheio de brincadeiras como: jogar um cigarro aceso na boca, contador de piadas e tinha um cachorro viralata por nome Jacaré que levava até carne embrulhada para casa. Era isso mesmo. Minha avó mandava lista de compra para a farmácia e ele trazia na boca. Mas, ele era muito namorador e a minha avó era muito magoada com suas atitudes.

A família da minha mãe Zélia era mais aristocrática, de família grande, tradicional, que usava mesa de jantar enorme e na hora do almoço ficavam todos conversando até mais tarde.

Já a família do meu pai Jourdan era mais simples, mas também me ensinou muita coisa. Meu pai é uma pessoa muito forte também na minha vida. Ele é farmacêutico. O meu avô Jonas já era farmacêutico e eles tinham uma farmácia em Cariús que existe até hoje. Meu pai, desde criança, com 14 anos trabalhava com meu avô, manipulando remédios.



Eu admiro muitas qualidades do meu pai, como auxiliar as pessoas mais humildes, pois ele atende até hoje as pessoas na farmácia e nunca cobra daqueles que não podem pagar e sempre doa os remédios. Ele fez parto durante muito tempo e diz que realizou cerca de 500 deles. Fez muitos afilhados por conta disto. Então, lá em casa nunca faltou legumes, galinhas, porco que eram levados em troca dos remédios recebidos.

Ele exerce a função de médico sem ser formado, porque quando jovem só existia o curso técnico em farmácia em Fortaleza, que ele fez, mas até hoje consulta na sua

farmácia. A maioria das pessoas da região o conhece e o reconhecem pelo seu poder de cura. Por isso ele foi desenvolvendo certa liderança na comunidade, chegando a ser prefeito por três gestões seguidas e eu, nessa época que ele foi prefeito pelo PFL, direita total, eu me sentia afinada com o Partido dos Trabalhadores, partido de esquerda, mas ele nunca me cobrou nada neste aspecto, sempre aceitou minhas ideologias, mesmo sem concordar. Ele nunca me pediu para que eu votasse nele e eu nunca votei. Nunca votei em seus candidatos, pois eu sempre fui muito forte nas minhas escolhas, ideologias políticas, nos meus ideais. Graças a Deus, ele abandonou a política, portanto, hoje é totalmente dedicado ao trabalho. Ainda atende na farmácia onde é um exemplo de empreendedorismo. Já tem mais de 70 anos, já caiu algumas vezes financeiramente, e já levantou-se outras tantas, dando exemplos de criatividade, força, fé e resistência.

A minha mãe também é uma pessoa muito forte. Doméstica, foi criada para ser dona de casa e também aprendi muita coisa com ela. Uma pessoa também muito criativa, sempre cuidou muito bem da sua casa e da educação dos filhos. Morava no interior do Ceará, mas ela sempre teve a casa bem decorada, organizada e todos os dias servia a mesa pro almoço, mesmo sendo somente para a família, mas a mesa era muito bem montada. Os pratos eram de louça inglesa pintado à mão, a toalha era a melhor que tinha. Ela fazia isso pela família dela. Sempre achei isso muito legal porque o que se via era as pessoas guardarem o que tinham de melhor para as visitas.

Tivemos muitos conflitos, principalmente na adolescência, pois ela queria que eu fosse uma pessoa que eu não era, ou seja, ela queria que eu andasse toda arrumada, que namorasse com os rapazes que ela escolhia, e eu era justamente o contrário e radicalizava mesmo. Ela idealizava para mim uma coisa que, acho, queria para ela. Então, fiquei meio rebelde e com um estilo hippie. Frisava (encaracolava) os cabelos, andava de chinelo de couro que ela tinha horror, de roupas bem descontraídas e até hoje, tenho a ideologia hippie na minha vida e assimilei muito do movimento da paz e amor.

Participei da escola formal e informalmente, a D. Anita era uma professora de reforço escolar que atendia pessoas de várias idades na sua casa, em sua sala com mesas e cadeiras. Ela ficava em uma cadeira de madeira, colocava as tarefas na lousa de giz e esperava que fossemos tirar as dúvidas. Era uma pessoa muito bondosa que sempre atendia a todos com paciência e tranqüilidade. Nunca a vi estressada. Sobrevivia daquele ofício, de maneira simples e humilde.

Outra referência marcante foi tia Diva, que era mais velha, muito amiga da família, principalmente da vovó Luízinha, que era uma pessoa muito especial. Foi professora de



algumas pessoas que se destacaram fora de Cariús e este é o seu maior orgulho. Até hoje eu a considero como um patrimônio imaterial de Cariús. Uma pessoa muito expansiva, alegre e fazia uns bolinhos chamados “chapéu de couro”, que eu adoro. Até hoje, quando vou visitá-la ela faz questão de fazer para mim. E tomamos café com bolinhos e conversamos a tarde inteirinha. Hoje ela já está com 98 anos, mas lúcida.

Com 15 anos tive a tradicional festa idealizada pela minha mãe, com direito a bolo com 15 pássaros que ficavam numa gaiola pequena, que foi aberta na hora de apagar as velas. Enfim, com missa, valsa, damas, etc. Tenho várias fotografias desta noite com a parteira Mãe Zefinha e PE. João que me batizou e levava-me para celebrar missas em outras cidades vizinhas em seu avião “teço-teco”, chegando lá nas nuvens me entregava a direção ou para passear no seu fusquinha que voava na ladeira denominada “vão da morte” localizada na estrada de barro entre Cariús e Jucás. Eram sensações que davam um friozinho na boca do estômago e eu sentia que o mundo podia me dar muito mais emoções.

Quando eu era criança e adolescente não entendia porque tinha nascido naquela pequenina cidade e muitas vezes, sentia-me um peixe fora d’água. Era um mundo pequeno para mim e eu queria conhecer muita coisa. Penso que isso era porque eu havia nascido com uma cardiopatia congênita, um problema numa válvula cardíaca e isso, para mim não era uma limitação, ao contrário, isso me dava força de querer viver tudo intensamente, pois eu tinha muito medo de morrer.

Eu fui crescendo e ouvindo as pessoas dizendo que quando fizesse 7 anos morreria; quando completasse 12 morreria; quando menstruasse, morreria; que não poderia casar... Essas crenças do povo do interior. Então, aquilo foi me dando uma vontade imensa de viver. Eu queria viver tudo porque tinha muito medo de morrer.

Então com 15 anos eu lutei muito para vir embora para estudar em Fortaleza. Sempre gostei muito de estudar. Na minha primeira prova tirei nota 10 e ainda a tenho guardada porque foi um marco para mim. Não sou aluna 10, mas essa prova me serviu de motivação para saber que sou capaz.

Após o aniversário de 15 anos vim embora. Na época, em 1975, não era tão simples assim. Chegar para os pais e dizer que quer ir morar fora, mesmo que fosse para estudar.

Eu tinha família aqui, as irmãs ricas da mamãe, mas nenhuma me queria porque todos me achavam muito danada, pois sempre fui muito ativa.



Quando aqui cheguei, fui morar na casa de uma pessoa que foi empregada da minha avó Maria Correia. Como ela teve 14 filhos, então tinha uma pessoa para cuidar dos homens, que era a Severina, uma preta meio carrancuda e uma que cuidava das mulheres, a Honorinda, que também era muito dura. Vim morar na casa dela, numa casa no bairro do Jardim América. A vida era muito simples, com muito sacrifício e meu pai ajudava... mas, foi uma experiência muito legal, pois aprendi a viver com simplicidade, com pouca coisa e vi que a gente não precisa de muita coisa para viver.

Após seis meses, a minha mãe não gostava muito daquelas condições, então fui morar na casa de um amigo do papai, o Dr. Walter Santana, mas não gostei de lá, pois ele era um cara muito rígido. Daqueles caras do modelo “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço.” A relação dele com a mulher mexia muito comigo porque ele era muito farrista, chegava das farras e a mulher ia cuidar dele, portanto, eu não me sentia bem com isso.



No próximo semestre, insisti para o papai alugar um apartamento e fui morar com a tia Alacoque, irmã solteira da mamãe que sempre foi muito bacana. Era uma pessoa muito tranqüila e gentil. Sou grata pela sua boa vontade.

Algumas pessoas da família me achavam danada, porque eu era muito desbravadora e muito verdadeira. Não ficava fingindo ser boazinha. Graças a Deus venho procurando ser cada vez mais verdadeira. O que eu sinto está na minha cara. Se estiver triste, todo mundo vê, se estiver chateada, todo mundo sabe, se estiver feliz todos percebem. Não sou muito de esconder minhas emoções, pois sou meio transparente.

É verdade que comecei a namorar muito cedo, pois meu primeiro namorado era meu professor de matemática, chamado Francimar, mais conhecido como Cimar. Ele tinha 24 anos e eu apenas 12. Mas, no início era só paquera. Com 14 anos ele marcou um dia para ir falar com os meus pais, mas estes não ficaram em casa para recebê-lo, então daí em diante ficamos realmente namorando escondido. Todos sabiam, mas ninguém falava sobre o assunto. Lembro do primeiro beijo, no banco da pracinha num sábado à noite. Foi uma sensação esquisita, mas cheia de novas emoções...

Bem, quando vim estudar em Fortaleza, fiz o segundo grau no Colégio Lourenço Filho e entrei na Universidade logo no primeiro vestibular. Passei para Letras na UFC e Administração na UNIFOR, mas a UNIFOR na época, tinha o estigma de “quem estuda na UNIFOR não é moça direita”. Então, a minha mãe não deixou eu fazer Administração

e eu então, fiz letras. Meu pai nunca exigiu que eu fizesse nada especificamente, nunca me obrigou a fazer nada. Até mesmo na minha adolescência, ele chegava e conversava muito. Mas, era muito interessante porque ele dizia: \_ Olhe minha filha, não faça isso. Olhe o meu nome! A preocupação nem era comigo, mas com o nome dele, pois ele era uma pessoa pública.

Como falei, passei para o curso de Letras e tive muitas oportunidades legais. Sempre achei o ensino da língua carente de uma atenção maior, pois a metodologia usada pelos professores deixava muito a desejar e a maioria das pessoas não gostava da sua própria língua. Sempre a achavam muito difícil e eu queria trabalhar com isso. Ainda no primeiro semestre da Faculdade, no básico, encontrei meu marido Rodrigo. Uma relação forte, sincera, companheira desde o início.

Com dois anos de namoro, quando concluí a faculdade, nos casamos com o sonho de um dia morar num lugar pertinho da natureza e viver de amor. Com ajuda da família, montamos um apartamento dado pelo meu pai e levávamos uma vida de muitas viagens e curtidão. Não queríamos saber de filhos.

Ainda na faculdade, com 19 anos comecei a me encontrar com experiências psicodélicas. Na verdade, eu estava buscando algo que não sabia exatamente o que era. Nesse caminho, encontrei-me com o mundo psicodélico como a maioria dos jovens influenciados pelo movimento hippie.

Tive um contato muito forte com o tio Julio, tio do Rodrigo, que era uma pessoa do Partido Comunista, formado pelo Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), mas não seguiu a carreira, foi um jornalista inovador no Rio de Janeiro, fundou o Jornal O Beijo e nós íamos passar os finais de semana em sua casa na Lagoa do Uruguá. Uma casa simples, não tinha energia elétrica, mas gostávamos muito de ir para lá. O tio Julio era uma espécie de guru nosso. Com o tio Júlio tive as minhas primeiras lições de culinária, pois sua cozinha era a parte central da casa e ali nos reuníamos para cozinhar e refletir sobre a vida. Também foi o primeiro ecologista de verdade em que tive contato, pois ele tinha práticas de reciclagem, reutilização de material e senso de economia de energia e conservação da natureza ao seu redor quando deixava as plantas nativas crescerem e não desmatava o terreno. Além do mais foi quem me introduziu em temas como a filosofia, a sociologia e a política.

Então, o nosso encontro com as drogas foi muito em busca de um contato com a Natureza, com a Filosofia e com a prática da reflexão. Nós não fazíamos baderna, não.

Era mais no sentido de termos diálogos, conversas, aprofundamentos, buscas interiores. Só que nós buscávamos, buscávamos e não encontrava.

Ainda namorando com Rodrigo, tive o meu primeiro emprego como professora infantil no Colégio Christus, onde o Rodrigo estudou a vida toda, conhecia os gestores e era amigo dos seus filhos, mas não me adaptei com a maneira de trabalho. Eram muito rígidos. Lembro-me de uma música do Vinícius “Era uma casa muito engraçada” que falava de penico e não podia falar. Também exigiam um posicionamento religioso católico então só passei um ano e meio.

Saí e fui ser funcionária da Junta Comercial do Estado do Ceará porque meu pai era político na época e arranhou para mim, mas também não me identifiquei e até hoje sou funcionária de lá, mas sempre a disposição em outros lugares. Já passei pela Secretaria de Cultura, Secretaria de Desenvolvimento Local e Regional e Secretaria da Educação.

Em 1987, vendemos tudo que tínhamos e fomos para Lisboa, Portugal em busca de procurar por lá o que ainda não tínhamos encontrado aqui o que preenchesse o nosso vazio interior. Com apenas uma semana em Lisboa, Rodrigo falou: \_ Débora, não é aqui não. Vamos voltar. Falei que não ia voltar não, que ia aproveitar para conhecer a Europa e que se ele quisesse podia voltar sozinho. Então, ele ficou querendo me convencer. Andávamos pelas ruas de Lisboa por horas e ele me convencendo de que lá não tinha humanidade, que as pessoas eram frias e que não podíamos gastar o dinheiro, pois se voltássemos sem a grana, seria bem mais difícil, porque tínhamos vendido todos os nossos móveis e alugado o apartamento. Dois meses depois resolvemos voltar.

Logo depois que retornamos, ainda de licença do trabalho, resolvemos viajar para a Bahia procurando encontrar um lugar que nos acolhesse e possibilitasse a gente se encontrar e preencher um grande vazio que se alojara em nosso coração. Ficamos 2 a 3 meses numa ilha chamada Morro de São Paulo, um lugar belíssimo, alojados na casa do tio de um amigo português e trabalhávamos na sua mercearia em troca do alojamento. Depois de muito procurar uma casa para alugar e não encontrar, resolvemos voltar para Fortaleza. Fomos morar na casa de praia dos meus sogros. Uma casinha muito legal, de madeira que ficava localizada na praia do futuro. Passamos muito apertados nessa época. Não tínhamos mais nada e era tudo emprestado.

Voltei para o trabalho chato da Junta Comercial e a vida continuava a mesma, muita “comédia” e um grande vazio até que fui trabalhar na Secretaria de Cultura do Estado para ver se me alimentava um pouco de arte e cultura, pois isso já tinha alguma coisa a ver comigo e lá conheci Dulcinéa Gil. Conversa com ela e disse que estava buscando algo

que não sabia exatamente o que, mas que era uma busca espiritual, então, um dia nos encontramos eu, Rodrigo, ela e o seu marido Flamínio na casa do tio Júlio na Lagoa do Uruaú quando eles nos falaram de um lugar chamado União do Vegetal que tem um chá – Hoaska – e nos convidou para conhecer. Aceitamos de imediato e a nossa primeira experiência foi muito marcante, um momento divisor de águas na nossa vida e foi assim como abrir uma porta para uma nova percepção que nos lembrou o livro do Aldoux Huxley, *Portas da Percepção*. Então, foi uma experiência transformadora e dissemos: \_ Era isso que estávamos procurando! E logo depois veio uma sensação de ter encontrado a nossa tribo.

Tivemos contato com a história da pessoa que criou essa religião - Mestre Gabriel, uma pessoa simples, seringueiro da floresta amazônica, mas que é um sábio. Então, desde 1990 estou no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, procurando conhecer esse Mestre e me conhecer num processo de auto-formação e transformação pessoal.

A partir desse momento nós mudamos radicalmente alguns hábitos que tínhamos e deixamos de fumar, de beber, de usar drogas sem precisar ninguém falar nada. O contato com o chá dá esse efeito da gente se olhar, se avaliar: como é que eu estou? Como está minha vida? Quem sou eu? O que eu quero? Sou feliz? E tudo isso mexeu muito com a gente, com nossa relação. Fomos renovando nossa vida e nosso sentimento. Começamos a refazer a vida e fazer novos amigos.

Daí começou a surgir o desejo de ter um filho, mas eu não conseguia engravidar e um dia resolvemos receber uma criança. Abrimos nosso coração e recebemos o nosso querido Daniel em 1992. Ainda lembro a sensação, a grande emoção que senti ao vê-lo pela primeira vez. Senti um imenso amor tomar conta do meu coração. Seis anos depois, em 1998, chegou Amanda para adoçar mais ainda nossa vida e nos encher de alegria. É a nossa fortuna, o nosso maior bem-querer.

Em 1995, fomos morar no Crato em busca daquele sonho de morar num lugar mais tranquilo e mais perto da natureza. Lá, retornei à Universidade e fui fazer uma Especialização em Língua Portuguesa na Universidade Regional do Cariri muito bem acolhida pela professora Socorro Correia, que me deu a impressão de estar reencontrando minha avó Luizinha. Ela me deu muita força, estimulou-me e motivou-me. Sou grata a essa verdadeira professora. No período trabalhei como professora bolsista nos cursos de Letras, História e Pedagogia ministrando aulas de Produção Textual e Metodologia da Pesquisa Científica.

Tivemos que voltar para Fortaleza em 2000 percorrendo o caminho de aperfeiçoamento pessoal, profissional e espiritual que me trouxe até aqui ao Mestrado em Educação Brasileira nesse eterno processo de formação, auto-formação e transformação, buscando sempre ser mais, ser feliz.

Hoje, estou novamente morando no Crato com minha família – Rodrigo, Daniel e Amanda - produzindo esse trabalho, em busca de uma sabedoria de vida, de um contato maior com a Natureza, de uma vida mais tranqüila, com mais qualidade, podendo vivenciar muitas experiências míticas, religiosas e espirituais nesse caldeirão cultural que é o Cariri. Sinto-me feliz de poder estar aprendendo a ser mais. Tendo como projeto de futuro continuar aprendendo e me aperfeiçoando como educadora, como ser humano. Simplesmente viver!

Retomando o “fio de Ariadne”, acreditamos que esta pesquisa representará uma contribuição ao movimento social da educação popular existente na procura constante de renovação de metodologias nos processos educativos introduzindo assim, inovações importantes para atender ao novo paradigma emergente.

Os capítulos e seus devidos conteúdos estão organizados da seguinte maneira:

O primeiro capítulo apresenta o percurso teórico-metodológico da abordagem (auto)biográfica e os principais autores referências deste trabalho.

O segundo capítulo traz as experiências de vida e formação do educador popular Alembert Quindins, sujeito central da pesquisa. Divide-se em três partes abordando as experiências formativas de um menino sonhador, de um jovem pesquisador e músico e do homem educador popular e produtor cultural de hoje.

O terceiro capítulo contextualiza o universo pesquisado onde fazemos uma viagem pela Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Cariri, mergulhando na prática de educação popular por meio das narrativas dos sujeitos envolvidos e das experiências educadoras e formativas com crianças e jovens do sertão cearense.

Nas palavras “quase” conclusivas, detalhamos os resultados encontrados, reflexões e novos questionamentos direcionando nosso olhar para futuras pesquisas.



... a beleza da vida está em compartilhar experiências, alegrias, afetividade, cuidados, carinho, emoções, intuições, desejos e afetos; em facilitar a caminhada do outro, em nutrir-se, alegrar-se com as suas conquistas e as do outro, em aprender a se relacionar para que se possa celebrar a vida, a aprender a dançar com ela, com alegria, encantamento, beleza, liberdade e dignidade.

Moraes, M. C.



Faço aqui uma homenagem *in memorium* ao meu querido irmão que já fez a sua viagem mais misteriosa e deixou muitas marcas em meu sentimento do seu sorriso, de sua generosidade.  
Ficou a saudade...

**Fotobiografia da pesquisadora**









## **CAPÍTULO 1**

### **O PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO: APRENDIZADOS A PARTIR DAS NARRATIVAS DE VIDA DE UM EDUCADOR POPULAR**

Esta pesquisa tem sua problemática situada numa realidade que não pode ser mensurada estatisticamente. Para dar conta de sua significação, mergulhamos em mares profundos da subjetividade, crenças, atitudes cotidianas, valores e sentimentos, procurando perceber singularidades/universalidades como também captar os saberes de experiência (Freire, 2000) produzidos ao longo da vida do ator principal desta trama como da instituição por ele fundada, que hoje está com 16 anos.

A aventura aqui realizada possibilitou incursões no campo biográfico, implicando tanto a pesquisadora quanto o sujeito principal da pesquisa – Alembert Quindins, num esforço de biografização que exigiu: relação inter-subjetiva edificada no diálogo e na confiança mútua; mergulho no cotidiano institucional; aproximação com significados e resgate de memórias.

O sujeito aqui analisado é identificado como um educador popular por desenvolver um trabalho de educação não-formal voltado para as classes mais simples da população info-juvenil da cidade de Nova Olinda-CE, localizada na Chapada do Araripe no contexto de uma Organização Não-Governamental (ONG).

Buscamos realizar uma reconstrução do seu itinerário e dos diferentes cruzamentos com os caminhos de outros. Destacamos suas paragens, encontros, explorações, ações, procurando compreender o que o motivou, o que o guiou na suas escolhas, na tentativa de fazer um inventário da sua bagagem na viagem pela vida, auxiliando na recordação de seus sonhos, sentindo também suas dores dos incidentes de percursos, enfim, procurando não só descrever, mas (re)passar seus sentimentos com relação a suas atitudes interiores e seus comportamentos.

Num processo de constante ação-reflexão-ação, criamos alguns canais de fala e de escuta entre o sujeito e a pesquisadora, vivenciando uma relação dialógica para adentrarmos e vasculharmos seus sonhos, aprendizados e experiências.

A observação participante contribuiu para completar o esforço, para ampliar a compreensão trazendo visões e percepções de imagens, gestos e atitudes por ser uma situação o qual observador e observado encontram-se face a face, e onde o processo de coleta de dados se dá no próprio ambiente natural de vida dos observados, que passam a ser vistos não mais como objetos de pesquisa, mas como sujeitos que interagem ativamente.

Para realizar esta empreitada, partimos da definição de observação participante de Schwartz e Schwartz (citado por Haguette, 1987, p.163)

[...] definimos a observação participante como um processo no qual a presença do observador numa situação social é mantida para fins de investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados, e, em participando com eles em seu ambiente natural de vida, coletando dados. Logo, o observador é parte do contexto, sendo observado, no qual ele ao mesmo tempo modifica e é modificado por este contexto. O papel do observador participante pode ser tanto formal como informal, encoberto ou revelado, o observador pode dispensar muito ou pouco tempo na situação da pesquisa; o papel do observador participante pode ser uma parte integral da estrutura social ou ser simplesmente periférica com relação a ela.

Portanto, no quadro das abordagens qualitativas, optamos pela pesquisa (auto)biográfica para o desenvolvimento do presente trabalho, buscando compreender o processo de formação de um educador popular. Sabemos que o educador popular é aquele “sujeito designado a vir aos grupos populares com um saber que lhe é específico e que dá a estes grupos uma contribuição teórica própria” (Amâncio, 2004). É um profissional/militante, mediador da problematização da realidade junto aos educandos, sendo, ao mesmo tempo, mediado pelo movimento de ação-reflexão-ação (Freire, 1987). No processo educativo popular, todos os sujeitos se transformam, porque tanto os educandos, quanto os educadores mobilizam, ressignificam os próprios saberes e a própria leitura da realidade.

Compreendemos a formação como um processo e uma iniciação, pois revela ligações conexas com as experiências vividas ao longo da vida, através das histórias de vida. Apoiamo-nos em Michel Fabre (1994) para compreendê-la como processo. Fabre esclarece no livro *Penser la formation*, a polifonia do conceito, iluminando a terminologia e discutindo sobre a diferença entre formação e educação, ensino, instrução e aprendizagem. No artigo de Christine Delory-Momberger *Formação e Socialização: os*

*ateliês biográficos de projeto* (2006) o conceito de formação também é problematizado nas suas relações com a narrativa.

Encontramos também aproximações e reforços com a abordagem biográfica em Bernard Honoré (1980) em *Pour une théorie de la formation*, que a entende como uma área que trabalha o desenvolvimento pessoal e a considera como um campo de ação e pesquisa de conhecimento que se insere nas experiências vividas ao longo da vida como um processo de formação.

Já no aspecto da formação como iniciação, orientamo-nos pelas teorias de R. S. Peters (1979) que em seu texto *Educação como iniciação*, define *iniciar*, como um conjunto de atividades e técnicas que desvendam experiências formadoras e práticas de formação focadas na história de vida do sujeito. Ele compreende o processo educacional como uma prática de iniciação. Para este autor

[...] a educação consiste em iniciar os outros em atividades, modos de conduta e pensamentos, que possuem regras intrínsecas, referentes ao que é possível para a ação, para o pensamento e para o sentimento, nos vários graus de competência, relevância e gosto. (p. 125)

Complementando este pensamento, Gastón Pineau (1999) também traz a sua valiosa e atual contribuição, quando diz que a formação deve ser pensada como autoformação e concentrada na abordagem experiencial ou biográfica, porque “entre a ação dos outros (heteroformação) e a do meio-ambiente (ecoformação) surge o ser-eu (autoformação), estando ligado diretamente ao conceito de antropoformação, ou seja, o homem em formação. Esse modelo inclui o paradigma científico vigente, mas engloba também uma abordagem fenomenológica-hermenêutica com uma interpretação do sentido espiritual, dando conta do percurso do singular ao universal, procurando compreender os caminhos percorridos entre história e devir.

A abordagem (auto)biográfica e a formação de educadores, aqui no caso, populares, encontram afinidades com Josso (1988, 1991, 2002 e 2004) que se reporta ao processo de formação, aprendizagem e conhecimento centrados no sujeito e não mais apenas na aprendizagem de competências, mas em suas histórias, singularidades e subjetividades, nas experiências construídas ao longo da vida, no próprio processo de formação e autoformação denominada de Abordagem Existencial de Formação. Afinidades também encontramos em Delory-Momberger (2000 e 2005) que introduz o conceito de “Biografização” para a investigação no campo da pesquisa biográfica,

apresentando-a como uma hermenêutica prática de uma história de vida que se reporta a si mesmo e como um processo fundamental de sociabilização e de construção da realidade social. Assim, a biografia é um dos lugares privilegiados desse processo de auto-socialização onde o “ator biográfico” torna-se educador de si mesmo.

Escolhemos esse caminho por entender que a reflexão centrada na abordagem (auto)biográfica procura tornar evidente grande parte dos momentos significativos e coloca o sujeito, sua construção identitária e sua subjetividade no centro da formação, como também porque através da narrativa de si, o sujeito tem uma presença ativa e consciente desses momentos, tornando-os percursos autoformativos.

Assim, a abordagem (auto)biográfica apresenta-se como um processo de conhecimento de si mesmo, das relações interpessoais e das aprendizagens construídas ao longo da vida, pois o sujeito produz um conhecimento de si, dos outros e da vida como um todo, concedendo a ele a oportunidade de ser ator e autor de sua própria história.

Josso (2004) traz importantes contribuições para o processo de construção de narrativas de histórias de vida focadas na formação e nas aprendizagens do autor. Desta autora aproveitamos os conceitos de “experiência formadora”, “aprendizagem experiencial” e “recordações-referências”, por entender que eles nos auxiliarão na compreensão e interpretação das narrativas e suas implicações no processo de pesquisa-ação-formação, pois as narrativas de histórias de vida são instrumentos de captação de fontes de investigação e constituem um valioso instrumento para compreensão e análise do desenvolvimento humano.

Conforme a autora,

“[...] o que faz a experiência formadora é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnica e valores num espaço-tempo que oferece a cada um, a oportunidade de uma presença de si e para a situação pela mobilização de uma pluralidade de registros.” (2004, p.39).

Assim, a construção e organização da narrativa de si colocam o sujeito em contato com suas experiências formadoras e o “[...] conduz a uma reflexão antropológica, ontológica e axiológica” (id.ibid, p.41).

Ainda para esta autora, “o conceito de experiência formadora, implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação.” Continua dizendo que “[...] a formação é experiencial ou então não é formação

[...]” (p.48). E as “recordações-referências” podem ser definidas como experiências formadoras, pois são simbólicas do que o sujeito compreende como elementos constitutivos de sua formação.

O conceito de experiência formadora ainda está em construção, porém, sabemos que este conceito é fecundo e resgata a bagagem memorial de todas as experiências vivenciadas e acumuladas no processo de evolução do qual estamos todos implicados na vida.

Então, a abordagem (auto)biográfica da formação centrada no aprendente permite compreender o que é uma experiência formadora pois “[...] os trabalhos efetuados com esta metodologia continuarão a precisar e a afinar a dinâmica da formação e, por conseguinte, o próprio processo experiencial.” (p. 56).

O livro *Experiências de Vida e Formação*, de Marie-Christine Josso, da "equipe de Genebra", reúne textos que explicitam a "Metodologia das Histórias de Vida em Formação", que articula as partilhas orais e escritas da história de vida de cada participante do grupo, alternando etapas de trabalho individual e coletivo. Trata-se, simultaneamente, de uma metodologia de pesquisa e de formação, que pretende desvendar como nos formamos e propor balizas que podem ampliar o aproveitamento das oportunidades formativas, presentes na vida de cada pessoa.

Uma destas balizas, por exemplo, é o conhecimento das cinco "competências genéricas transversais", definidas por Josso (2004, p.80). Identificar a articulação entre a "atenção consciente", a capacidade de "avaliação", a "comunicação", a "criatividade" e as "habilidades", mais ou menos presentes na vida de cada um de nós, significa dar um passo importante para a tomada de consciência de si como aprendente. A autora propõe que dessa maneira avança-se do "aprender a aprender" das pedagogias da Escola Nova para o "aprender consigo a aprender". Trata-se de uma nova concepção de aprendizagem, base da autonomização da pessoa e, por consequência, do desenvolvimento de sua cidadania.

Vale salientar que o conceito de experiência trabalhado por Josso é devedor do pensamento de John Dewey (1959a). O filósofo norte americano justifica a necessidade de uma teoria coerente da experiência para dar uma nova direção ao trabalho das escolas. A idéia fundamental da filosofia de educação e que lhe confere unidade é, segundo ele, a de que “[...] há relação íntima e necessária entre os processos de nossa experiência real e a educação.” ( p. 8).

Como decorrência, a nova filosofia de educação deveria estar comprometida com alguma espécie de filosofia empírica e experimental, o que não implica afirmar uma identidade entre educação e experiência, pois nem toda experiência é educativa, havendo aquelas que podem “[...] produzir dureza, insensibilidade, incapacidade de responder aos apelos da vida, restringindo, portanto, a possibilidade de outras experiências mais ricas.” (p. 14). Assim, não basta a existência de experiência, mas a qualidade da experiência por que se passa.

Segundo Dewey (1959b), para se compreender a natureza da experiência, é necessário perceber que ela encerra dois elementos: um ativo e outro, passivo, especialmente combinados. Quanto ao aspecto ativo, a experiência é tentativa; quanto ao aspecto passivo, é sofrimento, passar por alguma coisa. Quando o sujeito experimenta um objeto, faz alguma coisa com ele, sofrendo ou sentindo, em seguida, as conseqüências: “Fazemos alguma coisa ao objeto da experiência, e em seguida êle nos faz em troca alguma coisa: essa é a combinação específica [entre eles].” (p. 152).

O valor da experiência será medido pela conexão dessas duas fases da experiência (elemento ativo e elemento passivo). Uma simples atividade não constitui experiência, pois esta, “[...] na sua qualidade de tentativa subentende mudança, mas a mudança será uma transição sem significação se não se relacionar conscientemente com a onda de retôrno das conseqüências que dela defluam.” (p. 152). Deve, pois, haver a percepção pelo sujeito da relação entre a ação (tentativa) e a reação (sofrimento):

‘Aprender da experiência’ é fazer uma associação retrospectiva e prospectiva entre aquilo que fazemos às coisas e aquilo que em conseqüência essas coisas nos fazem gozar ou sofrer. Em tais condições a ação torna-se uma tentativa; experimenta-se o mundo para se saber como ele é; o que se sofre em conseqüência torna-se instrução – isto é, a descoberta das relações entre as coisas. (Id. Ibid p. 153).

Para Dewey, o pensamento ou a reflexão é o discernimento da relação entre aquilo que tentamos fazer (tentativa – aspecto ativo da experiência) e o que ocorre em conseqüência (sofrimento – aspecto passivo da experiência). Logo, sem esse elemento intelectual não é possível nenhuma experiência significativa. Ele distingue duas espécies de experiências, conforme a proporção de reflexão que contenham: a ação que repousa unicamente no método de tentativas e erros e a descoberta minuciosa das relações entre nossos atos e o que acontece em conseqüência deles. Naquela, ficamos à mercê das circunstâncias; nesta, surge o elemento intelectual e, à medida que este surge, aumenta o



valor da experiência. A mudança da qualidade da experiência com a introdução do elemento intelectual é tão significativa que ela pode ser considerada experiência reflexiva, ou, como diz Dewey (1959b), “reflexiva por excelência”. O cultivo deliberado de tal elemento intelectual torna, então, o ato de pensar uma experiência característica:

[...] pensar é o esforço intencional para descobrir *as relações específicas* entre uma coisa que fazemos e a consequência que resulta, de modo a haver continuidade entre ambas. Desaparece seu isolamento, e, por conseguinte, sua justaposição puramente arbitrária: e toma seu lugar uma situação unificada a desenvolver-se. (id. Ibid, p. 159<sup>6</sup>).

Jorge Larrosa (2002), da Universidade de Barcelona, propõe explorar a educação a partir do par experiência/sentido, iniciando sua análise pela crença que tem na força e no poder das palavras para a produção de sentido do que somos e do que nos acontece, criação de realidades e como mecanismos de subjetivação.

Em seu artigo *Notas sobre a experiência e o saber da experiência* (2002), ele faz uma análise da palavra “experiência”, dando seu significado em vários idiomas começando pelo português que quer dizer “o que nos passa”. Para ele, experiência é “o que nos passa, o que nos acontece, ou o que nos toca”, dando ênfase ao nós como o lugar da experiência, estabelecendo uma relação com a subjetividade, ou seja, aquilo que acontece conosco, no sentido de promover mudanças de estado e de sensibilidade da subjetividade. Ele cita Walter Benjamin, que já observava que vivemos num mundo com pobreza de experiências, primeiro, pelo excesso de informação e informação não é experiência e sim é quase uma anti-experiência. Segundo, pelo excesso de opinião. Diz que atualmente, o sujeito é bem informado e opina de maneira imperativa e arrogante, mas que isso também anula a nossa possibilidade de experiência.

Segundo Larrosa, experiência invoca travessia e perigo e o sujeito que a vive está exposto, porque se expõe aos riscos de suas incertezas. A experiência é, neste sentido, aquilo que padecemos, ligado a nossa existência, contingente e pessoal. É, conseqüentemente, algo a que damos sentidos, sendo, portanto, irrepetível. É uma ética e uma estética, um estilo, onde ninguém pode aprender da experiência do outro. Sendo assim, podemos dizer que o espaço de formação, acorrentado que está ao hiperativismo pedagógico, não tem servido à produção de sentido ou experiência. Ele está a serviço,

---

<sup>6</sup> grifos do autor

apenas, do opnismo e da divulgação de informações. Não serve para gerar no outro qualquer experiência, posto que se trata apenas da descrição de algum experimento, fruto de uma racionalidade didática qualquer.

Para Larrosa, se a escola deseja, de fato, se constituir em uma fonte de pensamento acerca do que nela se realiza deve, urgentemente, reconfigurar seu espaço de formação. E, em primeiro lugar, fazer do tempo destinado à formação docente um momento de "interrupção" de seu fazer diário para poder "pensar mais devagar, suspender o juízo e a opinião", para que possa desta forma, "olhar mais devagar e aprender a lentidão". Sem que isto ocorra, continuaremos a reproduzir, no espaço de formação, as mesmas discrepâncias que a modernidade instituiu como verdade, ou seja, a divisão entre o pensar e o fazer, sendo que quem pensa não deve fazer e quem faz não deve pensar e, tudo isto, a serviço da produtividade sem sentido, no esgotamento da falta de tempo.

O espaço de formação deve ser o lócus da (re)educação de nossos sentidos. Um espaço onde se possa apreciar e aprender a importância do silêncio e da suspensão de juízos para uma melhor compreensão da escola, de seus alunos e do fazer do professor.

Como nos ensina Larrosa, (2002, p.4) "em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece". Superar esta realidade requer um ato de desprendimento, ousadia e coragem daqueles que estão envolvidos com o trabalho de formação, professores e coordenadores. Significa estar disposto a colocar em dúvida, velhas e reconfortantes certezas, sofrer as dores e o incômodo de se ver "perdido", mas, com os sentidos aguçados e renovados de quem ousa reconhecer e enfrentar os perigos daquilo que faz.

Maria Cândida Moraes (2003), em seu livro *Educar na Biologia do Amor e da Solidariedade*, também aborda essa questão quando diz que viver é experimentar algo novo a cada dia e a cada momento e que se a vida é experiência e viver nada mais é do que estar experimentando algo novo a cada dia e a cada momento, então a vida nada mais é do que um processo de contínua aprendizagem, por meio da qual construímos a realidade e o saber.

Tudo isto nos levou a trabalhar com narrativas porque se inscreve na subjetividade implicando as várias dimensões do ser, em sua temporalidade,

potencializando o contato direto e consciente com seu eu mais profundo e o remete à reflexão sobre si mesmo, suas ações, seus sonhos e projetos.

No Brasil são cada vez mais freqüentes o trabalho com narrativas de vida numa abordagem (auto)biográfica na área de educação, pois ao resgatar as suas lembranças, se pode encontrar as marcas formadoras ou deformadoras de suas vivências na vida em todos os seus aspectos, ou seja, escolar, familiar, religioso, etc., nas relações, nas auto-imagens positivas ou negativas construídas ao longo do tempo, nos valores, emoções, posicionamentos e convicções, que demonstram ser os responsáveis pelos sentimentos de nós, dos outros e do mundo.

Assim, remexer no passado, resgatando as experiências de vida, na escola e fora dela, tem aberto uma nova perspectiva de formação para os educadores. A autoformação inclui fazer pesquisa, isto é, pesquisar a própria vida como estratégia de formação.

Se esta é uma perspectiva relativamente recente entre os educadores, Walter Benjamin (1987) já assinalava esse caminho dizendo que quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. E que, antes de tudo não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo em busca de vestígios de origem histórica.

Para este entendimento, contamos também com a contribuição do filósofo francês Paul Ricoeur (1994) com a sua teoria da narratividade tratado no livro *Tempo e Narrativa*, vol. I que ilumina o caminho a ser percorrido quando diz que o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal. Ricoeur trabalhou o conceito de narrativa como relação entre ação e tempo através de três níveis temporais que denominou de *mimeses*, sendo elas: I. Prefiguração, que se situa no nível do vivido e da experiência, no campo da práxis; II. Configuração, que é o pivô da análise e se dá simbolicamente e; III. Reconfiguração, que ocorre na alteridade através da comunicação de uma experiência, ou seja, na recepção da obra.

A vida nos tem mostrado que, a partir da memória autobiográfica nas histórias narradas e às vezes escritas, podemos através da linguagem, pensar, refletir, compreender, dar significado e ressignificar as trajetórias de vida e realizar novos projetos de si e isto, podemos vivenciar no Ateliê Biográfico relatado anteriormente.

Sabemos que as narrativas são utilizadas desde o início da história do homem na terra, mas o que é mesmo uma narrativa?

De acordo com Delval (2004) a narrativa é a enumeração de acontecimentos encadeados ordenadamente que transmite uma história a quem a escuta. Para Decca (2004), narrar é a capacidade de contar aquilo que aconteceu.

Nesta pesquisa, consideramos que narrativa é a contação da história do narrador, onde ele traz em forma de linguagem, todo o seu capital memorial formado por sentimentos, emoções, imagens e mitos acumulados ao longo de sua trajetória vivencial e experiencial que a narrativa organiza esse material de uma forma que seja possível sua compreensão e retransmissão.

Desta forma as narrativas são espaços para os sujeitos narrarem suas histórias, falarem de si, refletirem, analisarem e compreenderem a si mesmos e aos outros. E, também, possibilita a quem escuta, ou ler essas narrativas, questionar-se sobre o seu próprio percurso de vida.

Portanto, o uso das narrativas consiste em ouvir histórias e, também, instigar pesquisado e pesquisador a refletir e compreender determinados ou vários aspectos da vida e suas inter-relações.

Nesta temática, Moraes (2000, p. 82) comenta:

A narrativa de vida, usada na pesquisa, pode ser afirmada como uma alternativa de formação, na medida em que cria um espaço para que os sujeitos envolvidos (na interação narrativa – oralização e escuta) possam recordar, rememorar, rememorar e falar sobre as suas práticas, tentando refletir, compreender e interrelacionar idéias e sentimentos que antes nunca haviam sido expressados e, muitas vezes, nem sequer percebidos.

As reflexões sobre a trajetória de vida pessoal e profissional revelam as experiências construídas ao longo da vida que transformam as narrativas em momentos bastante férteis de produção de conhecimentos, contribuindo para desvelar identidades e realçar subjetividades inseridas em experiências particulares ou sociais.

E, quanto à vida profissional, elas revelam o que foi determinante na escolha da profissão como também leva o narrador a compreender que sua formação é um processo inacabado e em eterno desenvolvimento ao longo da vida.

Então, pensamos como Chené (1988, p. 96):

[...] a narrativa leva à compreensão do percurso da formação. Na prática, permite igualmente que o formador encontre o seu projeto de ser e se forme através da fragilidade das figuras que tomam no tempo

da narração e se reapropriar do julgamento de competência que se faz sobre si próprio.

Por isso, optamos por utilizar a entrevista narrativa (Jovchelovitch & Bauer, 2002) para estudar o processo de tornar-se o que se é, por considerá-la apropriada para a presente pesquisa, uma vez que a mesma possibilita a escrita de histórias de vida. A entrevista narrativa foi proposta por seus criadores como método de pesquisa. Aqui a utilizamos como um método que se soma a outros procedimentos. Lembramos as palavras de Roland Barthes quando diz que não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa: “A narrativa é internacional, trans-histórica, transcultural: ela está simplesmente ali, como a própria vida.” (1993, p. 251). Mas, não podemos deixar de registrar o depoimento de alguns místicos como Tereza D’Ávila e João da Cruz quando afirmaram que a experiência mais profunda de Deus é inenarrável. A linguagem humana não alcança a profundidade do sentimento.

O primeiro momento da entrevista narrativa foi realizado no dia 24 de julho de 2008, às 14 horas, no Teatro Violeta Arraes – Engenho das Artes da Fundação Casa Grande, no próprio espaço onde o sujeito realiza seu trabalho de educador popular, na cidade de Nova Olinda-Ceará.

Esta entrevista foi registrada em gravador digital e o momento foi fotografada por mim, como também registrada em vídeo pelo Helinho, um jovem da Casa Grande. Teve a duração de 2 horas e preferimos manter a porta principal aberta dando visibilidade e acesso ao parquinho, onde muitas crianças brincavam alegremente. Na gravação pode-se ouvir essa alegria registrada. Alemberg contando sua história e olhando as crianças. Era um domingo e a Casa estava cheia.

Procuramos seguir os passos propostos por Jovchelovitch & Bauer (2000) na realização da Entrevista Narrativa, ou seja:

**Quadro 1: Fases da Entrevista Narrativa**

<b>FASES</b>	<b>REGRAS</b>
1. Preparação	<ul style="list-style-type: none"> <li>☆ Exploração do campo</li> <li>☆ Explicação sobre a Entrevista Narrativa</li> </ul>
2. Iniciação	<ul style="list-style-type: none"> <li>☆ Formulação do tópico inicial para narração</li> <li>☆ “Conte suas experiências que o tornaram educador popular”</li> </ul>

3. Narração central	<ul style="list-style-type: none"> <li>☆ Não interromper</li> <li>☆ Somente encorajamento não verbal para continuar a narração</li> </ul>
4. Fase de perguntas	<ul style="list-style-type: none"> <li>☆ Somente “que aconteceu então”</li> <li>☆ Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes</li> <li>☆ Não discutir sobre contradições</li> <li>☆ Não fazer perguntas do tipo “por quê?”</li> </ul>
5. Fase conclusiva	<ul style="list-style-type: none"> <li>☆ Para de gravar</li> <li>☆ Realizar perguntas do tipo “por quê?”</li> <li>☆ Fazer anotações</li> </ul>

Escolhemos a Entrevista Narrativa por entendermos que ela nos possibilita entender eventos concretos que são relatados do mundo exterior e interior das experiências pessoais e, por entender, que a mesma é valiosa na clarificação e interpretação do fenômeno estudado.

Procuramos criar condições para que o narrador deixasse aflorar, naturalmente, os acontecimentos que pretendia narrar sem direcionar questões, mas deixar fluir o sentimento e a linguagem livremente, sem interrupções.

Na percepção de Cunha (1998), as narrativas têm sido utilizadas na pesquisa qualitativa como instrumento de construção de dados e também por serem consideradas como procedimento de formação, porque ao mesmo tempo em que o indivíduo organiza suas idéias para fazer determinado relato, quer escrito ou oral, reconstrói suas experiências e reflete sobre elas, memorando o passado vivido, que serve como referência para a reorientação do presente.

Assim, as narrativas são utilizadas tanto como procedimento de pesquisa quanto de formação permitindo a produção de novos conhecimentos. Vale destacar que o trabalho narrativo inscrito no biográfico é um trabalho de tecitura em que a interpretação está presente. A história de uma vida é construída, ultrapassando a idéia de coleta de dados, que pressupõe ir a campo para colher algo que já está pronto,

Após a primeira entrevista, realizamos as transcrições que foram devolvidas ao entrevistado para um segundo momento de explicitação e complementação. Também recolhemos outras falas captadas em conversas informais, além de registros de outras gravações que encontramos ao longo do percurso. Em um segundo momento gravamos

uma entrevista narrativa com Rosiane Limaverde, companheira de Alemberg Quindins na vida pessoal e profissional que serviu como complemento para a compreensão das experiências de vida do principal sujeito da pesquisa.

Para complementar o material de análise, transcrevemos também algumas entrevistas que Alemberg realizou para documentários gravados pelos próprios meninos, meninas e jovens da Casa Grande como de gravações de participações em canais de rádio e televisão.

Ainda como efeito de complementação da pesquisa de campo, realizamos conversas com familiares, amigos e com os próprios meninos. Pesquisamos também as entrevistas e reportagens escritas em revistas e jornais estaduais e nacionais.

O caminho escolhido foi inicialmente, ler o material disponível em trabalhos científicos, jornais e revistas que abordam sobre a Fundação ou entrevistas com seus gestores. Depois foram realizadas as entrevistas narrativas com os sujeitos e assistido vídeos disponíveis na dvdteca com entrevistas e documentários produzidos pelas próprias crianças e jovens e/ou por outros meios de comunicação.

Este método de coleta de dados dá a oportunidade de nos aproximarmos das experiências vivenciadas pelos sujeitos e de nos depararmos com as narrativas dos tempos passados contados no tempo presente. Ao apresentar o livro *Experiências de Vida e Formação*, de Josso (2002, p.09), Cecília Warschauer diz que o caminho proposto por esta Metodologia das Histórias de Vida que também é denominada de “Metodologia Experiencial” é a narrativa porque ela “permite explicar a singularidade e, com ela, vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida” (p. 9)

Ressaltamos que não trabalhamos aqui com o conceito de História de Vida e sim com narrativas de vida porque não abordamos toda a história da vida em seu aspecto mais amplo e sim, apenas o processo de formação, processo de conhecimento e processo da aprendizagem que são os três níveis da “espiral retroativa do caminho para si”, proposto por Josso (2002, p.61-86).

Como na construção de uma colcha de retalhos feita artesanalmente, fomos construindo essa pesquisa pedacinho por pedacinho, tecendo, unido estes retalhos em forma de falas, acontecimentos, imagens, sentimentos, em busca de interpretações de sonhos e realidades.

Esta experiência da Fundação Casa Grande já foi registrada em várias revistas e jornais do país e fora do Brasil retratando o protagonismo infanto-juvenil nos trabalhos de gestão cultural, como em forma de entrevistas dos administradores e das crianças e jovens, como também falando da instituição como referência em educação cultural.

Encontramos também alguns trabalhos acadêmicos sobre a Fundação Casa Grande tais como: Acioli (2000), Oliveira (2002), Azevedo (2005), além de artigos como os de Olinda (2003, 2005 e 2006), dentre outros.

Ela torna-se singular e justifica-se este novo olhar investigatório por se confundir com as trajetórias de vida dos seus fundadores - Alemberg e Rosiane - que nasceram no mesmo dia 19 de dezembro, no mesmo ano (1964) e na mesma cidade (Crato), casaram também nesta data e fundaram a Casa Grande também na mesma data. Além de se construir diante de sonhos sonhados por seus idealizadores que trataremos mais adiante e envolvidos nos mitos e lendas do lugar como podemos verificar em suas narrativas.

Construímos primeiro o material referente à Fundação Casa Grande onde realizamos um percurso em cada um dos seus espaços separadamente, onde procuramos sentir o local, observar e anotar tudo que encontrávamos de objetos e materiais (quadros, fotografias, textos, etc), fazendo como que uma viagem ao interior não apenas do espaço, mas procurando encontrar o próprio sujeito em cada detalhe do lugar.

No final de 2008, especificamente em dezembro, o rio da vida nos trouxe novamente de volta a morar no Cariri junto com a família e isso nos possibilitou ficar bem mais próximo do sujeito da pesquisa e de seus sujeitos onde pude vivenciar o cotidiano do trabalho e da vida deles não apenas na instituição, mas na vida pessoal.

Neste momento da pesquisa, registramos todos os aspectos materiais e imateriais da instituição e, ouvimos os sujeitos envolvidos. Construindo a história da Fundação por meio das narrativas, sonhos e imagens ali encontrados. Praticamente, íamos todos os finais de semana e quase todas as vezes que os gestores iam realizar alguma atividade, estávamos presentes, não só como observadora, mas como participante, pois chegamos a realizar algumas oficinas de produção de textos para os *blogs* pessoais dos meninos que são produzidos semanalmente no *site* ([www.fundacaocasagrande.com.br](http://www.fundacaocasagrande.com.br)). Esta foi uma experiência muito enriquecedora para a pesquisa e para a pesquisadora pelo fato de conhecer mais profundamente cada criança e jovem da Casa, como também por estar contribuir com o trabalho social.



A partir deste envolvimento, fui convidada a participar do Conselho Científico da instituição, o que me encheu de alegria onde vivenciamos o momento da eleição de uma nova diretoria, a entrega de um uniforme para uma garota e a minha posse no Conselho (essa descrição está registrada no capítulo 3).

Experimentamos também ser recepcionada por uma criança da Casa, o Rodrigo, que fez um passeio apresentando a Fundação, começando pelo Museu do Homem Kariri, contando a história da criação e desenvolvimento do projeto. Gravamos toda a fala, transcrevemos e coletamos imagens no sentido de perceber como eles desenvolvem essa maneira de receber os visitantes e os turistas que vêm conhecer a Fundação. Esta é a prática exercida pelas crianças aos visitantes.

Com toda esta convivência mais próxima com o cotidiano do sujeito e do espaço pesquisado, facilitou consideravelmente com a pesquisa de campo e a coleta de material e ficamos mais concentrados na produção do texto em si e quando surgiam algumas dúvidas ou necessidade de alguns esclarecimentos ou complementação usava o recurso da internet, por meio de e-mail e Alemberg sempre nos atendeu com muita boa vontade.

Ao finalizar a produção do capítulo 3 sobre a Educação Popular desenvolvida na Fundação Casa Grande fizemos uma apresentação para os gestores onde eles puderam participar fazendo algumas observações complementares e realizando um acompanhamento dos trabalhos.

A construção da história de vida de Alemberg através de todo esse processo foi inicialmente produzida em um só texto, mas após analisamos que ficaria mais clara se dividíssemos o texto em três partes onde trataríamos das principais fases da vida, ou seja, infância, juventude e maturidade.

Após ter concluído quase todo o texto realizamos mais alguns encontros com Alemberg para juntos, fazermos a leitura, confirmar as informações ou alterar algo na busca de expressar os acontecimentos com a maior fidedignidade possível, mesmo sabendo que se trata de uma narrativa, que vem carregada de sonhos, imagens e emoções. Então, ele que foi o autor agora estava vivenciando a experiência de ser leitor de sua própria narrativa, podendo complementar sua produção junto com a pesquisadora.

Durante todo este processo, sempre que acontecia algum evento na Fundação, procurávamos participar ativamente. Dentre os momentos significativos, destacamos a Mostra Internacional de Países de Língua Portuguesa que trouxe alguns artistas de Portugal, Moçambique, Angola e Brasil para realizar trocas de experiências e conversas

sobre cultura e arte nestes países. Neste momento, encontramos o José Henrique que é uma figura central na formação do Alemberg músico e produtor cultural e isso fortaleceu ainda mais as experiências vividas na coleta de dados da pesquisa.

Quando falamos de experiências vivenciadas utilizamos a nossa memória autobiográfica que pode ser compreendida como (re)construções da compreensão atual do nosso processo de formação tendo como referência o passado reconstruído e que pode servir também para construir projetos para o futuro.

Ao elaborarmos a história de vida de Alemberg Quindins, nos concentramos nas vivências ao longo das quais suas identidades foram formadas transformando-o no educador que é hoje e na pessoa em busca permanente de uma arte de viver.

Optamos também pela não utilização da proposta de interpretação da narrativa de Jovchelovitch & Bauer (2000), pois após participar de um mini-curso sobre Entrevista Narrativa no III Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica, realizado em Natal-RN em 2008, não encontramos afinidades com essa sistemática de análise, percebendo-a muito árida, detalhada e sem muito espaço para expressão dos sentimentos.

Então, articulamo-nos com as considerações da metodologia de interpretação da narrativa proposta por Josso (2004) e em Maria Conceição Passeggi (2006)<sup>7</sup> na observação de que essa pesquisa-formação autobiográfica pode ser vista como um “projeto-busca”, como um movimento de análise e reflexão interior, denominada por Passeggi como “instância de evocação” que trazem a tona perguntas fundamentais da existencialidade humana como: Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? Depois, ainda nesse primeiro momento tem o que a autora chama de “instância de reflexão”. No segundo momento surge o “projeto-obra” que articula esses momentos e foca para projetos futuros.

Sempre gostamos de trabalhar com flexibilidade, deixando abertura para incluir também outras idéias que por ventura surgissem ao longo do percurso. Também nos diferenciamos do trabalho desenvolvido pelas autoras anteriormente citadas, pois, no nosso caso não trabalhamos nem em grupo, nem em situação de formação inicial. Procuramos seguir um pouco seus passos trabalhando com apenas um sujeito. Foi possível perceber algumas fases indicadas por Josso, como: do sujeito ao ator da formação; do ator ao autor-contador; o autor-escritor não foi realizado porque o sujeito não tem muita facilidade, nem tempo suficiente para se debruçar sobre essa atividade.

---

<sup>7</sup> A autora em questão tece suas considerações a partir do trabalho com “memoriais de formação” exigidos institucionalmente aos professores em formação inicial.

Porém, ele vivenciou ser autor-leitor junto com a pesquisadora por também não ter muita facilidade com leituras no formato científico e sim, mais com revista em quadrinhos; do autor-leitor ao autor potencial e do efeito transformador do que a autora denomina de “jogo de papéis”. (Josso, 2004, p. 145-154)

Conforme Denzin & Lincoln, (2006), interpretar é o ato de dar sentido a algo, de criar condições para compreender, de ter capacidade de entender os significados das experiências de um outro indivíduo. Assim, os estudos biográficos pressupõem que a trajetória de vida de um ser humano pode ser analisada, construída, reconstruída, escrita e avaliada. Portanto, a vida é formada pelos seguintes fenômenos: a pessoa, suas experiências e como ela as interpreta e que lições tira dessas experiências.

No nosso caso, nos colocamos no lugar de um pesquisador *bricoleur*, ou seja, “um indivíduo que confecciona colchas, ou como na produção de filmes, uma pessoa que reúne imagens transformando-as em montagens.” (Denzin & Lincoln, 2006, p. 18). E nos identificamos com o tipo *bricoleur* “interpretativo” que produz *bricolage*, ou seja,

“um conjunto de representações que reúne peças montadas que se encaixam nas especificidades de uma situação complexa. A solução que é o resultado do método *bricoleur* é uma construção emergente” (p.18).

Então, nos sentimos artesãos nesse desafio de procurar ir juntando os eventos das experiências de vida na formação do sujeito pesquisado procurando compreender o todo de sua subjetividade complexa tendo o cuidado para não direcionar o resultado para uma imagem linear e formatada, mas, para uma multiplicidade de imagens, sentimentos em que nada ocorre seqüencialmente.

Empregamos a montagem do material produzido nas entrevistas narrativas como uma artesã de colchas de retalhos que costura, reúne pedaços das experiências narradas em um processo de geração de uma unidade psicológica e emocional procurando chegar numa experiência interpretativa que tenha universalidade, singularidade e beleza.

Queremos destacar a importância da coleta de imagens através de fotografias que registramos ao longo de todo o processo, procurando perceber por meio da sensibilidade do olhar o contexto amplo em que está envolvido o sujeito e que vem em anexo, nesta dissertação onde procuramos perceber como se cria conhecimento no cotidiano da vida. Foram momentos que pudemos perceber quanta riqueza e beleza

contem esta região do Cariri com todo o seu potencial mítico, encantador, religioso e cultural.

“Uma imagem vale mais do que mil palavras”. O ditado tão popular, resume bem as nossas intenções aqui utilizando a imagem, particularmente a imagem fotográfica, e as múltiplas possibilidades que este tipo de suporte documental pode oferecer aos pesquisadores das ciências humanas. Neste trabalho a fotografia aparece como fonte histórica, suporte de memória, arte, parte de processos educativos e, no limite, como narrativa. Parte-se do pressuposto de que a fotografia é uma produção social e, neste sentido, a busca de seus significados torna imprescindível no estudo dos processos de formação do sujeito analisado. Tomamos como referência os textos de Nilda Alves (1998, 2000, 2008) dentre outros artigos publicados, nos quais as memórias escolares da autora são evocadas a partir de fotografias de seu acervo pessoal onde procura mostrar que o valor da imagem não está nela em si, mas nas lembranças e sentimentos que vão emergindo e a autora tem toda uma pesquisa realizada com a fotografia se afinando com Manguel (2001) em seu livro no qual busca explicar/“ler”, para si e para nós, das imagens de alguns artistas de muitas épocas. Na introdução que tece, entende o *espectador comum* na necessidade que tem de articular *a imagem como narrativa* (p. 15).

Então, registramos estas imagens dos sujeitos e do contexto focado nesta pesquisa em vários momentos da construção do objeto de estudo para posteriormente vivenciar os processos de leitura e interpretação das imagens percebendo que elas são recortes da vida transformadas em signos expressivos e que merecem todo o nosso respeito ético pelo que foi registrado e captado do outro (Alves, 2008).

Também utilizamos pesquisa em vários DVDs realizados pelos meninos da Casa Grande e, especialmente, um que registrou o encontro de Alemberg com a família da sua mãe que há muito tempo não os via o qual, como ele mesmo nos transmitiu, foi um momento muito importante porque ele os reconheceu e teve o sentimento de pertencimento a esta família como também sentiu que é querido e reconhecido pelo seu trabalho.

Realizamos esta captação de imagens não somente com o sujeito central e seu contexto, mas também trabalhamos a construção e interpretação da nossa própria fotobiografia já que se trata de uma pesquisa-formação e este foi um processo bem enriquecedor para nós que durante a realização crescente de construção da pesquisa, da construção da nossa narrativa oral e escrita, íamos construindo este material fotográfico para chegarmos a construir um arquivo memorial da vida do sujeito e da pesquisadora.

Sabemos que as fotografias têm um valor histórico e social porque servem para preservar o passado com vistas a uma melhor compreensão do presente e do futuro.

Neste contexto, as fotografias devem estar presentes nas biografias no sentido de trazer mais sentido e beleza às histórias de vida onde podemos perceber a energia e a emoção vivenciada no momento registrado.

Apresentamos a seguir outros procedimentos e instrumentos utilizados na pesquisa:

- ☆ **Diário de campo** – registros detalhados de todos os passos, acontecimentos e impressões percebidos na observação participante.
- ☆ **Rodas de conversa** – participação em várias rodas de conversas na Fundação Casa Grande com os meninos como também em situações informais e de lazer.
- ☆ **Revisão da literatura** – revisão da produção acadêmica existente sobre a Fundação Casa Grande, publicações sobre Alemberg e produções sobre o universo das ONGs.
- ☆ **Análise de outros materiais** como entrevistas do sujeito central em outros trabalhos e veículos de comunicação como TV, rádio, revistas e jornais como também outras falas que peguei de forma informal em rodas de conversas.
- ☆ **Netnografia** – incursões pela internet a fim de complementar e ilustrar cenários e pessoas envolvidas na vida do sujeito da pesquisa como também para complementar informações.

Esta abordagem, conforme Josso (2002), não pode ser comparada a uma recolha tradicional de dados, visto que as atividades de construção, de análise e de interpretação se desenrolaram ao longo de 12 meses com uma convivência bem próxima com o sujeito analisado, já que mudamos de residência para a cidade de Crato e acumulamos algumas centenas de horas convivendo no contexto da Fundação Casa Grande.

Na nossa investigação sobre a formação deste educador popular não tivemos como evitar um olhar sobre o processo identitário, como também sobre o processo relacional, procurando abarcar toda a amplitude desse ser humano e não apenas com o foco voltado para as aprendizagens de competências e conhecimentos.

Josso (2004, p. 41) descreve que a construção da narrativa de formação conduz a três reflexões:

- a) Uma reflexão antropológica porque evidencia as características do ser humano independente do contexto cultural e sócio-histórico, utilizando aqui, a referência de Gilbert Durand (1979, 1984) para a interpretação da narrativa;
- b) Uma reflexão ontológica como uma retomada da questão: “Quem sou eu?”;
- c) Uma reflexão axiológica que é tornar evidente os valores e os eixos que estruturaram e orientaram a existência.

A autora orienta que uma das maneiras de construção desta abordagem está na “elaboração de um auto-retrato dinâmico por meio das diferentes identidades que orientaram e orientam as atividades do sujeito, as suas projeções...” (p.59).

Por meio deste auto-retrato desenhado na construção da narrativa do sujeito, realizamos uma análise interpretativa percorrendo os caminhos metodológico propostos por Josso (2002), percebendo as evidências das “posições existenciais” (p.59), que correspondem as “figuras antropológicas” (p.91) e “posições de aprendente”(p.82), definindo este percurso como a “busca da felicidade” e que no final deste trabalho apresentaremos um quadro que criamos para demonstrá-la em sua totalidade acrescentando alguns aspectos no sentido não de complementar, mas de contribuir para a reflexão da autora aqui citada.

Para a autora, “o segredo da felicidade para cada um, portanto, está bem guardado no centro da interioridade, nas sensibilidades e nos sonhos” (p.92). Por isso, ela considera apropriado usar o termo “busca” que também compactua da idéia de que muitas vezes esta busca é labiríntica com tudo que o termo implica de desafios, medos, becos sem saídas, encontro com o monstro, enfrentá-lo, matá-lo, encontrar saídas, encontrar a luz para um novo caminho aberto, claro e cheio de horizontes.

De acordo com Josso (2002, p.207)

As posições existenciais são ficções teóricas que ajudam a referenciar, a ler e a descrever movimentos, deslocamentos mentais, dinâmicas da construção de si e de sentido, mas elas fornecem igualmente representações de posturas interiores que são o terreno de acolhimento dos processos de mudança e de aprendizagem. Elas designam a relação que podemos manter com os saberes, o conhecimento, a verdade, a explicação, a ética, a pesquisa, a formação, etc.

Entendemos que esta “busca da felicidade” é a mesma busca de sentido que o sujeito realiza por intermédio das suas escolhas que se apresentam cotidianamente, ou não escolhas, quando nos deparamos com momentos em que o que se tem que fazer é apenas seguir o fluxo da vida que serve como indicação da direção a seguir. Como diz o poeta do samba Zeca Pagodinho:

Eu já passei por quase tudo nessa vida  
Em matéria de guarida espero ainda minha vez  
Confesso que sou de origem pobre  
Mas meu coração é nobre, foi assim que Deus me fez  
E deixa a vida me levar (vida leva eu)  
Deixa a vida me levar (vida leva eu)  
Deixa a vida me levar (vida leva eu)  
Sou feliz e agradeço por tudo que Deus me deu  
Só posso levantar as mãos pro céu  
Agradecer e ser fiel ao destino que Deus me deu  
Se não tenho tudo que preciso  
Com o que tenho, vivo  
De mansinho, lá vou eu  
Se a coisa não sai do jeito que eu quero  
Também não me desespero  
O negócio é deixar rolar  
E aos trancos e barrancos, lá vou eu  
E sou feliz e agradeço por tudo que Deus me deu  
E deixa a vida me levar (vida leva eu)  
Deixa a vida me levar (vida leva eu)  
Deixa a vida me levar (vida leva eu)

**CAPÍTULO 2**  
**AS EXPERIÊNCIAS FORMADORAS DE UM EDUCADOR POPULAR DO**  
**SERTÃO**



**Fotografia 2: Alembert Quindins**

Nada do que fazemos jamais é trivial,  
porque somos um tempo presente em mudança  
Maturana



As reflexões que se seguem têm por objetivo apresentar e analisar os aspectos individuais da aprendizagem ao longo da vida. Aprendizagem entendida como (trans)formações por meio de experiências, de saberes e de estruturas de ação na inscrição histórica e social dos modos-de-vida individuais de Alemberg Quindins, educador popular idealizador e presidente da Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri.

Nesta aprendizagem biográfica, consideramos mais que um objeto delimitado de forma empírica, uma vez que os processos de aprendizagem estão ligados às formas, aos lugares e aos tempos determinados. Os processos de formação foram considerados na historicidade viva da experiência feita pelo aprendente.

A formação se enriquece com as práticas biográficas que tornam uma história singular como também serve como uma manifestação de um ser humano que tem como objetivo desenvolver suas capacidades autopoieticas, ou seja, sua potencialidade para tecer a sua própria história (Josso, 2004, p.38)

A experiência biográfica tem precisamente como propriedade integrar, no processo global de “empilhamento” da experiência vivida, os domínios das experiências que os recortes institucionais e sociais separam, especializam e os reunir em uma figura com sentido particular. Esta capacidade de o sujeito reelaborar a experiência vivida pode ser refletida no conceito de *biograficidade* (Alheit & Dausien, 2006), que considera a idéia do caráter subjetivo da assimilação das aprendizagens que a elas agrega a possibilidade de elaboração de novas estruturas de experiências culturais e sociais.

A aprendizagem biográfica está ligada às estruturas sociais e aos contextos culturais de significação. É necessário também, para a análise dos processos de aprendizagem e de formação do sujeito aqui analisado, explicitar o quadro estrutural da trajetória de vida. É este o nosso ponto de partida na tentativa de compreender o que o tornou o que é hoje, onde procuramos descrever alguns dos aspectos do seu processo de aprendizagem e formação ao longo da vida.

Assim, nosso objetivo maior é apresentar, a partir da abordagem experiencial (Josso, 2004) reflexões e compreensões sobre a formação do educador popular como ator social, que empresta sua voz e seu olhar a múltiplos personagens, nem sempre consciente dos papéis que desempenham e a (re)construção de uma imagem deste educador na figura de Alemberg Quindins, ainda muito pouco estudada, a de autor/narrador, que recupera a historicidade de seu próprio percurso educativo e profissional, ao longo do processo de formação para, a partir desta reflexão, compreender o que o tornou o que é.

Portanto, o propósito deste capítulo é apresentar o desenvolvimento das análises, observações, reflexões e as construções teóricas sobre a experiência de vida e formação de Aemberg Quindins como educador popular.

Buscamos perceber os sentimentos sobre as experiências vivenciadas por Aemberg Quindins além de procurar captar a perspectiva autoformativa impressa nas suas lembranças nos aproximando do que ele é hoje.

De acordo com Josso (2004, p.39) “Formar-se é integrar-se numa prática e saber-fazer e os conhecimentos, na pluralidade de registros... Aprender designa, então, mais especificamente, o próprio processo de integração.” Mais adiante, ela ressalta que “[...] aprender pela experiência é ser capaz de resolver problemas dos quais se pode ignorar que tenham formulações e soluções teóricas.” Complementa que “[...] a aprendizagem experiencial é utilizada, evidentemente, no sentido de ter capacidade para resolver problemas, mas acompanhada de uma formulação teórica e/ou de uma simbolização.”

Acrescentando, a autora diz que

[...] o que faz uma experiência formadora é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros.

Assim, procuramos observar os aspectos centrais das situações formadoras de Aemberg Quindins que permitiram uma interpretação das representações do saber-fazer e dos referenciais que serviram para descrevê-lo e compreendê-lo no seu ambiente natural de vida que analisaremos na conclusão deste trabalho.

A seguir, apresentamos as experiências de vida e formação de Aemberg Quindins por meio de suas narrativas e de sua companheira Rosiane Limaverde divididas em três fases: infância, juventude e adulto procurando ressaltar o que o tornou o que é hoje.



**Fotografia 3: Alemberg quando criança**

### **2.1. Os processos de aprendizagem de um menino sonhador**

Ora, se a vida não é mais que um tecido de experiências de toda sorte, se não podemos viver sem estar constantemente sofrendo e fazendo experiências, é que a vida é toda ela uma longa aprendizagem.

John Dewey

Compreendemos que aprender é um processo contínuo na vida, pois como diz o ditado popular “vivendo e aprendendo”. A aprendizagem proporciona novas maneiras de agir tornando a vida melhor e com mais qualidade.

O conceito que usamos aqui é o de “aprendizagem ao longo da vida” mesmo sabendo que é evidente que aprendemos durante toda a nossa vida, desde nossa primeira sensação ao chegar no mundo até o último suspiro vivenciamos novas experiências, adquirimos novos saberes e novas competências. E isso ocorre como um processo natural da vida. Aprendemos em casa, na escola e também na universidade, enfim, em todos os ambientes de formação, mas, muitas das vezes as aprendizagens mais significativas da vida não ocorrem nos ambientes institucionalizados de educação formal, mas na “universidade da vida” (Field, 2000, p.1). Então, nos formamos nas nossas relações com amigos, familiares, assistindo TV, lendo livros, revistas e navegando na Internet, enfim, somos eternos aprendentes na vida.

Mais estritamente, usaremos o conceito de aprendizagem nos referindo à atividade individual e coletiva concretamente abordada enquanto que o de formação é mais amplo, pois tende a indicar os processos de formação e as figuras biográficas que serviram de referência na elaboração da experiência.

As reflexões que seguem têm por objeto focar os aspectos individuais da aprendizagem ao longo da vida de Alemberg Quindins tendo-se a aprendizagem como (trans)formação de experiências, de saberes e de estruturas de ação na inscrição histórica e social dos seus modos-de-vida individuais.

O educador Anísio Teixeira em seu Esboço da teoria de educação de John Dewey realizado na tradução do livro *Vida e Educação* (1978) fala de cinco condições para que ocorra a aprendizagem que resumidamente apresentamos a seguir, no sentido de ampliar nossa análise teórica sobre o tema em questão:

1. Só se aprende o que se pratica;
2. Não basta só praticar, aprende-se através da reconstrução consciente da experiência;
3. Aprende-se por associação;
4. Não se aprende apenas uma coisa só;
5. Toda aprendizagem deve ser integrada à vida, isto é, adquirida em uma experiência real de vida.

Isto confirma o que toda a teoria do educador americano John Dewey insiste sobre a educação de que a aprendizagem tem um caráter natural na vida, na busca de uma vida melhor, mais rica e mais bela.

Nesta busca de compreender o que tornou Alemberg o que ele é hoje através de suas aprendizagens significativas, encontramos na sua narrativa muitas informações importantes sobre sua infância, nesse período que é fundamental na formação de qualquer pessoa e como ele aprendeu o que sabe hoje.

Acreditamos que a aprendizagem vem sendo marcada na nossa memória e no nosso espírito por meio das experiências vivenciadas e daquelas que foram mais significativas e conforme vamos vivendo, experimentando, sentindo, aprendendo com as vivências e se formando ao longo da vida.

Assim, a formação de Alemberg iniciou quando em 19 de dezembro de 1964, às 13h veio ao mundo na cidade do Crato, como ele mesmo conta:

*Nasci de "Parto a vácuo" com uma hemorragia no umbigo. Com 40 dias de nascido, uma pessoa que trabalhava em nossa casa me deu um leite estragado e adoeci do pâncreas. Meus pais me levaram no Dr. José Ulisses, no Crato e ele disse que daquela doença, naquele estado, de mil escapava um, mas que se eu escapasse, iria me desenvolver mais de que os outros irmãos Muitos anos depois o próprio Dr. José Ulisses me disse que essa informação procedia dos primórdios da medicina egípcia.*

*Com três meses doente, deitado em cima da barriga da minha mãe, pois chorava de noite e de dia, sem o intestino fazer digestão, eu já estava em fase terminal, quando minha mãe ouviu um barulho na rua e perguntou do que se tratava, então lhe informaram que provinha de uma procissão de Nossa Senhora da Gruta (que fica no Distrito do Latão em Santana do Cariri). Ela me levantou em direção à janela e pediu a Nossa Senhora da Gruta que me salvasse que ela pagaria uma promessa de ir até à gruta a pé me levando nos braços. No mesmo dia meu pai lendo um livro sobre os poderes curativo das plantas, descobriu que goiaba era bom e aí fez a experiência, então comecei a melhorar em um processo que durou dois anos de tratamento.*

*Monsenhor rocha, diretor do hospital São Francisco dizia para as pessoas que chegavam ao hospital: \_ Vamos ver o grande homem! E quando o povo chegava no hospital era um menino bem pequenininho, recém nascido.*

Alemberg foi batizado na igreja do mesmo hospital São Francisco e se registrou no cartório de Maria Julia, avó de Rosiane, sua mulher.



Crato, a Princesa do Cariri, é um município do interior do Estado do Ceará que localiza-se no sopé da Chapada do Araripe no extremo sul do estado e na Microrregião do Cariri. Fronteira com o estado de Pernambuco, a cidade situa-se no Cariri Cearense, conhecido por muitos como o "Oásis do Sertão". (Texto extraído da Wikipédia)

Seu nascimento aconteceu na Maternidade São Francisco, no Crato porque na cidade de Nova Olinda não existia ainda uma maternidade, mas sua cidade natal é Nova Olinda onde sua família, principalmente por parte do seu pai, teve uma presença muito marcante, porque foi a partir da casa fazenda de seu avô Neco Trajano que se deu a fundação da cidade onde hoje é a Casa Grande.



Nova Olinda é uma pequena cidade do Ceará, Brasil. Localiza-se na microrregião do Cariri. O município tem 13.659 habitantes e foi criado em 1957. (Texto extraído da Wikipédia)

Ele nos conta da origem do seu nome deixando transpassar que existia certa disputa entre sua mãe, D. Vandízia e sua tia Pepinha pela condução e educação de sua pessoa no mundo:

*Em 1963 estava passando no rádio uma novela de nome "O conde de Alemberg". Minha mãe achou bonito o nome e disse que quando tivesse um filho o nome seria Alemberg. O nome de Francisco veio através de minha tia Pepinha que por toda sua vida só me*

*chamou pelo nome de Francisco e durante minha infância sempre me levava para as missas da igreja de São Francisco no Crato. Me deu um quadro com um São Francisco que guardo até hoje comigo, no oratório de minha casa.*

Seu pai, Sr Miguel é a personagem central na formação do caráter de Alemberg, pois em toda sua narrativa percebemos um forte sentimento de reconhecimento pela figura paterna:

*Meu pai era uma pessoa inteligente. Uma pessoa que era um doutor do mato, não um doutor que trabalhava com remédio, mas era uma pessoa muito inteligente. Fez um curso prático de Farmácia, manipulava remédios, fazia parto, arrancava dente. A pessoa quebrava o braço... Ele também operava... tudo lendo livros. Ele gostava de ler os livros que recebia de presente e era uma pessoa que contava história de Salomão na Amazônia e eu me lembro de uma história que ele contava que Salomão chamou um rei amigo para entrar no seu palácio de ouro, então o rei disse para Salomão que o castelo de ouro que ele tinha chamado pra ver, não era castelo de ouro não porque tinha mais pedra do que ouro. E que um castelo de ouro tinha que ter mais ouro do que pedra. Então, Salomão mandou seus navios colherem ouro no mundo inteiro. E foi quando ele chegou na Amazônia para levar ouro daqui da Amazônia para fazer o castelo dele. Então, meu pai era assim uma pessoa que tudo que as pessoas perguntavam, ele tinha uma resposta.*

Como podemos observar analisando esta fala de Alemberg, ele considera o pai uma pessoa muito especial, inteligente e estudioso. A sua ligação com o pai era tão forte que quando o pai chegava do trabalho, ele vestia a camisa ainda suada, num gesto de querer assimilar a sua energia, o seu suor.

Em outras falas podemos identificar mais este sentimento:

*A inteligência dele, não era pelo número de informações que acumulava, mas pela capacidade de se moldar às situações que se apresentavam, tirando de dentro de si soluções originais, com a cara dele.*

*Quando o pai dele morreu, Neco Trajano, ele tinha 9 anos, era o caçula. Sua mãe, Dona Santana, sustentava a família, vendendo a água de uma lagoa de sua propriedade, onde hoje é a Casa Grande.*

*Ele e seu irmão João, tinham dois jumentinhos que botavam água nas casas de Nova Olinda. O dinheiro que ganhava, dava todo a sua mãe, ficando apenas um percentual que dava pra comprar uma rapadura, que a dividia pelos números de dias do mês, comia um pedaço por dia.*

*Um dia, meu pai me contou que experimentou comer dois pedaços em um só dia, então no outro dia ele sofreu, tendo que ficar sem comer a fração que aquele dia cabia. Aprendeu e continuou com sua matemática mensal.*

*Deste exemplo ele me ensinou a importância de nos programarmos no dia-a-dia da vida. A cada dia o seu quinhão, e assim passaremos pela rua do mês e chegaremos a cidade do ano.*

*Ensinou-me que o trabalho e a alegria são ferramentas necessárias para o bem viver.*

*Ainda hoje me emociono ao pensar nele, de ter tido a oportunidade de ter vindo ao mundo como um filho dele.*

*Ele me ensinou que a moeda mais forte deste mundo é a inteligência. Essa não é perecível!*

Seu pai teve também uma participação política na cidade chegando a ser prefeito e ainda jovem realizava por meio de uma rádio comunitária, a *Voz da Liberdade* que junto com mais dois jovens adotavam pseudônimos nativistas de Pery, Tupy e Guarany , para promover uma programação de lazer para a comunidade. Politicamente ele estava ligado ao seu cunhado Antonio Jeremias Pereira, criador do município de Nova Olinda.

Alemberg nos conta que A Voz da Liberdade era uma ‘radio poste’ que funcionava com os auto-falantes em torno da Praça Tiradentes em Nova Olinda. Funcionava nas noites dos finais de semana para animar a juventude e tocar os sucessos musicais da época. Os namorados e paqueras ofereciam musicas através de cartilhas com pseudônimos para seus amores secretos. Seu primeiro nome foi A Voz de Nova Olinda depois por motivo de perseguições políticas que quiseram fazer calar, mudou-se para A Voz da Liberdade.

Ele diz que passou muito tempo da sua infância dentro desta radiadora, vendo o seu pai trabalhar, admirando as capas dos discos e observando os equipamentos.

Encontramos relatos sobre seu pai em vários momentos além da entrevista narrativa que realizamos com ele como nas conversas informais (e sempre estávamos com o gravador digital pronto para esses momentos), como o que segue a seguir:



*Minha formação humana e cultural foi de meu pai que era uma pessoa, uma pessoa que lia, era uma pessoa tida como a mais inteligente de uma região, que eu até conto uma história de um desafio que eu presenciei. Eu fui junto com ele para uma cidade chamada Dois Irmãos para o velório de um ex-prefeito, que deu origem lá ao município, uma pessoa bem querida lá das pessoas. E eu ficava numa casa assim um pouquinho alto. E em baixo, assim, tinha uma casa logo no pé do alto, tinha uma casinha e nessa casinha haveria um encontro das pessoas mais inteligentes que elas conheciam. Uns diziam que o homem mais inteligente que tinha na região era fulano de tal. Outros diziam que era meu pai. Então, havia essa coisa que um dia queriam ver esses dois homens inteligentes. O enterro era nesse dia. Ele era amigo dos dois. Então, a casa se encheu de pessoas. Sentou meu pai de um lado e ele do outro. Então, traçaram um mote: “O homem, seu momento e sua formação”. E cada um ia trazendo situações. Um ia responder pela visão dele, por exemplo, meu pai escolheu “O homem e seu momento” e o outro escolheu “o homem e sua formação”. Então, era uma pessoa que tudo que você conversava ele sabia. Era uma pessoa que escrevia os discursos dos prefeitos locais, como é que uma Câmara de Vereadores devia fazer uma ata, ele fazia... Como era que funcionavam as coisas. Da criação do Estado de Tocantins, Siqueira Campos ainda era deputado em Goiás.*

*Voltando à história, O homem, ele e sua formação ou ele e seu momento. Ele criava situações que era assim. Eu me lembro de uma que era assim, uma pessoa tava é... Abordado de forma violenta, por uma pessoa grosseira, então naquela hora ele revidar. Então, de que forma o que é que prevalece, é ele e a formação ou é ele e o momento? Era situação dessa forma, tá entendendo. Eu me lembro que era o mote e eu tava na sala dormindo numa cadeira. Era um desafio de retórica. Então, era o seguinte, meu pai dizia que o homem pela sua formação... e dizia o mote tudo rimado, esclarecia e tudo. Em seguida, o outro dizia que não, que o homem é o momento porque pelo o impulso ele pode não valer nada da formação... Então, começava de novo e era a noite todinha. Então, quer dizer, eu cresci num ambiente assim. Meu pai naquela época já falava de Salomão. Naquela época meu pai pegava a gente... Meu pai era um obreiro da Igreja Católica, ele ajudou a construir a igreja católica de lá. Ele ajudou a construir a Igreja Presbiteriana, depois da Igreja Presbiteriana nós fomos para a Igreja Cardecista. Quer dizer, ele tinha uma formação religiosa eclética. Ele sempre nos mostrou que a igreja era coisa do homem, que a religião era coisa do homem e que todas estão trabalhando num sentido só. Mostrou as várias formas da religião e a gente cresceu sem preconceito.*

Sabemos que a família tem uma função muito importante na formação de qualquer ser humano e Alembert também ressalta em sua narrativa algumas dessas pessoas que marcaram presença na sua formação, como é o caso de um tio, irmão de seu pai, chamado Antonio Maranhão que também é uma figura singular, como ele mesmo narra:

*Era um tio que sumia e aparecia de vez em quando. Ele viajava e só aparecia de vez em quando. Ele usava calça branca, camisa branca, barba grande. Era discípulo de Diógenes<sup>8</sup> e andava pelo mundo a pé e descalço. Era uma figura que tinha um mito na sua história que quando menino, recebeu um dinheiro de um cigano, e ele pegou esse dinheiro do cigano, e diziam que dinheiro de cigano rende, então ele comprou um bode e uma cabra, e foi fazendo um rebanho disso aí. Então, foi um menino que tinha muita cabra e muito bode. Ficou um menino afortunado por conta disso. E um dia, ele cresceu e teve uma namorada por nome de Verinha que não deu certo porque a família dela não queria esse namoro fazendo-o largar tudo. Ele saiu, foi embora daqui e num certo ponto da estrada ele tomou conhecimento da história de Diógenes. E então, ele jogou o sapato fora e decidiu que só vestiria roupa rasgada e pegou o dinheiro da herança dele e comprou caderno e lápis e saiu ensinando poesia parnasiana<sup>9</sup> no sertão cearense. Então, ele era um mito na família. Quando ele chegava dentro de casa, dizia: Antonio Maranhão chegou. Eu o tinha como uma pessoa misteriosa, como se ele viesse lá desse reinado da lagoinha que eu ia quando criança, daquela velhinha índia que me contava as lendas. Então, ele passou a habitar o meu universo mitológico, de formação de contador popular.*

A figura de tio Antonio foi a maior influência na formação filosófica para aquele menino observador e atento a tudo que ocorria ao seu redor, pois sempre que o tio chegava das suas andanças pelo sertão, contava os causos mirabolantes e cheios de

---

<sup>8</sup> Diógenes de Sinope, também conhecido como Diógenes o Cínico foi um filósofo grego que viveu 412 aC. Foi exilado de sua cidade natal e mudou-se para Atenas. O ex-aluno de Sócrates, foi um mendigo que fez uma virtude da pobreza extrema. Ele disse ter vivido em uma banheira grande, ao invés de uma casa, e ter andado pelas ruas carregando uma lâmpada durante o dia, alegando estar à procura de um homem honesto. (www.google.com.br)

<sup>9</sup> A poesia parnasiana é objetiva, descritiva e materialista, sem vínculo com a realidade. Outras características são a alienação, o rigor formal, a busca pela perfeição, a inspiração na Antigüidade clássica, a sensualidade, a presença de mitologia pagã e o uso de uma linguagem rebuscada. Principais poetas: Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia. (www.sitedasartes.hpg.ig.com.br)

mistérios dos lugarejos sertanejos que passava e recitava poesias parnasianas que o inspirava. Este tio era uma figura mitológica e misteriosa que vivia feito andarilho pelo sertão e aparecia de tempos em tempos e sumia também de repente sem deixar vestígios.

Atualmente, o tio Antonio está desaparecido. Desde sua última visita a Nova Olinda nunca mais souberam de seu paradeiro.

Outro tio aparece em suas falas como influenciador no aspecto do contador de causos e histórias picantes e com duplo sentido. Foi o Padim Rera, irmão de seu avô paterno que era um contador de histórias tradicional de Nova Olinda. Alemberg conta que

*Quando ele começava a contar histórias ele saia dizendo palavrão, dizia nome feio. Inclusive quando eu era criança minha tia me chamava de Padim Rera porque eu era desde menino assim desbocado, contador de história e falava palavrão e tudo né. E mais na frente eu contando história imoral dessa mesma forma para os meus amigos na frente do meu pai, na calçada. Meu pai dizia: Olha, não posso nem exigir que esse menino seja um menino sério porque quando eu fiz ele foi na maior putaria do mundo. Então, eu vinha aqui para Casa Grande, que ele morava aqui na época e vinha para ouvir as histórias de Padim Rera. Ele gostava de me contar histórias para mim e vinham mais duas primas comigo.*

Por crescer ouvindo essas histórias e causos engraçados, Alemberg desenvolveu um jeito próprio de ser contador de “causos”. É uma pessoa que sempre está envolto de gente para ouvir suas histórias e rir bastante com suas lorotas engraçadas. Tudo é motivo de piada. Tem um aguçado senso de humor que é adicionado ao seu biotipo físico bem nordestino e a sua inconfundível risada que só de ouvir já temos motivo para também dar boas risadas.

Esse contador de causos e lendas já inspirou diretores e atores do cinema brasileiro como é o caso do personagem de “João Grilo” do filme *O Auto da Compadecida*, do diretor Guel Arraes. E, realmente, os dois têm muitas características parecidas principalmente, por fazer humor em todas as situações da vida, inclusive fazer do sofrimento um motivo de riso e não de tragédia.

Trazemos agora outra figura que também consideramos depois do pai, uma personagem muito forte no aspecto de sua formação como ser ligado à mitologia e as lendas da região do Cariri. É a descendente de índio Artemísia que lhe contava histórias

sobre os índios e os seres mitológicos da região do Cariri e um dia lhe presenteou com o atual mascote da Fundação Casa Grande – uma estatueta de um índiozinho kariri.

Na análise da narrativa percebemos que a primeira vez que Alembert teve uma experiência significativa foi ainda criança em Nova Olinda quando ouvia as lendas e mitos contados por Artemísia que sem saber, estava a lhe contar a própria história dele, de seres encantados que o fez aprender sobre si mesmo e seu mundo. Ele nos relata:

*Eu costumava fugir de casa... Nos fundos da casa da gente, nessa rua morava um casal de irmãos. ambos já de certa idade. Eu costumava fugir para ir para a casa dela ouvir histórias. Uma senhora por nome Artemísia. Ela tinha uma característica de índio mesmo. Essa característica bem kariri, cabelo preto, já querendo avermelhar, olhos puxados, morena, morena quase escura. Eu ia lá para porta da casa dela e ela me chamava para entrar. Tinha um corredor que do lado direito tinha uma porta e lá tinha um baú. No canto esquerdo. Esse baú, era um baú de madeira e dentro tinham algumas coisas que ela guardava, tinha um cachimbo indígena e também um índio de madeira esculpido por um artesão que o havia feito em homenagem à família dela que descendia de índio. Mas, interessante é que mesmo sendo um índio com cocar e roupa de pena, arco e flecha na mão, ele tinha fisionomia de uma escultura de São Sebastião que é o padroeiro da cidade. Eles fizeram um índio, mas com as feições de branco. Inspirado em um índio branco. E ela contava a história dos índios, das caboquinhas, das caiporas que fumavam cachimbo e quando iam para a floresta tinhamos que levar fumo para dar de presente para as caboquinhas, do contrário elas ficavam perturbando. E contava essas histórias, das lendas locais. Impressionante na história é que por trás da casa dela tinha um munturo. Chamava munturo em Nova Olinda. O que é um munturo? Munturo é um lugar que tem uma vegetação que tomava de conta de toda a cidade. Essa cidade cresceu, mas ficou no meio da cidade, um resquício daquela vegetação. E ai, tinha um caminhozinho no meio desse munturo e bem no centro tinha uma lagoinha. E eu me lembro que para mim era como se aquela fosse uma lagoa encantada e que eu fosse me encantar naquele lugar. Era como se fosse um lugar meu. E eu pegava aquele caminhozinho e saia como se fosse um canto mágico, uma coisa só minha. Hoje, assim, eu recordando esse momento, eu vejo como já existia essa procura minha pelos locais que eu ouvia nas lendas. Já fazia um paralelo do que eu ouvia. Eu tentava reconstituir aquilo, procurar aquilo que eu ouvia nas lendas. Então, o lugar era nesse munturo que eu ia... Pegava esse caminho e ia sozinho... Era bem legal o lugar. Era um lugar*

*encantado, era um reino encantado, o meu reino encantado. Um dia eu me assombrei porque quando eu estava nesse lugar, nessa lagoinha, apareceu uma velha, uma índia velha, só com um dente na boca, que parece aquelas coisas de conto de fada. Eu me assombrei e não voltei mais nesse lugar. Então foi um lugar que era do reino encantado e um dia o reinado fechou para mim. E eu não voltei mais para esse lugar.*



**Fotografia 4: A índia Artemísia hoje**

Então, esta narrativa mostra a origem da ligação dele com os lugares e seres mitológicos da região do Cariri os quais fez com que ficasse com a memória presa e iniciasse a pesquisa sobre as lendas e mitos, ao retornar para o Crato já com dezoito anos de idade. Este momento será apresentado mais a frente.

Portanto, desde criança já foi aprendendo sobre suas origens ancestrais e sobre a história do seu lugar e do seu povo, marcando na memória emoções, sentimentos e sonhos que nem ele mesmo ainda entendia, gravando para sempre no seu imaginário.

Florbela Espanca, a esse respeito, diz magistralmente no poema “Eu” o seguinte:

Até agora eu não me conhecia.  
 Julgava que era Eu e eu não era  
 Aquela que em meus versos descrevera  
 Tão clara como a fonte e como o dia.

Mas que eu não era Eu não o sabia  
 E, mesmo que o soubesse, o não dissera...

Olhos fitos em rútila quimera  
Andava atrás de mim e não me via!

A influência recebida da descendente de índio Artemísia o formou nos encantamentos da natureza mítica e lendária dos índios habitantes da pré-história na região do Cariri o tornando o menino sonhador e sedento por descobrir os mistérios dos personagens e dos lugares encantados do sopé da Chapada do Araripe. Ela o introduziu nas lendas e folclores populares e no universo desconhecido da mitologia e ele viu-se como um ser vindo daquele mundo e estas recordações começaram a se fazer presentes por meio dos seus sonhos não apenas aqueles acordados, mas principalmente aqueles durante a noite.

Compreendemos que ao ouvi-las ele conectava-se com sua memória espiritual o que fez mais tarde com que ele decidisse sair pelo sertão em pesquisa buscando conhecer essas lendas, mitologias e lugares e se conhecer.

O mundo imaginário tem ocupado um grande e significativo espaço nas experiências formativas de Alemberg desde criança até hoje. Seu conteúdo simbólico pode ser compreendido com o auxílio de Jung, para quem o ato de imaginar (*imaginatio*) em termos alquímicos é percebido como uma atividade que não cria apenas fantasias, mas produz também algo mais ligado ao corpo, ou seja, um corpo sutil, semi-espiritual na sua natureza. A imaginação sendo vista como ato de criação oferece a chave para o objetivo da alquimia que é projetar e tornar realidade os conteúdos do inconsciente que se expressam por meio do símbolo que “não é abstrato nem concreto, nem racional nem irracional, nem real nem irreal, mas ambos” (Jung, 1987). Então, os conteúdos do inconsciente têm um caráter arquetípico a priori.

Para Jung (1987) o símbolo surge do fundo do inconsciente humano oriundo dos arquétipos ou imagens primárias situadas no inconsciente coletivo. Ele compreende que a gênese dos mitos tem uma dimensão social que deve ser levada em consideração porque nascem do inconsciente e cumprem uma função social e cultural de comunicação complexa.

Levi Strauss(1978), também contribui nesta compreensão quando, na antropologia, apresenta o valor da função simbólica como um veículo de comunicação e participação religiosa mística. Para ele, o pensamento primitivo não pode ser considerado somente como uma fantasia, mas o considera como um pensamento analógico, de

estrutura complexa que influi nas contradições existentes entre pensamento simbólico e realidade social. É um pensamento mítico.

Assim, Alemberg teve uma primeira infância feliz em Nova Olinda com brincadeiras de meninos que eram comuns na época como: jogar de bila (bolas de gude), pião, banhos de rio e futebol, totalmente envolvido em narrativas das lendas mitológicas da região do Cariri.

As experiências escolares de Alemberg não são muito retratadas na sua narrativa, deixando parecer que a escola não lhe deixou grandes marcas. Também não encontramos professores que lhe influenciaram mais fortemente, mas observamos que sua presença no espaço escolar dava-se mais nas áreas de música, teatro, organização de eventos e que não se adaptava muito bem nos padrões e critérios da escola formal.

Assim, a metodologia utilizada na escola não lhe fornecia muita possibilidade de aprendizagem. Nas narrativas analisadas, Alemberg demonstra que nas suas tentativas de concretizar seus projetos, como por exemplo, a reprodução do cinema, ele fez várias tentativas, criando assim, muitas hipóteses em um processo de auto-reflexão, ou seja, de autoformação.

Aqui fazemos uma conexão com a teoria da autoformação desenvolvida por Gastón Pineau (2008) que no artigo *A autoformação no decurso da vida* criou o termo “ecoformação” (p. 2), nos anos 80, relacionando-o às histórias de vida das pessoas. Retrata que as experiências cotidianas aparentemente insignificantes como a sensação do vento no rosto, um sopro de respiração, a água tocando o corpo no banho fundamentam as relações consigo mesmo e com o mundo ao seu redor. A tomada de consciência dessa realidade é profundamente formadora.

Estes são os recursos identificados pela autora para por em evidência as “competências genéricas transversais” que de conformidade com Josso (2004), este conceito articula cinco competências interligadas entre si formando uma figura de uma pirâmide de quatro lados e que constitui um momento importante para as tomadas de consciência do sujeito como aprendente:

1. Atenção consciente, que se encontra no centro;
2. Avaliação
3. Comunicação
4. Criatividade
5. Habilidades

A identificação destas competências acima citadas constitui um momento importante para a tomada de consciência do sujeito como aprendiz, e concordamos com a autora quando as considera como as competências fundadoras de uma autonomia na aprendizagem, introduzindo assim novos paradigmas e indo além do que trata as teorias da Escola Nova, ou seja, trazendo a perspectiva de aprender consigo a aprender.

Então, a partir deste trabalho com a abordagem experiencial podemos reconhecer essa capacidade que o sujeito aqui pesquisado tem de aprender consigo mesmo a aprender e a seguir, procuraremos identificar esses componentes nos processos de aprendizagens vivenciadas por Alemberg, nas suas experiências escolares e fora dela, já que a escola não foi o espaço que mais o motivou a desenvolver sua criatividade, como ele mesmo relata:

*Eu sempre fui um péssimo aluno. Eu era um péssimo aluno nas matérias, mas todas as professoras gostavam de mim porque quando elas queriam organizar peça de teatro, fazer alguma coisa na escola, eu tomava a frente. Na época as notas eram: bom, muito bom e ótimo, eu acho que eu nunca tirei um ótimo. A única fase boa que vivi na escola, eu acho que foi no primeiro ano fraco que eu fiz no Crato. Eu fiz o primeiro ano forte e fui reprovado e quando saí daqui eu fiz o primeiro ano fraco. Então, fui estudar na casa de minha tia (Pepinha) no Crato e ela me matriculou no primeiro ano forte e na primeira pergunta que me fizeram na sala eu fui reprovado. Pegaram umas garrafinhas de coca-cola pequenininhas e uma coca-cola grande e eu estava estudando os numerais, perguntaram qual o número maior e eu apontei para a garrafa grande então, me disseram: \_Você não tem que está no primeiro ano forte não. Então, me botaram no primeiro ano fraco. Eu tive uma professora por nome de Marinês, que ela foi a professora da minha infância. Porque ela gostava de mim e eu também gostava dela e, nessa época, eu só tirava nota boa e também gostava de cantar na sala de aula. A primeira vez que eu cantei, que subi num palco com auditório para cantar foi no Colégio Estado da Bahia, no Crato. E eu cantei aquela música: “Eu tenho a mão que aperreia, eu tenho o sol e areia, sou da América, sou da América...” Foi a primeira música que eu cantei. Mas, eu nunca fui um bom aluno não. É tanto que eu só consegui ficar na escola até a oitava série. E só passei porque meu professor me deu uma nota em matemática, porque eu jamais tinha condição de tirar uma nota boa. Eu nunca decorei tabuada. Se você me perguntar o que eu aprendi de Matemática na escola, eu aprendi a rezar para*



*que um dia a calculadora pudesse ser usada (rs). E Português, eu nunca fui bom, mas eu era bom em História. A professora tinha raiva de mim porque eu não estudava e ficava na escola só fazendo danação e ela pelejava para eu tirar nota ruim, mas eu não tirava nota ruim em História porque eu era bom em História. Era bom na argüição. Eu chegava em casa dava uma lida e guardava na memória. Minha cabeça tinha uma organização pra História.*

Como podemos observar, já na época escolar ele apresentava talentos para música e História e isto nos dá subsídios para avaliar o quanto a escola formal do nosso país ainda é deficiente em seu sistema de ensino-aprendizagem quando não desenvolve em seus alunos as potencialidades e talentos nem desenvolve metodologias criativas para trabalhar as deficiências.

Assim, consideramos importante verificar os impactos das recordações escolares sobre Alemberg, observando sua postura de aprendiz e se ocorreram efeitos traumatizantes no seu cotidiano escolar.

Esta sua fala expressa que a escola formal não foi o ambiente mais propício para despertar a dimensão motivacional (Nuttin, 1985) para novas aprendizagens, pois ele não conseguia muito se interessar pelos conteúdos programáticos desenvolvidos na escola, mas quando se tratava de coordenar algum evento cultural, ele sempre se colocava a disposição dos professores.

Percebemos que sua relação com os estudos não foi dos mais motivadores, pois sabemos que a reprovação tem um efeito negativo muito forte no sentimento e na auto-estima de uma criança.

Mas, no percurso escolar também teve encontros com pessoas que ainda guarda na memória, como a professora Marines. Como podemos observar, ela foi a única referência escolar registrada em sua narrativa.

Comprovamos também que sua ligação com a disciplina de História deu-se desde cedo, pois mesmo sem ter se formado na área, até hoje desenvolve atividades na Fundação Casa Grande de resgate da história do povo kariri e da Chapada do Araripe e é um excelente contador de histórias.

Dando continuidade a esta trajetória, aos nove anos, por motivos pessoais, seu pai o levou embora do Cariri junto com seu irmão mais velho, Zil para o Estado de Goiás, hoje Tocantins como ele mesmo narra:

*E eu fui morar no estado de Goiás e nós fomos embora: eu, meu irmão e meu pai. Meu pai botava no toca-fitas do carro aquela música “Triste partida”, de Luis Gonzaga e nós fomos escutando essa música até lá, mas na realidade, muita coisa aconteceu, quando a gente ia saindo daqui. Antes eu fui passar as férias em Picos no Piauí e depois meu pai apareceu com o caminhão lá e levou a gente. E aí, quando chegou num determinado lugar, na beira de um igarapé, porque era uma semana de viagem daqui para lá, ainda tinha aldeia indígena pelos caminhos. Foi na época da abertura dessas estradas que ligava o Norte, a Amazônia ao resto do país. E, meu pai, quando chegou em Picos eu perguntei: \_Cadê minha mãe? E ele disse que ela vinha depois. Então, a gente tomava banho no igarapé e dormia no caminhão. O camioneiro armava a rede, e dormia no caminhão porque nem hospedaria tinha na época. Tinha uns barracos que a gente parava para comer com umas comidas horríveis... Não tinha nem estrutura de tijolo na época. E... a gente tinha brigado – eu e meu irmão – e meu pai chegou na beira do igarapé e nos contou... Foi aí que eu soube que ele tinha se separado de minha mãe, que estávamos indo embora e minha mãe não vinha mais. E que agora ninguém podia saber onde a gente estava.*



O Tocantins é uma das 27 unidades federativas do Brasil, sendo seu mais novo estado. Está localizado a sudeste da Região Norte e tem como limites o Maranhão a nordeste, o Piauí a leste, a Bahia a sudeste, Goiás a sul, Mato Grosso a sudoeste e o Pará a noroeste. Ocupa uma área de 277.620 km<sup>2</sup>. Sua capital é a cidade de Palmas.

(Texto extraído da Wikipédia)

Este é um momento de profunda emoção na narrativa onde sentimos o quanto foi forte essa vivência para aquele menino e como é forte para o homem hoje olhar para este passado. Mas, olhar para o passado auxilia Alemberg a encontrar explicação para significados nas ações que tem hoje como uma pessoa que foi construindo um percurso rico de interações com os outros e a dar sentido ao seu posicionamento como educador popular que é. A pessoa e o profissional se interligam e se expressam de um modo completo e integrado (Moita, 1995).

O uso da narrativa autobiográfica inscreve-se na proposta de que, ao narrarmos episódios com significado, permitimos análises de forma contextualizada, proporcionando que esta análise ponha em evidência emoções, experiências ou ocorridos marcantes, dos quais antes não tínhamos apercebido.

Neste episódio marcante, identificamos aqui um “momento-charneira” (Josso, 2004), representando um divisor de águas na vida de Alembert, pois a partir daquele momento a vida dele seria outra realidade sem que ele tivesse a opção de escolha. Após o pai contar que estavam indo embora para nunca mais voltar e levar uma surra por estar implicando com o irmão, o pai lhe dá um banho em um igarapé na beira da estrada, volta ao caminhão retomando a viagem, coloca a música “Triste Partida”, de Luis Gonzaga para tocar e ele, chorando fica vendo sua vida passar pelo retrovisor do carro.

Em Josso (2004, p.64), a tradutora explica que “Charneira é uma dobradiça, algo que, portanto, faz o papel de uma articulação. Esse termo é utilizado tanto nas obras francesas quanto portuguesas sobre as histórias de vida, para designar os acontecimentos que separam, dividem e articulam as etapas da vida.”

Podemos imaginar o que significou este momento para o sujeito analisado, ser tirado de sua mãe, da sua cidade natal, de seus amigos e demais familiares, pois em Nova Olinda ficou o restante da família, ou seja, mais três irmãs. Como foi para uma criança receber esta notícia?

Suas palavras expressam um pouco deste sentimento:

*A gente estava praticamente indo embora para não voltar mais nunca. E ele deu uma surra na gente, na beira do igarapé por conta de briga da gente, ficava implicando, coisa de menino. No carro a gente ficava implicando um com o outro, eu e meu irmão. E aí, nós voltamos para o carro, eu ainda chorando da surra que eu tinha levado e ele botou no toca fitas, “Triste Partida”, (risada nervosa). Então, assim... eu costumo dizer que... eu fui escutando até lá, porque depois que eu ouvi aquela música, a minha vida começou a passar pela janela e o pneu do caminhão começou a passar por cima dela. Então, eu a via pela janela... A música tocando o tempo todinho. A música me disse uma realidade que estava acontecendo comigo naquele momento. Ali eu posso dizer que fui uma pessoa que entrei na música de “Triste Partida”, entrei na primeira estrofe e na outra estrofe com minha vida. E fui vendo aquelas paisagens que passavam e lembro-me que o camioneiro vendo assim meus olhos diretos na paisagem, disse: \_Essas imagens vão ficar pelo resto da sua vida na lembrança!*

Neste momento da narrativa, ele se abala, sua fala se enche de emoção, fazendo com que identifiquemos realmente um “momento charneira” importante na sua formação, pois a partir deste episódio, sua vida seria diferente e ele teria que conviver com essa nova realidade que ali se apresentava.

Já tivemos a oportunidade de ver e ouvir Alemberg cantando esta música, acompanhado do seu violão e sua gaita e percebemos que ela marcou profundamente o seu mais íntimo sentimento. Assim, trazemos a letra da música “Triste Partida”, música do poeta Patativa do Assaré, interpretada por Luís Gonzaga, o “Rei do Baião”:

Meu Deus, meu Deus	Nasceu muito além	Meu Deus, meu Deus
Setembro passou	Meu Deus, meu Deus	Se o nosso destino
Outubro e Novembro	Na copa da mata	Não for tão mesquinho
Já tamo em Dezembro	Buzina a cigarra	Ai pro mesmo cantinho
Meu Deus, que é de nós,	Ninguém vê a barra	Nós torna a voltar
Meu Deus, meu Deus	Pois barra não tem	Ai, ai, ai, ai
Assim fala o pobre	Ai, ai, ai, ai	E vende seu burro
Do seco Nordeste	Sem chuva na terra	Jumento e o cavalo
Com medo da peste	Descamba Janeiro,	Inté mesmo o galo
Da fome feroz	Depois fevereiro	Venderam também
Ai, ai, ai, ai	E o mesmo verão	Meu Deus, meu Deus
A treze do mês	Meu Deus, meu Deus	Mas nada de chuva
Ele fez experiência	Entonce o nortista	Tá tudo sem jeito
Perdeu sua crença	Pensando consigo	Lhe foge do peito
Nas pedras de sal,	Diz: "isso é castigo	O resto da fé
Meu Deus, meu Deus	não chove mais não"	Ai, ai, ai, ai
Mas noutra esperança	Ai, ai, ai, ai	
Com gosto se agarra	Apela pra Março	Agora pensando
Pensando na barra	Que é o mês preferido	Ele segue outra tria
Do alegre Natal	Do santo querido	Chamando a famia
Ai, ai, ai, ai	Sinhô São José	Começa a dizer
Rompeu-se o Natal	Que a coisa tá feia	Meu Deus, meu Deus
Porém barra não veio	Por terras alheia	Eu vendo meu burro
O sol bem vermeio	Nós vamos vagar	Meu jegue e o cavalo

Nóis vamo a São Paulo	Meu Deus, meu Deus	Também lá ficou
Viver ou morrer	Tão triste, coitado	Ai, ai, ai, ai
Ai, ai, ai, ai	Falando saudoso	E assim vão deixando
Nóis vamo a São Paulo	Com seu filho choroso	Com choro e gemido
Meu Deus, meu Deus	Iscrama a dizer	Do berço querido
Pois logo aparece	Ai, ai, ai, ai	Céu lindo e azul
Feliz fazendeiro	De pena e saudade	Meu Deus, meu Deus
Por pouco dinheiro	Papai sei que morro	O pai, pesaroso
Lhe compra o que tem	Meu pobre cachorro	Nos fio pensando
Ai, ai, ai, ai	Quem dá de comer?	E o carro rodando
Em um caminhão	Meu Deus, meu Deus	Na estrada do Sul
Ele joga a fãmia	Já outro pergunta	Ai, ai, ai, ai
Chegou o triste dia	Mãezinha, e meu gato?	Chegaram em São Paulo
Já vai viajar	Com fome, sem trato	Sem cobre quebrado
Meu Deus, meu Deus	Mimi vai morrer	E o pobre acanhado
A seca terrívi	Ai, ai, ai, ai	Percura um patrão
Que tudo devora	De estranha gente	Meu Deus, meu Deus
Ai, lhe bota pra fora	Tudo é diferente	Só vê cara estranha
Da terra natal	Do caro torrão	Meu Deus, meu Deus
Ai, ai, ai, ai	Ai, ai, ai, ai	Mas nunca ele pode
O carro já corre	Trabaia dois ano,	Só vive devendo
No topo da serra	Três ano e mais ano	E assim vai sofrendo
Oiando pra terra	E sempre nos prano	É sofrer sem parar
Seu berço, seu lar	De um dia vortar	Ai, ai, ai, ai
Meu Deus, meu Deus		Se alguma notícia
Aquele nortista	E a linda pequena	Das banda do norte
Partido de pena	Tremendo de medo	Tem ele por sorte
De longe acena	"Mamãe, meus	O gosto de ouvir
Adeus meu lugar	brinquedo	Meu Deus, meu Deus
Ai, ai, ai, ai	Meu pé de fulô?"	Lhe bate no peito
No dia seguinte	Meu Deus, meu Deus	Saudade de móio
Já tudo enfadado	Meu pé de roseira	E as água nos óio
E o carro embalado	Coitado, ele seca	Começa a cair
Veloz a correr	E minha boneca	Ai, ai, ai, ai

Do mundo afastado	E aquela famia	Meu Deus, meu Deus
Ali vive preso	Não vorta mais não	Faz pena o nortista
Sofrendo desprezo	Ai, ai, ai, ai	Tão forte, tão bravo
Devendo ao patrão	Distante da terra	Viver como escravo
Meu Deus, meu Deus	Tão seca mas boa	No Norte e no Sul
O tempo rolando	Exposto à garoa	Ai, ai, ai, ai
Vai dia e vem dia	A lama e o paú	

Como podemos observar, esta música retrata o sentimento daquele menino, naquele caminhão chorando pela nova realidade que se apresentava diante de seus olhos naquela estrada de barro vermelho, pensando na sua vida, nos seus brinquedos, na sua família, na sua terra natal que ficou para trás retratado no início do poema com um pressentimento de medo das doenças e da fome que poderia advir.

A análise da narrativa nos sugere que este foi o momento mais emocionado do sujeito, confirmando o que nos fala Passeggi (1999) que não é fácil desenvolver uma reflexão sobre si mesmo, principalmente quando se trata de socializar dilemas, partilhar conflitos e incertezas. Exige dos que narram uma seleção rigorosa dos fatos e bons argumentos para justificar as dificuldades, escolhas, tomadas de posição, (in)decisões.

Dominicé (1988b, p.167), também contribui quando diz que

O exame dos processos de formação, entendidos como dinâmicas de aprendizagem e de mudança, não pode se fazer sem referência explícita à forma como o adulto vivenciou as situações concretas de seu próprio percurso educativo.

Já para Josso (2004) este é o nível mais difícil da reflexão sobre a formação porque vai tratar de como fazemos para aprender algo e que a principal dificuldade está na compreensão de conceito de processo de aprendizagem quando se trata das suas especificidades e de seus componentes: afetivo-motivacional, psicossomática e cognitiva.

Compreendemos com isso que toda aprendizagem só ocorre realmente quando existe alguma relação com o sentimento de quem aprende e concordamos quando a autora diz que “Aprender não é apenas memorizar informações e um saber-fazer, mas implica tempo e um trabalho sobre si para mobilizar os recursos indispensáveis a toda e qualquer aprendizagem” (p. 79).

Entendemos ainda que esse conceito de aprendizagem vai de encontro com o de Experiência tratada por Jorge Larossa (2005), em seu artigo *A ressignificação da Experiência*, quando diz que experiência é “aquilo que acontece conosco, no sentido de produzir alterações de estado, de sensibilização da subjetividade.”

Assim, como a experiência não pode ser colocada em nós de fora para dentro, compreendemos que a aprendizagem também só será aprendizagem quando sentida, quando prendemos em nosso sentimento, em nosso espírito o sentir da aprendizagem.

Neste aspecto, concordamos com Maturana (1999) quando diz que a aprendizagem “[...] resulta do acoplamento estrutural e da congruência existente entre o organismo e o que acontece ao seu redor[...] A aprendizagem seria um processo que se estabelece ao viver[...] Aprender consistiria em mudar com o mundo a partir das interações entre sujeito e mundo.” Ele destaca que a aprendizagem acontece mediante o desenvolvimento das experiências, não sendo apenas a captação de algo externo, mas algo que ocorre internamente, emocionalmente.

Estes aspectos nos relevam a natureza complexa do conhecimento humano que envolve processos biológicos, psicológicos, sociais, afetivos, culturais e espirituais. Compreendê-lo nos leva a conhecer também como chegamos a ser o que somos.

Esclarecemos que não é nossa intenção fazer aqui uma explanação profunda das teorias existentes sobre este conceito de Aprendizagem, mas que orientadas por Josso, referência maior desta pesquisa e mais algumas outras referências que citaremos ao longo do texto, procuraremos identificar e analisar estes processos no sujeito aqui pesquisado.

O nosso primeiro passo foi procurar respostas para algumas perguntas, tais como: O que é aprender? Como ocorre este processo em nós? Por que aprendemos cada um no seu ritmo e tempo?

Claro que não é em pouco tempo que encontramos todas as respostas para essas questões, mas após algumas leituras descobrimos que muito já foi avançado após as teorias de Piaget, Vigotsky e autores das chamadas Novas Pedagogias como: Pestalozzi, Montessori, Ferreiro, Freinet e Dewey além de outras ciências como a Neurociência que atualmente vem desvendando outros mistérios do nosso cérebro.

Dando continuidade à análise da narrativa, constatamos que ao chegarem à pequenina cidade de Miranorte, passaram por situações financeiras difíceis como ele mesmo narra:

*Então, nós chegamos a Miranorte, e... Foi um momento muito difícil para nós, principalmente pra mim, porque era tudo novo e eu era um menino que praticamente passava o dia em casa, acordava às 10 horas. Ficamos morando num quartinho de uma casa, que o homem ia alugar para Chico Lobo que a sala da frente seria uma loja. Enquanto eles não alugavam cederam um quartinho da casa que era um quartinho onde ficava guardado os legumes como o arroz, feijão e era o quarto onde dormia o cachorro da casa. E, meu pai botava uma caminha de campanha, onde ele dormia e tinha duas redes, a minha e a do meu irmão. E esse cachorro ali de lado. Então, ali, a gente acordava 10 horas da manhã e perguntava que horas eram e ele respondia que ainda era cedo, só sete horas porque ele não tinha dinheiro para comprar café e pão para gente e se acordássemos cedo, íamos querer café da manhã. Então, ele dizer que eram 10 horas para que levantássemos só próximo do almoço. Assim, a gente voltava a dormir.*

*Conheceu um cearense que tinha por lá, o homem mais rico de Miranorte, chamado Antonio Show que era fazendeiro. Sua mulher D. Luíza padeceu de ver aquele homem com duas crianças, sozinho no mundo sem mãe e passou a mandar todo dia um litro de leite para nós e tinha outro cearense, dono de um hotel, ou melhor, uma pensãozinha, denominada “Hotel Deus Dará”. E, nesse hotel ele conseguiu que a mulher do hotel nos desse o resto de comida que sobrava depois que o ônibus parava... Aqueles hotéis com restaurantes de beira de estrada que o povo pára para comer antes de seguir viagem. Então, ela reunia tudo que sobrava e botava numa panela e dava para a gente comer e a gente ia comer sentados no chão à beira de um cacimbão perto. Com o tempo, ela deixou a gente comer sentados na mesa, quando todos os hóspedes saiam. Então, a gente comia aquele resto de comida. E meu pai, era uma pessoa assim que tirava leite de pedra. Ele fazia as coisas não parecerem piores do que eram. Eu assistindo aquele filme “A Vida é Bela”, aquele filme foi um filme que eu assisti e chorei o filme todinho porque eu me lembrava muito de meu pai. Meu pai fazia aquilo ali. Porque ele dizia que aquele macarrão de uma hora da tarde temperado com óleo, já duro, com aquele óleo já amarelado (rs) e a gente perguntava para ele que macarrão era aquele e ele dizia que era macarrão borrachinha, era um macarrão importado, que vinha da Itália e era muito gostoso e eu comia como se fosse a coisa mais gostosa do mundo. Aliás, eu nunca mais comi um macarrão tão gostoso como aquele.*

O desenrolar das narrativas sinaliza que as transformações representacionais dos saberes identitários de Alemberg tiveram sua origem nestes momentos da sua



infância, onde ocorreu uma profunda ruptura emocional quando foi retirado de sua mãe, de sua casa, de sua cidade e com a desestruturação familiar.

O pai ocupa um lugar central na sua formação, principalmente porque ocupou o lugar de mãe também e era muito criativo na resolução dos problemas na busca de acreditamos, minimizar o sofrimento dos meninos. Na sua fala ainda traz algumas impressões sobre o pai, como o que se segue:

*E, eu e meu pai aonde a gente chegava era uma fila de gente para se consultar com ele. Ele receitava, então ficava uma fila de pessoas esperando para ser atendido. Como pagamento, o povo trazia galinha, arroz e nós ficamos na casa de um tenente da polícia, porque na época que meu pai foi prefeito em Nova Olinda, ele foi delegado e conhecia esse tenente que nos recebeu. Esse tenente era muito brabo, muito valente. É tanto, que tem a história lá de um filho dele que jogando sinuca, levou um murro de uma pessoa. Naquele tempo quando a gente chegou a Tocantins, parecia o velho Oeste. Era uma coisa mesmo, todo dia morria gente, sabe? Era terra de brabo mesmo, de valente. Quando o filho chegou em casa ele o fez vestir roupa de mulher porque filho seu não apanhava não. Homem que apanhava não era homem não.*

Em nenhum momento de sua narrativa Alemberg julga seu pai por alguma atitude, nem tão pouco sua mãe. Aliás, na sua narrativa principal ele não menciona o nome da mãe nenhuma vez. No lugar da mãe aparece a tia Pepinha que foi a pessoa que lhe ensinou o básico da educação recebida no lar, pois ele esteve morando com ela no Crato ainda pequenino para estudar. Ela ensinou-lhe como se comportar à mesa e a não falar com a boca cheia.

Sabemos que as histórias que nos constituem têm sua origem no interior das práticas sociais da instituição familiar. É lá que formamos a nossa base emocional, psicológica, ética para enfrentarmos o mundo e as outras práticas sociais que teremos ao longo da nossa vida.

Então, acreditamos que estes acontecimentos na infância de Alemberg trouxeram-lhe muitas experiências fortes, mas surpreendentemente não o tornou um ser amargurado e tristonho. Ao contrário, Alemberg se mostra como uma pessoa otimista, lutadora e ainda muito sonhadora. Aliás, mais adiante trataremos especificamente de seus sonhos.

Retornando a viagem para Miranorte, aqueles quatro personagens da narrativa, ou seja, Alemberg, S. Miguel, Zil e o camioneiro, passaram por estradas carroçáveis no período da construção das estradas do Brasil como a Belém-Brasília. Estradas de barro vermelho com pouca estrutura como hotéis, pousadas e restaurantes para atender aos viajantes e aventureiros.

Alemberg fala que passaram por uma cidade de nome Cristalândia que lhe chamou a atenção.

*Nessa cidade, por nome Cristalândia, tinha um lugar chamado Lagoa da Confusão porque de qualquer ponto que você tivesse via as coisas de uma maneira diferente. Uma coisa que eu nunca entendi como era. Lá era uma cidade que a igreja era de cristal. Tudo era de cristal. Você topa na rua com cristal. Cristal era como laje aqui no Cariri. Então a coisa mais comum que tinha era ver um banco de cristal, a igreja de cristal, por isso o nome da cidade era Cristalândia.*

Retornando ainda à cidade de Miranorte, que de acordo com a narrativa de Alemberg era uma cidadezinha que não tinha nem no mapa do Brasil, pois quando a professora apontava no mapa dizia: “\_ A nossa cidade é mais ou menos aqui”. Resolvemos trazer algumas informações para contextualizar o leitor e também para nos trazer desenhos desse universo onde Alemberg iniciou alguns dos processos de formação e de autoformação como produtor cultural e músico.

Miranorte é um município brasileiro do estado do Tocantins com uma população estimada em 2008 de 12.200 habitantes.

Sobre a fundação da cidade de Miranorte:

No dia 1º de janeiro de 1963, foi instalado o Distrito Miranorte no estado de Goiás, e nomeado em 1º de fevereiro de 1963 o primeiro Subprefeito Abdoral Fonseca. Em 8 de março de 1963 o Felipe de Fagundes de Carvalho foi designado no cargo de Juiz Distrital. O Cartório de Registro Civil foi criado em 14 de março de 1963 e seu Tabelião titular foi Noé Carvalho Luz. Nesse mesmo ano (1963), por intermédio do Deputado Francisco Maranhão Japiassu, conseguiu através da Resolução nº. 131, de 16.09.63, juntamente com a Câmara Municipal de Miracema do Norte, a elevação do Distrito Miranorte à Município, pela Lei Estadual nº. 4.820, de 8 de novembro de 1963 e foi

instalada em 1 de janeiro de 1964, sendo então prefeito nomeado pelo Srº. Governador de Goiás, Mauro Borges Teixeira.

Em 1º de agosto de 2000, segundo o censo demográfico de 2000 fornecido pelo IBGE, Miranorte contava com 11.799 habitantes, sendo 6.025 homens. 5.774 mulheres, 10.799 zona urbana e 1.100 zona rural, com crescimento de 2,30% anual. Nesse mesmo ano confirmado pelo TRE (Tribunal Regional Eleitoral) confirmou que Miranorte tinha 9.485 eleitores.

Os principais produtos agrícolas do município são: arroz, milho, laranja, abacaxi, mandioca, melancia, banana, feijão e abóbora

O município apresenta uma das grandes forças econômicas do município, tem desenvolvido consideravelmente e aumentado bastante os rebanhos de bovinos, suínos, eqüinos, e aves. Essa mistura de criação contribui para o abastecimento local como, a carne, leite, queijo e também o meio de transporte. É uma boa parte desses rebanhos são comercializados em outros estados.

Conforme o Livro Anuário do Tocantins 2000, que vem sendo editado desde 1957, onde relata todos os acontecimentos relacionados ao Estado e seus 139 Municípios, Miranorte fica com distancia de 105 km da Capital Palmas, este município está localizado no Centro-Oeste do Estado, com a colocação de 22º no Estado em arrecadação de ICMS (Texto extraído da Wikipédia)

Então, Alemberg viveu dos nove aos dezoito anos nesta pequena cidade vivenciando a reconstrução da sua vida, sendo educado apenas pelo pai e tendo notícias da cidade grande pela passagem das pessoas nos ônibus que transitavam pela rodovia Belém-Brasília, estrada em construção na época que conforme pesquisa feita na internet atualmente pode se referir a:

- ☆ BR-153 – rodovia longitudinal brasileira que segue de Aceguá-RS até Marabá-PA, sendo também chamada de “Rodovia Transbrasiliana”.
- ☆ BR-226 – rodovia transversal brasileira que segue de Wanderlândia-TO até Natal-RN, recebendo o nome de “Belém-Brasília” apenas no trecho entre Wanderlândia-TO e Porto Franco-MA.
- ☆ BR-010 – rodovia radial brasileira que segue de Brasília-DF até Belém-PA. É conhecida como rodovia Belém-Brasília no trecho entre estreito-MA e Belém-PA, é uma rodovia federal radial do Brasil. Seu ponto inicial fica na cidade de

Brasília-DF, e o final, em Belém-PA. Passa pelo Distrito Federal e pelos estados de Goiás, Tocantins, Maranhão e Pará.

Então, é na BR-010 que Alemberg recebe as primeiras informações sobre o que é uma cidade grande, sobre prédio residencial. É onde ele vê o primeiro revolver de espoleta e as primeiras revistas em quadrinhos:

*Era nesse ponto da estrada na margem da Belém-Brasília onde os meninos da cidade grande passavam de ônibus e paravam para eles comerem. Então, era ali que eu via os meninos falando das coisas da cidade. De prédio. Como era um prédio. Que era uma casa em cima da outra que eles chamavam de apartamento. Ali eu vi passar o primeiro revólver de espoleta. Tinha um tubinho de espoleta enrolada num papel e botava e ficava pá,pá,pá... Lá eu vi o primeiro revolver de espoleta. Ali eu vi a primeira revista do Homem Aranha passando [...] Eu gostava bastante do Homem Aranha. Eu simpatizei logo com o Homem Aranha porque era um herói que apanhava, então, daí em diante eu comecei a fazer história em quadrinhos.*



O Homem-Aranha (Spider-Man) é um personagem fictício da *Marvel Comics*. É um dos mais importantes e populares super-heróis das histórias em quadrinhos, séries animadas, filmes e outras formas de mídia. Ele é conhecido como o personagem principal da Marvel. Suas revistas estão entre as mais vendidas do gênero no mundo há décadas. É a identidade secreta de Peter Parker. Foi criado por um dos mais bem-sucedidos criadores modernos de histórias em quadrinhos, Stan Lee e por seu grande

parceiro, Steve Ditko. Até muito antes da publicação de Homem-Aranha no meio da década de 60, os heróis seguiam um padrão mais ou menos uniforme de rigidez moral e retidão, tanto em suas vidas normais quanto quando travestidos em seus alter-egos. Além disso, foi o primeiro herói a ganhar dinheiro com o uso de seus poderes: Peter Parker vende fotos do Homem-Aranha para o *Clarim Diário*. Seus motivos, porém, são altruístas: ele ajuda a tia viúva e idosa a pagar as contas, principalmente o aluguel. É, portanto, um dos super-heróis mais humanizados das histórias em quadrinhos, o que o

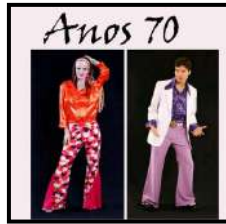
levou a um sucesso estrondoso e a uma competição direta de popularidade com ícones do nível de Superman e Batman. (Texto extraído da Wikipedia)

Acreditamos que a referência deste super-herói foi de fundamental importância na formação de Alemberg porque como ele era um herói que mantinha algumas qualidades humanas, isso alimentou no sentimento daquele garoto que ele também poderia ser um herói.

Este foi um período em que Alemberg estava refazendo a sua vida e construindo seu processo de formação, passando da fase da pré-adolescência e entrando na adolescência, tendo muitas experiências nas brincadeiras de ruas, nos banhos de rios com a molecada de Miranorte. Este momento, (década de 70) coincide também com um período em que o Brasil estava em processo de expansão e desenvolvimento, com a abertura de novas estradas e com o início dos movimentos políticos e sociais pela anistia e também dos grandes festivais de música.

Os anos setenta foram anos de contrastes que iniciaram com o apogeu do golpe militar no Brasil, mas também foi do declínio deste regime. Foram anos de massiva propaganda, anos de ditadura, falta de liberdade, censura e perseguições. Mas, foram anos de resistência, formada pelos intelectuais, estudantes, operários, artistas. Houve perseguições com prisões para todos que ousavam ir contra o regime. Muitos foram presos, torturados e banidos para fora do país. Anos de muita propaganda oficial. Anos dos slogans do “Brasil! Ame-o ou Deixe-o” e da dupla Tom e Ravel, cantores que em suas músicas exaltavam o Brasil contribuindo para divulgar o regime, tais como “Este é um país que vai pra frente” e “Ninguém segura a juventude do Brasil”.

Foi também a década em que o futebol esteve em pauta contribuindo para alienação do povo salientado pelo título de tri-campeão mundial, bem no começo da década, com o slogan "Noventa milhões em ação". Alemberg conta que no dia 15 de março de 1974, dia em que finalizou o mandato de Emílio Garrastazu Médice, a época mais repressiva do regime militar no Brasil com torturas e repressão à imprensa, seu pai deu-lhe uma surra para que marcasse na memória este dia.



O governo Médici ilustra como era possível para permanecer no poder sem popular apoio, sem um partido político e sem um programa

bem definido. Era o tempo das ações terroristas nas grandes cidades, repleto de seqüestros de diplomatas, incluindo o embaixador dos Estados Unidos, e uma extensa campanha antiguerrilha em Goiás Norte. O aparelho repressivo expandiu em várias agências, que espionado adversários políticos e engajados em truques sujos, tortura e "disappearings". Estas operações causaram uma ruptura aberta entre o governo e a hierarquia da Igreja Católica Romana, pela primeira vez na história brasileira.

O governo Médici envolveu-se na bandeira verde e ouro, quando o Brasil ganhou a Copa do Mundo de futebol em 1970, começou a construir a Rodovia Transamazônica através das florestas tropicais do norte, e represado do Rio Paraná, criando a maior represa hidrelétrica do mundo, em Itaipu

Essa foi uma época em que aconteceu a crise do petróleo, o que levou os estados Unidos à recessão, ao mesmo tempo em que economias de países como o Japão começavam a crescer. Nesta época também surgia o movimento da defesa do meio ambiente, e houve também um crescimento das revoluções comportamentais da década anterior. Muitos a consideram a "era do individualismo". Eclodiam nesta época os movimentos musicais do Rock and Roll, das discotecas, e também do experimentalismo na música erudita. (Texto extraído da Wikipédia)



Seu irmão Zil, como ele mesmo diz, foi um irmão que nunca teve, porque era bem mais velho que ele e tinha seu grupo de amigos, mas Alemberg sempre estava por perto observando e de certa forma, acompanhando o que o irmão fazia. Percebe-se que

ele foi uma figura que promoveu muita influência principalmente na música e nas histórias em quadrinhos, como ele mesmo comenta:

*E meu irmão aprendeu uma música de Nat King Cole que é aquela música “Catito mio”. Uma música cantada em espanhol. E um dia ele cantou para o homem do circo e o homem do circo o contratou para cantar. Então, ele era uma criança que cantava no circo e por eu ser irmão do cantor do circo... Então, meu irmão era artista, o primeiro artista que eu conheci. E ele colecionava revistas em quadrinho. Colecionava Tex. Que era um Ranger americano, com aquelas histórias que se passavam no velho Oeste. E, ele tinha as revistas do Tex. E tinha revista de Tarzan também. E influenciado por ele eu comecei a procurar os personagens que eu me identificava. O primeiro personagem com qual me identifiquei foi Ken Parker que também se passava no velho Oeste. O que me chamou a atenção em Ken Parker é que ele era humano. Ele era uma pessoa humana dentro de um cenário de pessoas rudes, as pessoas do velho Oeste.*

Observamos aqui, as influências recebidas do irmão na música e na literatura, mas percebemos também que Alemborg humanizava os heróis, se identificando com eles como uma forma de trazer para si as suas características. Assim, ele também podia ser um super-herói.

Consideramos importante trazer algumas informações sobre essas referências para que o leitor tenha uma visão mais clara sobre o processo de formação do sujeito aqui analisado, portanto, utilizamos a internet porque não temos a intenção de aprofundar o olhar sobre estas figuras, mas apenas apresentá-las como importantes referências em sua formação.



Nat King Cole, nome artístico de Nathaniel Adams Coles, (Montgomery, 17 de março de 1919 – Santa Mônica, 15 de fevereiro de 1965) foi um cantor e músico de jazz norte americano, pai da cantora Natalie Cole. Sua voz marcante imortalizou várias canções, como: Mona Lisa, Stardust, Unforgettable, Nature Boy, Christmas Song, "Quizás, Quizás, Quizás", entre outras, algumas das quais nas línguas espanhol e português, como é o caso da música aqui citada. Suas músicas românticas tinham um toque especial junto a sua voz associada ao piano, tornando-o assim um artista de grande sucesso. (Texto extraído da Wikipedia)

Como o irmão Zil era colecionador de revistas em quadrinhos e Alemberg lia todas suas revistinhas, recebendo muitas influências para a formação do seu caráter, formação de leitor e também na formação de desenhista, pois ficava no chão, perto da mesa de trabalho do pai, desenhando enquanto seu pai trabalhava.

Em suas experiências de vida, Alemberg desde criança se apresentou com uma capacidade de observação bem desenvolvida e se alguma coisa lhe chamava atenção, ele observava atentamente como aquilo funcionava e procurava imitar.

Foi assim no caso do desenho de gibis, quando influenciado pelo seu irmão que colecionava as revistinhas do Tex. Até hoje Alemberg não encontra muita facilidade de realizar leituras em livros que não contenham desenhos e/ou imagens.



Tex ou *Tex Willer* (que já foi chamado de *Texas Kid* quando foi publicado pela RGE), é uma personagem de banda desenhada (história em quadrinhos), criado em 1948 e originalmente publicada na Itália. Tex é uma das personagens de westerns mais longevas da história dos comics, sendo publicado em diversos países do mundo. (Texto extraído da Wikipedia)

Percebemos, então, que Alemberg começou a aprender a desenhar suas historinhas a partir da identificação pessoal com os personagens da ficção. Não era apenas aprender a riscar traços humanos, mas a desenhar personagens que contassem também a sua própria história, pois como vimos, ele identificava-se com aqueles heróis humanizados, que sofriam e apanhavam, mas que não deixavam de ser heróis por isso.

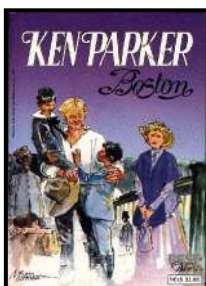
Fazemos aqui um link com o que Josso (2004, p. 78) fala sobre o processo de aprendizagem que segundo ela, passa por “etapas transversais que caracterizam o processo de integração da aprendizagem” a qual ela divide em 4 etapas que a autora não explica muito claramente sobre cada etapa especificamente, mas que aqui nos aventuramos a trazer nossa compreensão de como ocorrem:



1. Iniciação – é o momento que ocorre o interesse por aprender algo, ou seja, o que o motivou, o que chamou sua atenção;
2. Exercícios regulares – para alcançar a competência desejada é necessário um certo treinamento;
3. Manutenção – poder ser feita voltando sempre aos exercícios para manter a aprendizagem e;
4. Capacidade de transferência – é o momento de repassar o que aprendeu para outros.

Então, observamos que Alembert, mesmo intuitivamente, sem ninguém para lhe orientar, seguia estes passos da aquisição da aprendizagem tratados pela autora que ampliam a complexidade dos processos de aprendizagem quando agrega os “gêneros de aprendizagem”(p.78) que Josso o correspondem a três gêneros de conhecimento, tais quais: “o saber-fazer consigo mesmo (psicossomático), o saber-fazer com outrem ou com objetos mais ou menos complexos (pragmáticos) e o saber-pensar (explicativo e/ou compreensivo)”.

Então, outra influência recebida por Alembert foi do personagem Ken Parker criado por Giancarlo Berardi e Ivo Milazzo em 1974, tendo sido baseado num filme com Robert Redford e direção de Sydney Pollack. Este personagem mudou o conceito de quadrinhos publicados até então e se tornou cultural.



O personagem Kenneth Parker nasceu a 20 de novembro de 1844 em Buffalo, Wyoming, tinha como pais Lucy e Jed Parker. Tinha também um irmão, Bill, que seria assassinado no primeiro número da série, o que motivaria o herói a caçar os assassinos de seu irmão. Este acontecimento se dá em 29 de dezembro de 1868, quando o herói teria 24 anos. Ken recebeu durante suas aventuras o apelido de Rifle Comprido devido ao seu inseparável arcabuz Kentucky, usado na Revolução Francesa. Essa arma foi herdada de seu avô. Ken Parker estreou no Brasil em 1978, pela Editora Vecchi. Foram publicados 53 exemplares até agosto de 1983. Em 1990 Ken voltou com mais dois volumes pela Best News. A Editora Mythos retomou a publicação regular da série, presenteando os leitores com 18 edições desse herói tão cultuado pelos amantes de quadrinhos. A Tapejara está atualmente republicando todos os números deste

personagem, em ordem cronológica, tal qual foi publicado na Itália. (Texto extraído da Wikipédia)

Na época, em Miranorte não existia jornal impresso. Alemberg conta que o jornal chegava na cidade, um dia depois de sua publicação. A gente nunca lia notícia do dia. Também só pegava a Rádio Nacional de Brasília. E Alemberg teve contato com o primeiro programa de rádio que era um programa denominado 'Tia Leninha'. Um programa infantil que segundo ele, usava historinhas gravadas em pequenos discos coloridos.

Alemberg diz que

*Ficava encantado ouvindo esse programa de rádio. Então eu comecei a fazer história em quadrinhos. E a criar personagens. Criei uma Editora e eu gostava de criar gato, porque lá em casa tinha gato e coloquei em homenagem aos gatos, o nome da editora de Miau Legal (rs).*

Não encontramos nenhum registro deste programa em nossas pesquisas mas, voltando aos seus tempos de criança, dentre as brincadeiras de menino a preferida era o futebol que na década de 70 estava em alta, pois o time do Brasil tinha ganhado a Copa do México e todo garoto queria ser jogador de futebol. Ele diz que quando começou a se entrosar com os meninos da cidade de Miranorte,

*A gente fez um campinho de futebol, que chamava Campinho do Pé de Pequi. E nesse campinho, o que tinha de particular nele é que tinha um pé de pequi no meio do campo. Então, ele ficava no meio do campo entre uma trave e outra. O goleiro de um lado não via o goleiro do outro lado. Os meninos jogavam e eu jogava no gol. Desde que eu me entendo por gente, ainda menino aqui em Nova Olinda que eu já jogava no gol. Meu pai tinha um time de futebol profissional e tinha o juvenil. Os pequenininhos entravam primeiro para brincar antes e eu só lembro de mim jogando no gol. Lá em Miranorte eu continuei. Tinha um time da gente. E eu fazia uma revista Placar que era uma revista imitando a Placar. Eu desenhava e relatava o que estava acontecendo. Inclusive, eu relendo uma Placar hoje, pois ainda tenho algumas, mandei xerocar e fazer ela maior, num tamanho maior para eu levar para Miranorte, tinha relatos ali interessantes que a gente não se lembrava mais.*



“É uma das principais revistas sobre esporte do Brasil. Seu primeiro número data de 20 de março de 1970, é líder de mercado nesse segmento, apesar de ser voltada exclusivamente para o futebol. Pertencente ao Grupo Abril e originalmente de periodicidade semanal, hoje a revista é mensal. Atualmente, é comandada pelo diretor de redação Sérgio Xavier Filho e pelo editor especial Arnaldo Ribeiro”. (Texto extraído da Wikipedia)

Esta revista serviu de modelo para Alemberg criar a sua própria que tratava dos assuntos dos jogos de futebol que aconteciam no Campinho do Pé de Pequi. Trazia os jogos que iriam acontecer e comentários sobre o resultado dos jogos que já tinham ocorrido, sobre os jogadores, enfim sobre o mundo do esporte mais amado do país.



O **pequi** é uma árvore nativa do cerrado brasileiro, cujo fruto, embora muito utilizado na cozinha nordestina, do centro-oeste e norte de Minas Gerais, é considerado tipicamente goiano. Também é muito encontrado na região do Cariri. Dele é extraído um azeite denominado azeite de pequi. Seus frutos são também consumidos cozidos, puros ou juntamente com arroz e frango. Seu caroço é dotado de muitos espinhos, e há necessidade de muito cuidado ao roer o fruto, evitando cravar nele os dentes, o que pode causar sérios ferimentos nas gengivas. O sabor e o aroma dos frutos são muito marcantes e peculiares. Pode ser conservado tanto em essência quanto em conserva. (Texto extraído da Wikipédia)

Após a criação da revista e de uma editora aos modelos da Editora Bloc que surgiu a partir da Revista Placar, Alemberg mergulha no mundo do cinema, tudo num campo psicossomático do fazer consigo mesmo (Josso, 2004 ) apresentando-nos seus processo de aprendizagem e autoformação.

Para mergulhar neste campo das atribuições psicossomáticas foi necessário nos ancorarmos nas idéias de alguns autores humanistas como: Paulo Freire nas suas compreensões do “estar-ser no mundo”; no construtivismo genético de Piaget; na função das imagens mentais e do inconsciente de Jung, no conceito de autopoiesis de Maturana e Varela e na complexidade de Edgar Morin, tendo também como apoio os livros de Maria Cândido de Moraes.

Reconhecemos que não conseguimos dar conta de tal abrangência como desejaríamos, já que esta é uma tarefa que exige muita profundidade e anos de estudo, mas procuramos ter estes autores como parceiros e fontes de inspiração para nos servirem de guias nesta empreitada de interpretar a subjetividade do sujeito pesquisado na tentativa de aproximarmos do seu mundo invisível, buscando compreender como ocorre seu processo de aquisição de saberes.

Alemberg desde criança aprendeu a realizar seus projetos sozinho. Quando encontrava-se com algo com o qual se identificava, se encantava, então sonhava em fazer aquilo também, como foi o caso do cinema. E, fazer não somente para si, mas para todos os meninos da cidade.

Em Miranorte, existia um cinema, o *Cine Bandeirantes* onde era projetado alguns clássicos do cinema mundial e alguns filmes brasileiros de Mazaropi que também influenciaram muito a formação de Alemberg como cinéfilo, pois hoje ele além de ter assistido muitos filmes, também criou uma dvdteca na Fundação Casa Grande dando acesso a toda a comunidade de Nova Olinda ao que há de melhor do cinema mundial em cabines individuais e nas sessões de cinema que semanalmente acontece no Programa de Formação de Platéia do Cine Clube. Ele narra:

*Uma coisa que me chamou atenção também foi o Cine Bandeirante. A cidade tinha um cinema. Aquilo para mim era a maior novidade do mundo. Então, meu pai, quando era no domingo, dava um banho de óleo Johnson na gente e botava a gente para amolecer o grude a manhã todinha no sol. Depois ele pegava uma bucha daquelas buchas que você arranja do mato, botava para secar e quando era mais tarde, antes do almoço ele botava a gente para tomar banho e esfregava, esfregava que ardia o couro todo. Então, dava um dinheiro e esse dinheiro era para comprar suspiro ou Maria mole que eram as únicas coisas que dava para comprar com aquele dinheiro. Bombom, suspiro e Maria mole na porta do cinema e aí eu fui assistir à minha primeira sessão de cinema: Sansão e Dalila, com Victor Matoro. Eu fiquei encantado com aquilo ali porque eu me*

*transportei para aquela época. Rapaz, o que me encantou no cinema é que eles criaram um negócio que podia ir lá naquela época sem estar lá. A gente vivia naquela época sem precisar viver lá. Então, eu fiquei encantado com o cinema. Então quando fui ao cinema eu disse: \_Vou montar um cinema para mim e para os meninos. Eu já tinha uma editora. Então, montei um cinema. Tentei fazer cinema, eu comecei a pensar como é que eu faria cinema. O que eu via na tela era uma projeção que vinha de lá, e uma fita que passava, e passava naquela luzona e aparecia naquela tela branca e aparecia lá. Vi que tinha umas fitinhas com um monte de retratozinhos. Então, eu pensei: bem, se eu pegar um pincel, desenhar numa tira de plástico jogar uma lâmpada, vai projetar na parede. E assim eu fiz. Peguei uma caixa de papelão, fiz uma tira de desenho, joguei a luz por dentro do papelão e botei a luz e não apareceu nada. Então, fui botando mais perto da parede, mais perto da parede e ia querendo sair a imagem. Mas não dava definição. Então, desisti de fazer dessa forma.*

A partir deste momento, ele ficou estudando como iria fazer seu cinema e começou a realizar algumas experiências com materiais que dispunha em casa como seus próprios bonecos de plástico, caixa de papelão e figuras de revistas. Observava que tinha um burquinho no escuro que saia um foco de luz que projetava as imagens na tela. Então fez a experiência com umas tirinhas de papel com desenhos de revistas em quadrinhos coladas que iam rodando, mas não teve o resultado esperado.

Assim, verificamos que o processo de aprendizagem vivenciado pelo sujeito foi um processo individual totalmente envolvido pela emoção, criatividade e motivação (Nuttin, 1985).

Ressaltamos a persistência na experiência, pois mesmo não dando o resultado esperado no início, ele não desistiu e deu continuidade ao estudo de como fazer cinema. Ia assistir aos filmes e ficava estudando, pensando como fazer, criando suas próprias hipóteses.

*Peguei as revistas que meu pai trazia e comecei a recortar os quadrinhos e tentar fazer cinema com a caixa de papelão, com um rolo. Enfiava com um palito, de um lado e do outro, passava um rolo de lá para cá, com cola na frente da caixa. Cortava do tamanho do quadrinho e ia passando com esse rolo e com o quadrinho na caixa. Só que também não deu certo porque ali, eu não tinha duas revistas e nem todo quadrinho era do mesmo tamanho. A boca da frente não pegava direito o tamanho do quadrinho. Tinha*

*um que era maior e outro que era menor. Então, teria que ter no mínimo duas revistas e ninguém tinha condições de ter duas revistas naquela época. Uma revista já era difícil. Um dia, meu pai construiu uma sala na frente de casa, para montar uma Papelaria. Ele mandou a gente lavar o salão quando os pedreiros terminaram tudo e ainda estava sem energia elétrica. Ele acendeu um lampião a gás e fomos lavar. Quando eu estava lavando eu vi minha imagem projetada bem grande na parede, chega dobrava na parede. Eu disse: \_ Pronto, está aí! É isso! Cinema é isso! Fui para frente e fazia cachorro com a mão e descobri o cinema assim. Então, o que foi que fiz: peguei aqueles neguinhos que vinham pregados em chiclete e fiz uma caixa de papelão. A primeira caixa foi de lata. Depois peguei aquelas caixas de bebida, de refrigerante que na época vinham em caixa de madeira. Peguei e botei um pano na frente, preguei o pano todinho e na frente eu colocava o boneco e pegava a lanterna de meu pai e projetava. Os meninos na frente viam os negões bem grandes. E peguei um gravador emprestado de meu pai e na época tinha surgido um grupo por nome Baianos e os Novos Caetanos, que era Chico Anísio, Arnould Rodrigues, e ele tinha uma música por nome “Urubú tá com raiva do boi”, então fiz como no cinema da cidade, no cine Bandeirante, de seu Chico Bandeira que colocava na amplificadora, tinha uma amplificadora no cinema e eu comecei a copiar o cinema. Então, a amplificadora tocava aquela trilha de bang-bang à italiana. Tocava todas as músicas do Were Morricone que tinha no disco de vinil onde na capa era um cowboy deitado, escorado com o chapéu por cima do rosto e tocava, tocando, tocando aquela música chamando os meninos para o cinema. A derradeira música que tocava, a gente ficava em casa esperando e quando tocava o “Tema de Lara”, já sabia que era a última chamada. Então, os meninos corriam todos e lá dentro do cinema continuava, passava do externo e ia para dentro. A derradeira música lá dentro era aquela nanarananaranana. Depois daquilo ali apagavam as luzes e começava o filme. E aquilo ali tudo eu via como era que funcionava para botar dentro do meu cinema. Como eu não tinha aquela trilha, eu colocava a música “Urubu ta com raiva do boi”. Quando terminava essa trilha eu começava a fazer a segunda parte da trilha que era toda feita por mim. Então eu tocava todas as músicas, assobiava e eu fazia todo. Tinha uma que era assobiada e eu tirava todinha num fôlego só. E os meninos iam chegando e eu fazia os cartazes. E fiquei pensando numa forma de cobrar a entrada. Notei que lá em casa, meu pai precisou comprar fósforo porque no fogão tinha acabado então, tive a idéia de colocar*

*palito de fósforos como ingresso. Assim, lá em casa não faltaria mais fósforos e eu seria a pessoa que estava contribuindo com a renda familiar dando o fósforo.*

Surge daí, além do criador do cinema, com todo o contexto de cartazes, músicas, etc., também nasceu o empreendedor preocupado com a situação financeira da família com um sentimento de participar e colaborar com a renda familiar e pelo bem comum.

Ele complementa com a criação da meia entrada no cinema e narra que produziu três filmes:

*E chegou a Miranorte na época, uma coisa também da meia entrada de cinema. E eu fazia a meia entrada. Então eram dez palitos de fósforos e quem tinha a carteirinha pagava só cinco. Eu achava muito legal. Achava mais legal quando recebia os cinco porque o menino puxava aquela carteirinha e mostrava então percebia que estava funcionando. Então, eu fiz três filmes: “Sansão e Dalila”, o outro foi “Ouro de Mackener” que era um faroeste e o terceiro” Santos e o Mascarado” que era um personagem de um livro que tinha na época.*

Portanto, Alemberg tem um grande repertório do “saber-fazer consigo mesmo” demonstrando que ele não buscava um professor, um mestre, mas que tinha total autonomia para sonhar, pensar e realizar seus sonhos.

As narrativas realmente criam espaços para o sujeito identificar suas experiências mais significativas que se transformaram em aprendizagens, a falarem de si e assim, refletirem e compreenderem a si mesmos e aos outros. Também possibilita a quem escuta, aqui no caso, a pesquisadora refletir sobre o seu próprio percurso de vida. Ambos, pesquisado e pesquisadora são chamados a pensar e compreender determinados aspectos da vida pessoal e profissional e as inter-relações que foram se formando ao longo da vida, enfim a se perceberem nos seus processos de formação.

A este respeito, Moraes (2000, p.82) comenta que:

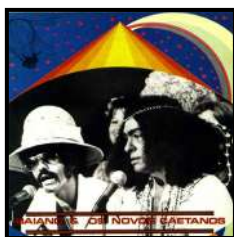
A narrativa de vida, usada na pesquisa, pode ser afirmada como uma alternativa de formação, na medida em que cria um espaço para que os sujeitos envolvidos (na interação narrativa – oralização e escuta) possam rememorar, remirar e falar sobre as suas práticas, tentando refletir, compreender e interrelacionar idéias e sentimentos que antes

nunca haviam sido expressados e, muitas vezes, nem sequer percebidos.

Na fala acima observamos claramente como foi o processo de aprendizagem de Alemberg ressaltando o olhar observador daquele menino que soube usar todos os passos da realização do cinema, do cartaz, as músicas até a projeção do filme.

Surge aí também, o Alemberg preocupado em contribuir com a renda familiar que de forma criativa e empreendedora tem uma idéia genial para cobrar os ingressos do cinema.

Com a intenção de trazer o mais próximo possível a realidade vivenciada pelo sujeito aqui analisado, apresentamos a letra de *Urubu tá com raiva do boi*, do grupo Baiano e os Novos Caetanos que é o nome de um trio musical composto pelos humoristas Chico Anysio, Arnaud Rodrigues e Renato Piau satirizando no título o conjunto Novos Baianos e o cantor Caetano Veloso.



A dupla formada por Baiano e Paulinho Boca de Profeta (personagens de Chico Anysio e Arnaud Rodrigues, respectivamente, no programa humorístico Chico City) nascida nos anos 70 como uma sátira ao tropicalismo, trazia em suas canções letras divertidas e engajadas e um instrumental de primeira, com belos arranjos de violões, sanfonas e cavaquinhos, entre outros instrumentos. Clássicos como "*Vô Batê Pá Tu*", que fala das delações na ditadura, e "*Urubu Tá com Raiva do Boi*", uma crítica à situação econômica do país e ao falso "milagre econômico brasileiro", e a bela "*Folia de Reis*", fizeram de Baiano & Os Novos Caetanos um nome significativo no universo do samba-rock e da música rural. (Texto extraído da Wikipedia)

Urubu tá com raiva do boi,  
 E eu já sei que ele tem razão  
 É que o urubu tá querendo comer  
 Mas o boi não quer morrer  
 Não tem alimentação  
 Urubu tá com raiva do boi,



E eu já sei que ele tem razão  
 É que o urubu tá querendo comer  
 Mas o boi não quer morrer  
 Não tem alimentação  
 O mosquito é engolido pelo sapo,  
 O sapo a cobra lhe devora.  
 Mas o urubu não pode devorar o boi:  
 Todo dia chora, todo dia chora.  
 Um-de-a-dá

Gavião quer engolir a socó,  
 Socó pega o peixe e dá o fora.  
 Mas o urubu não pode devorar o boi,  
 Todo dia chora, todo dia chora.

Assim, podemos perceber que movimento cultural estava em emergência no Brasil naquele período vivido por Alemberg e agregar mais essa influência no seu histórico.

Identificamos aqui, uma metodologia de aprendizagem do “aprender fazendo” ou aprender pela experiência. Para aprender desta forma, alguém deve interagir com o objeto do qual procura conhecimento, seja ele um esforço atlético, um experimento científico, uma situação social ou a vida em geral. Através dos desafios e *feedbacks* de tais experiências, a pessoa supostamente deriva princípios apropriados para retenção, os quais ele pode aplicar a outras situações similares.

John Dewey (1978) incentivou a prática educativa do *learn by doing*, ou seja, *aprender fazendo*, colocando o caráter insubstituível da experiência no centro do processo educativo, incutindo à escola a função de possibilitar que a criança, ao experimentar e concluir sobre o resultado da sua experiência, proceda a um questionamento permanente.

Encontramos aqui, a formação de Alemberg educador popular através da aprendizagem vivenciada, pois ele interagiu com o objeto, se encantava, observava o como fazer e ia realizando experiências até chegar ao resultado esperado, sem desistir ao longo do caminho. Não se tem nenhum registro de desistência por falta de equipamento, materiais, condições financeiras, etc.

Suas narrativas iluminam o que seria a vida profissional revelando o que o levou a escolher a profissão de educador popular e produtor cultural e, assim, ele pode compreender que sua formação profissional inicial está totalmente interligada à sua vida pessoal, comprovando que o pessoal e o profissional são inseparáveis.

Os primeiros estudos sobre o ciclo de vida ou desenvolvimento profissional juntamente com o interesse pelo estudo biográfico avançam a partir da década de oitenta, indicando que a vida profissional é marcada por fases e ciclos.

Huberman (1995) delimitou uma série de seqüências ou de maxiciclos que atravessam as carreiras das pessoas dentro de uma mesma profissão. No início da carreira de Alemberg como educador popular, por exemplo, tal como em suas narrativas, verificamos a fase de exploração, marcada por escolhas provisórias e pela experimentação de papéis, e a fase de estabilização, assinalada pelo compromisso e pela aquisição de papéis e responsabilidades de maior importância ou prestígio. A evolução de uma fase a outra só foi possível pelo fato de a fase de exploração ter sido bem sucedida, tal como lhe ocorreu no caso do sucesso das pesquisas e dos festivais resultando na criação da Fundação Casa Grande como um local onde o educador popular pode se expressar e realizar sonhos juntamente com e para crianças e jovens do sertão cearense.

Portanto, ao narrar sua trajetória de vida, Alemberg passa por um processo de reflexão, com uma melhor compreensão do percurso vivenciado no passado, relacionando-o ao presente. Teorizando esse aspecto da narrativa, Chené (1988, p. 96) comenta que:

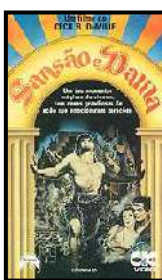
[...] a narrativa leva à compreensão do percurso da formação. Na prática, permite igualmente que o formador encontre o seu projeto de ser e se forme através da fragilidade das figuras que tomam no tempo da narração e se reaproprie do julgamento de competência que se faz sobre si próprio.

Continuando sua narrativa, Alemberg diz:

*Então, eu passava esses filmes. Aquilo que ia assistindo ia também fazendo cartazes e projetando. Eu me lembro de 3 filmes que cheguei a projetar várias vezes, fizr eles várias vezes: primeiro foi “Sansão e Dalila” onde durante muito tempo fiquei passando e os meninos assistindo. Mais uma vez eu me via dentro de um presépio de contação de história para criança da minha idade. Então eu fazia o roteiro do filme*

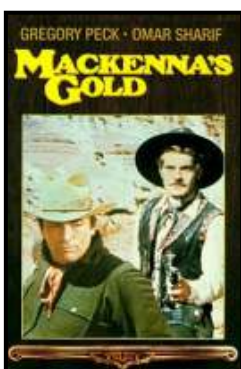
*todinho. Eu fazia a trilha sonora, a fala dos personagens e roteirizava. E impressionante é que a meninada se emocionava. Na hora que o artista corria atrás do bandido, a meninada gritava êêêê... Fazia tudo aquilo e eu fico imaginando hoje, eu grande assistindo aquilo ali acontecendo o que eu filmava, todo mundo entrava na história. O outro foi o “Ouro de Mackenna” que era um faroeste e o outro era “Santos e o Mascarado” que era um personagem de um livro que eu tinha na época.*

Trazemos mais algumas informações sobre os filmes recriados por Alemberg:



**Sansão e Dalila (Samson and Delilah, no original)** é um filme estadunidense de 1949 do gênero Épico realizado por Cecil B. DeMille. O argumento do filme foi adaptado de uma história bíblica, o livro dos juízes. Possui cenas clássicas como a famosa e monumental destruição do templo. Conta a história do hebreu Sansão, famoso pela sua força descomunal, fica noivo de uma mulher filistéia chamada Semadar.

Ela é morta durante as vésperas do casamento pelos inimigos do hebreu, mas Sansão é que acaba acusado. A irmã de Semadar, Dalila, que não sabe da verdade, tenta se vingar e descobrir o segredo da força de Sansão. (Texto extraído da Wikipedia)



**O Ouro de Mackenna/ Mackenna's Gold:** Bandidos, mocinhos que não são bem mocinhos, a cavalaria e os índios se misturam neste western sobre a procura de um mapa que revelaria a localização de um extraordinário veio de ouro. De J. Lee Thompson, EUA, 1969. com Gregory Peck, Omar Shariff, Julie Newmar, Camilla Sparv, Telly Savanas, Lee J. Cobb e outros.

(Texto extraído da Wikipedia)

Quanto ao terceiro filme, *Santos e o Mascarado* não encontramos nenhuma informação nas nossas pesquisas então, conversando com Alemberg, este nos falou que recentemente viajou para o México e teve a oportunidade de visitar uma exposição sobre

este filme, podendo recordar aquelas experiências e trazer este filme para acrescentar ao acervo da Dvdteca da Fundação.

Concluimos esta primeira parte de sua narrativa reconhecendo que a educação brasileira é carente desse tipo de ensino-aprendizagem que possibilitem para as crianças e jovens a arte de sonhar e de realizar seus sonhos de forma autônoma e com esperança. Ensinar a criar as suas próprias oportunidades, desenvolvendo a criatividade e o pensamento reflexivo.

Aqui se fazem pulsantes as palavras de Paulo Freire (1992) quando dizia que “Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança.”

Pelo que sabemos Alemberg também não foi para a escola aprender música. José Henrique, principal referência como formador cultural, diz que ele ainda garoto ficava grudado olhando como ele tocava.

Os depoimentos memoriais de Alemberg demonstram que a base do seu aprendizado é o *aprender fazendo* e esta é a metodologia que ele utiliza nas suas práticas educativas com crianças e jovens gestores culturais na Fundação Casa Grande.

Assim, revisitamos um tempo passado da vida de Alemberg que ao recontá-lo, potencializou novos significados do seu presente e proporcionou a construção do devir, em consonância com a forma como Cavaco (1991, p. 157) vislumbra esse movimento no meio físico e social.

Num universo saturado de informação tecem-se as palavras e os fatos, as regras e os usos, os implícitos e os explícitos, em processos de fluidez movediça, reveladora do jogo das forças contrastantes. O sentido das coisas torna-se difuso e, todavia, em cada um de nós coexistem, em cada momento, memórias do passado e expectativas de futuro que se combinam na forma como vivemos o presente e contribuimos para o modelar, projetando-o no devir.

Concluimos esta primeira etapa onde pudemos perceber as principais influências recebidas por Alemberg no seu processo de formação como educador popular na fase da infância e adolescência.



**Fotografia 5: Alemberg e Rosiane participando de um festival de música**

## **2.2. O processo de formação de um jovem músico e pesquisador**

O que o homem fala e escreve  
e como fala e escreve, tudo é expressão objetiva  
de seu espírito. Por isto, pode o espírito refazer o feito,  
neste redescobrimdo o processo que o faz e refaz.

Paulo Freire

As reflexões que seguem têm por objeto dar continuidade à análise sobre os aspectos individuais da formação de Alemberg Quindins como músico e pesquisador dos sons, lendas e mitos da região do Cariri no período de sua juventude vivida parte em Miranorte-TO e parte na cidade Crato-Ce.

O fato de Alemberg contar aspectos de sua vida numa dimensão que perpassa o conjunto de momentos vividos na contribuição de sua formação musical e cultural que o tornaram o produtor musical e cultural de hoje foram construídos na medida em que fomos juntando os episódios e experiências de vida ordenando, tematizando, interpretando estes acontecimentos da sua existência, numa busca de dar sentido e compreensão para sua vida.

Esta mediação autobiográfica que produz a narrativa de formação denominada de ‘biografia educativa’ (Dominicé, 1988a; Josso, 1986) nos permite trabalhar com as narrativas que trazem recordações consideradas como experiências significativas das aprendizagens e dos processos evolutivos dos itinerários sociais e culturais do sujeito como também das representações que fizeram de si mesmos e do seu meio ambiente.

Josso (2004, p. 47) nos esclarece que “Essas experiências são significativas em relação ao questionamento que orienta a construção da narrativa, a saber: o que é minha formação? Como me formei?”

Então, procuramos analisar as narrativas formadoras de Alemberg Quindins sob o ângulo de suas aprendizagens simbolizadas por suas atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer e sentimentos que caracterizam sua identidade e subjetividade.

Nesta análise percebemos que a formação musical de Alemberg teve início quando ainda com cinco anos, observava um tio seu, irmão da sua mãe, por nome de José Vagner que aparecia em visita à sua casa e ficava tocando violão e cantando. Ele conta que

*Quando ele deixava o violão num canto eu pegava e mexia para lá e para cá. Eu não sabia que tinha que dá nota no braço. Eu pensava que bastava você bater nas cordas e ele já saia tocando. Depois, lá na frente com uns nove anos de idade eu aprendi a tocar. Eu era goleiro no time dos meninos, quebrei a perna e um amigo me emprestou um violão e me ensinou três notas para eu ficar tocando. Fiz uma música que falava do momento que eu estava vivendo, de procurar entender o que era o mundo.*

Após esta fase da infância e pré-adolescência de Alemberg, encontramos em sua narrativa uma figura que merece um destaque na sua formação musical que o influenciou na aprendizagem de instrumentos musicais como o violão e na construção do

seu repertório e que também lhe trouxe muitas aprendizagens na sua formação como pessoa.

Esta figura é José Henrique que na época em Miranorte, já era um rapaz, mais velho que Alembert e que na verdade fazia parte do grupo de amigos de seu irmão Zil.

Antes de conhecer José Henrique, seu irmão montou um conjunto musical de lata e o convidou para tocar apito. Assim, Alembert teve a primeira experiência prática com a música, como ele mesmo relata:

*Meu irmão resolveu montar um conjuntinho de lata e me chamou para tocar apito. A música de mais sucesso que nós tocávamos no conjunto era Pinduca.(rs) de Carambola de Belém do Pará. A gente tocava a música: “Andorinha que vêm, andorinha que vai, cantar no verão, no inverno não sai, vai tocando assim...” Então, o apito apitava - pit. “Para mamãe e o papai – pit”. Eu era o tocador de apito da banda. Era eu no apito, Muchiba na guitarra, e Muchiba depois virou soldado da polícia, e o meu irmão na bateria, porque ele era o dono do conjunto então, a bateria era dele que era o instrumento mais importante. E Muchiba fazia transranranran. O primeiro guitarrista da bandinha de lata da Casa Grande foi o Muchiba. (rs) porque foi o Muchiba quem primeiro criou esse estilo que a bandinha de lata hoje toca aqui. Então, se a gente fosse perguntar quem foi que criou isso aqui dos meninos tocando, de quem que copiei isso aqui, eu copiei do Muchiba. E o Muchiba era magro, feio e ruim. (rs). Todo dia era expulso da escola. É tanto que deu para soldado. Até hoje eu tenho saudade de Muchiba. Muchiba era porque era aquele menino velho, magro, mucho. Os meninos eram tudo assim, era Muchiba, era Orelha de Macaco, era Raimundo amassa égua, era Boca de égua, e eu era Jumenta Ceará. Meu apelido era Jumenta Ceará. Então, todo mundo tinha apelido. Menino não tinha nome não, menino tinha apelido. Menino quando ia ganhar um nome já era grande. E a dificuldade quando a gente começava a namorar, os meninos apelidando a gente: \_Ei Jumenta Ceará. Era uma vergonha. A gente tinha vergonha das meninas porque a gente estava se pondo homem e as meninas ficavam constrangidas também.*

Foi após este episódio que Alembert conheceu José Henrique que foi a pessoa que começou a apresentar músicas para um grupo de jovens amigos incluindo seu

irmão Zil e Alemberg sempre estava por perto ouvindo as músicas, as conversas e as lições daquele músico.

Alemberg sempre estava junto do seu irmão Zil e dos seus amigos, sem muita participação, mas como exímio observador e dentre esses amigos encontramos uma pessoa que exerceu uma grande influência na sua formação como músico e produtor cultural além de alguns valores que serviriam para realizar seus sonhos. Essa pessoa é Zé Henrique que vem ocupar o lugar central desse momento formativo.

Em muitos momentos de suas falas Alemberg cita José Henrique como

*Um grande professor de gestão cultural. Assim, de formação cultural que eu tive. Quando a gente era menino, todo mundo queria reproduzir Zé Henrique, pois ele era um líder. Eu tive toda a formação quando eu fui para a rua e encontrei Zé Henrique que foi uma pessoa que através da música ele deu um direcionamento pra gente.*

Aquele adolescente sempre ficava por perto olhando José Henrique tocar, pois este vivia da música. Era daqueles caras bem comuns de encontrar no interior do Brasil que não tinha ocupação profissional nem muito o que fazer e vivia de bar em bar a tocar violão, a filosofar agregando pessoas e fazendo amigos. Amado por uns e discriminados pelos mais conservadores do lugar. Então, acompanhando este grupo de amigos estava Alemberg que ficava aprendendo com as músicas que José Henrique tocava e com as coisas que ele falava e para isso ficava a fazer mandados como um menino de recados porque quando precisava de algo ali na roda de bebida ele dizia:” \_Vai comprar ali um fósforo”. Então, ele saía correndo, feliz porque foi lembrado ali na roda.

E continua a falar entusiasmado:

*Zé Henrique foi uma pessoa que começou a mostrar música para nós. Foi a pessoa que trazia as músicas, que provocava a conversa com a gente e dizia coisas através da música! Tipo assim: \_ Ó moleque tu vai ser gente, tu vai sair daqui e vai ser gente. Vai à luta, está entendendo. Não fica aqui não. Vai, vai. Miranorte precisa de tu, que tu sejas gente. Ele estava querendo que alguém dali fosse gente . Então, a luta dele era essa, ele educava a gente por trechos de músicas. Era Belquior, Fagner. Então eu me lembro que a gente cantava: “Amigo a gente encontra, o mundo não é só aqui, repare naquela*



*estrada...” mandando a gente ir embora “... que distância nos levará...” Então era assim que ele dizia as coisas para a gente. Aquela música “Como diria Dilan”, “Escreva a sua história com suas próprias mãos”. Era mensagem na cabeça da gente o tempo todinho. E a gente se sentia, vamos dizer assim instigado a dar certo, instigado a ser gente. O sonho nosso, assim como ele chegava com aqueles discos era a gente também chegar um dia com os discos debaixo do braço. Do jeito que ele chegava com os discos debaixo do braço pra gente um dia e assim, a gente um dia chegar naquela roda de pessoas de novo e dizendo? \_ Eu estou aqui. É como se ele quisesse mandar projetos e receber valores. Então, era uma coisa muito viva na gente. A gente tinha como se fosse naquele círculo de pessoas um exercício de compromisso. E Zé Henrique fazia isso, ele tocava, sabe. Por exemplo, “A resposta está soprando no sopro do vento”, “Ei, você que está aí...” E entrava aquela música “ Quantos caminhos deve... até ser aceito como homem...” Então eu ficava pensando naquilo, sabe.*

Alemberg ainda garoto, ficava grudado em José Henrique admirando aquele moço cantando em inglês as músicas de Bob Dilan, e ambos tornaram-se os grandes ídolos daquele menino observador.

Ele conta com um sentimento de reconhecimento:

*Eu fui crescendo nessa cidadinha quando conheci o Zé Henrique ele já era um rapaz dos seus 18 anos ou mais de 18, na época, que tocava violão. Tocava violão, e reunia aquela geração do meu irmão, do meu irmão mais velho. Conseqüentemente, eu acompanhava meu irmão, até conhecer ele. Zil contava a história desse Zé Henrique para nós, que Zé Henrique aprendeu a cantar inglês com os padres que ele conheceu, que Zé Henrique tinha um órgão na igreja e ele chegou a tocar piano. E as primeiras vezes que eu vi Zé Henrique foi ele tocando Bob Dilan. Ainda hoje me lembro. Eu achei muito bonito uma pessoa tocando uma coisa que eu não entendia. (rs). Tinha uns 10 anos, 12 anos. Eu achei aquilo ali uma coisa muito... Aquilo ali era uma coisa muito grande para mim. Aquilo ali para mim...*

Então, para ele, José Henrique foi um professor que lhe ensinou alguns valores da vida através da música e de suas mensagens:

*A gente conhecer os compositores e perceber o que eles estavam falando. Então, ele me ensinou a ouvir de Bob Dylan a Elomar. Existia uma diversidade, mas ouvíamos o que cada um tinha para dizer. Você perceber a qualidade de um e a qualidade do outro. Perceber a diversidade de informação através da música.*



**Fotografia 6: Alemberg e José Henrique**

Percebemos na fala acima o reconhecimento pelo José Henrique como a maior influência na formação musical e isto deu-se não de maneira formal, instrumental, mas informalmente.

Então, Alemberg ficava sempre pertinho observando José Henrique tocar seu violão, pedia para ele lhe ensinar e o rapaz colocava o violão por entre suas pernas para que o menino se abraçasse com aquele instrumento, o sentisse e colocava seus pequeninos dedos por entre as cordas.

Tivemos a oportunidade de entrevistar José Henrique no ano de 2008 quando este passou por Fortaleza vindo em visita a Alemberg no Cariri e ele nos falou emocionado, pois em alguns momentos, lágrimas rolaram de seus olhos por recordar desses momentos vivenciados em Miranorte e se surpreendendo pelo reconhecimento de Alemberg pela sua pessoa como seu formador musical e cultural.

Há certa altura da vida, José Henrique passou em um concurso da Caixa Econômica Federal e foi deslocado para uma cidadezinha do interior do Maranhão, que ninguém queria ir para lá, mas que foi escolhida por ele porque era a que ficava mais perto de Miranorte, onde seu coração estava plantado e que tinha um compromisso com aqueles amigos ali deixados. E Alemberg conta que:

*Ele passou num concurso da Caixa Econômica. Ele não tinha emprego, não tinha nada e era até marginalizado na cidade, e quando passou no concurso nos disse: \_Olha, esse emprego não é meu, esse emprego é nosso. Agora a gente vai ter condição de comprar livro, comprar disco, então começou toda nossa formação através da música.*

Percebemos nessas palavras, o sentimento de solidariedade e responsabilidade que José Henrique desenvolveu por aqueles garotos que o rodeavam e escutava suas mensagens e sua música. Claro que tudo isto regado a muita cerveja.

Então, neste período Alemberg teve contato com músicas de Bob Dylan (ainda hoje é colecionador de todas suas músicas), Elomar, Fagner (outra grande referência), Zé Geraldo, Chico Buarque, enfim, os grandes nomes da Música Popular Brasileira.

Este “sujeito biográfico” aqui representado pela fala de Alemberg se constitui na relação entre sua biografia com as experiências vividas, definido pelas reflexões de si por meio das lembranças e das imagens que guardou de si mesmo e dos encontros que realizou durante sua trajetória de vida.

De acordo com T. Schulze<sup>10</sup> o sujeito biográfico se constitui na relação entre a biografia como o vivido e como o texto. Ao sujeito biográfico, definido pela reflexão de si, pertencem as lembranças e as imagens que ele guardou dele mesmo, a consciência que construiu de si e das formas nas quais se concretizou. Portanto, o sujeito é produto e produtor de sua biografia.

Assim, ao distinguir o sujeito, as experiências vividas e a narrativa biográfica, Schulze (1993) constrói um primeiro modelo de aprendizagem biográfica. De acordo com o autor citado, o narrador faz a reconstrução de sua vida relacionando experiências e acontecimentos buscando dar visibilidade ao processo de desenvolvimento de seu percurso formativo que também constitui a identidade individual. Assim, constrói através da relação de suas experiências de aprendizagem na posição de sujeito de uma história responsabilizando-se pelo curso de sua vida.

---

<sup>10</sup> Esta referência se encontra em um resumo/tradução do texto “*Les histoires de vie en formation: la reconstruction du sujet*” (contido no livro: Les histoires de vie: de l’invention de soi au projet de formation de autoria de Christine Delory- Momberger) realizado pela Profa. Dra. Nilce da Silva na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (2005).

Dando continuidade ao itinerário formativo de Alemberg, ainda em Miranorte e já com 18 anos, jogava futebol como goleiro e tinha um biotipo baixinho, franzino e na hora de formar o time, o técnico não o escalou:

*E não sobrou nada para mim e eu disse: \_E eu, não vou jogar não? E ele passou a mão na minha cabeça e disse: \_Cresça e apareça. Aquilo ali para mim (rs) O sofrimento que eu tive. Naquela baixa estima que eu estava, eu disse: \_Eu vou-me embora de Miranorte. Não vou ficar mais aqui não. E eu vou conhecer o mundo. Ai vim embora. Alistei-me na Marinha porque queria conhecer o mundo e fiquei um ano aqui no Crato. Quando cheguei aqui no Crato eu me admirei muito porque aquelas figuras que a gente ouvia falar como Alceu Valença e outros, eu estava ouvindo e vendo por aqui. Então, comecei a ver essa força que o Nordeste tem porque lá a gente só recebia os discos e aqui, comecei a ter isso mais próximo.*

Ele relembra:

*Quando cheguei a Crato, eu lembro muito de “Sampa”, de Caetano chegando a São Paulo. Para mim, eu estava chegando da floresta e aqui era a cidade e eu ficava pensando assim: “Há! Meu Deus, será se um dia eu vou ser reconhecido nessa cidade? Para mim Crato era “a cidade”. Eu ouvia meu pai dizer que quem tinha uma casa no Crato era rico. E estava no nosso registro. E quem nascia no Crato... Crato era a cidade. Então, morar no Crato era a maior riqueza. E ser reconhecido no Crato, não era ser reconhecido em São Paulo ou em Nova Iorque e sim no Crato (rs). Pois é, “Só no Crato mesmo”. Porque tinha essa coisa do Crato.*

Ao chegar a Crato, foi morar com sua tia Pepinha que o apresentou a Rosiane Limaverde, uma jovem que cantava na Igreja da Sé e coordenava trabalhos com os jovens para envolvê-lo nos movimentos de música da igreja. Sobre sua relação com Rosiane trataremos mais adiante.

Ele foi procurá-la na igreja com um bilhetinho da tia para que ela o aceitasse como parceiro para tocar nas músicas da missa, mas ele achou que ela não lhe deu muita atenção inicialmente. Depois ficaram amigos e quando ele teve contato com o poeta Osmar Figueiredo, criaram uma banda que recebeu o nome de “Os Meninos dos

Quindins” que se referia não ao doce, mas Quindim era uma localidade do sertão. Um lugar longe, lá dentro do sertão, chamava “lá nos Quindins”.

Alemberg narra como foi a criação do grupo musical no Crato, no início de sua carreira artística:

*Eu montei um grupo chamado “Os Meninos dos Quindins”, eu e Osmar, Osmar Figueiredo que era uma pessoa, que lá no Canto Cariri, quando eu fiz uma música eu coloquei o nome dele: “Osmar Figueiredo canta a cratera enverdejada, passeando em suas encostas, sua terra abençoada. Crato canto Cariri...” Eu fiz essa música. Que foi uma homenagem a essa época e participei desse grupo e fiz a música “O Misto”, junto com ele. E nós dissemos: \_Como é o nome do grupo? A gente precisava do nome de uma pessoa. Que era assim. Ou o nome de um lugar, assim: “O quinto dos infernos” ou assim “Fim de mundo”. Como é o nome de um lugar que fica bem longe? Bem ermo? D. Oziléia, mãe de Osmar passou e disse: \_Eu sei um lugar, lá nas “Baixada dos Quindins”. Ai, nós botamos e na música diz “ Joaquim de Joaquina lá da Baixada dos Quindins, lá de num sei aonde... ai a gente pensou... como é que nós vamos botar o nome... Vamos botar “Menino dos Quindins”, lá não sei de onde. Ai engatou. Botamos e convidamos Rosiane para participar. E Rosiane veio participar do grupo e a gente fazia shows. Eram três naipes de sopro, um violão no solo, um violão baixo e uma flauta. E Rosiane cantando comigo e com o tempo o grupo se dissolveu porque eu fui embora e ficaram me chamando de Alemberg. Eu era novo aqui, ninguém me conhecia no Crato. Alemberg, que Alemberg? Aquele dos “Meninos dos Quindins”. Aquele Alemberg Quindins, Alemberg Quindins. E ficaram me chamando de Alemberg Quindins. Foi um apelido, não foi um nome que eu botei, foi um nome que por eu não ter referência nenhuma no Crato. Então, botaram esse apelido.*

Após a banda se desfazer ficou a denominação de Alemberg Quindins.

*Depois que acabou a banda, ficou o apelido Alemberg dos Quindins. Ficou Alemberg Quindins, Alemberg Quindins. Eu pejejei para tirar esse apelido Quindins, mas já era tarde. Foi um apelido botado pelos outros. E ficou Alemberg Quindins. Não foi uma coisa minha, eu adotei porque era o referencial. Hoje, vem outro sobrenome que é Alemberg Quindins da Casa Grande, então, as pessoas dizem Alemberg da Casa Grande. Então, assim, a Casa Grande ficou muito ligada ao meu nome, eu não acho*

*nada disso ruim, vai agregando momentos de minha vida, valores de minha vida, porque na época dos Meninos dos Quindins a gente produziu, era uma banda que tinha uma produção musical e falava mais essa abordagem social, da seca, da aridez do Nordeste e ficou esse nome de Alemberg Quindins. Muita gente me conhece mais por Alemberg da Casa Grande. Eu estou mais é para agregar valores mesmo, assim, acho que o importante é sempre agregar valores, está sempre aberto para agregar valores.*

Portanto, percebemos na trajetória de Alemberg um processo intuitivo e informal de autoformação, pois ele vai identificando-se com músicas, pessoas, estilos que vai encontrando, procurando aprender sobre/ como fazer, vai trazendo para sua vida nos mais variados espaços de convivência.

Inicialmente, morou em Nova Olinda-Ceará mergulhado no universo mitológico da região do Cariri, depois foi para Miranorte-Tocantins e lá teve contato com o desenho, revistas em quadrinhos, editora, cinema e música e depois, voltou para o Crato onde intensificou mais ainda a sua formação musical.

Portanto, foi-se dando seu processo de autoformação aqui entendida como trazida por Gaston Pineau (1983) em seu artigo *A Autoformação no decurso da vida*: “[...] a construção de um sistema de relações pessoais com estes diferentes espaços e cria um meio pessoal, uma cosmogonia singular (M. Finger, 1984)”.

Para Nuttin (1965), isto corresponde a “ [...] uma estrutura particular eu-mundo ou uma unidade funcional indivíduo-meio ambiente (1980). Todas as relações e interações de Alemberg com esses diferentes espaços foram analisadas como índices possíveis de autoformação, pois essas transações são as práticas carregadas de sentido nos momentos precisos, ou seja, são conjuntos de elementos externos e internos, passados e futuros, inconscientes e conscientes que se unem em diferentes temporalidades (PINEAU, 2004)

Aqui no caso, identificamos as aprendizagens de Alemberg ao longo da vida que se realizaram pela experiência que o transformaram no educador popular, produtor cultural e músico sem questionamentos mais profundos ou elaborados que o orientaram nos engajamentos de vida. Suas narrativas de formação permitem distinguir as experiências coletivamente partilhadas por meio de suas pertencas socioculturais das experiências individuais.

As experiências comportam sempre as várias dimensões do sujeito, ou seja, as dimensões sensíveis, afetivas e conscienciais (Josso, 2000)<sup>11</sup>. Servem de referencial para avaliarmos as situações, atividades e acontecimentos de vida.

Dando seqüência, quando Alemberg retornou a Crato já trouxe consigo um violão, conheceu Rosiane, fez parte do grupo “Meninos dos Quindins” e depois ficou cantando com Rosiane, como ele mesmo conta:

*Depois eu fiquei cantando com Rosiane. Eu conheci Rosiane, dentro de um mês a gente se casou. A gente se conheceu, se casou. Quando eu voltei para ficar aqui eu disse: \_E agora, o que eu vou fazer? Depois que acabou os “Meninos dos Quindins” eu me casei e eu fui para a Marinha. Quando eu cheguei aqui e me alistei na Marinha, disseram que eu tinha que voltar daqui há um ano, então eu voltei para a casa de uma tia minha para estudar e quando eu cheguei ela disse: \_ Vá na igreja. Porque eu tinha aprendido a tocar violão com Zé Henrique e ela disse: \_ Vá na igreja e vá tocar na missa. Eu fui lá conheci uma menina que é quem canta na missa, e é na “experiência de oração” que fica atrás da igreja. Minha tia disse para ir à igreja e me deu um bilhete. E quando eu cheguei, lá estava Rosiane coordenando um grupo de jovens. Rosiane já fazia palestra, já cantava na missa. Então, fui também tocar na missa, mas me aborreci porque enquanto o violão dela era Gianini, na boca do microfone, o meu ficava lá atrás, longe do microfone, nem ouvia. É tanto que eu saí e ela nem notou. Ela me chamou para tocar com ela na missa, mas na realidade ela nem notou quando eu fui embora. E aí, eu fui me encontrar com Rosiane, depois porque ela saiu do movimento de oração, de juventude, porque aquele movimento de juventude era muito ligado à igreja e quando ela saiu, eu entrei.*

Alemberg também teve contato com a elite musical e intelectual do Crato que na época já contava com Abidoral Jamaru, Salatiel, Rosemberg Cariri e outros, mas que não encontrou muita facilidade para entrar na turma, pois ele ainda não era muito conhecido, era recém chegado.

Então, ele já chegou a Crato tocando violão que havia aprendido com Zé Henrique, teve a participação no grupo musical e na igreja e depois convidou Rosiane

---

<sup>11</sup> JOSSO, Marie-Christine, In.: JOSSO, M-C. (SS. la dir. de) La formation au coeur des récets de vie: expériences et savoir universitaires, Paris: L’Harmattan, 2000, p.231-274.

para cantar uma música com ele em um Festival de Música do Colégio Municipal do Crato:

*Eu disse: \_Estou com uma música para o festival de movimento da juventude que vai ter aqui e estou precisando de uma pessoa para cantar comigo. Então, mostrei a música para ela. \_ Você quer cantar comigo? É aquela música que diz “Vai nordestino, é quem mino lá do sertão. Vai de passagem e o destino em contramão. Seca no solo, na cabeça imaginação. Vida difícil, forró e a disposição. Come as plantas, promessa de fariseus... (nanana) roça seca comeu. O desespero sangue de um beradeiro. Corda e viola um nordestino consola. Mas porque, ainda insiste, persiste aqui meu Deus. Pouca água na terra e muita luz nos olhos meus.” Uma música que eu fiz, eu compus essa música para cantar com ela. Então, a convidei para cantar e ela aceitou e foi ai que a gente... Começou a amizade da gente.*

A partir de então, inicia toda uma produção musical onde ele compõe músicas inspiradas nas condições do homem sertanejo e freqüentando a casa de Osmar, continuam cantando juntos. Com apenas um mês de convivência se casaram escondido da família por acharem que não seriam aprovados por não terem a mínima condição financeira.

Rosiane narra sobre o início da sua relação com Alemborg:

*Alemborg era muito diferente. Era muito despojado no jeito de ser e ao mesmo tempo era muito respeitoso. Tinha muita atenção, me tratava muito bem, ele era diferente, ele tinha alguma coisa que era diferente. Eu o achava legal. E ai a gente começou a ficar amigos, conversávamos horas e horas e quando a gente saia da casa de Osmar, depois dos ensaios, ele ia me deixar em casa e eram altos papos. Ou então, eu ia para a casa da tia dele e ela botava um docinho. Ela me achava o máximo porque eu era da igreja e ela me tratava super bem.*

*E a gente começou a andar muito pregado um no outro, eu e Alemborg. Então, comecei a dispensar meu namorado. Não querer mais me encontrar com ele. Dava uma dispensada. Quando ele ligava dizia que não estava podendo sair. Então, aconteceu o festival e a gente ganhou o festival. A música ganhou primeiro lugar. A gente bebeu um tremendo de um porre para comemorar. Eu já na turma, na turma da cachaça (rsrsrsr)*



*e a gente foi ficando cada vez mais próximo, depois ele me chamou para fazer uma viagem para Antonina. Que a Irmã Alencar que era muito amiga da tia dele tinha o chamado para movimentar um grupo de jovens e lá vou eu com ele para Antonina pegando carona... Uma grande aventura. Passamos aqui em Nova Olinda. Foi a primeira vez que eu passei aqui em Nova Olinda. Ele apresentou o tio dele, seu João. Apresentou-me alguns familiares aqui e daqui a gente foi para Antonina, e tudo. E começamos a dar uns “mata”.*

Logo após este momento, em 1982, Alemberg recebe a notícia da morte do seu pai, seu Miguel que sofreu um ataque fulminante do coração e veio a falecer. Seu corpo foi sepultado na sua cidade natal, em Nova Olinda, como conta Rosiane:

*O pai dele adoeceu lá no Goiás. Morreu. Veio se enterrar aqui. Isso em dezembro e Alemberg já estava de mala arrumada para no final do ano ir para a Marinha. Porque ele estava desde o começo do ano comprometido com a Marinha porque ele tinha se inscrito na Marinha. Ele iria passar esse ano no Crato estudando e no fim do ano ia servir a Marinha porque ele queria conhecer o mundo, não é? Ia para Marinha para conhecer o mundo.*

Ainda neste ano, resolveram rapidamente se casar no religioso, na Igreja Católica, conforme ela conta desse momento:

*E foi quando deu a doida da gente casar. Por influência do Pe. Pitta que era um vizinho de Pepinha que também era uma casa que a gente freqüentava muito, e de Gorete irmã dele. Mas, a gente se influenciou para casar e Alemberg até brinca contando essa história, mas foi interessante porque até hoje eu não sei bem o que se passou pela nossa cabeça, mas, o que eu não estava querendo mesmo é que ele fosse embora sem a gente marcar um ponto. Aquela coisa do ponto. Porque era uma coisa diferente pois eu já havia tido outros namorados, que eu já tinha gostado, mas tinha alguma coisa que era como se fosse como um reconhecimento. De que era ele. Eu tinha um reconhecimento de que era ele. Era ele. Era daquela maneira que eu estava querendo. Então, a gente foi (rsrsrsr) e marcou esse bendito casamento em Missão Velha. E eu me arrumei com a roupa de formatura que eu tinha sido madrinha da minha mãe, da formatura de minha mãe e fomos um dia de manhã, de ônibus: eu, ele, Pe. Pitta e a Gorete, de ônibus para*

*Missão Velha fazer esse casamento lá. Quando chegamos, o padre lá de Missão Velha casou a gente, ele fez a benção e depois voltamos para casa. Cada um sem dizer a ninguém que tinha casado. E para dar os “mata”? Sem ter aonde? (rsrsrsr) Pense num sufoco! (rsrsrsrs)*

Logo depois do casamento Alembert viajou para Natal e foi servir na Marinha ainda com o pensamento de conhecer o mundo. Já tivemos a oportunidade de ouvi-lo contando algumas histórias engraçadas desse período que passou na Marinha, pois não conheceu o mundo coisa nenhuma e o que aprendeu mesmo foi fazer os serviços que todo marujo iniciante faz, ou seja, limpar o chão, varrer, etc.

Ela narra sobre esse período que ele ficou longe:

*Depois do período do Natal ele viajou para Natal, no Rio Grande do Norte para servir a Marinha, eu fiquei no Crato e contei para minha família e para a tia dele já bem depois, eu acho que já no final de janeiro começo de fevereiro é que eu vim dizer que a gente tinha se casado. E ficamos sem comunicação. Sem ele escrever carta para mim, sem eu ter o contato dele. Eu só tinha o telefone lá do lugar que ele estava. Até que um belo dia eu disse: \_ Quer saber de uma coisa eu vou ligar. Telefonei dizendo que era uma irmã dele e que estava querendo falar com ele e tudo. Só sei que marcaram uma hora para eu ligar e falar com ele. Então, ele veio falar comigo e a partir dessa conversa por telefone ele me deu o endereço e eu passei a escrever para ele e ele passou a escrever para mim. E a gente passou a semanalmente se corresponder até que quando foi no meio do ano ele veio pela primeira vez porque esse primeiro período que eles passam lá eles não podem sair. Ficam internos. Tem uma história do engajamento que quando engajam, eles são transferidos para outros departamentos. Dependendo do comportamento é que podem ter alguma licença. Ele fez amizade lá com o padre, com o capelão. Começou a tocar a missa da Marinha. E foi se enturmando e o pessoal gostava muito dele porque ele era muito esforçado e sempre que pedia licença, eles davam. Então, ele vinha todo mês. Ficou vindo uma vez por mês me ver e os planos era que eu fosse morar no Rio Grande do Norte e ele ia seguir a Marinha. Eu ia ser mulher de marinheiro. Ai que terrível! Só que minha mãe não queria, morria de medo (rsrsrsrs) de eu ir embora e ser mulher de marinheiro. Então, ela foi nos convencendo de que não era uma boa idéia. No final do ano ele desistiu da Marinha e veio embora.*

Assim, com um ano na Marinha voltou para o Crato e foi morar com a D. Lilian, mãe de Rosiane que mesmo inconformada com o casamento às escondidas, não teve outra coisa a fazer a não ser colocá-los dentro de casa e apoiá-los.

D. Lilian arranhou-lhe um emprego na Companhia Brasileira de Alimentação (COBRAL), uma instituição do Governo que trabalhava com sementes e grãos, só que não deu certo. Então, ele ficou trabalhando com a avó de Rosiane que tinha um Cartório até que conseguiram outro emprego na Superintendência do Desenvolvimento (SUDEC), também do Estado, pois na época os políticos distribuía empregos para seus eleitores em troca de voto. Assim, alugaram a primeira casa para morar e começaram a fazer artesanatos para vender.

Segundo Rosiane, na época que moraram na casa de sua mãe, Alemberg passou momentos difíceis, de angústias e inquietações, pois não sabia que rumo tomar na vida até que um dia pegou um gravador e resolveu ir pesquisar os mitos e as lendas da região do Cariri:

*Nesse primeiro período que moramos na casa da minha mãe foi um momento de muita crise existencial na vida dele, ele sofria muito porque estava ali naquele lugar, porque era como se estivesse procurando quem era ele, então ele sofria muito. Ficava muito abalado. Era assim meio complicadinho, Alemberg. (rs) E ele sofreu muito. Depois que a gente passou para nossa casa e começou a trabalhar, a se manter, se bem que minha mãe ajudava muito, mas a gente já se mantinha, então ele resolveu que iria fazer pesquisa, que iria compor música e que iria fazer pesquisa para compor essas músicas. Ele estava querendo fazer uma música sobre a “Pedra da Batateira”. Foi então que tudo começou. Com essa tal dessa música. Até então ele fazia as músicas para participar dos festivais aqui no Crato mesmo, mas eram músicas falando da região, falando de seca, falando de amor, seja do que fosse. Mas, ele resolveu fazer uma música falando sobre a “Pedra da Batateira”, aquela lenda da história que o Crato viraria mar. E com a história dessa lenda da “Pedra da Batateira”, ele pegou um gravadorzão, que era um tijolão grande, que ele tinha na época e botou debaixo do braço e começou a ir atrás de descobrir que lendas eram essas. Então, ele começou a se informar quem eram essas pessoas que sabiam contar essas lendas, e começou a visitar os pés de serra e a conviver com essas pessoas, com esses caboclos, com esses matutos e ia fazer entrevista e, nessa época a gente conheceu os Irmãos Aniceto, começou a frequentar a casa dos Irmãos Anicetos, na época do mestre Chico Aniceto que ainda era vivo, e eu ia*

*com ele também. E começou a fazer essas entrevistas e a gravar essas histórias que essas pessoas contavam e a copiar num diáriozinho que ele tinha essas histórias e começou a fazer as letras das primeiras músicas e depois da “Pedra da Batateira” ele resolveu fazer outra e ele foi fazendo as músicas e continuando essa busca no sertão, essa busca no Cariri e as pessoas que freqüentavam a nossa casa, os amigos, os artistas, os outros músicos gostavam de ir lá em casa conversar. Ele começou a contar essas histórias para as pessoas e as pessoas começaram a gostar de ouvir então virou assim, um ponto de encontro na nossa casa. As pessoas iam lá para conversar com ele e ele contava essas histórias e a gente cantava essas músicas...*

Nesta narrativa de Rosiane verificamos o surgimento do Alembert pesquisador, educador popular que após vivenciar um momento difícil que identificamos como o que Josso (2004, p.64) denomina de Momento Carneira, ele inicia seu processo de identificação com estas pessoas, nativas da região, com as histórias por elas contadas e a reconhecer os seus saberes populares e a valorizá-los.

Paralelamente a este período de pesquisa e composição de músicas, Alembert junto com Rosiane começou a participar de Festivais de Músicas na região do Cariri e pelo Brasil a fora, até mesmo como uma fonte de renda para sobrevivência e ganharam muitos prêmios.

Nesta fase, foram morar na casa que era da tia Pepinha que voltara a morar em Nova Olinda e começaram a participar de festivais. O primeiro foi em Terezina-Piauí e quando chegavam a um tomavam conhecimento de outro e assim, foram entrando nesse universo, ganhando prêmios, conhecendo outros artistas e fazendo amizades.

Foram a Tocantins, depois ao Pará onde conheceram Juraildes da Cruz, Zeca Tocantins, hoje Zeca Baleiro, Genésio e isto foi dando mais consistência ao trabalho de composição e interpretação das músicas, impressionando os jurados e dando algum retorno financeiro. Então, foram achando boa aquela vida e acreditando que eram artistas também.

Este foi um período cheio de aventuras, pois viajavam sem dinheiro nem apoio. Iam aventurar a premiação para poderem voltar para casa e não sabiam como seria a hospedagem e os transportes, muitas vezes em ônibus velhos que quebravam no meio do nada e tinham que aventurar caronas em cima de caminhões nas estradas carroçáveis do Tocantins.

Então, começaram a participar também dos festivais de Belo Horizonte, de Minas Gerais, depois viajaram para a região do Paraná onde foram mais premiados e reconhecidos em outro nível de festivais.

Rosiane relembra estes momentos:

*Eu sei que a gente começou a participar desses festivais e quando a gente ia para um festival, a gente sabia de outro e ai aos pouquinhos a gente foi entrando no mundo dos festivais e a fazer amizade com outros músicos que também participavam dos festivais então, resolvemos ir conhecer a região Norte do país. Fomos para Tocantins, de Tocantins entramos para o Pará. Conhecemos aquela região toda, conhecemos os músicos do Maranhão, do Pará, do Tocantins. Naquela região Juraildes da Cruz, Zeca Tocantins, o Genésio, então começamos a participar desses festivais e a gente tinha uma sorte danada para ser premiado nesses festivais, até porque eu acho que as músicas e as letras tinham uma consistência de pesquisa, que impressionava as pessoas, os jurados e tudo. Então, aquela consistência, o trabalho sempre impressionava os jurados e quando não tirava primeiro lugar, tirava o segundo, o terceiro, mas sempre a gente voltava com alguma grana para casa. Então, a gente foi achando bom. Foi acreditando que a gente podia ser artista. Incorporando essa coisa de ser artista. E ai depois desse período de festivais que também não foi um período muito fácil porque era uma aventura, a gente ia sem o dinheiro da volta, ia aventurar a premiação e sem saber como era a hospedagem, aonde ia se hospedar. Os transportes muitas vezes inseguros, pois a gente chegou a ficar com o ônibus quebrado no caminho, tendo que pegar carona em cima de caminhão naquelas estradas de barro do Pará, do Tocantins, que hoje quando eu penso ai meu Deus como eu era corajosa! Na época eu achava ótimo e eu me sentia super segura andando com Alemberg. Para mim, quando ele dissesse vamos para tal lugar eu já estava indo. Eu achava era bom. Ia mesmo. Confiava mesmo, o que ele dizia eu confiava tranquilamente. E, depois desse período, a gente começou a conhecer um pessoal do Sul e começou também a ouvir falar nos festivais do Sul que eram uns festivais mais organizados. Então, a gente começou a entrar nos festivais de Belo Horizonte, de Minas Gerais, do interior de Minas Gerais, depois conhecemos a região do Paraná, e na região do Paraná, foi um momento muito legal porque foi onde a gente foi mais premiado e os festivais eram de outro nível. O Paraná é outro nível nem se compara com a infra estrutura do Norte. E, então, a gente começou a ser mais bem tratados, a se hospedar em lugares melhores, a conhecer pessoas, secretários de*

*cultura, pessoas que tinham um trabalho sério nessas regiões e a gente começou a ter uma vontade de fazer alguma coisa também aqui no Cariri. Assim, um Centro Cultural. Começou a despertar na gente essa coisa. Passamos em São Paulo conhecemos o Memorial da América Latina. Ouvimos falar na época, da Fundação Museu do Homem Americano que estava também se iniciando, começando a ser divulgado, o trabalho de Niède Guidon, então a gente começou a se inspirar nessas coisas, nesses trabalhos e querer fazer alguma coisa aqui no Cariri.*

No sentido de ampliar a contextualização dos episódios narrados, trazemos a seguir, algumas informações adicionais de forma resumida dos movimentos, locais e pessoas que foram significativas para a formação de Alemberg nesta fase da sua vida.



Festival de Música Popular Brasileira foi um gênero de programa, competitivo e musical, apresentado por várias emissoras de televisão brasileiras (TV Excelsior, TV Record, TV Rio, Rede Globo) a partir de 1965 até 1985. (Texto extraído da Wikipédia)



Plantado em 84.480 m<sup>2</sup>, no bairro da Barra Funda, o Memorial é um convite permanente às manifestações artísticas e científicas latino-americanas, um apelo para que elas façam do conjunto arquitetônico projetado por Oscar Niemeyer a sua casa em São Paulo. A idéia generosa de solidariedade e união latino-americana é tão antiga quanto as lutas no séc. XIX de Simón Bolívar, José Martí e San Martín por um continente livre e fraterno. A “Pátria Grande” vislumbrada por eles, porém, ficou esquecida no passado. Nos anos 80 do séc. XX, especialmente os brasileiros precisavam redescobrir a América. Os hispano-americanos também pareciam desconhecer a proximidade histórica, lingüística e cultural de seus vizinhos de língua portuguesa.

Era preciso lembrar quem somos a nós mesmos. Para isso foi inaugurado em 18 de março de 1989 o Memorial da América Latina, com o conceito e o projeto cultural desenvolvido

pelo antropólogo Darcy Ribeiro. Assim, o Memorial nasceu com a missão de estreitar as relações culturais, políticas, econômicas e sociais do Brasil com os demais países da América Latina.

Desde então ele vem cumprindo seu papel. O Memorial fomenta a pesquisa e divulga seus resultados. Apóia a expressão da identidade latino-americana e incentiva seu desenvolvimento criativo. Coordena iniciativas de instituições científicas, artísticas e educacionais do Brasil e de outros países ibero-americanos. E difunde a história dos povos latino-americanos às novas gerações de estudantes. (Texto extraído da Wikipédia)



A Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) foi criada no ano de 1986, em São Raimundo Nonato, Estado do Piauí. Trata-se de uma entidade científica, filantrópica, sociedade civil (OSCIP), sem fins lucrativos, declarada de utilidade

pública estadual e federal e cadastrada no Conselho Nacional de Assistência Social.

Foi criada pelos pesquisadores de uma cooperação científica bi-nacional (França-Brasil). Uma equipe, formada por cientistas de diversos países, pesquisa, desde 1973. O tema principal do programa de trabalhos é “O Homem no Sudeste do Piauí: da pré-história aos dias atuais. A interação Homem-Meio”. A FUMDHAM atua, formalmente, ligada às instituições dos governos federal, estadual e municipal. No plano federal, a Fundação assinou um contrato de parceria com o IBAMA, visando à aplicação do Plano de Manejo do Parque Nacional Serra da Capivara. A Fundação tem a responsabilidade técnico-científica da Unidade de Conservação, assume sua defesa e manutenção. Na cidade de São Raimundo Nonato foi construído o Museu do Homem Americano no qual são expostos os resultados das pesquisas. Junto ao Museu estão as reservas técnicas que abrigam as coleções de material arqueológico, paleontológico, zoológico, botânico, bem como os laboratórios e os serviços administrativos da FUMDHAM. (Texto extraído da Wikipédia)

Niède Guidon (Jaú, São Paulo, 12 de Março de 1933), é uma arqueóloga brasileira descendente de franceses. Formada em História pela USP, trabalhou no Museu Paulista, quando tomou conhecimento do sítio arqueológico de São Raimundo Nonato no Piauí, no ano de 1963. Especializou-se em arqueologia pré-histórica, pela Sorbonne, e especialização pela Universidade de Paris I. Desde 1973 integra a Missão Arqueológica Franco-Brasileira, concentrando no Piauí seus trabalhos, que culminaram na criação, ali, do Parque Nacional Serra da Capivara. (Texto extraído da Wikipédia)

A partir daí, começaram a ser mais bem tratados, se hospedavam em lugares melhores e conheciam gestores públicos como prefeitos e secretários de cultura pelos lugares onde iam.

Como observamos, neste momento, nasce um sentimento de querer realizar algum trabalho na região do Cariri, um Centro Cultural. Foi quando conheceram em São Paulo, o Memorial da América Latina e também ouviram falar da Fundação Museu do Homem Americano que estava iniciando com o trabalho de Niedie Guidon, no Piauí.

Portanto, no retorno a Crato, Alemberg foi convidado para dar uma assessoria cultural na prefeitura de Nova Olinda em troca de bilhetes para suas viagens.

Como financeiramente estavam mais estáveis, então ficavam mais tempo pelo Crato dando continuidade ao trabalho de pesquisa sobre as lendas do Cariri e os estudantes começaram a freqüentar sua casa para ouvir e Alemberg começou a ser chamado para dar palestras sobre o assunto nas escolas.

Retornando com este sentimento de fazer um Centro Cultural e com o trabalho de assessoria em Nova Olinda, lá chegando, encontraram a Casa Grande em ruínas. A Casa Grande era a casa do avô de Alemberg que foi a primeira casa da cidade e estava em processo de inventariado. Então, Alemberg viu a oportunidade de restaurar aquela casa e fazer o projeto que sonhava. Depois de algumas conversas, a família concordou em doar a casa e o prefeito auxiliou na restauração fazendo surgir aí o início da hoje Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri que está apresentada no capítulo três.

Já com a Fundação criada e com a experiência adquirida com os festivais montaram o espetáculo “A Lenda” com a participação dos meninos da Casa Grande apresentando o resultado da pesquisa étnico musical sobre o universo mítico e sonoro do povo kariri, habitantes da Chapada do Araripe em tempos pretéritos.





O show A Lenda resgatou os sons primitivos da região do Cariri. Os instrumentos musicais rústicos e acústicos para contar sonoramente as lenda Kariri foram todos construídos pelos meninos com materiais como bambus, cabaças, chocalhos, etc.

Com a criação da Fundação, as crianças foram chegando, o trabalho foi se desenvolvendo e sua família também foi crescendo. Um ano antes da chegada da sua primeira filha Ana Sewi, ou seja, em 1995, Alembert e Rosiane confirmam sua união e casaram-se no civil na Casa Grande. O processo de formação do educador popular e produtor cultural que se tornou hoje, foi intensificado na máxima pedagógica junto às crianças e jovens que se reuniram na Casa Grande.



**Fotografia 7: Alemberg ministrando palestra para jovens.**

### **2.3. As buscas de conhecimento do educador popular e produtor cultural**

A tônica da educação é preponderadamente esta –  
narrar, sempre narrar.

Paulo Freire

O objetivo aqui é realizar o levantamento do itinerário do Alemberg homem, adulto, casado com Rosiane, pai de Aninha e Pedrinho, presidente da Fundação Casa Grande e reconhecido educador popular e produtor musical, procurando complementar a compreensão do o que o tornou o que é hoje por meio de seus itinerários, encontros e referenciais que ainda lhes acompanham nesse momento da sua vida.

Neste terceiro nível de análise das experiências no trabalho biográfico o conceito de experiência é retomado no sentido de compreendermos aquilo que se tornou experiência formadora para Alemberg, tendo como pressuposto ainda a teoria de Josso (2004) quando diz que o primeiro momento no processo de transformação de uma vivência em experiência começa quando prestamos atenção no que se passa em nós e/ou na situação na qual estamos implicados, pela nossa simples presença.

Na abordagem experiencial, a reflexão, análise e interpretação sobre a vida do sujeito pesquisado é centrada nas suas experiências significativas para compreendermos o que o tornou o que é hoje, de que forma chegou a pensar o que pensa hoje, como chegou a pensar sobre si mesmo, sobre os outros e sobre seu meio ambiente.

Aqui a autora traz o conceito de experiência também como uma “associação de componente factual e circunstancial à componente compreensiva” (p. 73). Possibilitando compreendê-lo como um conceito que faz a articulação entre os processos de aprendizagem, formação e conhecimento que são os três níveis de realidade aqui analisadas para traduzir as dimensões exteriores e interiores de Alemberg.

Rosiane narra também sobre este momento do início da criação da Fundação Casa Grande:

*Então, foi nesse período que viemos para Nova Olinda, para Alemberg dá uma assessoria na área de cultura que não era uma assessoria remunerada, era assim, quando precisasse fazer uma viagem o Prefeito bancava os bilhetes. E ele começou a trabalhar, já tinha passado essa época do emprego da SUDEC, ele foi chamado para trabalhar no departamento de cultura do Crato, como assessor de cultura, foi compor essa equipe lá no Crato. E nós viajávamos para os festivais no Sul, mas não era com aquela intensidade que a gente viajava para o Norte. Em condições melhores e começamos a ficar mais estáveis no Cariri. Ele sempre dando continuidade às pesquisas, compondo e fazendo essa coisa das pesquisas sobre as lendas do Cariri. Os estudantes*

*começaram a freqüentar a nossa casa para fazer entrevista, para ter aula, começamos a ser chamados para fazer palestras nas escolas sobre as pesquisas, as lendas. Porque todo festival que a gente ganhava, também divulgava quando retornava. Então, devagarzinho a gente foi ganhando espaço, as pessoas começaram a conhecer a história. Então, a gente estava vindo para Nova Olinda e querendo criar um Centro Cultural no Crato, alguma coisa que pudesse desenvolver as coisas que pensava então, a gente se deparou com a Casa Grande. A Casa Grande em ruínas, que era da família dele, do avô dele e quando a gente entrou na Casa Grande a casa era tão bonita e estava acabada. Vimos que era uma oportunidade para recuperá-la. Foi proposto para a família e tudo foi se encaminhando para dar certo. O Prefeito disse que auxiliava na restauração, a família disse que doava, a gente foi vendo a facilidade se apresentando para as coisas acontecerem. Na época o Titus, alemão, começou a fazer a documentação fotográfica da casa e a gente realmente, encampou essa história da Fundação. Em um ano conseguimos instituir a fundação, restaurar a casa e marcamos a inauguração para o dia 19 de dezembro que é o dia do nosso aniversário. Então, assim, eu acho que se na época a gente soubesse que estava assumindo um compromisso tão sério, talvez nenhum dos dois quisesse. Eita responsabilidade. Para o resto da vida. Na época quem morava aqui era tio Antonio Maranhão, quando vinha do sertão dormia aqui. E como era de muitos herdeiros ficou abandonada.*

Neste terceiro momento aqui analisado do caminhar na vida desse educador popular trazemos para o centro a pessoa que consideramos que mais o influenciou e o auxiliou no desenvolvimento do projeto da Fundação Casa Grande. Esta figura é Violeta Arraes, denominada de “a Rosa de Paris”, ex-secretária de Cultura do Ceará, irmã do ex-governador de Pernambuco Miguel Arraes e, acima de tudo, caririense.



Violeta Arraes foi a alma da Frente Brasileira de Informações, fundamental para a denúncia dos crimes contra os direitos humanos cometidos pela ditadura. Ela era mais do que uma referência: como estava acima das divisões entre partidos e grupos políticos, conversava com todos, aglutinava todos.

Foi casada com o militante socialista Pierre Gervaiseau e sua "independência" fez com que sua casa na França na época da ditadura se transformasse, inicialmente, em uma referência para intelectuais e artistas perseguidos pelos militares. Depois, numa referência para a divulgação da arte e da cultura brasileiras na França.

No Brasil, antes do golpe militar, D. Violeta foi presidente da Juventude Universitária Católica de 1948 a 1950, na época, tornou-se assistente de dom Hélder Câmara. Em 1951, estudou no Centro Internacional de Economia e Humanismo, em Paris, onde conheceu Gervaiseau, com quem se casou no Recife. Lá, participou do Movimento de Cultura Popular, ao lado do educador Paulo Freire.

Ao lado do irmão Miguel Arraes esteve nos momentos que culminaram com a deposição e a prisão do então governador de Pernambuco, em 1º de abril de 1964. Foi presa, com o marido, quando ia ao encontro de dom Hélder Câmara, então arcebispo de Recife e Olinda. Quatro meses depois, os militares lhe impuseram o exílio.

Foi morar na França, onde fez pós-graduação em Psicologia, exercendo por muitos anos a função de psicoterapeuta, auxiliando muitos brasileiros traumatizados pela tortura e funcionou um pouco como a Embaixada brasileira.

Ajudou também os exilados chilenos, que começaram a chegar à França após o golpe de Augusto Pinochet, e o movimento anticolonialista em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

Em 1979, com a anistia, Violeta regressou ao Brasil. Voltou à França em 1984, para trabalhar como adida cultural na Embaixada brasileira. De Paris, voltou ao Ceará, para assumir a Secretaria de Cultura, em 1987.

Foi nomeada reitora da Universidade Regional do Cariri em 2007. Em seguida, fundou junto com Pierre a Fundação Araripe, uma ONG voltada para preservação da região onde nasceu, a Chapada do Araripe, localizada na junção dos Estados do Ceará, Pernambuco e Piauí. Nos últimos anos de sua vida morava no Rio. (Texto extraído da Wikipédia)

Quando veio morar no Crato, encantou-se pelos meninos da Fundação Casa Grande, pelo trabalho de Alemberg frente à instituição, foi uma grande motivadora e divulgadora dos projetos ali desenvolvidos e uma conselheira direta de Alemberg.

Manteve uma relação de acolhimento com aquelas crianças e jovens e em reconhecimento o teatro da instituição é denominado de Teatro Violeta Arraes, onde podemos perceber a alegria expressa em seu rosto no vídeo da inauguração.

Alemberg sempre se emociona ao falar de D. Violeta

*A sensação que eu tenho da D. Violeta na minha vida, está muito ligada a minha infância. E o que é que tem a D. Violeta com a minha infância? É uma coisa que eu disse aqui nessa sala que ela havia me ensinado que ela só dá valor a quem tem. Porque, quando eu era menino tinha um campinho perto da igreja que tinha uma pensãozinha ao final da tarde, quando o sol ficava frio a gente usava lá. E eu jogava de goleiro e a gente quando estava lá, aqueles viajantes que passavam vendendo aquelas coisas para as lojinhas. E aí quando a gente chegava, a gente tomava banho e ficava na calçada esperando a hora de servir a janta. E eu daqui jogando, aquele monte de menino brincando comigo e aqueles viajantes e eu dizia, que eles podem ser um olheiro do Flamengo e eu vou me esforçar porque se ele me vê... Esse pensamento é a base daquele quadro que tem pintado aqui. Tem um quadro aqui na Casa Grande que tem uma velha com um bastão, um monte de menino brincando mas tem um menino numa tridimensionalidade para cima, que ele bota a mão para fora do lago. Então, é a base do pensamento daquela cena ali. O que é que eu estou traduzindo? O que é que eu procurava na realidade? Era uma pessoa que desse valor àquele esforço que eu estava fazendo e visse. Então, nesse período até eu encontrá-la, eu tinha a sensação de saber o que estava fazendo quando encontrava com as pessoas, quando eu estava tocando e descia do palco a pessoa dizia: \_Massa esse show de vocês e tal, e tal, e tal... E no outro dia quando me cumprimentava já era um incômodo. Não tinha mais o que dizer. Muitas vezes a gente se decepciona muito com as pessoas porque a gente espera que as pessoas nos dêem valor e ao que pensamos que temos. E a gente se decepciona porque na realidade a gente não sabe que só dá valor quem tem. A pessoa dá valor a uma pessoa tem que ter valor. A gente não recebe valor de pessoas que não têm valor para dar.*

Em um momento que lhe foi perguntada por uma menina da Casa Grande sobre qual a importância de se ter um nome, porque se sentia incomodada por lhe chamarem de menina da Casa Grande, ela falou: “Para mim, em alguns momentos na história do Brasil, ter o sobrenome que eu tenho fechou portas e em alguns momentos, abriu portas. O importante é ter procedência.”

Assim, a Fundação Casa Grande serve como referência para essa menina e como procedência, pois eles recebem além dos seus nomes de família recebem também o sobrenome de “Os meninos da Casa Grande”.

Em sua última visita a D. Violeta no Rio de Janeiro, em 2008, Alemberg conta:

*Ela colocou o chalé dela, naquela elegância dela, entrou sem querer que ninguém a segurasse, se despediu desse jeito: \_Até logo - como quem fosse e voltasse logo e ficou hospitalizada na UTI, mas eu pensei: \_ Como eu conheço a D. Violeta, ela não tem espírito para ficar ali não, pregada à matéria daquele jeito. No outro dia me ligaram. Chamei Rosiane e disse: \_Rosiane, D. violeta morreu, vamos trabalhar. Assim foi que ela deixou aqui para a gente. E então, eu fui pra cremação e teve uma cena linda. Uma cena linda. Caetano Veloso levou o violão, sentou ao pé do caixão e tocou: “No meu Cariri ...” Eu nunca vi um negócio daquele não. Com aquele violão dele: “... quando a chuva não vem...”*

O Teatro da Fundação Casa Grande recebeu o nome desta senhora que um dia também foi uma menina sertaneja e chegou a ser uma grande senhora que trabalhou pela valorização dos princípios fundamentais na formação humana e por um Brasil melhor. No hall de entrada do Teatro estão expostas algumas fotografias da D. Violeta em alguns momentos da sua vida e com alguns de seus amigos e familiares como semente para um futuro memorial que Alemberg projeta realizar.

E continua falando sobre D. Violeta:

*Eu tive uma vivência com uma pessoa que estava com a nata do cinema, estava com a nata dos pensadores do Brasil e digo o seguinte: O que ela me ensinou é quando eu era criança, ela pegou minha mão e me ensinou: Santo anjo do senhor... de espiritualidade, de grandeza, de ética, de comportamento. Ela foi uma conselheira de toda uma nata intelectual do Brasil. Foi de um jeito que o jornal não sabia nem o que dizer... porque*

*não dá para dizer nem em quinhentos livros. Então, teve um momento assim, que foi espontâneo, e eu fui lá e falei também. A emoção era tão grande... ai eu falei ... Quando eu fui falar eu me lembrei de uma coisa de quando eu estava lá na varandona da casa dela e deu um ventão de julho, um ventão de julho, os coqueirais lindos, ela olhou para mim e disse assim: \_Alemberg isso ai é o vento com saudade do mar. E estava aquele ventão aqui no Cariri e isso foi uma coisa que marcou porque no dia que ela morreu o vento voltou. Eu fico observando ali de casa, eu fico observando sabe, as primeiras chuvas, como é que vem, o formato das coisas, ai se forma... Tem a época do vento, tem a época do calor, boto a bica para funcionar e tem todo um movimento.*

E continua emocionado:

*Na hora que o caixão desceu para o crematório, na esteira, a família fica ali sentada, o padre faz as rezas e foi muito interessante porque colocaram aquela música que Maria Betânia gravou em homenagem a Violeta Arraes... Maria Betânia foi mostrar antes de ir para gravação. Linda! Só voz e violão. E quando o caixão foi entrando, apareceu no vidro, por trás, um pássaro, e fazia cra,cra,cra, assim no vidro sabe. E algumas pessoas se olharam e começaram a rir. E o padre aqui falando umas coisas e o pássaro, cra,cra,cra e dava aquele show e voltava. Pipipi assim, no vidro por trás do caixão. Mas, foi uma coisa assim... falar ali com aquele tanto de gente e tinha os familiares e tudo mas Maria me pediu. Maria Benigna, sua filha disse que se eu quisesse falar e eu disse: \_Maria eu não sei nem se tenho condição. Ai... quando... meu Deus... ai eu sentir que ela esperava que eu falasse. Ai ela disse: \_Fale. Eu pensei nessa coisa que ela me disse lá, nessa coisa do vento. Minha fala foi curta. Eu falei assim: \_Olha, eu sou um matuto e tive a alegria de conhecer uma rainha. E no sertão, (emoção) quando o sertanejo conhece... Quando o sertanejo vê uma coisa que não compreende, ele diz que é encantado... e ai...(emoção) essa rainha ela me ensinou no pé da serra do Crato que tem um vento que quando ele sopra é porque está com saudade do mar. Quando Caetano foi cantar “No meu Cariri, ele tocou olhando para mim. E botou essa música, eu senti que ele sentiu assim a ligação. Rapaz, baixou o Cariri lá, assim, com toda sua autenticidade, o valor de uma menina do Cariri sendo venerada pelo mundo, sabe. Foi um negócio assim, que só podia ser daquele jeito ali.*



A música “Encontros e despedidas” composta por Milton Nascimento e F. Brant retrata bem esses encontros, despedidas e reencontros com pessoas que ocorrem ao longo da caminhada e que são formadores em vários aspectos, tanto pessoais, emocionais como profissionais, diz assim:

Mande notícias do mundo de lá  
Diz quem fica  
Me dê um abraço, venha me apertar  
Tô chegando  
Coisa que gosto é poder partir  
Sem ter planos  
Melhor ainda é poder voltar  
Quando quero  
Todos os dias é um vai-e-vem  
A vida se repete na estação  
Tem gente que chega pra ficar  
Tem gente que vai pra nunca mais  
Tem gente que vem e quer voltar  
Tem gente que vai e quer ficar  
Tem gente que veio só olhar  
Tem gente a sorrir e a chorar  
E assim, chegar e partir  
São só dois lados  
Da mesma viagem  
O trem que chega  
É o mesmo trem da partida  
A hora do encontro  
É também de despedida  
A plataforma dessa estação  
É a vida desse meu lugar  
É a vida desse meu lugar  
É a vida

Então, D. Violeta ocupa um lugar especial no coração de Alemberg. Em certo momento da nossa convivência no cotidiano dele na Fundação Casa Grande pudemos também gravar algumas falas suas sobre si mesmo, de como ele se percebe em alguns aspectos, tais como:

*Eu sempre fui uma pessoa de poucas pessoas porque tive duas namoradas em toda minha vida, uma até os dezoitos anos e outra que me casei. Então, eu fui sempre assim em minha vida: uma pessoa de poucas pessoas e sempre procurei ser fiel a esses princípios. Ao invés da quantidade, a qualidade. Porque o que conta mesmo são as pessoas que botamos no nosso coração [...] Então, eu vejo que é importante se trabalhar pela qualidade e nunca pela quantidade.*

Hoje, Alemberg considera que os três pilares da formação humana são: a família, o trabalho e a religião. A família como sendo a casa que acolhe estas crianças e que através do bom exemplo pode contribuir para a construção de um ser verdadeiramente humano, o trabalho que traz o sustento e o equilíbrio na vida e a religião que o orienta para o caminho do bem.

Todo o trabalho com crianças e jovens desenvolvido por este educador popular na Fundação Casa Grande é pautado na construção de Conteúdo e de Produção como é apresentado no capítulo 3, mas o que diferencia é que a gestão dos Programas e projetos como também a produção dos eventos e a gerência administrativa da instituição é totalmente entregue para a equipe gestora formada pela própria meninada com a coordenação e acompanhamento do Alemberg, da Rosiane e dos meninos mais experientes.

O trabalho iniciou com o foco na pesquisa do homem pré-histórico e dos sons da região do Cariri e vem evoluindo com ações em várias áreas, mas com o objetivo maior de dar acesso a conteúdos culturais de qualidade e criar oportunidades para a meninada do sertão cearense produzir também novos produtos culturais de qualidade para mostrar ao mundo que aqueles meninos e meninas do interior do sertão cearense também podem realizar produtos culturais de qualidade.

Atualmente, são muitas as pessoas que querem conhecer a experiência da Fundação Casa Grande e dentre elas, muitos artistas também experimentam a convivência com o cotidiano da Casa e realizam oficinas de aprendizagem onde todos aprendem e ensinam num intercâmbio de saberes deixando marcas positivas no coração

da galerinha e nas paredes da Fundação onde estão grandes fotografias retratando estes encontros. Dentre eles, Regina Casé esteve com seu programa “Brasil Legal”, ainda em 1998 e doou a primeira antena parabólica da Casa Grande e o apresentador Luciano Huck, no ano de 2001 veio conhecer a experiência para inspirá-lo na fundação da sua ONG também na área de comunicação, Lenine, Gilberto Gil como Ministro da Cultura, Mariana Ximenes para montar um personagem para um filme, Arnaldo Antunes, Naná Vasconcelos e tantos outros.

Andando pelos corredores do antigo prédio do Educandário, onde hoje funciona a Escola de Comunicação, é possível acompanhar pelas fotografias a quantidade de ilustres visitantes que passaram pela Casa Grande. Cada um deixou sua contribuição. Como num porto, quem passa deixa sua marca e leva algo também.

Alemberg e Rosiane trabalham por amor a seus meninos e meninas, e a meninos e meninas que nem chegarão a conhecer. Costumam dizer que o projeto foi feito para o Joãozinho e a Mariazinha, que um dia nascerão em Nova Olinda.

O diretor Guel Arraes também passou pela Casa, quando filmava *O Auto da Compadecida*. Pegou emprestada a risada de Alemberg, que foi parar na boca de Selton Melo, o Chicó. Na época, Guel assistiu aos vídeos feitos pelos meninos e elogiou sua qualidade técnica.

Este matuto educador do sertão cearense ensina principalmente a estes meninos e meninas a serem autênticos, a não terem vergonha de serem dos “matos” e a levantarem a cabeça e falarem ao mundo com firmeza que fazem um Brasil diferente sem ter que sair da sua terra e nem mudar seu jeito de ser.

Além do educador popular, do produtor cultural que Alemberg tornou-se ele também vem sendo reconhecido como um empreendedor social, pois sempre está criando não só produtos novos como novas idéias que resultam em geração de renda para a comunidade, como é o exemplo da Cooperativa dos pais e amigos da Casa Grande – COOPAGRAN que tem realizado um trabalho de turismo de base comunitária ampliando a renda familiar dos pais da menina.

Da criação da instituição e do seu desenvolvimento será tratado no capítulo 3 e compreendemos que foi nesse espaço da Casa Grande que o educador popular e produtor cultural foi-se consolidando sua formação e que hoje já com 17 anos de trabalho ainda está em processo de formação e amadurecimento como profissional promovendo movimentos educacionais, culturais e políticos muito importantes para a formação de crianças, jovens e adultos com a realização de Seminários, Mostras e

Encontros como os realizados nesse ano de 2009: Mostra de Países de Língua Portuguesa e o Seminário Internacional de Turismo de Base Comunitário.

Hoje, Alemberg se apresenta como músico de formação popular, historiador e educador autodidata que em 1992 criou a Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri resgatando o acervo mitológico e arqueológico da Chapada do Araripe. Como consultor da UNICEF foi um dos criadores do projeto "Rádio de criança para criança" no intercâmbio entre Brasil, Angola e Moçambique. Contador de causos e lendas, Alemberg Quindins inspirou diretores e atores do cinema brasileiro. Palestrante e conferencista têm realizado aulas e espetáculos em congressos, seminários e eventos ligados a educação, comunicação, artes, turismo e cidadania. Foi palestrante da caravana do Projeto Rumos do Itau Cultural, é fellow da ASHOKA e líder da AVINA.

Viaja pelo Brasil e pelo exterior ministrando palestras sobre sua experiência na Fundação Casa Grande e divulgando os programas realizados pelas crianças e jovens do sertão. Vem sendo reconhecido pelo mundo afora como um educador popular, produtor cultural e empreendedor social que faz diferença na luta por um mundo melhor, mais justo e mais humano.

Como ele mesmo fala:

*Eu não tenho formação acadêmica, esse trabalho não foi baseado em nenhuma teoria. Eu não sou um grande leitor, sou leitor apenas de orelha de livro (rsrsrs) e pinçador de frases de efeito e poesia de músicas. Porque desde criança, eu fui um desses nordestinos, cearense que meu pai migrou para Norte de Goiás na época em que essas regiões estavam se constituindo. Veio a construção de Brasília e com a construção de Brasília, aquele movimento de seringa no Norte, então toda essa coisa chamava a atenção aqui no Nordeste que aqui as propriedades são pequenas e como se fala no velho Oeste é que tinha progresso.*

Não podemos esquecer a importância da parceria feita com Rosiane Limaverde na vida pessoal e no trabalho desenvolvido na Fundação Casa Grande, pois ela exerce a função da pesquisadora na área de Educação Patrimonial que tem dado o respaldo científico inclusive com reconhecimento do próprio IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Atualmente, ela é doutoranda em Arqueologia pela Universidade de Coimbra-Portugal e tem desenvolvido relevante pesquisa sobre o homem pré-histórico da região do Cariri. Também trabalha na área

administrativa da instituição com a elaboração de projetos e cuida da agenda de Alemberg.



Rosiane Limaverde é graduada em História pela Universidade Regional do Cariri-URCA e Mestre em Arqueologia e Preservação do Patrimônio pela UFPE. Em 2002, recebeu da Editora Abril o Prêmio Cláudia. Realiza atividades de consultoria e cursos nas áreas de licenciamento arqueológico ambiental; preservação do patrimônio, elaboração de projetos e gestão cultural. É Responsável pela área de projetos da Fundação Casa Grande, dirige também o programa de “Memória” aonde vem criando metodologias educativas unindo a arte e a ciência, com o objetivo de ensinar arqueologia às crianças e jovens do sertão do Cariri. O objetivo é de preservar e divulgar a riqueza do patrimônio arqueológico da Chapada do Araripe, Ceará, Brasil que vem sendo ameaçado pelo contrabando internacional de fósseis e os impactos ambientais gerados pelo desmatamento e exploração de riquezas minerais. É Membro da equipe de licenciamento arqueológico ambiental da CHESF- Picos-PI/ Tauá-CE. Pesquisa na área arqueológica do Araripe-CE (projeto de doutorado). Diretora Científica do Memorial do Homem Kariri.

Acreditamos que suas pesquisas e seu trabalho na área de educação patrimonial com as crianças e jovens da Fundação têm fortalecido o reconhecimento da instituição, pois neste ano de 2010 recebeu o título de Casa do Patrimônio pelo Iphan servindo como modelo para o Brasil.

O casal tem uma história de trabalho e dedicação a estas crianças e jovens do interior do Ceará resgatando a auto-estima, desenvolvendo o protagonismo infanto-juvenil e resgatando os valores da região do Cariri.

A casa onde moram hoje com os dois filhos Aninha e Pedrinho, ao sopé da Chapada do Araripe foi projetada por Maria Elisa, filha de Lúcio Costa toda inspirada na arquitetura das antigas casas de fazenda, expõe objetos de artesãos locais que caracterizam a vida no sertão e diz muito dos seus donos. Expressa um pouco do

caldeirão cultural em que estão inseridos. Na sala da frente traz uma fotografia do casal pintada por fotógrafos artesanais.

Consideramos importante trazer também o aspecto religioso de Alemberg. Como já foi apresentado anteriormente, ele foi criado sob os fundamentos da Religião Católica quando sua tia o levava para assistir as missas na igreja de São Francisco no Crato. Em Miranorte, acompanhou seu pai na criação da Igreja Presbiteriana e outras de outras religiões, pois seu pai dizia que toda igreja leva a Deus e trabalhou com os filhos para não terem discriminação religiosa e quando jovem, também andou cantando na igreja da Sé do Crato junto com Rosiane e sozinho.

Mas, observamos que a religiosidade popular foi a mais forte inspiração de Alemberg na sua juventude, na época em que fazia pesquisas pelo sertão caririense, especificamente quando pesquisava sobre a Lenda da Ponte de Pedra, se encontrou com uma velhinha que lhe chamou a atenção pelo seu jeito de falar, com propriedade. Era uma rezadeira chamada D. Toinha e ele perguntou onde ela morava e ela disse que morava no “Sozinho” e ele disse que ia lá fazer uma visita porque na conversa ela relatou sobre os índios, sobre os cacos de panela e que onde ela morava tinha um lugar encantado. Depois ele perguntou quem era aquela velhinha e disseram que a D. Toinha era parteira que fazia os partos da maioria dos meninos que nascia ali em cima da serra.

E, como ele mesmo conta:

*Eu procurava uma pessoa que tivesse uma ligação com a medicina do mato e a partir daí comecei a freqüentar a casa dela e gravei uma entrevista. E ela disse que ali no pé da serra tinha um magnetismo que tinha um homem que foi testar um aparelho e disse que tinha ouro. Que era encantado e contou umas histórias, de remédio. Mas, a finalidade era saber mais sobre as lendas locais. Ela contava a história de roubo de nascente, contou que lá tem uma cachoeira encantada... que era um portal para outro mundo.*

Tivemos a oportunidade de visitar D. Toinha junto com Alemberg no dia 23 de julho de 2008 nesse lugar chamado “Sozinho” e, realmente é um lugar no meio da floresta em cima da serra. Adentramos sua casa de taipa de extrema pobreza de apenas uma sala onde tinha apenas uma cama e uma mesinha.

Ela dizia que estava doente e chorou segurando seu prato de arroz com feijão. Alemberg lhe presenteou com alguns mantimentos e perguntou se as pessoas

continuavam indo lá para ela rezar e se ela estava precisando de alguma coisa. Ela falou um pouco do descuido da família que mora ao lado de sua casa e que a sorte dela é ter Alemborg. Disse que precisava de um lençol, de fumo e comida. Depois rezou nele e em mim. Enfim, o importante é destacar que Alemborg não apenas pesquisava essas personagens do sertão, mas acreditava nas suas rezas e orações.

Ele narra como foi seu primeiro encontro com D. Toinha:

*Eu estava fazendo uma pesquisa com Hermógenes aqui no olho d'água no pé da serra aqui em Nova Olinda, estava na casa dele porque ele me chamou para ir lá ver uma caverninha que tinha uns rabiscos. Fui lá porque eram umas pinturinhas rupestres que tem numa caverninha lá. Estive uma vez, numa segunda vez para ver ele contando a história lá da Ponte de Pedra, a lenda da Ponte de Pedra e numa dessas visitas não me lembro se foi a primeira, se foi a segunda, eu cheguei e tinha essa velhinha lá. Cheguei a conversar e ela calada, na dela. Mas, eu notei uma personalidade nela, sabe. Numa das conversas lá ela entrou, falou e eu achei que ela falou com bastante propriedade, era uma pessoa diferente. Perguntei aonde ela morava e ela disse que morava no Sozinho. Na conversa ela falou sobre os índios e explicou sobre os cacos de panelas que na área dela achavam muitos cacos de panelas. Então, eu fui lá no Sozinho. Perguntei: \_ Quem é essa senhora? Ele disse que era d. Toinha, uma parteira que tem aqui que faz parto e todos esses meninos que nasceram aqui por cima da serra e tudo, tudo parto feito por ela. Ela é a pessoa que faz parto, que reza em menino. Era a pessoa. Era a pessoa da serra. E eu procurava assim, um personagem na serra que fizesse uma ligação com a medicina do mato. A partir daí eu comecei a freqüentar a casa dela. Eu gravei com ela uma entrevista e na entrevista saiu um zumbino, zzuuummmm. Ai na fala ela disse assim, que ali no pé da pedra tem um magnetismo, que ali era encantado que uma vez um homem que foi levar um aparelho lá disse que tinha ouro. Era encantado. Ai contou umas histórias. A partir daí comecei a ir lá pra conversar com ela. A finalidade era saber mais sobre as histórias, as lendas locais.*

Percebemos que Alemborg mantinha uma crença nas rezas populares daquela velhinha e pensamos que por já ter esta ligação forte com a religiosidade popular.

Vindo morar no Crato em dezembro de 2008 tivemos a oportunidade de conviver com o cotidiano da prática educativa do educador popular Alemborg Quindins na Fundação Casa Grande e pudemos participar de algumas rodas de conversa nos finais

de tarde depois do trabalho, onde ele senta sem nenhum planejamento e inicia uma conversa informal com a garotada falando de suas experiências de vida e das lições que a vida já lhe ensinou.

Sentado numa rede no alpendre da Casa Grande ele fala da importância de aprender a olhar, a sentir e que este é o ingresso para conhecer os melhores lugares do mundo e as melhores pessoas do mundo.

Indica o filme *O Carteiro e o Poeta* e fala do pai com emoção narrando que chorava quando ele saía para trabalhar e que ficava no batente de casa esperando ele voltar, que brincava com a luz do poste de frente de casa e a lágrima que o levava a outra dimensão.

Continua dizendo: *“O que vai definir o futuro de vocês é como vocês percebem e sentem as coisas.”*

Faz referências ao livro *As mil e uma noites*, sobre o encantamento, que o final nunca existe dando a oportunidade de se criar muitos finais e da importância de se ter profundidade e conteúdo.

Além destes, ainda fala dos filmes *O violino vermelho*, *A Odisséia no espaço*, *O Nome da Rosa*, motivando-os a assisti-los e depois postar no blog pessoal localizado no site da instituição falando sobre suas impressões, sobre o que aprenderam com estes filmes que podem aplicar nas suas vidas.

Participamos também de algumas reuniões com a equipe gestora para a elaboração do Planejamento Estratégico Anual das ações da Fundação, dos quais foram momentos de repasse de orientações, de verdadeiras aulas de gestão cultural com apresentação do passo-a-passo do planejamento.

Com esta experiência, hoje os jovens elaboram cursos de gestão cultural e repassam seus saberes em outras instituições produzindo recursos financeiros para eles mesmos.

Hoje, Alemberg vive vinte e quatro horas do dia pensando e realizando na Fundação Casa Grande junto com a família que construiu - Rosiane, Ana Sewi e Pedro Ian e podemos sentir a alegria e felicidade deste homem que mesmo adulto continua a sonhar e a construir um mundo melhor.

Está sempre pensando junto com a equipe gestora da Casa Grande em novos projetos e vem se preparando para passar a Presidência para um dos meninos e ficar como consultor. Atualmente, está escrevendo um livro sobre o time de futebol do



Juazeiro do Norte – ICASA todo ilustrado com desenhos feito por ele, retomando assim, o menino desenhista.

Não poderíamos deixar de ouvir a D. Vandízia, mãe de Alemberg que um dia, em sua casa, nos conta um pouco sobre o episódio doloroso do pai, Sr. Miguel ter levado embora os dois filhos homens ainda crianças. Alemberg com nove anos e Zil com dez anos como já relatamos anteriormente.

Não é possível transmitir em palavras o sentimento desta mãe que ficou durante dois anos chorando sem saber o paradeiro dos filhos. Diziam que estavam no estrangeiro e depois quando uma parenta se comoveu com seu sofrimento, roubou uma carta de s. Miguel para a tia Pepinha e lhe entregou. Assim, descobriu o endereço dos filhos em Miranorte-TO e junto com o pai, dois irmãos e uma filha foram em busca dos meninos. A partir daí, inicia-se todo um trabalho de reaproximação e de resgate do amor dos filhos. Hoje, ela mora em Juazeiro do Norte-CE e tem uma boa convivência com Alemberg e toda a família. Na sua casa, tem um cantinho dedicado ao filho onde se encontram fotografias dele com a família, dele recebendo prêmios e o título de cidadão Novo Olindense que Alemberg dedicou a ela. Hoje, ela se diz feliz por estar próximo de todos os filhos.

No mês de fevereiro de 2010, Alemberg conseguiu reunir toda a família da mãe na Casa Grande para um show com aquele tio José Vagner, a primeira pessoa que lhe ensinou a tocar violão já retratado anteriormente. Este tio havia sido desenganado pelos médicos e conseguiu superar a doença, então Alemberg promoveu este show para a família festejando a vida e o reencontro de toda a família.

É um momento especial para todos inclusive para Alemberg que reencontra todos os irmãos de sua mãe, todos aqueles que aqui deixou quando criança quando foi embora. Sentimos que essa reunião refez os laços familiares e encheu seu coração de alegria.

Atualmente, o educador popular Alemberg Quindins tem viajado por países como Portugal e Itália com os meninos da Bandinha de Lata e o grupo A Banda com a Exposição: *A Casa Grande e os encantos da região do Cariri* divulgando os trabalhos desenvolvidos pela ONG e também a região do Cariri para o que ele chama de *turismo de conteúdo* além de apresentação de shows e palestras. Ao perguntarmos quais são seus projetos de futuro, Alemberg diz:

*Olha estive viajando e pensando sobre meus projetos de futuro e lembrei-me de que quando criança, procurei o Titidão para lhe pedir um dinheiro e disse: \_ Titidão, invista em mim que eu sou um homem de futuro. E ele me respondeu: \_ Você pode até ter futuro, mas presente você não tem nenhum!*

*E, enquanto o carro rodava do Sul ao Baixo Alentejo, eu pensava na sua pergunta. Tenho trabalhado mais para o presente do que para o futuro e me lembrando de Titidão concluí o oposto: Eu sou um homem de presente e o futuro é um presente de Deus!*

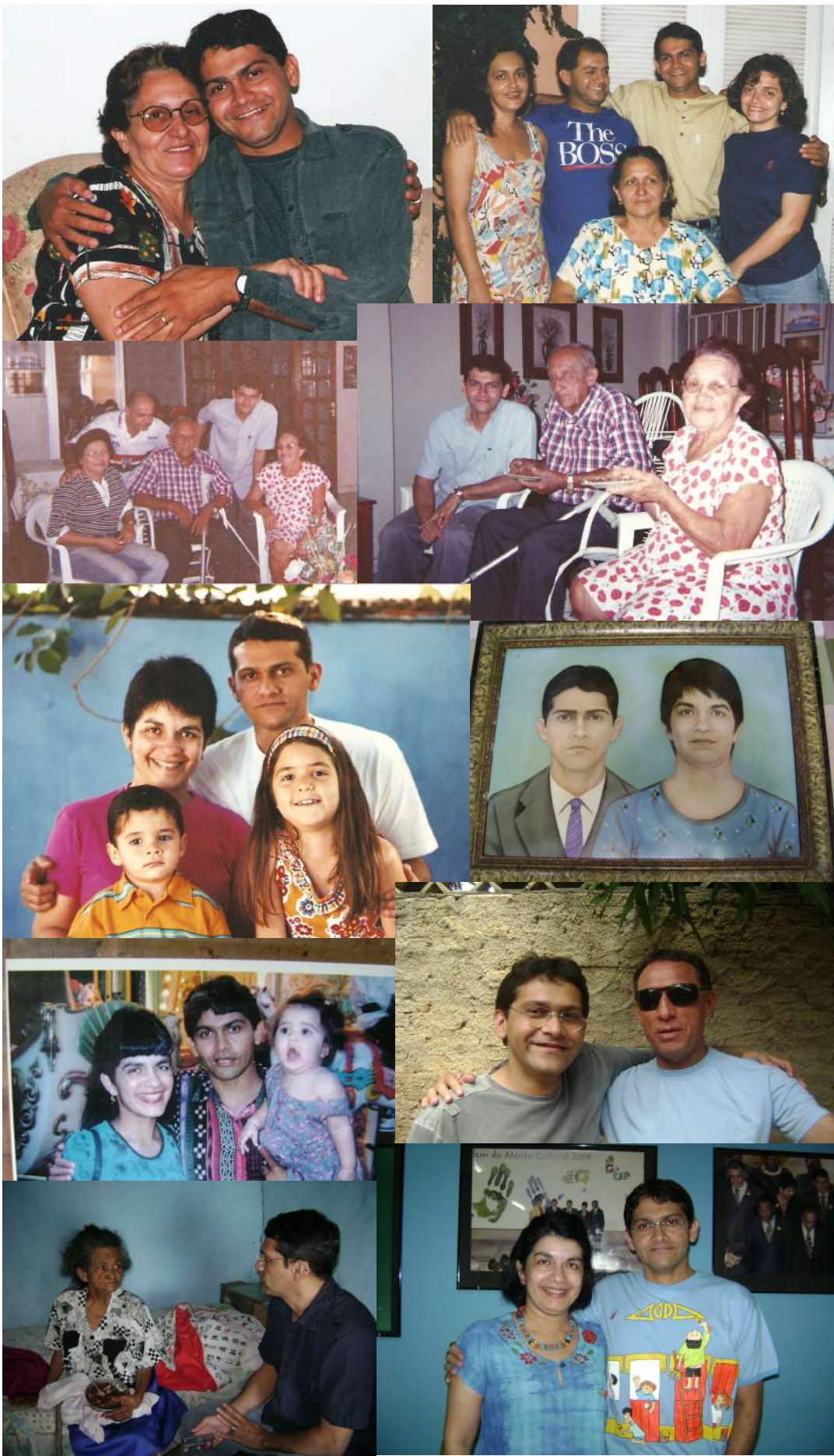
*Aqui também me recordei de um amigo de nome Edmar de quando morávamos no depósito da loja de meu pai e sonhávamos ir embora de Miranorte para fazermos os cursos do Instituto Universal Brasileiro que eram divulgados nas revistas. Um dia de madrugada ele achou um Camioneiro que se propôs a nos levar para São Paulo e eu não tive coragem de ir. Ele foi e depois de mais de trinta anos nos encontramos novamente em São Paulo. Foi ele, em nossas conversas, que me despertou o interesse de conhecer outros países do mundo, pois ele lia nos livros e revistas e falava de Ruas de Marsélia e do mundo como se já estivesse lá. Hoje, ela ainda está em São Paulo e eu estou pelo mundo.*

Concluimos este capítulo após reunir os elementos biográficos de Alembert Quindins e organizá-los conforme uma perspectiva de um *eu* que imaginou elos temporais significativos entre o seu passado, seu presente e seu futuro convivendo com a complexidade destas interdependências entre estas várias dimensões da sua existencialidade que nos permitiu encontrar no modelo teórico da abordagem (auto)biográfica uma forma satisfatória de trazer sua realidade mesmo sabendo que lidamos com o imaginário do sujeito, mas que possam ser consideradas como verdadeiro.

Assim, reconhecemos que a narrativa contém uma autenticidade e torna o autor capaz de reconstruir a sua história, refazer sentimentos, refletir sobre o que se passou e se tornou experiências de vida e ter uma visão mais inteira do seu processo de formação.

### Fotobiografia de Alembert Quindins







*Eu sou um homem de presente e o futuro é um presente de Deus!*

**CAPÍTULO 3**  
**A EDUCAÇÃO POPULAR NA FUNDAÇÃO CASA GRANDE: NARRATIVAS,  
IMAGENS E SONHOS**



**Fotografia 9: Meninos da Casa Grande brincando**

Quem deu o caminho para a Casa Grande,  
o caminho da filosofia da Casa Grande, foram  
as próprias crianças.

Alemberg Quindins

Este capítulo tem como objetivo abordar o processo de construção da experiência educativa da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri como universo pesquisado, buscando contextualizá-la em seu meio ambiente e compreendê-la por meio das narrativas do educador popular, sujeito central dessa pesquisa - Alembert Quindins como idealizador dessa Organização Não-Governamental que desenvolve ações de gestão cultural com crianças e jovens do sertão cearense, como também das narrativas da gestora e arqueóloga Rosiane Limaverde e das crianças e jovens. Para isso, se aproxima da reflexão sobre a educação popular realizada pelas ONGs no Brasil e sobre a função do educador popular na práxis educativa.

Tivemos a pretensão de mostrar a Fundação Casa Grande como um grande painel pintado a várias mãos, mas que reflete o trabalho e os sonhos do seu fundador. A Casa Grande é uma realização de muitos, porém não teria sido possível sem os sonhos do nosso sujeito principal.

Contemplando o painel construído neste capítulo, vislumbramos como em imagens caleidoscópicas, várias facetas de uma experiência de educação que fez-se popular e que continua se fazendo pela ação de muitos sujeitos que continuam sonhando e tendo esperança num mundo melhor, onde “boniteza e descência andem de mãos dadas” como desejou Freire em *Pedagogia da Autonomia*.

A educação popular é um campo complexo e um desafio quando se busca apreendê-la e compreender o que este termo contém sua evolução histórica e sua atual função na sociedade brasileira. Encontramos inúmeras definições que muitas vezes confundem-se com o conceito de educação não-formal.

Dentre as definições encontradas nos afinamos com Ilse Scherer-Warren (2000) quando diz que educação popular significa uma educação voltada para a cidadania que trabalha o resgate da dignidade das classes populares da sociedade e a construção do sujeito (individual e coletivo) por meio de um processo educativo.

Muitos habitantes deste planeta azul que viaja pelo espaço infinito não têm a oportunidade nem se quer tem as condições básicas para uma sobrevivência digna, pois lhes faltam comida, saber e sonhos.

É para estes excluídos que a educação popular é mais voltada e vem desenvolvendo projetos objetivando suas ações para a inclusão social, autonomia e crença no potencial humano. Um dos ambientes que têm exercido esta práxis são as Organizações Não-Governamentais que, de acordo com Olinda (2003), fazem uma complementação dos

trabalhos pedagógicos escolares na medida em que desenvolvem ações com diversos temas interdisciplinares.

Olinda (2003, p. 2 ) ressalta, e concordamos com ela quando diz que:

Mesmo as ONGs sem atuação direta nas escolas terminam tendo reflexos sobre a vida escolar na medida em que fazem os jovens experienciarem um intenso e prazeroso convívio entre pares, mostrando-lhes que é possível desencadear processos de aprendizagem onde há cooperação e interação permanente. O jovem escolar que é protagonista numa ONG já não aceita a posição passiva que em geral a escola lhe impõe.

Paulo Freire foi o grande incentivador da Educação Popular no Brasil que teve início com a publicação do livro *Pedagogia do Oprimido* focando a consciência e propondo uma atitude de implicação com o mundo e de distanciamento crítico para fazê-lo presente num ato de conhecimento da realidade.

Seu livro foi escrito há mais de 40 anos e a educação popular foi marcada profundamente por esta obra que continua sendo um grande e importante referencial para a educação latino-americana, como também na formação de educadores, pois permanece sendo inspiradora para inúmeras experiências em todo o mundo.

Ele chama a atenção dos docentes e discentes para uma consciência crítica como forma de mudança social e aponta como uma das tarefas da educação popular democrática: fornecer os instrumentos para as classes populares serem construtoras do projeto de um mundo novo onde a linguagem, a palavra antecipa o mundo na imaginação.

Aí está uma das tarefas da educação democrática e popular, da pedagogia da esperança – a de possibilitar nas classes populares o desenvolvimento de sua linguagem, jamais pelo blá blá blá autoritário e sectário dos “educadores”, de sua linguagem que emergindo da e voltando-se para a realidade, perfila as conjecturas, os desenhos e as antecipações do mundo novo. (FREIRE, 1992. p.41).

Traz também uma importante crítica à escola tradicional baseada na pedagogia bancária: o professor/sujeito que deposita seu discurso no aluno/objeto, visto como um recipiente vazio. Educar é, aí, um modelo conservador de dominação dos marginalizados. Para o autor a solução estaria em transformar a estrutura opressora em uma estrutura libertadora e consciente.



Paulo Freire cria um método de alfabetização como forma de inclusão social e emancipação daqueles excluídos tendo como elemento principal o diálogo. No diálogo, as palavras quando são verdadeiras tem a força de transformar o mundo. Suas idéias transmitem o valor da solidariedade, pois para ele não há ignorantes absolutos nem sábios absolutos, mas homens em comunhão buscando saber mais.

A partir das idéias de Paulo Freire inicia-se um movimento social voltado para a educação das classes mais simples não só brasileira, mas em toda América Latina onde ele desenvolveu alguns projetos, palestras e experiências.

Conforme Moacir Gadotti (2001), a educação popular tem passado por vários momentos porque é um movimento dinâmico e formado por um grande mosaico de visões e compreensões diferentes que se reportam ao paradigma teórico de Paulo Freire que fez a função de um jardineiro plantando sementes e sonhos para a realização de um mundo melhor, mais solidário e humano e atualmente, suas idéias continuam afirmando os seres humanos como seres transformadores capazes de mudar realidades através da força do querer e da conscientização.

As idéias de Paulo Freire continuam atuais e necessárias, pois as transformações do tempo atual com a revolução tecnológica e globalização, aceleração da vida, trazem a necessidade de interagir com “o novo” e porque “Paulo Freire é um pensador comprometido com a vida: não pensa idéias, pensa a existência” como expressa Fiori no Prefácio do livro *Pedagogia do Oprimido*.

A originalidade e o sentimento de amor pela humanidade principalmente pelos mais simples nos ensinam até hoje que mudar é difícil, mas é possível e que nunca devemos deixar de sonhar. Que bom que temos esta possibilidade de mudar e crescer.

Não é nosso objetivo aqui analisar a obra de Paulo Freire, mas apenas ressaltá-lo como uma das mais importantes referências na nossa formação como educadores e na realização desta pesquisa, como também não pretendemos trazer o histórico da educação popular, nem analisar mais profundamente o conceito de educação popular, muito menos sobre o processo histórico das ONGs no Brasil, pois entendemos que já existem muitas publicações abordando o tema e também porque pretendemos nos concentrar no nosso objeto de estudo. O que nos propomos aqui é refletir sobre a práxis desenvolvida na Fundação Casa Grande buscando uma identificação com uma experiência de educação popular e, por meio das narrativas dos idealizadores e atores sobre o processo de criação da instituição nos aproximar da experiência formadora praticada nesse ambiente educativo.

Apenas como uma forma de apresentar um pequeno resumo do desenvolvimento dos Movimentos Sociais no Brasil e como a educação popular está inserida nestes movimentos, achamos relevante trazer esta visão da análise trazida por Frei Betto (2000), em seu livro *Desafios da Educação Popular* quando a divide em cinco esferas sociais, tendo por objetivo a organização da sociedade, são elas:

- 1) A esfera pastoral, com as Comunidades de Base que foram as primeiras organizações no mundo popular brasileiro, no pós-64;
- 2) A esfera dos movimentos sociais, com as Comunidades Eclesiais de Base que promoveu e incentivou o aparecimento, na metade dos anos 70, de uma quantidade de movimentos populares;
- 3) A esfera do movimento sindical quando ainda nos anos 70, os movimentos populares começaram a ganhar um caráter de classe, culminando com a fundação da CUT, em 1983;
- 4) A esfera dos partidos políticos com a elaboração de projetos para a sociedade de grupos políticos que se transformaram em partidos políticos e;
- 5) As administrações populares, com a expansão de Organizações Não-Governamentais com trabalhos voltados às questões sociais.

Complementando, Gohn (2002) relata que nos anos 90, a educação popular ganhou muitos espaços na sociedade em geral porque a educação obteve um destaque pelas demandas exigidas pela informação e conhecimento do mercado de trabalho.

Outro aspecto que consideramos importante esclarecer é que não iremos à procura de identificarmos quais correntes teóricas foram inspiradoras para o educador aqui analisado, porque sabemos que até hoje ele não teve esta preocupação em se filiar a nenhuma teoria pedagógica e tudo que fez, foi seguindo um sentimento de simplesmente querer fazer, querer brincar e querer sonhar. Nada na Fundação Casa Grande foi planejado como se pode perceber nas narrativas.

Observamos que as ações as quais deram início à instituição e que até hoje são exercidas não tiveram intenções nem pretensões políticas no sentido partidário do termo, nem mesmo no sentido de militância política organizada, diferentemente do que ocorreu no universo do Terceiro Setor brasileiro que, de acordo com Landim (2002), na década de 70, as ONGs que apareceram no Brasil, foram pensadas e criadas numa base política com inspirações socialistas e como reação ao que estava estabelecido dentro de movimentos

sociais de contestação e em busca de suprir as carências da sociedade civil. Na Fundação o percurso foi bem diferente, pois foi um movimento de inquietação interna motivada por um sonho que resultou na busca de desvendar um chamado interior que não estava muito claro ainda, mas que fez com que Alemberg Quindins saísse em andanças pelo sertão cariense em busca de si e que conseqüentemente envolveu Rosiane Limaverde que já se identificava com a contação de histórias.

A seguir caminharemos pelo universo em que o sujeito central desta pesquisa está envolvido cotidianamente nas suas práticas educativas e nos encontraremos com a história da criação da Casa Grande por meio das narrativas dos próprios fundadores. Os depoimentos foram captados formalmente com a utilização de entrevista narrativa, como também de outras falas mais informais que foram ouvidas em momentos diversos no período de convivência na pesquisa de campo, como também em publicações de revistas, livros, artigos e alguns vídeos, conforme está detalhado no capítulo anterior.

Nos propomos a viajar por estes espaços de aprendizagem da Fundação Casa Grande, em busca de nos aproximar de algumas respostas por meio das narrativas dos seus sujeitos, das imagens ali encontradas e dos sonhos sonhados.



**Fotografia 10: Meninos da Casa Grande em atividade**

### **3.1. A Educação Popular na Fundação Casa Grande: formação na arte de viver**

O que importa é ser feliz enquanto estamos  
fazendo coisas que ampliam as habilidades  
que nos ajudam a crescer  
e a realizar nosso potencial.

Csikszentmihalyi

Uma das questões essenciais da vida em eterno processo de formação é encontrar o nosso devido lugar no mundo e isto compreende as buscas por um saber-viver, ou seja, buscas pela sabedoria para que a nossa existencialidade tenha sentido e nos traga alegrias na vida.

A ciência tem nos apresentado que nossa realidade é uma consequência dos nossos pensamentos, ações, maneiras de viver e de conviver influenciando nosso jeito de ser e de agir no mundo, afirmando que o ser e o fazer estão totalmente implicados e interligados (Maturana, 1995).

Josso (2002, p.88) nos esclarece que esta busca por uma sabedoria de vida que nos orienta a fazer as escolhas são: “a busca de felicidade, a busca de si e de nós, a busca de conhecimento ou busca do real e a busca de sentido.”

Na verdade, a maioria dos seres humanos vive procurando encontrar a felicidade na vida, e assim nos tornamos *nômades da felicidade* (p. 90) e as narrativas que criamos para a nossa existência apresentam o *design* que fizemos dela.

Para formar-se numa sabedoria de vida, a autora diz que é necessário entender quais os aspectos que necessitam ser trabalhados e desenvolvidos para avançar na realização do tornar-se. Compreendemos que o próprio percurso do caminho vem nos dando recursos para a autoformação e aprendizagem do ofício que é viver e nos afinamos com Josso (2002, p.39), quando diz que “formar-se é integrar-se numa prática o saber-fazer e os conhecimentos, na pluralidade de registros” (psicológico, psicossociológico, sociológico, político, cultural e econômico).

A Fundação Casa Grande contribui nesta formação de crianças e jovens do sertão cearense na área de gestão cultural e educação patrimonial utilizando intuitivamente a metodologia do saber-fazer-fazendo, repassando o conhecimento por via oral e experiencial, nas experiências cotidianas vivenciadas durante os eventos culturais da instituição.

Então, em nossa convivência com o cotidiano da Fundação, pudemos constatar que o processo de formação, de aprendizagem e de conhecimento realizado com as crianças e jovens na Fundação Casa Grande, ocorre por intermédio da formação experiencial nos moldes do que nos fala Josso (2002), pois para ela “a formação é experiencial ou não é formação” (p. 48) e complementa nos dizendo que

[...] a formação experiencial designa a atividade consciente de um sujeito que efetua uma aprendizagem imprevista ou voluntária em termos de competências existenciais (somáticas, afetivas, consciências) instrumentais ou pragmáticas, explicativas ou compreensivas na ocasião de um acontecimento, de uma situação, de uma atividade que coloca o aprendente em interação consigo mesmo, com os outros, com o meio natural ou com as coisas, num ou em vários registros. ( JOSSO, 2004, p.55,56)

Mesmo sem nenhuma orientação educacional e metodológica, as atividades desenvolvidas na Fundação Casa Grande estão em sintonia com o que alguns autores teorizam, dentre eles Paulo Freire, pois ao mergulharmos nas práticas metodológicas da

Casa, nos encontramos com Paulo Freire e suas idéias de autonomia, conscientização e vir-a-ser.

Observamos que os meninos e meninas da Fundação Casa Grande a partir das atividades realizadas no cotidiano da instituição vão se apropriando ao longo do tempo de um saber-viver que de acordo com Josso (2004, p. 108) inclui também saber-amar, saber-apreciar, saber-formar-se, saber-pensar, saber-fazer e saber-ser socioculturalmente, pois as práticas dos Laboratórios de Conteúdo e de Produção são verdadeiros exercícios do olhar, escutar, sentir, ser, fazer e conviver.

Nos deparamos também com a dinâmica da complexidade (Edgar Morin, 2000) que se apresenta em todo processo de formação e com a teoria tripolar de formação que segundo Pineau e Patrick (2005, p. 131) inclui os três níveis de análise que são: a autoformação que é a apropriação do sujeito pela sua própria formação, ou seja, a conquista de sua autonomia como sujeito; a eco-formação, que é a relação com o meio ambiente se compõe de todas as influências físicas e climáticas mas, inclui também uma simbologia porque todo ambiente produz grandes influências sobre a cultura e o imaginário humano. E a heteroformação, que é o pólo social da formação, a relação com o outro. Incluindo a educação, as influências sociais recebidas da família, do meio social e cultural. Segundo estes autores, é um processo de evolução da consciência do sujeito.

Então, no dia-a-dia da Casa Grande, os sujeitos que ali chegam, vão aprendendo através das experiências dos que estão ali há mais tempo e, conseqüentemente, vão repassando também suas experiências para os novatos e, assim, desenvolvem auto-estima porque tomam conhecimento de suas origens, de suas histórias e repassam para cada visitante. Conforme vão se apropriando de novos saberes, também estão aprendendo a se relacionar consigo mesmo, com o outro, porque precisam do outro para aprender e com o contexto onde estão inseridos.

Assim, percebemos uma transformação naqueles seres que começam a fazer parte dos programas de gestão cultural desenvolvidos na Fundação que, geralmente chegam acanhados, sem auto-estima e com poucas percepções de mundo e, que a partir de suas experiências nos chamados “Laboratórios de Conteúdo” e “Laboratórios de Produção”, que são os espaços onde adquirem informações e conhecimentos da melhor qualidade, como por exemplo, tem a oportunidade de ler os melhores gibis já publicados, verem os melhores filmes e assistirem a bons espetáculos, como também inserirem-se no mundo da informática através da internet. Então, estas crianças e jovens com certeza, depois de um breve tempo, não serão mais as mesmas. É como se abrisse realmente um

portal com uma nova dimensão de possibilidades aonde o mundo chega até eles. Eles não precisam viajar para o mundo porque o mundo vem até eles.

Encontramos uma conexão com o conceito de autopoiese de Maturana e Varela (1995) quando dizem que todo processo de formação acontece a partir de uma dinâmica autopoietica e enativa, algo que ocorre de dentro para fora, mediante processos co-determinados que acontecem a partir do acoplamento estrutural entre o indivíduo e o meio onde está inserido.

Assim, este mundo que se apresenta na instituição como um mundo de novas oportunidades e saberes revela a fragilidade dos modelos de educação formal brasileira que não tem dado conta de trabalhar a formação de crianças e jovens na sua inteireza muito menos de maneira prazerosa.

O processo de formação que encontramos na Fundação Casa Grande é aberto, vivo e criativo (Moraes, 2007) num espaço onde a autoformação acontece cotidianamente, promovendo aperfeiçoamento humano e profissional.

É mediante as vivências nos “Laboratórios” o qual vão além do acúmulo de informações, aprendendo a olhar, a escutar, a cuidar e a se expressar com autonomia e autenticidade.

Com esta construção de conteúdo em forma de saberes, já se encontram em condições de criarem produtos através dos “Laboratórios de Produção”, que são os espaços onde podem criar programas de rádio, documentários, produção de espetáculos, edição de revistas em quadrinhos, músicas, além de criação dos seus próprios blogs.

Através dessa pesquisa pudemos verificar que os idealizadores dessa instituição, mesmo sem formação pedagógica, praticam os novos paradigmas da educação, tendo na prática a complexidade e a transdisciplinaridade como princípios fundamentais para a formação humana. Mesmo não tendo conhecimento dessas teorias educacionais porque só estudou até a oitava série primária, Alemberg nos fala que a Casa Grande exerce uma filosofia de vida, porque para ele, a filosofia dá asas aos sonhos e torna aquelas crianças e jovens livres para sonhar, conhecer e ser mais.

Como já foi explicitado, o trabalho na Casa Grande não foi planejado a partir de teorias, mas foi idealizado como a realização de um sonho que identificamos como uma “procura de uma arte de viver” que nos fala Josso (2002, p.88). Segundo a autora, a formação se dá por meio das buscas orientadoras e das escolhas na vida e que ela as identificou como: a busca da felicidade, a busca de si e de nós, a busca de conhecimento e a busca de sentido. A autora relata que esta busca se dá, em geral, de modo não-

consciente inicialmente e, pode aparecer numa desordem: cada uma pode aparecer em diferentes momentos e com a lógica própria de cada história. Trataremos dessa busca mais detalhadamente, ao analisarmos as narrativas dos sujeitos da pesquisa.

Repetimos que não se encontra nas narrativas dos idealizadores nenhuma referência teórica quando da elaboração de algum dos seus programas, mas na convivência que tivemos no cotidiano de suas práticas pedagógicas encontramos afinidades com algumas teorias que tenho retratado ao longo do texto, principalmente com uma afinidade no conceito de aprender sob a visão de Maturana e Varela (1995) como resultante de uma interação de vários sistemas em diferentes momentos da vida.

Assim, aprender é conviver, viver é aprender a conviver com todas as potencialidades, beleza, encantamento, mistérios e complexidade que a natureza nos proporciona.

Neste sentido, também compartilhamos do mesmo sentimento de Moraes (2003) quando diz que viver é compartilhar experiências se assemelhando também com o que nos diz Josso (2002) e reconhecemos na Fundação Casa Grande como um espaço de compartilhamento de experiências que cria ambientes educacionais permitindo experimentar a dinâmica do “fluxo de energia criativa” que Mihaly Csikszentmihalyi (1996) chama de “estado de experiência ótima” identificado como um momento em que a pessoa se sente envolvida em uma profunda sensação de prazer e bem-estar proporcionando concentração ativa e a absorção no que faz.

Resumidamente, fazemos a seguir, uma descrição sobre os elementos e condições psicológicas que segundo Csikszentmihalyi (1996) constituem uma experiência ótima:

1. a atividade deve ser desafiante e requer o desenvolvimento de habilidades físicas ou mentais;
2. a integração entre ação e consciência;
3. a atividade deve envolver metas claras;
4. a atividade deve prover retroalimentação imediata;
5. o grau de concentração requerido pela tarefa
6. o controle do processo;
7. o esquecimento de si mesmo na execução da tarefa;
8. a transformação da noção da passagem do tempo.



Percebemos que no interior da Fundação Casa Grande encontra-se uma afinidade com a teoria de Csikszentmihalyi (1996), pois o elemento-chave para ocorrer uma experiência ótima é que ela possua um fim em si mesma e que a metodologia de aprendizagem exercida nos laboratórios de conteúdo e de produção envolve projetos e resolução de problemas reais bem desenvolvidos que leva esses pequenos gestores culturais a transformar a aprendizagem em momentos de alegria, prazer, bem-estar por estarem lidando com temas e produtos culturais como também com exercícios proativos na busca de soluções.

Assim, a aprendizagem exercida na Fundação Casa Grande se reafirma no pensamento de Maturana & Varela (1997) como um caminho que é construído ao caminhar, no exercício do passo-a-passo por meio do resgate da cultura popular, das brincadeiras de crianças, da música regional fazendo uma ponte com o que tem de melhor na produção cultural mundial.

Exemplificando, as crianças e jovens que adentram a experiência da Fundação aprendem com as experiências de cuidar da Casa e de seus espaços, ter acesso a produtos culturais de qualidade e equipamentos de alta tecnologia e a aprender fazendo e produzindo nas atividades culturais e artísticas que acontecem em seu cotidiano.

Então, crianças e jovens que não teriam oportunidade de ir além da praça central da cidade ou dos muros das escolas formais municipais e estaduais, podem elaborar projetos de vida dando oportunidade de exercitar o ser-mais.

O trabalho desenvolvido pelos sujeitos desta instituição vem sendo sonhado e compartilhado juntos, reforçando os relacionamentos que de acordo com Olinda (2004), em seu artigo *Experiências formadoras de uma jovem caririense: rebeldia e responsabilidade*, expressa que

“a participação autônoma e solidária, desenvolvida na Casa Grande, indica um tipo de ação/intervenção que visa a solução de problemas locais e a edificação de projetos de aprimoramento da situação individual e da grupal, criando uma cultura auto-sustentável e de exercício da criatividade e do estímulo ao crescimento interior.” (p. 2)

Portanto, podemos dizer que as ações realizadas na Fundação são caracterizadas como experiências em educação popular, por se tratar de um trabalho voltado ao atendimento de crianças e jovens de baixa renda e de excluídos das

oportunidades mais disponíveis a clientela de classe média e alta, apostando no desenvolvimento de sua autonomia cognitiva e moral e no exercício da solidariedade.

A maioria dos sujeitos atendidos pela Fundação Casa Grande são os chamados “meninos e meninas” de Nova Olinda que, segundo Alembert *são aqueles meninos de ponta de rua das comunidades mais simples da cidade*. Para ele, é diferente do menino e menina da favela das grandes cidades, pois na cidade pequena, esta denominação não tem o peso como na metrópole, onde eles são vistos como marginais e bandidos. Alembert considera a rua como *o espaço mais social que existe na nossa comunidade*, pois no interior, todos vão para o meio da rua. Quando uma criança nasce, a mãe vai para rua mostrá-la; no final da tarde as pessoas mais velhas vão para a rua conversar sobre os acontecimentos do dia. Então, a rua é a própria expressão da comunidade.

Segundo Gohn (2002), no mundo contemporâneo,

“a educação deve contribuir para gerar um trabalhador que tenha habilidades e domínios de conhecimentos tecnológicos, habilidades de gestão e que saiba ser criativo, desenvolvendo relacionamentos estratégicos (saudáveis e produtivos), e com habilidades nos relacionamentos intergrupais, que saiba aprender a aprender.”

Assim, será necessária a atuação da educação formal básica e da educação não-formal que trabalhará sobre o que ela chama de “o mundo da vida”. Ainda de acordo com essa autora, no novo paradigma, a educação deve trabalhar os seguintes conteúdos universais: conhecimentos, valores, atitudes e habilidades.

Então, com esta exigência do mundo globalizado e da propalada incapacidade do Estado de dar conta da enorme demanda social, ampliou-se o campo da educação popular e ganhou centralidade nas políticas sociais, mas segundo Gohn (2002), a sua natureza também mudou, pois não se trata mais de uma educação política e de conscientização praticadas por educadores como Paulo Freire, mas como ações mais voltadas a inclusão social e as ONGs têm uma função muito importante neste processo.

A partir daí, a educação popular não trabalha apenas a questão da alfabetização, mas realiza projetos voltados ao desenvolvimento da sensibilidade do olhar, da escuta, do sentir e do conviver, sem precisar estar necessariamente vinculado a nenhum partido ou movimento político partidário.

Identificamos aqui a experiência da Fundação Casa Grande como uma prática de educação popular que forma crianças e jovens para incluí-lo no mundo atual, em afinidade com a missão da educação popular que é “gerar sujeitos críticos” (Gohn, 2002) por meio de aprendizagens significativas vinculadas à vida cotidiana, ao saber popular e às vivências exercidas no cotidiano da instituição. Surge também a função do educador popular na formação destes sujeitos.

O educador popular, enquanto “sujeito designado a vir aos grupos populares com um saber que lhe é específico e que dá a estes grupos uma contribuição teórica própria” (Amâncio, 2004), é mediador da problematização da realidade junto aos educandos, sendo, ao mesmo tempo, mediado pelo movimento de ação-reflexão-ação (Freire, 1987), implícito ao processo educativo popular, todos os sujeitos se transformam, porque tanto os educandos, quanto os educadores mobilizam, ressignificam os próprios saberes e a própria leitura da realidade.

As variadas experiências em educação popular vêm se afirmando e contribuindo para a formação de um educador influenciado, não apenas pelo contexto educativo em que atua, seja ele escolar ou não-escolar, mas também pelos princípios que orientam o campo educacional popular. Assim, educandos e educadores formam-se mutuamente, ao longo do processo educativo, ou melhor, “já não se pode afirmar que alguém liberta alguém, ou que alguém se liberta sozinho, mas os homens se libertam em comunhão” (Freire, 1987, p.130).

Paulo Freire já nos ensinava que aprendemos com a própria vida e que nada melhor do que mostrar na prática o que aprendemos com ela, através dela e assim, descobrir o sentido da educação como seu centro. A vida se manifesta através de nossas características e experiências pessoais e sociais como: família, amigos, religião, trabalho, amor, escola, ideologias, posicionamentos, relação com a natureza, com o universo, etc.

A convivência no cotidiano da Casa Grande nos deu muitas oportunidades de vivenciar este cenário pedagógico de formação infanto-juvenil por intermédio das narrativas ali produzidas, dos desenhos que vão se formando ao longo do tempo e dos sonhos ali plantados. Nesta vivência, procuramos respostas para compreender: O que caracteriza as práticas da Fundação Casa Grande como educação popular? Como se constrói o saber/fazer destas crianças e jovens do sertão? Como se dá este processo de formação dos atores deste cenário? Que experiências estes meninos e meninas têm para nos ensinar? Que sonhos de futuro ele(a)s vislumbram?

Objetivamos iluminar estas reflexões sobre este cenário educacional que se apresenta como uma Escola de gestão cultural para crianças e jovens do sertão, fazendo uma parceria com a escola formal e a família com o objetivo de incluí-las no mundo globalizado com todas suas mazelas e benefícios, tornando-as autônomas e donas das suas vidas.

Alemberg fala que na Casa Grande *não tem pedagogia, tem filosofia porque a pedagogia exige uma estrutura e a filosofia é livre, dar asas a imaginação das crianças e jovens*. As coisas acontecem muito instintivamente. Vai-se seguindo o que o coração orienta.

O que se apresenta aliado às narrativas das experiências vivenciadas na Casa é que o que orienta é a disciplina e o senso de cuidado que cada um deve ter com a Casa e com tudo que nela existe, ou seja, sua memória, seu acervo e seus equipamentos.

Ao contrário da escola formal, quem diz o que quer aprender é o aluno. Se ele gosta de cinema, vai até a Dvdteca, escolhe o que quer ver e se quer aprender a fazer filme, procura um jovem mais experiente, de preferência o coordenador do estúdio de TV e vai aprender a filmar. Aprende fazendo. Então, é a força do querer que faz ele movimentar-se.

Não existe inscrição para a participação nos programas desenvolvidos na instituição, mas a criança ou jovem chega geralmente pelo parquinho, brincando, começa a se interessar em cuidar da casa, pega uma vassoura para varrer e vai se aproximando livremente do que mais gosta.

Alemberg até brinca dizendo que a vassoura é o primeiro instrumento de trabalho do menino ou menina que chega à Casa Grande. Esclarecendo que não se trata de um trabalho infantil, mas de despertar na criança o sentimento do cuidar. Para aqueles que já fazem parte da equipe de gestão a diversão é o próprio aprender e produzir, pois todos são responsáveis por suas ações.

A seguir, realizaremos uma viagem sobre o universo pesquisado, procurando nos encontrar com suas narrativas, imagens e sonhos.



**Fotografia 11: Estátua em madeira do índio Kariri – Mascote do Memorial do Homem Kariri**

### **3.2. O Reino dos encantados da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri**

“Manacá e Jurema forte  
 Pedra bonita incarcou  
 Dando a chave in canto in breve  
 E a pedra de ingá gravou  
 Selado em claranã  
 O portal se incantou  
 Ô Luiza Tainácan  
 Me aponta o trieiro das pedras pintadas  
 Nascentes tapadas por Cleitô  
 Tua rima  
 Opara intoi pra mim o canto das filhas órfãs  
 Do reino dos incantados  
 É o Warakidzan”  
 (Música Waiuca de Alemberg Quindins)

A Fundação Casa Grande apresenta-se como um “reino encantado” porque ao adentrá-la não tem como a pessoa não se encantar com as suas histórias, mitos, lendas que se confundem com seu cotidiano e com suas crianças.

A Casa Grande como é mais conhecida é grande mesmo no aspecto mais simbólico da palavra porque acolhe a todos que chegam e que queiram brincar e aprender, como retrata muito bem música “A Casa” de Moraes Moreira e adotada como hino pela Fundação. Ele fala assim:

#### Essa Casa (Moraes Moreira)

Essa casa é tão bonita  
como a gente que habita  
Desde a rua até a porta,  
até a sala de visita,  
até o fundo do quintal.  
Todo mundo acredita  
no objetivo igual.  
Tudo que se reza e pede  
é que Deus seja seu hóspede principal.  
Essa casa é tão bonita  
quando a inspiração visita  
o coração do cantor.  
Tem amor no jardim,  
tem a flor do amor perfeito.  
Tem um banco que foi feito  
só para namorar.  
Tanta coisa, e advinha  
como eu me sinto feliz.  
Alguma coisa me diz  
que essa casa é a minha.

Atualmente, no Brasil, ainda são muitas as crianças e jovens que não tiveram ainda o merecimento de ter uma casa, um teto, um abrigo seguro como um local que nos alimenta de segurança e dignidade, condição básica para a formação do ser humano.

A Casa Grande é uma casa azul plantada na boca de uma cratera na Chapada do Araripe com um monte de cidadezinhas dentro, onde se encontra a Floresta Nacional do Araripe e muitos sítios arqueológicos olhando para o sertão.

Conforme Limaverde (2006, p.3):

A Chapada do Araripe representa no contexto arqueológico nordestino um lugar ímpar para a vida humana desde a pré-história, quando bandos de caçadores e coletores em busca de um refúgio ambiental fugiam da aridez do sertão. Foi nesse contexto que se manifestou uma cultura material e intangível diversificada, oriunda de diferentes grupos humanos que no ambiente do Araripe conviveram atraídos pelas fontes perenes do sopé da chapada que alimentavam o fértil vale do Cariri.

Alemberg conta<sup>12</sup> que geograficamente, a Chapada do Araripe surgiu com a movimentação das placas tectônicas separando os continentes da África e da América. Inicialmente, o mar entrou pela Chapada que era uma região de lagos, contendo uma rica vida marinha onde habitavam animais pré-históricos como o piterossauro. E que de acordo com a Exposição da Universidade Álvares Penteado sobre a região, foi o local onde surgiram as primeiras flores.

Com a entrada do mar, alterou a vida das águas doces e seus peixes. Com uma nova movimentação das placas, o mar foi fechado formando um grande lago de águas salgadas que foi evaporando com o tempo e matando a vida marinha existente originando os fósseis que viraram pedras retratando o local de 150 milhões de anos atrás.

Assim, este ambiente teve uma alteração no seu clima transformando-o em uma espécie de oásis no meio do sertão gerando também um movimento cultural muito forte.

Alemberg diz que para ele:

*Um dos lugares de energia do planeta é a Chapada do Araripe. Como a Chapada dos Guimarães, como outros pontos altos que são lugares em que você vê que existe uma energia. A Casa Grande de certa forma é um beija-flor que procura sugar essa energia e condensar lá dentro, para passar um pouco para as pessoas.*

---

<sup>12</sup> As falas de Alemberg Quindins, de Rosiane Limaverde e de outros sujeitos que colaboraram nesta construção aparecerão em itálico, após um espaço, separando da escrita da pesquisadora. Este foi o modo que encontramos para valorizar as falas e para mostrar que de fato houve uma construção conjunta.

Atualmente, a Chapada é conhecida por sua natureza exuberante, fontes de águas cristalinas, seu povo criativo e artístico onde exalam aromas de mel de rapadura, caldo de cana e reinam os mestres da cultura com seus artesanatos, cantos e danças, com uma religiosidade muito forte tendo como seu maior expoente o Pe. Cícero Romão Batista e tantas outras personalidades que refletem o sentimento do povo caririense.

A Fundação Casa Grande é uma Organização Não-Governamental (ONG) que desenvolve atividades nas áreas de comunicação, educação patrimonial e cultura desde 1992 na pequenina cidade de Nova Olinda, na região do Cariri, no sul do Ceará, a 580 Km da capital. O Município tem uma população de 10.752 habitantes ([www.ipece.org.br](http://www.ipece.org.br)) e deste total, 5.072 residem na zona rural. De acordo com dados do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais -INEP/MEC de 2006, Nova Olinda tem 9 (nove) escolas na sede, das quais 6 (seis) são do governo municipal e estadual e 3 (três) particulares. Ainda é alta a sua taxa de analfabetismo de sua população jovem com 34,2%.

Este pequenino Município tem basicamente características rurais, o qual a maioria das famílias tem ainda o trabalho na agricultura de subsistência como sua fonte de renda e também a indústria de gesso e extração de pedras serve como meio de sobreviver.

Na busca de compreender as ações educativas desenvolvidas na Fundação Casa Grande, faz-se necessário conhecer este cenário educacional.

As crianças e jovens chegam à Fundação por sua livre iniciativa, mas sua participação nas atividades está condicionada à matrícula na escola formal. Então, quando chegam pequeninas, entram pela Escolinha de Iniciação e vão circulando pelos programas, aprendendo e repassando oralmente aos mais novos, pois não existe nenhum manual de instruções ou coisa parecida. Eles aprendem pela experiência, no próprio processo de integração (Josso, 2004, p.39) com todas as lendas, mitos e equipamentos da Casa. Esta compreensão nos lembra os versos de Antonio Machado (apud Varela, 2000) quando diz que:

Caminhante, o caminho é feito de seus passos e nada mais;

Caminhante, não há um caminho;

É você quem faz o caminho ao caminhar.

Ao caminhar, você faz o caminho e ao olhar para trás,

Você verá um caminho que nunca mais voltará a pisar.

Caminhante, não há nenhum caminho,

Apenas trilhas nas ondas do mar.



Assim, a aprendizagem que acontece com estas crianças e jovens da Casa Grande é um processo que ocorre no próprio viver, mediante o desenvolvimento da experiência (Moraes, 2006) e elas vão vivendo e aprendendo no caminhar por seus corredores, salas e parques, aprendendo de si, de suas origens, de seu passado, construindo seu futuro e recontando a sua história.

Tratamos aqui um pouco do histórico da instituição por meio das narrativas, principalmente dos seus idealizadores que vivenciaram toda esta experiência de sonhar e ir em busca de realizar seus sonhos, depois de recontar seus saberes despertando novos sonhos nos corações dos que a escutavam.

Esta é uma tarefa não muito fácil que nos leva a alguns questionamentos tais quais: Como narrar esta história da maneira mais fiel possível? Como contar esta história de uma forma que o leitor sinta todo o envolvimento das lendas e mitos que circundam este espaço?

A Casa é grande e acolhedora, mas também é tida pela população da cidade como “mal assombrada” e não tem nenhum menino ou menina que tenha coragem de dormir por lá. Daí já começa todo o ar de mistério que existe. Mas, de dia, no auge do sol nordestino, as crianças saltitam por suas salas e corredores, aprendendo e ensinando de suas lendas e mitos, de suas origens, da vida e do mundo.

Como falamos anteriormente, o cuidar é o primeiro sentimento que nos deparamos ao adentrar a Casa, pois para fazer parte deste universo, é preciso cuidar da Casa, do acervo, dos equipamentos, da estrutura, da limpeza e também, cuidar do outro, ensinando o que sabe.

Em um dos quadros afixados nas paredes da Casa Grande tem um texto contando um pouco da origem da casa que hoje abriga crianças e jovens explicando que num lugar onde se localizava a aldeia chamada de “Água Saída do Mato”, pertencente aos índios Kariri-kariu, nas terras das antigas Sesmarias do Riacho Cariús, lá pelos tempos de 1917, no período da civilização do couro, às margens das estradas das boiadas e nos cruzamentos das três estradas que ligavam a Paraíba ao Piauí, Crato – Inhamuns e Inhamuns – Pernambuco, deu-se o início à construção em chão batido, de uma Tapera<sup>13</sup> construída em taipa.

As matas foram derrubadas e transformadas em pastos, surgindo às fazendas de gado e dali ergueu-se a Casa Grande na Fazenda Tapera que no ano de 1933 foi comprada da família Filgueiras, de Barbalha-Ce pelo comerciante de rapadura local, Manuel Ferreira Lima, mais conhecido por Neco Trajano, pelo preço de dois contos de réis, sendo feito o pagamento

---

<sup>13</sup> Tapera em Kariri significa *casa velha* (ACIOLI, 2002, p.12)

de um conto de réis no ato da compra e um conto de réis após um ano, sendo a promissória um cabelo do bigode.

Após a compra, Neco Trajano chamou seu primo e mestre de obra, Odilon Ferreira Lima, que deu à Casa Grande sua atual fachada, sendo habitada até o ano de 1975 quando foi abandonada em ruínas.

Ainda pertencendo à família de Neco Trajano, era habitada mesmo em péssimo estado de conservação por um descendente andarilho sertanejo chamado Antonio Maranhão que lá dormia em suas breves passagens pela cidade.

Alemberg fala que *era um tio que ele sumia e aparecia de vez em quando. Ele viajava pelo sertão e só aparecia de vez em quando. Ele usava calça branca, camisa branca, barba grande. Jogou suas chinelas no mato e passou a seguir os preceitos de Diógenes, o filósofo grego e, ele andava pelo mundo, ele andava a pé.* Como a casa era de muitos herdeiros, ficou abandonada trazendo também o mito de que era uma casa mal assombrada.

O sonho de um menino, neto de Neco Trajano e descendente dos índios kariri, que aos nove anos de idade foi levado embora para Tocantins, na época ainda Goiás, lugar ainda em construção como ele mesmo fala:

*A gente morava num lugar que... ficava entre o rio Araguaia e o Tocantins. A professora olhava no mapa e dizia: “Olha, a gente mora mais ou menos aqui.” Daí seja esse o espírito da Casa Grande: de saber a importância de constar no mapa do país. Em Miranorte o mundo não era ali. Eu ia para a estrada ver os meninos que vinham de Belém ou Brasília. Ia para me instruir, ver o povo falando do mundo, porque eu mesmo não morava no mundo.*

Este sonho de menino vivificou a Casa Grande quando Alemberg conseguiu que a família lhe doasse a Casa para que ali fosse criada uma fundação. Assim, restauraram a casa e preservaram a sua fachada original e a transformaram na hoje Fundação Casa Grande inicialmente, como proposta de um museu para abrigar objetos e memórias do homem pré-histórico da região do Cariri onde os jovens pudessem conhecer da sua origem. Mas, para surpresa dos seus idealizadores Alemberg Quindins e sua mulher Rosiane Limaverde, quem invadiu a Casa foram às crianças da cidade.

Assim, a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri, surgiu em 1992, desenvolve trabalhos de formação de crianças e jovens em gestão cultural e patrimonial, com ações através dos seguintes programas: memória, comunicação, arte e turismo.

Durante anos, os fundadores pesquisaram os sons, as lendas, os mitos e a arqueologia da região, reunindo objetos e materiais da Chapada do Araripe, no Vale do Cariri, onde se localiza a cidade de Nova Olinda, ambiente rico em arte, cultura, religiosidade e memória popular além de fósseis, objetos e pinturas rupestres.

Conforme Alemberg, tudo começou quando

*Eu criança em Nova Olinda, tinha uma indiazinha, uma senhora que era descendente de índio, que contava as lendas pra mim e eu fui-me embora daqui depois desse momento que ela contava as lendas pra mim e quando eu voltei pro Ceará, já com 18 anos, ai então eu fui pesquisar essas lendas e pesquisando essas lendas, ai então, foi que eu comecei a compor músicas pra falar daquelas lendas.*

Alemberg conta que esta busca por conhecer as origens do povo kariri, dos sons da região do Cariri e das peculiaridades da Chapada do Araripe foi plantada por aquela senhora índia que lhe contava das lendas dos índios quando ele ainda era criança em Nova Olinda e que muitos anos depois ele foi embora para Tocantins por motivos familiares, juntamente com seu pai e seu irmão, só retornando ao Ceará como um jovem de 18 anos com o coração cheio de sonhos e vontade de ser alguém na vida vem morar no Crato, se encontra com Rosiane e juntos, resolvem pesquisar estas lendas, conhecer e entrevistar os descendentes indígenas, os mitos culturais e, a partir daí inicia começa a repassar para amigos, estudantes e pessoas interessadas no tema.

Alemberg fala também em detalhes destes momentos iniciais e iniciáticos em sua vida, pois foi o motivo de surgir principalmente nele, o pesquisador e o educador popular que é hoje, e detalha:

*Então, eu ia aos locais onde o povo tinha depoimento sobre essas lendas, fazia as músicas, coletava o material, tipo de madeira pra fazer os instrumentos pra tocar essas lendas porque eu queria passar o mais rústico que fosse para passar a sonoridade das histórias das lendas. Como se fosse tocado pelo povo daquele tempo, do tempo das lendas. Então, foi pelas músicas que comecei a ter acesso aos locais com pintura rupestre, foi tendo acesso às pessoas que contavam as lendas. Essas pessoas tinham guardado em casa, nos baús, muitas vezes escorando uma porta, uma machadinha indígena que eles chamavam Pedra de Curisco. Eles acreditavam que aquelas pedras surgiam quando dava um relâmpago, pois tem uma lenda no sertão, de que quando dá aquele trovão aquela pedra que cai na terra é chamada Pedra de*

*Curisco. Ele chama raio de curisco, mas curisco é a pedra do raio. Eles guardavam aquilo como se fosse pedra de curisco, mas na realidade se tratava de machados líticos feito pelo homem da pré-história da região. Então, eles doaram aquilo pra mim, eu comecei a receber visitantes lá em minha casa, pra ver essas pedras, essas lendas, pra ver as fotografias das pinturas rupestres e foi daí que nasceu a necessidade de fazer um espaço, de construir um espaço na região pra contar daquele acervo, de histórias desse povo que mora aqui na região, do povo antigo e pra visitação e valorização desse acervo oral e desse acervo material.*

Como podemos perceber neste depoimento acima, o trabalho teve início voluntariamente, como um trabalho missionário, pois ele estava buscando encontrar suas origens intuitivamente.

Rosiane também fala deste momento pessoal de Alemberg, porque logo que eles casaram, ela relata que

*Nesse primeiro período que a gente morou na casa da minha mãe foi um momento de muita crise existencial na vida dele, ele sofria muito porque tava ali naquele lugar, porque era como se ele tivesse procurando quem era ele, então ele sofria muito [...] resolveu que ia fazer pesquisa que ia compor música e que ia fazer pesquisa para compor essas músicas. Ele tava querendo fazer uma música sobre a Pedra da Batateira. Foi aí que tudo começou. Com essa tal dessa música.*

Segundo Rosiane que é companheira e parceira musical, após a tomada de decisão que iria fazer pesquisa sobre as lendas e sons da região do Cariri, Alemberg resolveu fazer uma música falando sobre a lenda da Pedra da Batateira<sup>14</sup>, ou seja, a lenda que fala que o Crato iria virar mar, então, conta que:

*Ele pegou um gravadorzão, que era um tijolão grande, que ele tinha na época e botou debaixo do braço e começou a ir atrás de descobrir que lenda era essa. Então, ele começou a se informar quem eram essas pessoas que sabiam contar essas lendas, e começou a visitar os pés de serra e a conviver com essas pessoas, com esses caboclos do pé de serra, com esses matuto e ia fazer entrevista... E começou a fazer essas entrevistas e a coletar essas entrevistas e a gravar essas histórias que essas pessoas contavam e a copiar num diáriozinho que ele tinha,*

---

<sup>14</sup> As lendas encontradas na mitologia da Casa Grande serão tratadas mais adiante.

*essas histórias e começou a fazer as letras das primeiras músicas e depois da Pedra da Batateira ele resolveu fazer outra e aí ele foi fazendo as músicas e continuando essa busca no sertão, essa busca no Cariri e as pessoas que freqüentavam a nossa casa, os amigos, os artistas, os outros músicos que gostavam de ir pra lá pra conversar e tudo, ele começou a contar essas histórias pras pessoas e as pessoas começaram a gostar de ouvir então virou assim, um ponto de encontro a nossa casa. As pessoas iam lá pra conversar com ele e ele contava essas histórias e a gente cantava essas músicas... as músicas e tudo...*

Após esta fase inicial, eles começaram a produzir músicas falando de todo este referencial mitológico e cultural da região e começaram a participar de Festivais de Músicas pelo Brasil, primeiro na cidade do Crato, depois foram viajando pelo Norte e Sul e ganhando muitos prêmios e, assim sobreviviam agregando aos poucos recursos recebidos pelos trabalhos com fabricação de peças de artesanato. Também foram conhecendo outros artistas como Juraildes da Cruz, Zeca Tocantins hoje Zeca Baleiro, dentre outros.

Dando continuidade, Rosiane relata que com as premiações recebidas nos festivais:

*[...] a gente começou a ser melhor tratados, a se hospedar em lugares melhores, a conhecer pessoas, secretários de cultura, pessoas que tinham um trabalho sério nessas regiões e a gente começou a ter uma vontade de fazer alguma coisa também aqui no Cariri. Assim, um Centro Cultural. Começou a despertar na gente essa coisa. Passamos em São Paulo, conhecemos o Memorial da América Latina. Ouvimos falar na época, da fundação Museu do Homem Americano que estava também se iniciando e começando a ser divulgado o trabalho de Niède Guidon. Então a gente começou a se inspirar nessas coisas, nesses trabalhos e querer fazer alguma coisa aqui no Cariri. Foi nesse período que a gente veio pra Nova Olinda, porque Alemberg veio dar uma assessoria na área de cultura que não era remunerada, era assim, quando a gente precisava fazer uma viagem para se apresentar em algum festival então, o Prefeito bancava os bilhetes. Em seguida, ele foi chamado pra trabalhar no departamento de cultura do Crato, como assessor de cultura e foi compor essa equipe no Crato.*

Com o emprego na Prefeitura do Crato e a assessoria à Prefeitura de Nova Olinda, a situação financeira foi melhorando, dando condições do casal se estabelecer mais fixamente na cidade do Crato oportunizando a continuidade das pesquisas. Assim, Rosiane narra que *os estudantes começaram a freqüentar a nossa casa para entrevista, para ter aula, a*

*gente começou a ser chamado para fazer palestra na escola sobre esse assunto. Compreendemos que isto foi aflorando os educadores populares que se encontravam hibernando em suas essências espirituais.*

Com as visitas freqüentes à Nova Olinda para desenvolver o trabalho de assessoria cultural, continua Rosiane:

*A gente vindo pra Nova Olinda já querendo criar um Centro Cultural no Crato, alguma coisa que a gente pudesse desenvolver as coisas que a gente pensava, foi então que a gente se deparou com a Casa Grande. A Casa Grande em ruínas era da família dele, do avô dele e quando a gente entrou na Casa Grande a casa era tão bonita e estava acabada e vimos que era uma oportunidade da gente recuperar a casa... então, quando foi proposto pra família, tudo foi se encaminhando pra dar certo. O Prefeito disse que auxiliava na restauração, a família disse que doava, a gente foi vendo a facilidade se apresentando pras coisas acontecerem. Na época o Titus, alemão, começou a fazer a documentação fotográfica da casa e a gente realmente, encampou essa história da Fundação, de criá-la e em um ano conseguimos instituir a fundação, restaurar a casa e marcamos a inauguração para o dia 19 de dezembro que é o dia do nosso aniversário também.*

O pensamento inicial era trabalhar com jovens, mas foram às crianças que chegaram e a casa velha e mal assombrada estava novamente renovada e aberta a visitação das pessoas. Umás iniciaram como recepcionistas que iam sendo formadas na Escolinha de Iniciação à Casa Grande ministrada por Rosiane. Inicialmente, nesta Escolinha para crianças de 2 a 8 anos, conta-se as lendas e mitos da região e ensinava-se as primeiras lições sobre a importância da conservação e preservação da memória de um povo. Também despertava-se o sentimento de cuidar da Casa e dos equipamentos que nela existiam.

Para realizar a comunicação com a comunidade passando as informações sobre os eventos da Casa Grande, Alemberg teve a idéia de instalar no alto do telhado da Casa Grande, mais conhecida no sertão como “cumieira” uma amplificadora doada pelo padre da cidade que chamou de “A voz da Liberdade” que já era uma prática comum nas cidades do interior do Ceará utilizada por igrejas e prefeituras e, também, seu pai S. Miguel já tinha esta prática na rádio com o mesmo nome.

Desde o início da Casa Grande, as atividades eram voltadas para o ensino da música de boa qualidade e também das que eram compostas por Alemberg e Rosiane em suas pesquisas sobre os sons da região e para a construção de instrumentos musicais com materiais

encontrados na própria região como cabaças, bambu, pote, etc. As crianças maiores repassavam o que aprendiam para as menores, numa metodologia do aprender fazendo e isto ocorre até hoje.

Com o tempo, as experiências com a rádio comunitária foi reconhecida pela UNESCO como pode ser comprovada nos relatos do livro “A criança e a mídia”, editado pela própria UNESCO e a experiências vem sendo repassada para outros países principalmente da África, como Moçambique e Angola.

Desta brincadeira de rádio, hoje a Casa Grande FM conta com equipamentos de última geração onde a frequência da rádio é 104,9 Mhz, com 25W de potência, chegando às cidades de Nova Olinda, Altaneira, Santana do Cariri e alguns sítios de Assaré. As vinhetas e os programas são todos produzidos e realizados pelas crianças e jovens.

A partir da rádio, as brincadeiras foram se ampliando dando início também a produção de vídeos e documentário com a criação da TV Casa Grande que ainda hoje está fechada pela ANATEL, mas um grupo de meninos realiza documentários que são transmitidos antes das sessões de cinema e shows que acontecem no Teatro Violeta Arraes, o qual recebeu a denominação de 100 Canal.

A seguir percorreremos todos os espaços de formação procurando retratar detalhadamente o ambiente e o sentimento ali encontrado.



**Fotografia 12: Sala do Coração de Jesus – Entrada principal do Memorial do Homem Kariri**

### **3.3. Os espaços de experiências formadoras da Fundação Casa Grande**

[...] a vivência de um processo criativo e prazeroso atua, energeticamente, no nível biológico, psicológico, sociocultural, afetivo e transpessoal.  
Csikszentmihalyi



A proposta aqui, é realizar uma viagem pelos espaços da Fundação Casa Grande procurando identificar as experiências formadoras das crianças e jovens por meio de suas narrativas, lendas, imagens e práticas.



**Fotografia 13: Crianças brincando em frete ao Museu**

### **3.3.1. O Memorial do Homem Kariri**

Sob a história, a memória e o esquecimento.

Sob a memória e o esquecimento, a vida.

Mas escrever a vida é uma outra história.

Inacabamento.

Ricouer

A entrada principal é o Memorial do Homem Kariri, museu que guarda o acervo arqueológico e mitológico da região e a memória do início da instituição onde funciona o Programa de Memória que tem como objetivo formar crianças e jovens em educação patrimonial material e imaterial da região do Cariri.

Os museus são espaços privilegiados na construção da memória e da identidade de um povo. Aqui no caso, o museu da Fundação Casa Grande abriga a memória do povo kariri e inicia a sua visitação pela Sala do Coração de Jesus, onde estão expressos às raízes culturais, mitológicas e religiosas da região que tem um pequeno altar nos moldes da igreja católica, com uma mesinha, onde acima está localizado um circunflex rio, ou seja, um móvel de madeira no formato de uma igrejinha povoada de imagens de santos e um crucifixo de prata, muito comum também nas casas do sertão, principalmente nas casas das patroas das fazendas.

O museu da Fundação guarda a história da criação da instituição, a memória dos índios kariri e o acervo das peç s cerâmicas doadas pelos agricultores no início da pesquisa, acervo das pinturas rupestres encontradas nos sítios arqueológicos da região da Chapada do Araripe e também as lendas e mitos ali encontrados.

O espaç o   administrado pelas crianç s e jovens e o material coletado   catalogado e analisado também por eles em coordenação pedagógica de Rosiane que atualmente é doutoranda em Arqueologia pela Universidade de Coimbra, Portugal e já exerce atividades de escavação de sítios na região.

Bem no centro dos quadros de santos que preenchem toda a parede que d  para a porta de entrada principal da Casa, estão as fotografias em preto-e-branco, de Alembert e Rosiane e que ele mesmo conta a situação em que foi batida esta sua fotografia:

*Eu tenho uma foto minha e de Rosiane da infância. Agora, o mistério daquela foto ali é um mistério de quando eu era crianç . Eu tinha 3 anos de idade. Aquelas fotos estão ali na frente porque foi um sonho que eu tive. Eu era menino... Naquela foto eu nem lavei o rosto nem escovei os dentes. Eu estava em casa, tinha de 3 para 4 anos de idade. Eu digo isso porque eu ainda estava em Nova Olinda e fiquei com a minha tia Pepinha até 5 anos, ou melhor até 9 anos e eu naquela foto tinha 5 anos de idade. Eu tive um sonho que eu estava num local, numa cidade e encontrava uma pessoa e foi tão real para mim aquele sonho que eu pedi à minha mãe um dinheiro e fui até a sorveteria pegar o dinheiro, pois ela tinha uma sorveteria, e fui no fotógrafo que ficava visinho a câmara municipal. Eu a bati apra registrar com 5 anos de idade, o dia que eu tive aquele sonho. Eu estava dizendo para Rosiane: \_Rosiane, eu tive aquele sonho de novo. E esse sonho vem me acompanhando desde crianç . Aquela cidade,*

*aquele lugar. É um lugar que eu chego e sei onde é que estão todas as coisas. Eu que se entrar em uma determinada rua vou encontrar certa casa. Eu sei onde é que estou, eu sei onde é. Eu sei para onde vou. Então, aquela foto foi justamente para marcar esse sonho. E eu a coloquei ali na sala da frente da Casa Grande para ligá-la ao mundo dos sonhos. E para que se passe isso para as gerações futuras. Para as pessoas terem compromisso com seus sonhos. Para esses meninos saberem que com cinco anos a gente pode sonhar a vida da gente, ter um compromisso com ela e fazer tudo para realizar. A gente nunca pode esquecer o sonho da gente. Muitas vezes a pessoa diz assim: \_Eu vou fazer vestibular para decidir o que vou ser. Não. O vestibular da vida ainda vem sendo construído na vida da gente. O que é que a gente quer ser? O que é que a gente quer ser na vida? Então, esse sonho é um sonho que está na gente, não adianta..*

Imitando as casas do sertão, na sua primeira sala é realizada uma homenagem ao Sagrado Coração de Jesus e ao Sagrado Coração de Maria colocando um quadro com suas imagens no alto da parede frontal da sala e pedindo a guarnição da casa e das pessoas que nela habitam o qual na inauguração da casa é feito o ritual da Renovação do Coração de Jesus que se repete anualmente na mesma data.

Assim, a festa da Renovação da Fundação Casa Grande é um momento onde se renovam as fachadas das casas da instituição, mas também se renovam sonhos e objetivos de vida dos sujeitos que vivenciam esta experiência.

No sertão nordestino existe um costume em que na primeira sala das casas é colocada na parede frontal à porta de entrada, um quadro com a imagem do Sagrado Coração de Jesus enfeitado com flores feitas de papel confeccionadas por mulheres e vendidas na feira popular.

Ao seu redor são colocados imagens de outros santos, o qual é bem comum encontrar também a imagem do Sagrado Coração de Maria, como também fotografias dos donos da casa e seus familiares.

De acordo com a fala dos mais antigos da região, este costume tem como origem as festas de casamentos nos pé de serra que obedeciam ao seguinte ritual: os noivos, juntamente com os familiares e os amigos, se dirigiam primeiramente à casa dos pais da noiva que de joelhos recebiam uma bênção, depois iam à casa dos pais do noivo onde se repetia as rezas. Em seguida, tinha a cerimônia do casamento pelo padre da igreja católica o qual também realizava a bênção da casa dos noivos.

Neste momento, era realizada a Consagração do Sagrado Coração de Jesus como uma forma de receber Jesus não só na casa, mas na vida de seus moradores e a cada ano era realizada a festa de Renovação do Coração de Jesus na casa.

Os rituais eram concluídos com o serviço de almoço ou jantar dependendo do horário do casamento, onde eram servidos uma grande variedade de comida como a galinha caipira, o pirão, a farofa de cuscuz, o baião de dois, o carneiro cozido e assado e a carne de gado. Todos os presentes comiam fartamente acompanhados pelo grupo de forró pé de serra formado pela sanfona, zabumba e triângulo.

De acordo com o pesquisador Gilmar de Carvalho (2005), a Renovação é uma festa do catolicismo popular de Juazeiro do Norte, introduzida e incentivada pelo Pe. Cícero, como uma forma de reverenciar o Coração de Jesus, culto que vem da monja francesa Margarida Alacoque, e que se disseminou pelo mundo a fora a partir do Papa Pio IX. Trata-se de um rito de agradecimento por mais um ano de vida e de trabalho.

Então, a Fundação Casa Grande cultiva estes costumes tradicionais resgatando a originalidade do viver sertanejo, procurando repassá-los para os meninos e meninas e também para a comunidade de Nova Olinda tornando universais as singularidades das práticas sociais ali desenvolvidas e vivificando as palavras de Paulo Freire (1992 ), quando diz:

[...]minha reficidade explicava minha pernambucanidade, que esta esclarecia minha nordestinidade que, por sua vez, clareava minha brasilidade, minha brasilidade elucidava minha latino-americanidade e esta me fazia um homem do mundo.

Desde o início, o ritual da Renovação inicia-se um mês antes de sua data, quando toda a equipe gestora que faz a Casa Grande se reúne para programar a organização e realização do evento que começa com a pintura de todas as instalações da instituição, ou seja, a casa principal onde funciona o Museu do Homem Kariiri, a Escola de Comunicação onde ficam instalados a gibiteca, a dvdteca, a editora, o laboratório de arqueologia, a sala da internet, a rádio, o estúdio da TV, a sala de edição e o prédio do Teatro Violeta Arraes.

Todos os ambientes são renovados com limpeza, organização e pintura realizados em pequenas equipes e suas coordenações.

Vale ressaltar que não só a Casa Grande está festejando seu aniversário como também seus idealizadores, pois dia 19 de dezembro também é aniversário de Alemberg Quindins e Rosiane Limaverde que coincidentemente nasceram e casaram-se na mesma data. Então, é uma tripla comemoração.

Na véspera, o dia é todo dedicado aos detalhes finais da organização, com a realização de uma grande confraternização com toda a equipe da Casa grande, ou seja, gestores, meninos, meninas, pais e colaboradores, sendo servido um almoço nos alpendres da Casa.

Depois da meia-noite canta-se “Parabéns prá você” para o casal pela meninada da Casa que depois ficam se deliciando com os doces sabores do bolo feito pela mãe de Alemberg, a d. Valdízia e fazendo brincadeiras e conversando lorotas. Já é uma tradição também a confecção dos bolos serem feitos pela mãe de Alemberg que é uma ótima cozinheira.

Todo dia 19 de dezembro a casa é só alegria. O movimento é intenso no corre-corre da organização. É menino varrendo, é menina arrumando, é Alemberg com seu chinelo de Lampião<sup>15</sup> andando apressado pelos corredores, é Rosiane estendendo as toalhas de linho branco com rosas bordadas em ponto-cruz na mesa do bolo, enfim todos trabalhando para a festança.



A **sala do Coração de Jesus** que é a primeira sala de entrada do Memorial do Homem Kariri fica impecável para a ocasião. Nela, bem ao centro da parede de frente da porta principal, está o quadro do Coração de Jesus, abaixo estão as fotos em preto-e-branco do Alemberg e da Rosiane quando crianças além de outras como Nossa Senhora, São Sebastião que é o padroeiro de Nova Olinda.

O indiozinho kariú, que é o mascote do Museu e a primeira peça recebida de doação para a formação do acervo, está em sua redoma como que assistindo a tudo.

Às 18 horas, adentra a sala o casal de rezadeiras tradicionais da cidade para realizar a renovação com suas orações e cantorias de benditos.

Em seguida, entram na sala os Irmãos Anicetos, uma banda de pífanos que fazem parte do patrimônio cultural da região, tocando seus pífanos e zabumbas, trazendo à tona na memória dos presentes, todo o imaginário popular nordestino para realizar uma reverência ao Sagrado Coração de Jesus com uma apresentação das suas músicas, danças e passos característicos do grupo. Segundo Carvalho (2002) sua “música e dança ecoa vestígios de uma tradição cariri que não se perdeu no tempo...”

<sup>15</sup> Sandália do modelo das usadas por Lampião que Alemberg pediu a s. Expedito (artesão de couro de Nova Olinda) para copiar e que se transformou em uma das suas marcas registradas.

Ao final da apresentação, Alemberg agradece a presença e convida a todos para irem cortar o bolo cheio de velas representando as várias datas dos aniversários e no centro está o número da vez sinalizando a quantidade de anos de vida da Fundação. Os Irmãos Anicetos tocam outra música, depois todos cantam o Hino da Casa Grande, acompanhados pela gravação da voz de seu autor, Moraes Moreira.

Alemberg, visivelmente emocionado, convida toda a equipe de crianças e jovens para se aproximarem da mesa, agradece mais uma vez a presença de todos – e nesta ocasião, o salão está cheio - fala sobre os 16 anos da Fundação, da renovação dos objetivos e que a Casa Grande está aberta para a comunidade de Nova Olinda como exercício de cidadania. Todos cantam “Parabéns pra você” e Alemberg pega nos braços uma menininha que está ali por perto para apagar as velas.

É servido logo em seguida o Mugunzá, comida típica do Ceará feita com feijão, milho, temperada com lingüiça, carne seca e mocotó de porco e vatapá de frango, acompanhados com k-suco de groselha muito apreciado pelas crianças.

Câmara Cascuda em sua História da Alimentação do Brasil (1968), volume II, fala que “Nenhuma outra atividade será tão permanente na história humana” como a alimentação.

O alimento representa o povo que o consome numa imagem imediata e perceptiva. Dá a impressão confusa e viva do temperamento e maneira de viver, de conquistar os víveres, de transformar o ato de nutrição numa cerimônia indispensável de convívio humano. (p.41)

Ao servir o mugunzá na alimentação principal da festança, intuitivamente os fundadores da Casa Grande transmitem suas histórias imemoriais de luta e resistência contra a fome de feijão, milho e conhecimento do povo e principalmente das crianças e jovens do sertão. Fala implicitamente, do jeito de ser do povo cariri que tem o feijão e o milho como os principais alimentos de subsistência do sertanejo local até hoje.

Estes fatores sociológicos estão sempre presente no cotidiano da Fundação Casa Grande, onde a utilização de tecnologias de ponta não se distancia das origens mais profundas se sua gente, de sua região, repassando para as novas gerações o valor do regional e do local sem perder de vista o universal.

O bolo confeitado também confeccionado pela d. Vandísia, é cortado e distribuído com todos que se lambuzam em seus glacês de açúcar e sonho.

Para concluir a festança todos se dirigem ao Teatro Violeta Arraes para a apresentação do show de Paulo Brandão e Elisar que vieram diretamente do Rio de Janeiro para homenagear a Casa Grande.

Envolvida em muita emoção, a cantora do grupo Aquarela Carioca fala da alegria de estar participando da festa e de compartilhar do momento musical com a Banda dos Meninos da Casa Grande, composta por Samuel na guitarra, Helinho na bateria e Aécio no baixo que iniciam tocando algumas músicas instrumentais de autoria e arranjos próprios. Participam também, Os Cabinhas que é a bandinha de lata composta por 5 meninos a qual funciona como a iniciação musical das crianças e que hoje já gravaram cd e já se apresentaram em vários programas e localidades do país e no exterior também.

Todos os momentos são registrados em vídeo e fotografia pelos meninos, principalmente pelo Rodrigo, um garoto de 11 anos que tem se desenvolvido na técnica da filmagem.

Enquanto as coisas acontecem, os meninos e meninas vão participando das comemorações, mas estão sempre ligados com o cuidar da Casa, pois um dos critérios utilizados para a inclusão deles na equipe é o cuidados que eles têm com a Casa como um todo. Então, eles ficam sempre alerta, principalmente com a coleta do lixo que é produzido durante a festividade.

A qualidade e alegria do show, as orações, músicas e falas, contagiam a todos os participaram da festa que voltam para suas casas, também renovados na esperança de viver em um mundo melhor, um mundo sem fome, mais solidário e mais feliz.

Pensamos como nosso querido Paulo Freire ficaria feliz em conhecer esta iniciativa e saber que no interior do interior do Ceará se planta uma “pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando” (1996, p.10).

Quando o visitante chega para conhecer a Fundação é recebido por um menino ou uma menina que irá recepcioná-lo, apresentando os espaços e contando as histórias da Casa e de todo o seu acervo. Esta atividade é tida como uma das mais importantes, pois é neste momento que a criança, ao adentrar na Casa, conhece a história dos seus ancestrais e a sua própria história e a partir daí, é tomada pelo sentimento de pertencimento aquele lugar, juntamente com suas lendas e mitos e quando ela começa a recontar aquela história que também é sua tem sua auto-estima resgatada e inicia o querer fazer parte e cuidar da Casa e do que ela guarda.

É a prática da educação patrimonial repassada dos maiores e mais experientes para os mais novos. Aprendendo a contar sua história e a recepcionar os visitantes agregando outros

saberes como valorização do local onde está inserido, receber bem os visitantes, ter boa comunicação e fazer boas relações, além do senso de responsabilidade, pois é uma função de gerência que exige compromisso e constância já que elas têm que cumprir turnos. Assim, além de ser uma ação educativa é um processo prazeroso de aprendizagem.

Esta também é a porta de entrada da criança ou jovem que chega na instituição, ingressa participando da Escolinha de Iniciação onde são contadas as lendas e mitos da região e do povo indígena que habitaram a região.

Segundo Rosiane, criadora da Escolinha, esta foi a maneira que ela encontrou para começar a agregar as crianças que estavam chegando e despertar nelas a vontade e o interesse em retornar a Casa, então, ela começou reunindo as crianças em uma grande roda de conversa e realizava contação de histórias contando as lendas e mitologias do lugar. As crianças ficavam como que hipnotizadas com aquelas histórias encantadoras e voltavam correndo no outro dia. Foi a forma que ela encontrou para “sistematizar” algumas atividades para trabalhar com as crianças sem ter a menor intenção educativa, mas apenas de lazer, mas as próprias crianças começaram a recontar estas histórias aos visitantes dando início ao modelo utilizado hoje de recepção das crianças no Memorial.

Então, é a primeira atividade que a criança participa quando ingressa na ONG e recebe seu uniforme que é composto por uma calça vermelha da cor do roda-pé da Casa e camisa branca simbolizando a iniciação e o começo de uma nova fase em sua vida. Na camisa estão escritas *Memorial do Homem Kariri* valorizando a memória de sua história e uma imagem de uma figura rupestre encontrada nos sítios arqueológicos da região. O uniforme é entregue dentro de um ritual onde participa toda a equipe e ao entregá-la, o Presidente fala umas palavras que servem de registro de um momento importante para todos.

Todos os garotos e garotas convivem muito bem com a recepção de visitantes que vêm de todos os cantos do Brasil e do mundo como artistas, pesquisadores, turistas, estudantes e hoje a Casa já recebe cerca de 28.000 turistas por ano.

Ainda na Sala do Coração de Jesus, em algumas vitrines presas às paredes, estão expostos os utensílios que falam sobre a história da construção da Casa, como telhas, tijolos, moedas da compra, etc. com legendas feitas à mão pelas crianças com uma linguagem e desenhos infantis.

Ao centro da sala, está ele, o indiozinho Kariu representando a origem deste povo. O indiozinho kariú, é a peça mais importante, é o mascote do Museu porque foi a primeira peça recebida de doação que serviu como peça fundamental do acervo do Memorial. Uma



estátua feita em madeira, presenteado ao Alemberg por uma descendente de índio kariri chamada Artemísia, como ele mesmo narra:

*Quando eu era criança em Nova Olinda, por volta dos cinco anos de idade eu costumava fugir de casa pelos fundos da nossa casa e nessa rua morava um casal de irmãos. Ambos de já de certa idade. Eu costumava fugir para ir lá na casa dela ouvir história. Uma senhora por nome Artemísia. Ela tinha uma característica de índio mesmo. Cabelo preto, essa característica bem cariri, já querendo avermelhar, olhinhos puxados, morena, morena quase escura. Eu ia para a porta da casa dela e ela me chamava para entrar. Tinha um corredor, do lado direito do corredor tinha uma porta e lá tinha um baú. No canto esquerdo. Esse baú era um baú de madeira e dentro tinha algumas coisas que ela guardava, tinha um cachimbo indígena e também um índio de madeira. Esse índio de madeira era esculpido por um artesão que o fez em homenagem a família dela que descendia de índio. Mas, interessante é que mesmo sendo um índio com cocar e roupa de pena, arco e flecha na mão, ele tinha fisionomia de uma estátua, ou melhor, de uma escultura de São Sebastião que é o santo padroeiro da cidade. Eles fizeram um índio, mas com as feições de branco.*

No canto esquerdo ao lado da mesa do altar, estão depositados peças de madeira retratando o pagamento de promessas alcançadas muito comum de se ver nas romarias de Pe. Cícero de Juazeiro do Norte.

Neste mesmo lado esquerdo, mas sobre a mesa está uma caixa com recadinhos da sorte, o qual eu lancei-me nesta aventura e tirei o número 27 que trazia a seguinte mensagem: “O que faz vencer na vida, não é a pressa, menos os talentos, é a direção”. Dá o que pensar...

Em cada canto das salas da Casa estão depositados baldes feitos de papelão para colocação de lixo, representando o programa de educação ambiental feito pelas crianças e jovens gestores da Fundação, denominado de Lixossauro. É a preocupação da Casa Grande com o ecossistema, também coordenado pelas crianças, associa o tempo de decomposição de alguns materiais com os dinossauros que habitaram a Chapada do Araripe há 100 milhões de anos. Explica Rodrigo, um adolescente de 11 anos que “Para conscientizar as crianças, criamos figuras como o chicletossauro, que demora cinco anos para se decompor”.

Então, esta Sala do coração de Jesus é cheia de simbolismos míticos e religiosos que são transmitidos aos alunos da Casa e aos visitantes. Conforme João Paulo, jovem de 25 anos que vivencia as experiências da instituição desde os 9 anos e que hoje é o Diretor Administrativo:

*O memorial é um lugar que a gente sente uma energia diferente. Por isso, fazemos as reuniões ali, porque é onde tudo começou... Conhecer a nossa história, conhecer a origem de cada coisa. Então, entrar no memorial é estudar e conhecer. Por isso a gente diz que aqui o maior grau é o de recepcionista.*

Partilhamos com Brandão (2008, p.21) que estes conteúdos simbólicos usados como expressão humana, são muito importantes, ricos e reveladores para se compreender as elaborações de significados nos grupos humanos expressos nas festas, nos rituais, nas artes e tão comuns nas manifestações e interiores dos espaços da Casa Grande.

Também entendemos que existe uma ligação fortíssima entre cultura e memória. Consideramos cultura, também como Brandão (2008, p.21):

O acervo de conhecimentos, usos e costumes dos diferentes grupos, como resultado de todas as experiências pessoais, objetivas e subjetivas, vividas por cada indivíduo e também, as trazidas como “herança” dos grupos familiares e sociais mais amplos dos quais participam ao longo da vida. É o conjunto de “fazer-fazer” – formais e informais – que são criados.

Então, a memória tem um lugar de destaque na Fundação Casa Grande que a utiliza com um sentido dinâmico para orientar as crianças e jovens do sertão na reflexão sobre o significado das heranças do homem pré-histórico que habitou a região da Chapada do Araripe, valorizando-as como uma vontade de querer pertencer a este mundo.

É também no Memorial que acontece o ritual da entrega do uniforme e as Assembléias Gerais Ordinárias e Extraordinárias, principalmente para a eleição da diretoria. Tivemos a oportunidade de participar e que descrevemos a seguir.

A Assembléia acontece na Sala do Coração de Jesus onde a meninada senta-se nos bancos de madeira e no chão formando um círculo. Em seguida, o Presidente dá início à reunião falando sobre o objetivo, que no caso foi a eleição da diretoria para o triênio de 2009-2012 que teve a seguinte composição:



**Fotografia 14: Eleição da Diretoria**

**Diretor Presidente:** Francisco Alembert de Souza Lima

**Diretor Administrativo:** João Paulo Marôpo

**Diretor Financeiro:** Francisco Samuel Macedo Diniz.

**Conselho Fiscal:**

Rodrigo Otávio Correia Barbosa Júnior

Damião Aureliano Ferreira de Souza

Cicero Ferreira Alexandre

**Conselho Científico:**

Rosiane Limaverde Vilar Mendonça

Carmem Débora Lopes Barbosa

Maria Elisa Costa

**Conselho Cultural:**

Francisco Aécio Gonçalves Diniz.

Francisco Hélio de Souza Filho

Meirês Moreira da Silva

Antonia Valêsca Moura Cordeiro

Iriane Inácio da Silva Nunes

Após a eleição da diretoria, inicia-se a entrega do uniforme para a jovem Kuta, por João Paulo e Alembert fala sobre o significado de se usar o uniforme da Casa Grande, que é para unificar todos igualmente. A calça vermelho ocre é da mesma cor do roda-pé da Casa que

se assemelha à cor das pinturas rupestres das cavernas indígenas dos sopé da Chapada. A blusa branca comparando às paredes brancas da Casa onde eles vão escrever sua história com as experiências e aprendizagens que vão adquirir por meio das atividades exercidas na Casa e a logomarca do Museu que são as inscrições encontradas no Sítio Santa Fé, no Crato fazendo uma ligação com a memória dos antepassados e ressaltando a importância da memória para o desenvolvimento humano.

A palavra *memória* nos remete à mitologia greco-romana, na figura da deusa Mnemósine, filha do céu e da terra, irmã de Cronos (deus que preside o tempo) que personifica a memória ou lembrança e é mãe das Musas que juntas regiam as artes e todas as formas de expressão, principalmente a poesia (Brandão, 2008, p.8).

Portanto, a autora acima citada esclarece que “O termo *memória* – no singular e no plural – refere-se, [...] à faculdade de lembrar e de conservar o passado e também (re)vivido, pressupondo, assim, um narrador.

Dando continuidade ao percurso do cenário, ao sair da **Sala do Coração de Jesus** entramos no **Corredor do Arco**, como se fosse um portal que nos leva a outra dimensão memorial dos índios kariri o qual podemos apreciar as imagens daquele povo que habitava essa região e podemos ler as seguintes narrativas dos remanescentes que hoje ainda habitam a Chapada do Araripe:



“Contam nossos avós, que nossos bisavós foram pegos a dente de cachorro e que quando a Casa Grande chegou, uns se enfiaram nas locas onde viveram nossos tataravós, no “taiados da serra”, e outros ficaram de morador do povo da Casa Grande, na labuta de vaqueiro.

Mas nossos tataravós contaram para nossos bisavós, que contaram para nossos avós, que na origem, nós surgimos de um reinado na beira de uma bonita lagoa e que um dia o reinado se encantou, deixando o retrato nas pedras e que em algum lugar no caminho das águas existe um portal que por ele um dia vem desencantar.”

Em seguida encontramos um grande quadro com o Mapa do Sítio Arqueológico do Kariri, desenhado à mão pelas garotada, identificando todos os sítios arqueológicos já encontrados e catalogados por Rosiane e equipe.

Depois encontramos uma descrição das tribos do povo kariri:

**Quadro 4: Tribos Kariris**

<b>Tribos</b>	<b>Locais de habitação</b>
Kariri-velhos	Habitantes da parte oriental na Chapada da Borborema
Kariri de fora	Habitantes do centro da Bahia ao oeste de Pernambuco;
Kariri-novos	Habitantes do sul cearense no entorno da Chapada do Araripe, seus vales e afluentes.

Em continuidade, vem à descrição dos locais habitados pelos Kariri-novos:

Os Kariu	Habitantes do sopé da Chapada do Araripe, nas nascentes dos rios Batateiras, Cariús e Bastiões;
Os Kará	Habitantes às margens do rio Carás e sopé da Serra de São Pedro;
Os Kalabaça	Habitantes à margem esquerda do rio Salgado;
Os Icozinhos	Habitantes às margens do rio Salgado, Jaguaribe e Peixe;
Os Kixeréu	Habitantes às margens do rio Cariús, próxima atual cidade de Farias Brito;
Os Inhamuns	Habitantes do sertão dos Inhamuns;
Os Jucá	Habitantes vizinhos dos Inhamuns
Os Moritize	Habitantes na fronteira do Estado da Paraíba, próximo a atual cidade de Mauriti;
Os Umã	Habitantes no sopé da Chapada do Araripe, próximo a atual cidade de Jardim;
Os Xocó	Habitantes vizinhos dos Uma;
Os Inxú	Habitantes do sopé da Chapada do Araripe Pernambucana.

Ainda neste corredor nos deparamos com quadros explicando que o imaginário do



homem kariri está povoado de mitos e lendas ligados às águas e às pedras encontradas em locas e fendas escondidas no meio do mato que se expressam através de lugares sagrados espalhados por todo o vale que circunda a Chapada do Araripe. São histórias transmitidas pela tradição oral que falam de encantos e encantamentos.

O reino encantado dos kariris está presente no sopé da Chapada do Araripe, nos lugares desertos do vale e às margens dos rios, riachos e lagoas.

Encontramos também evidências de pedra lascada e de pedra polida indicando o período da cultura da pré-história do homem kariri que utilizou a pedra para construir seus utensílios para uso doméstico, ritualístico e artístico que a Rosiane Limaverde vem desvendando durante pesquisa de mestrado e doutorado.

No Memorial do Homem Kariri encontramos peças que comprovam que o homem kariri utilizou o fogo e construiu artefatos cerâmicos com adornos artísticos talhados com figuras geométricas e adornos artísticos pintados nas cores: vermelha, amarela, marrom e branca.

As gravuras rupestres do homem kariri são encontradas em formas de incisões (gravuras incisadas na pedra) e pinturas localizadas nos abrigos rochosos ao sopé da Chapada do Araripe.



No meio do Corredor do Arco, à esquerda encontramos a **Sala da Etnia** denominada de **Quarto de Miguel** – em homenagem ao Sr. Miguel, pai de Alemberg, pessoa muito estimada pelo filho e que é uma das fortes referências na sua formação humana. Em sua entrevista narrativa Alemberg fala do pai como um homem especial,

inteligente:



Então, na sala da Etnia encontramos ao centro uma máscara de Potengi (cidade próxima a Nova Olinda) com a explicação de que os kariris usavam máscaras esculpidas em madeira decoradas com peles de animais para personalizar seus mitos nas festas ritualísticas e também grandes fotografias de meninos e meninas com características de índios kariri como as de Kuta que chegou na Fundação com 9 anos e está até hoje gerenciando a dvdteca, da Tamires que não está mais freqüentando a Casa, Momô que é membro da Bandinha de Lata *Os Cabinhas* e uma menininha nua sem identificação e,

abaixo de cada fotografia, encontramos o significado de algumas palavras kariri, dentre elas:

- ☆ Cariri quer dizer *calado, tristonho, taciturno*;
- ☆ Kariu quer dizer *água saída do mato*,
- ☆ Jucá quer dizer *matador*;
- ☆ Inxu quer dizer *valente*.

Ao final do corredor adentramos a **Sala Mitos e Lendas**, denominada de **Sala de Jantar** que tem como representação um quadro da Santa Ceia de Jesus e é o local de exposição sobre os mitos e lendas da região e ao centro estão duas urnas funerárias denominada em kariri de Igaçaba. A primeira é uma urna contendo ossos e enxoval ritual de culto aos mortos, encontrada no ano de 2008 na primeira escavação arqueológica realizada no Cariri por orientação de Rosiane Limaverde e a equipe de alunos da Fundação Casa Grande, no Sítio S. Bento no Crato.

A segunda, é uma urna com a explicação de que no ritual indígena os mortos eram enterrados diretamente no solo e posteriormente seus ossos eram retirados, queimados e depositados em uma grande urna chamada de Igaçaba, encontrada no Sítio Mata, também na cidade do Crato e doada pelo Sr. Lúcio Bezerra Primo.

Na sala encontramos a descrição das seguintes lendas:

#### 1) Maara, A Princesa Encantada.

*Existiu uma princesa de nome Maara, que tinha em suas entranhas a arte da sedução e do mal. Um dia, o pai de Maara resolveu dar um destino as maldades da filha, sentenciando-a às profundezas das águas, encantando-a numa enorme serpente.*



*Conta-se que em noite de S. João, lua cheia, os caboclos vêem uma índia de cabelos longos e negros, cantando uma canção enfeitiçante, levando com ela quem se aproxima.*

#### 2) A Pedra da Coruja

*Os índios acreditavam que duas pedras que existem no Olho D'água de santa Bárbara, eram duas enormes corujas encantadas que deviam ser adoradas como deusas.*

#### 3) A Pedra da Batateira

*Todas as águas que jorram de dentro da Chapada do Araripe vêm do lago encantado. No dia em que a mãe d'água se levantar de sua cama e subir a nascente acima, rolarão as três pedras que formam a Pedra da Batateira e toda a região será inundada, transformando o sertão em mar.*

#### 4) O Pai da Caça

*Na cachoeira de Missão Velha pescadores e caçadores contam que existe um galheiro<sup>16</sup> que aparece do nada, com uma enorme estrela branca na testa, afugentando todos para bem longe dali. Ele é o pai da caça encantado, protegendo os animais que por ali vivem.*

#### 5) A Grande Serpente Que Se Encantou Em Pedra

*Certas noites de lua cheia, a cidade encantada do convento se desencanta e os moradores avistam o povo da cidade se movimentando e no meio a rudia<sup>17</sup> de grandes blocos de pedra lentamente vai se transformando em uma grande serpente com suas escamas reluzentes em milhões de cores à luz da lua.*

#### 6) A Lagoa Encantada

*Conta a lenda de origem do povo kariri que antes do mar chegar a Chapada do Araripe, existiu um grande lago que deu origem aos seus antepassados.*

*Um dia, este lago se encantou e nos tempos de hoje, de vez em quando, se apresenta para pessoas que se perdem na floresta, em cima da Chapada.*

#### 7) Sumé

*Existiu um tempo que os homens viviam em bandos em busca de alimentos. Surgiu um branco de cabelos como o sol e os ensinou a plantar e a colher. Um dia, esse homem foi banido da tribo e toda flexa nele jogada virava uma árvore. Ele deixou a marca de seu pé numa pedra junto ao rio e sumiu no tempo. O nome dele é Sumé.*

#### 8) As Nascentes Tapadas

*Contam que os índios que moravam próximo as nascentes ao sopé da Chapada, quando começaram a perder suas terras para os sesmeiros, começaram a tapar as nascentes com casca de cocos e cacos de panelas. Alguns veios d'água já foram descobertos nesta situação.*

Todas estas lendas foram resgatadas em trabalho de pesquisa realizada por Alemberg juntamente com Rosiane, como ela mesma narra sobre o início do trabalho de pesquisa:

---

<sup>16</sup> Animal denominado Viado, de chifre.

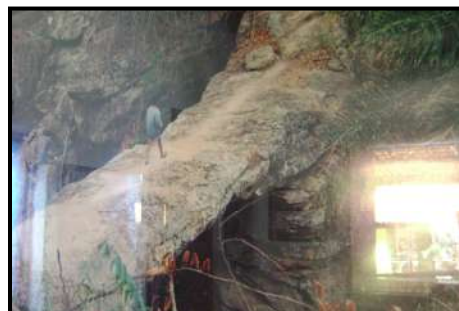
<sup>17</sup> Almofada em formato circular feita pelas mulheres, geralmente com pano de prato para colocar no alto da cabeça, para forrá-la e levar o pote cheio de água.



*Depois que a gente passou a morar na nossa casa, começou a trabalhar e a se manter, se bem que minha mãe ajudava muito, mas a gente já se mantinha, então ele resolveu que ia fazer pesquisa, que ia compor músicas e que iria fazer pesquisa para compor essas músicas. Ele estava querendo fazer uma música sobre a lenda da Pedra da Batateira. Foi então que tudo começou. Com essa tal dessa música. Até o momento ele fazia as músicas para participar dos festivais aqui no Crato, mas eram músicas falando da região, falando de seca, do sertanejo, falando de amor, seja do que fosse. Mas então, ele resolveu fazer uma música falando sobre a Pedra da Batateira, aquela lenda da história que o Crato ia virar mar. E com a história dessa lenda da Pedra da Batateira, ele pegou um gravadorzão, que era um tijolão grande, que ele tinha na época e botou embaixo do braço e começou a ir atrás de descobrir que lenda era essa. Então, começou a se informar quem eram essas pessoas que sabiam contar essas lendas, e começou a visitar os pés de serra e a conviver com essas pessoas, com esses caboclos do sertão, com esses matutos e ia fazer entrevista. Nessa época a gente conheceu os Irmãos Aniceto, começou a freqüentar a casa deles, na época do mestre Chico Aniceto que ainda era vivo, e eu ia com ele também. Às vezes ele ia só, mas geralmente eu o acompanhava. Ficava junto. Começou a fazer essas entrevistas, a coletar os materiais, a gravar as histórias que as pessoas contavam, copiar essas histórias num diáriozinho e começou a fazer as letras das primeiras músicas. Depois da Pedra da Batateira resolveu fazer outra e aí ele foi fazendo as músicas e continuando essa busca no sertão, essa pesquisa no Cariri.*

Com a continuidade das pesquisas, eles também visitavam os locais citados nas lendas e nesta sala estão expostas também algumas fotografias destes locais encantados e uma breve narrativa do contador da lenda, como:

1. Ponte de Pedra (Ponte do Castelo Encantado), localizada em Nova Olinda-Ceará - *É uma ponte de um castelo encantado protegida por uma serpente de toda cor e a cara é como se fosse de gente...*



2. Pedra da Torre (Torres do Castelo Encantado), em Nova Olinda-Ceará.

3. *De madrugada ele se levantou e viu a porta do castelo aberta e as riquezas de ouro e prata reluzirem e se encandear.*

4. Poço da Mãe D'água (Jardim encantado da Mãe d'água), em Nova Olinda-Ceará. [...] *quando é no inverno a mãe d'água se levanta da cama e vem, pra ali desencantar...*
5. Pedra de Claranã (Castelo da cidade encantada), em Bodocó-Pernambuco - [...] *são sete as janelas no castelo que uivam nas noites de vento e a cidade se apresenta clareada pelo carneiro de ouro[...]*
6. Pedra do Convento (Serpente encantada) - [...] *levantei e vi como uma cidade, aquele povo andando e a rudia de pedra começou a se mexer, se transformando numa grande serpente[...]*
7. Boqueirão dos Viana (Jardim encantado da Mãe D'água), em Campos Sales-Ceará - [...] *e naquela noite passando pelo Boqueirão vi um monte de indiazinhas que brincavam nas águas, quando me viram mergulharam e não subiram mais [...]*
8. Cama da Mãe D'água (poço do Inferno), em Nova Olinda-Ce - *Durante toda a seca ela repousa ali na cama, vindo à superfície vez por outra em forma de uma cabocla de cabelos negros a cantar...*
9. Furna de Brejinho (Caminho para o reino encantado), em Araripe-Ce - *Dizem que um caminho que vai sair do outro lado da serra, lá no Pernambuco... Os caboclos moravam lá... É encantado[...]*
10. A Ponte de Pedra - *No sítio Olho D'água de Santa Bárbara, existe uma ponte de pedra que conta a lenda, um dia ter sido a ponte de acesso do portal de um castelo que se encantou. Ela é protegida por uma princesa encantada com corpo de serpente, mas a cara de mulher.*
11. O Castelo Encantado - *Quando o mar cobriu o sertão, encantou um castelo com todo o seu reinado, povo, jardins, pontes, deuses... Vez por outra este castelo reaparece no tempo, trazendo toda a sua riqueza e esplendor. Aquele que nele entrar e das coisas dele fazer uso, se encontrará junto com ele, sumindo para sempre no portal do tempo.*
12. O Roubo da Nascente - *Contam os moradores dos sopés das nascentes da Chapada do Araripe que todas as nascentes tem a proteção da mãe d'água. Quando se quiser roubar uma nascente de uma propriedade para outra, deve-se pegar um coité virgem, furar o olho, enchê-lo de água da nascente desejada e enterrá-lo aonde se quer que a nascente brote. Mas o perigo é ser pego pela mãe d'água de todas as águas.*



Ao centro dessa **Sala de Jantar** encontramos também duas peças de cerâmica que servia de sepultura indígena

Além desse material, estão expostas as seguintes fotografias:

1. Furna de Santa Fé, em Crato-Ce, com detalhe das gravuras incisas.
2. Depósito de tintas rupestres, em Crato-Ce, explicando que “as pinturas rupestres eram pintadas com tintas extraídas das pedras, que eram pesadas e untadas com gordura animal e depois afixadas nas rochas com o auxílio de sebo.”
3. Pedra do Letreiro, em Mauriti-Ce, “aflorentamento rochoso com gravuras pintadas nas cores vermelha”.
4. Furna de Santa Fé, em Crato-Ce, “abrigo rochoso com gravuras pintadas nas cores vermelho e amarela com incisões.”
5. Furna do Tatajuba, em Santana do Cariri-Ce, “abrigo rochoso com gravuras pintadas nas cores vermelho e preto.”
6. Pedra do Letreiro, em Mauriti-Ce, contendo “detalhes das gravuras pintadas nas cores vermelha.”
7. Pedra do Convento, em Campos Sales-Ce, contendo “gravuras incisas no aflorentamento rochoso.
8. Furna do Olho D’água, em Nova Olinda-Ce, que é um “abrigo rochoso ao sopé da Chapada do Araripe, usado como habitação humana na pré-história contendo gravuras pintadas nas cores vermelha e incisões de setas e pés.”



Dando continuidade, entramos na **sala de Artes Rupestres** dedicada à **d. Santana**, avó paterna de Alemberg, mulher de Neco Trajano, onde temos acesso às pinturas rupestres e cerâmicas dos índios encontradas nos sítios arqueológicos da região. Ao centro da sala estão expostas duas painéis de cerâmica policroma tupi-guarani utilizada para cozinhas e guardar alimentos, uma encontrada no Sítio Tabuleiro, município de Altaneira-Ce e doada por Sr. Itinho e a outra, encontrada em 2003 no sítio Chabocão, às margens do rio Salgado,

Afixado às paredes estão expostas fotografias das pinturas rupestres abaixo discriminadas:

1. Furna de Santa Fé (Crato-Ce) - com detalhe das gravuras incisas;
2. Depósito de tinta rupestre (Crato-Ce) - com explicação de que as gravuras rupestres eram pintadas com tintas extraídas das pedras, que eram pisadas e untadas com gordura animal e depois assinadas nas rochas com o auxílio do fogo;
3. Pedra do letreiro (Mauriti-Ce) – afloramento rochoso com gravuras pintadas na cor vermelha;
4. Furna de Santa Fé (Crato-Ce) – abrigo rochoso com gravuras pintadas nas cores vermelha e amarelo com incisões;
5. Furna do Tatajuba (Santana do Cariri-Ce) – abrigo rochoso com gravuras pintadas nas cores vermelha e preta;
6. Pedra do letreiro (Mauriti-Ce) – detalhe das gravuras pintadas na cor vermelha;
7. Pedra do Convento (Campos Sales-Ce) – gravuras incisas no afloramento rochoso;
8. Furna do olho d'água (Nova Olinda-Ce) - Abrigo rochoso no sopé da Chapada do Araripe, usado como habitação humana na pré-história. Contém gravuras pintadas na cor vermelha e incisões de setas e pés.



A próxima sala que adentramos é denominada de **Quarto de Pequena**, tia de Alembert também conhecida por Pepinha. Como podemos observar, Alembert homenageou os membros da família do seu pai que eram os herdeiros da Casa e a doaram para a criação da Fundação.

Ao centro desta sala encontramos mais duas peças de cerâmica policroma tupi-guarani, uma encontrada no sítio Tabuleiro, em Altaneira e a outra em Barbalha.

Encontramos mais objetos pequenos expostos:

1. Cachimbo manual (Brejo Santo-Ce) - que era usado sem cabo, onde o fumo era socado e baforava diretamente no orifício do barro com o auxílio de dois furos laterais para a entrada do ar. Doado por Tancredo Teles;
2. Cachimbo Inxu (Exu-Pe) – com estilo inca, esse cachimbo foi descrito em texto de Figueiredo Filho no livro História do Cariri;



3. Cachimbo Inxu (Exu-Pe) – outro cachimbo com estilo inca, esse cachimbo que também foi descrito em texto de Figueiredo Filho no livro História do Cariri;
4. Panela de barro (Brejo Santo-Ce) – encontrada no cemitério indígena de Brejo Santo doada por Tancredo Teles;
5. Pannels de barro (Brejo Santo-Ce) – mais duas pannels encontradas no cemitério indígena de Brejo Santo doada por Tancredo Teles;
6. Pote de barro (Altaneira-Ce) – encontrada enterrada em uma roça do sertão de Altaneira em uso na residência de d. Maria, em Assaré-Ce;
7. Igaçaba (Crato-Ce) – encontrada na Praça da Sé durante as escavações da rede de esgoto, da coleção de Figueiredo Filho.

A seguir encontramos muitos outros objetos pequenos como cacos de pannels que foram doados pelas pessoas da região.

Então, identificamos as seguintes ações desenvolvidas neste espaço:

- ☆ Escolinha de iniciação à Fundação Casa Grande;
- ☆ Recepção dos visitantes;
- ☆ Formação de novos guias-mirins e recepcionistas;
- ☆ Reuniões e assembléias;
- ☆ Entrega de uniformes a novos integrantes;
- ☆ Festa da renovação do Coração de Jesus.

Concluimos assim, o percursos pelo Memorial do Homem Kariri, que é a porta de entrada e o coração da Fundação.



**Fotografia 15: recepcionistas mirins do Museu**



**Fotografia 16: Fachada da Escola de Comunicação**

### **3.3.2. Escola de comunicação para as crianças do sertão**

Imagine um peixe que passa a vida no aquário e de repente vê o mar...

João Paulo

Diretor administrativo da Casa Grande

Adentraremos agora, no segundo prédio da instituição, onde anteriormente funcionou o externato VX de Novembro construído em 1948 e inaugurado em 1960, ficou em atividade até 1972 e depois também ficou abandonado e em ruínas.

Foi doado à Fundação pelo Governo do Estado do Ceará em 1997, por intermédio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura nº 12.464, de 29 de junho de 1995, também chamada de Lei.

O programa de comunicação foi criado com o objetivo de produzir materiais educativos e formar leitores, ouvintes e telespectadores. Este programa vem se expandindo a

partir da rede de crianças comunicadoras em língua portuguesa, unindo os países: Brasil, Moçambique e Angola com apoio da UNICEF.

O prédio do Educandário XV de Novembro, foi a primeira escola de Nova Olinda criada em 1948 por Alvino Ribeiro de Carvalho e sua esposa Josefa de Matos Cordeiro, também a primeira professora formada do Município. Funcionou de 1960 até 1972, foi abandonado, ficou em ruínas e como ficava visinho à Casa Grande, Alemberg também conseguiu sua doação do Governo do Estado em 1997, por intermédio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura nº 12.464, de 29 de junho de 1995, denominada de Lei Jereissati se tornando 2º patrimônio histórico restaurando do Município de Nova Olinda – Ceará.

O novo espaço foi adquirido com o objetivo de ampliar as ações da ONG demonstrando a busca constante que os educadores aqui analisados por reconhecimento dos órgãos públicos e por financiadores.

Sua restauração do novo patrimônio conservou também sua originalidade, fez ressurgir a história da educação no Município de Nova Olinda e da sua fundadora professora Josefa de Matos. Teve o apoio da Secretaria Ação Social do Estado do Ceará na gestão do Secretário José Rosas em sistema de mutirão, com alunos e pais da Fundação Casa Grande. As suas ampliações internas seguiram o projeto inicial de seu idealizador Alvino Ribeiro.

Na sala de entrada, encontramos fotografias com o registro do processo de restauração do prédio e fotografia da professora fundadora Josefa Matos e um pouco da história contando que em 1949, Alvino Ribeiro de Carvalho adquiriu de sua mãe, Ana Silvina de Jesus, uma parte de terra, e em 1950 deu início a construção de uma sede definitiva para o educandário com o projeto arquitetônico de J. Ranulfo Pequeno (Crato) e construído por José Salvador (Assaré). Mas, o educandário só foi inaugurado 10 anos depois, em 1960, funcionando regularmente até 1972, ano em que foi fechado, transformando-se em ruínas.

O prédio tem uma forma quadrada com o centro preenchida pelo **Parquinho Zé Leôncio**, nome dado em homenagem a um senhor que tinha um parquinho na cidade que



recebe todas as crianças da cidade. É a porta de entrada das crianças na instituição, pois chegam primeiramente para brincar de bila, de bola, de balanço, escorregador e tudo de bom que tem em um parquinho.

No centro do parquinho estão localizados os três mastros das bandeiras, ou seja, do Brasil, do

Ceará e da Fundação onde são hasteadas quando tem alguma atividade acontecendo.

Chegamos à **Gibiteca** completíssima, financiada pela Fundação Kellog, contém as melhores produções de revistinhas em quadrinhos, como também aquelas que influenciaram Alemberg na sua infância como a coleção completa de Tex.



Xodó particular de Alemberg, grande fã de quadrinhos desde pequeno, é um bom retrato do que o projeto da Casa Grande representa para ele: *precisei deixar de ser menino para poder trabalhar e ter condições de implantar aqui essa gibiteca e, assim, voltar a ser menino*<sup>18</sup>.

Os gibis sempre estiveram presentes na vida de Alemberg e o influenciaram na sua formação que como ele mesmo relata:

*E ele (seu irmão Zil) colecionava revista em quadrinho. Colecionava Tex. Que era um Ranger americano, com aquelas histórias que se passavam no Velho Oeste. E tinha revista de Tarzan também. Influenciado por ele comecei a procurar os personagens com os quais me identificava. O primeiro foi um personagem por nome de Ken Parker que também tinha a história contextualizada no Velho Oeste. O que me chamou a atenção em Ken Parker é que ele era humano. Ele era uma pessoa dentro de um cenário de pessoas rudes. E, do Homem Aranha. Eu gostava bastante do Homem Aranha. Eu simpatizei logo com o Homem Aranha porque era um herói que apanhava. Então, daí em diante eu comecei a fazer história em quadrinho.*

Neste espaço, a população pode disponibilizar do acervo para leituras no local em cabines individuais.

A gibiteca tem como objetivo aproximar as crianças entre o cinema e a literatura e forma gestores e leitores através de um acervo em catálogo com mais de 2.600 títulos classificados por autores, roteiristas e desenhistas.

Então, desde o início da Fundação a História em Quadrinhos está presente na produção de revistinhas, nas Campanhas da cidade e também nas legendas do Memorial e nas fotografias expostas pela Casa.

<sup>18</sup> Mariana Albanese · São Paulo (SP) · 26/7/2007. [www.overmundo.com.br](http://www.overmundo.com.br)



Os gibis são textos que segundo Ângela Kaufman (1995), especialista em leitura, são humorísticos e engraçados, por isso utilizam os desenhos e outros recursos lingüísticos para aflorar mais ainda o riso e a alegria nos leitores.

Tudo o que eles aprendem das lendas e das histórias mitológicas do lugar retratam nas suas próprias historinhas, cujos personagens são eles mesmos caricaturados. Assim, eles fazem uma leitura e resignificam à história de sua própria comunidade.

A seguir, entramos na **DVDteca** que tem um acervo que não pára de crescer. Hoje possui mais de 1.500 títulos de Filmes, Documentários, Musicais e Desenhos. Tem uma



coleção com o melhor do cinema mundial que são vistos nas cabines individualizadas ou no Teatro Violeta Arraes quando acontecem as exibições geralmente aos domingos, com uma sessão infantil às 9h da manhã e outra dirigida aos adultos às 19h com entradas francas.

Sempre antes da exibição do filme é apresentado um documentário produzido pelo *100 Canal* que é o estúdio de TV onde os meninos produzem seus vídeos, pois a Agencia Nacional de Telecomunicações - ANATEL fechou o canal de TV e é assim que eles conseguem fazer TV atualmente.

Alemberg comenta que uma vez foi-lhe perguntado por que não se fazia um debate após as sessões de cinema e ele respondeu que a conversa depois dos filmes se estende às praças e calçadas da cidade e que acha uma maneira bem mais democrática, pois não fica uma obrigação e sim um lazer daquela conversa informal.

O cinema sempre esteve presente na vida Alemberg como ele mesmo narra que quando criança em Miranorte assistiu a sua primeira sessão de cinema:

*Fui assistir a minha primeira sessão de cinema: Sansão e Dalila, com Victor Matoro. Fiquei encantado porque me transporte para aquela época. Rapaz, o que me encantou no cinema é que eles criaram um negócio que podia ir lá naquela época sem precisar ir. A gente podia viver na época da história sem estar lá. Então, aquilo ali era para mim... eu fiquei encantado mesmo. Então quando eu assisti ao filme no cinema eu disse: \_Vou montar um cinema para mim e para os meninos.*

Então, percebemos que ele sonhou em fazer cinema e hoje a Fundação Casa Grande tem um cinema de verdade gerenciado pelas crianças e jovens do lugar que organizam a entrada em filas para que todos fiquem sentados confortavelmente não permitindo que entrem

mascando chicletes, nem levando nenhum tipo de alimento ou bebida e sempre antes das exposições, tem uma voz de criança orientando para fazerem silêncio e conservarem o ambiente sempre limpo.

Quando todos estão sentados, contam o número de presentes e anotam na planilha de atividade que contém as seguintes informações: nome do filme, número de espectadores, hora que servirá para avaliação do programa e dos gestores.

Há também a **Biblioteca** que conta com um grande acervo de literatura infanto-juvenil e de material para pesquisa, totalmente doado pelas pessoas.

A **Casa Grande Editora** é o laboratório de formação de crianças e jovens nas áreas de arte seqüencial, desenho gráfico, jornal e produção de material promocional como produção de revistas em quadrinhos que narram as aventuras abordando os temas da mitologia



e arqueologia do povo Kariri, com a criação de personagens inspirados nas características dos próprios meninos e meninas da Casa Grande.

A editora já produziu várias histórias em quadrinhos feitas pelas crianças que fazem parte das narrativas retratando as lendas e mitos da região. São desenhadas à mão livre e depois passadas para os computadores onde são editadas.

Quando criança Alemberg também criou uma editora onde desenhava seus personagens preferidos a pouca luz, embaixo da mesa de trabalho do seu pai, nas noites quentes de Miranorte.

A **Brinquedoteca** é um quartinho cheio de brinquedos onde as crianças podem brincar de bonecas, de carrinhos, de casinha, enfim, brincar por brincar como antigamente,



porque hoje as crianças não costumam mais brincar por brincar, mas brincam no computador ou nos *play stations* da vida moderna, num mundo totalmente virtual.

Quando era pequeno, Alemberg Quindins sonhava em ter um quarto de brinquedos e conhecer o mundo. Com a Fundação, o mundo veio até ele e o almejado quartinho materializou-se em uma bela e ampla casa, onde ainda há lugar para tantos sonhos quanto puderem ser sonhados.

Segundo Alemberg e Rosiane, foi a necessidade de ter uma comunicação com a comunidade e com o mundo que levou a Fundação Casa Grande, em 1993, ao resgate histórico do antigo sistema de difusora do município, "A voz da liberdade". A partir da difusora foi

criado o projeto Escola de Comunicação da Meninada do Sertão e sugeriram os laboratórios: Rádio FM, TV, Editora, DVDteca, Brinquedoteca e Internet.

A **Rádio Casa Grande FM**, é uma rádio comunitária que tem como slogan “a rádio que educa”- leva ao ar diariamente, uma programação musical tocando desde o forró de



pé de serra à MPB, jazz, blues e instrumental e vários outros estilos e tem como objetivo principal a formação de crianças e jovens nas áreas de programação, sonoplastia, locução, conservação de acervo e gerência, como também na formação de ouvintes.

Constatamos que a rádio é um espaço de formação onde as crianças aprendem brincando de ser radialista e também exercem a atividade de formadores, pois os programas não só tocam músicas, mas levam orientações e informações para outras crianças.

Forma crianças na produção de programas de rádio. Logo depois, o programa já estava em Angola e em Moçambique. São programas de crianças para crianças. A idéia foi fazer com que as crianças e os jovens tivessem contato com vários estilos de música e se tornassem locutores, sonoplastas, produtores e repórteres.

As crianças recebem formação nas áreas de programação, sonoplastia, locução, conservação do acervo e gerência. A Casa Grande FM tem como objetivo a formação de ouvintes.

Mêires Moreira começou na rádio aos 10 anos fazendo o programa infantil *Planeta Criança*. Aos 21 anos, foi produtora e locutora do programa diário *Papo Cabeça* e foi convidada pela UNESCO a fazer parte de um Grupo de Trabalho Jovem sobre AIDS. O convite gerou viagens e reuniões com outros jovens brasileiros em várias capitais. Hoje, Mêires já é mãe, casou com um irmão de Alemberg e mora na Itália.

Valeska Cordeiro, com 13 anos, comandou o programa infantil da rádio, o *Submarino Amarelo*, no qual "embarcam" cerca de 20 crianças que estão aprendendo a arte de fazer rádio para outras crianças, diariamente, das 13 às 14 horas. Ela separava as músicas e, conversando com os demais colegas, decidia qual era o tema do dia: coisas saudáveis que a meninada pode e deve fazer, como o quanto é bom ir à escola para aprender a gostar de ler.

Outras crianças também têm seus programas na rádio que começou em 1995, ao vivo, com apenas um transmissor e 4 auto-falantes (material abandonado de uma igreja), transmitido somente nos finais de semana.

Em 1998, foi reconhecida pela ANATEL como rádio comunitária e sua programação passou a ser diária (das 5 horas da manhã às 10 horas da noite). O objetivo da rádio sempre foi alcançar o status de educativa, podendo operar com maior alcance, chegando a toda região do Cariri – Crato, Juazeiro, Assaré, entre outras cidades.

Atualmente, Valeska tem 19 anos, passou no vestibular para Faculdade de Artes Visuais de Barbalha-Ce e ainda passa pelos programas da Casa Grande FM, fazendo programas e formando novos locutores.

Miguel que também chegou pequeno na Casa e hoje já um rapaz trabalha no escritório da Fundação, na contabilidade, fala do processo da rádio comunitária para ser FM:

*Quando a gente começou a nossa rádio FM, eram quatro alto-falantes em cima da casa. Fazíamos uma programação para a comunidade. Então o UNICEF se interessou e doou uma parcela de dinheiro para ampliar nosso sistema de alto falantes. Espalhamos mais cinco alto falantes pela cidade. Depois o Unicef viu que estava tendo comunicação com a cidade então, a nossa rádio passou a ser FM.*

Com o intercâmbio com os países da África foi criada uma rede de crianças e jovens comunicadores de países de língua portuguesa que tem como objetivo integrar em rede, crianças e jovens de países de língua portuguesa, através de produções de comunicação sobre temas relativos aos direitos da criança e adolescente, tendo como base a diversidade cultural e permitiu que os meninos e meninas da Casa Grande ganhassem o mundo viajando representando o Brasil em alguns eventos mundiais da UNICEF e da ONU.

Além do Brasil, esta rede integra a troca de experiência com Angola e Moçambique em produção de vídeo e intercâmbio de músicas e programas.

Em Moçambique, são 30 programas de rádio de criança para criança e dois programas de televisão, inclusive um que é transmitido através de um canal por assinatura para todo o continente Africano.

Todo este processo iniciou em Angola e atualmente são 16 províncias que transmitem com regularidade programas feitos por crianças para outras crianças. Ao todo apenas seis estações de rádio em Angola não possuem programas voltados para a participação infantil. Além dos programas provinciais, a rádio nacional de Angola transmite um programa para todo o país com contribuição de crianças e adolescentes de todas as províncias.

Aqui no Brasil este processo teve origem na cidade de Nova Olinda através das crianças da Fundação Casa Grande que produzem diariamente a programação integral que vai ao ar pela rádio comunitária Casa Grande FM de 7h as 22h.

Compreendemos que isto foi de grande importância para aquele grupo de crianças na ampliação de visões de mundo e de novos saberes e trazendo para sua localidade sertaneja também esses olhares, percepções e experiências para repassar pelas atividades desenvolvidas na fundação e na convivência na escola formal, pois para estar na Casa Grande a criança tem que estar devidamente matriculado na escola.

A partir daí a Fundação foi tendo visibilidade na mídia e começou a participar de programas de televisão, como o Programa Brasil Legal da Regina Cazé, em 1996, recebendo a doação de uma antena parabólica; o Programa Ação, em 2000, coordenado por Serginho Groissman, como também foram procurados por alguns jornais da região e de todo o país.

Ainda era muito novo no Brasil um trabalho desenvolvido por pessoas voluntárias com crianças e jovens e principalmente, nas áreas de comunicação, onde as próprias crianças é quem comandam os programas.

Ressaltamos que neste período, ou seja, nos anos 80-90 o movimento das ONGs estava em processo de crescimento e a Casa Grande foi também crescendo trabalhando projeto a projeto, como uma grande brincadeira. Iam sonhando e realizando os sonhos. Sonhando de brincar e brincando de fazer.

A **discoteca** da Casa Grande é formada por um acervo de mais de 1.500 CD's e



VINÍIS, é composta de raridades e da melhor qualidade musical do mundo, vem repassando aos ouvintes da Casa Grande FM na sua programação diária de formação de conteúdo, uma diversidade musical, proporcionando também aos *seus* usuários e aos visitantes o acesso ao acervo de uma forma

individualizada através de cabines sonoras.

A **TV Casa Grande** iniciou também depois da Rádio na brincadeira de fazer vídeo, como João Paulo, mais um que chegou ainda criança e permanece até hoje como diretor administrativo fala sobre a ampliação da Rádio para a TV:

*No início, o museu da Fundação começou a chamar a atenção da imprensa. Vinha repórter de rádio, de TV. A criançada ficou louca com aquilo! A mídia parecia um disco voador que tinha baixado na cidade, a gente nunca tinha visto uma câmera na vida. Então, as crianças*

*chegaram para Alemborg e disseram que queriam aprender a filmar. Por uma lei estadual de incentivo, o UNICEF nos forneceu a primeira câmera VHS. Foi então, que começamos a brincar de fazer TV, vídeo. Eu sempre fui meio curioso, imagine um peixe que passa a vida no aquário e de repente vê o mar...*



Foi a primeira TV produzida integralmente por crianças. Funciona até hoje dentro da Fundação com a coordenação de Helinho (21 anos) e conta com mais dois meninos de 10 a 12 anos que estão sendo formados em edição. Em um estúdio pintado de azul contam com equipamentos de alta tecnologia onde as crianças aprendem a manipular a ilha de edição, uma câmera digital de vídeo e produzem documentários sobre a região e seus personagens.

Em 2000, a ANATEL lacrou os transmissores após ir ao ar experimentalmente por três vezes e acabou com a brincadeira da criança que até hoje e exibem suas produções nos eventos realizados na Fundação até sair a sonhada licença para operar como TV comunitária.

Funciona como um estúdio de produção de vídeos, curtas e documentários que são exibidos pelas TV's comerciais e espaços culturais alternativos. Produz semanalmente a série documental "100 CANAL" que vai ao ar antes das sessões de cinema e espetáculos no Teatro Violeta Arraes. Sua equipe é formada por crianças e jovens que recebem formação nas áreas de gestão, produção, iluminação, câmera e edição. Eles mesmos escrevem os roteiros, fazem a produção, filmam e editam.

Atualmente, existe uma parceria com a TV Futura na produção de quatro vídeos sobre a região por mês dando um retorno financeiro ao jovem que o produz. Além da filmagem eles também editam e colocam a sonorização do vídeo.



Na **Sala da Internet** a acesso a informática funciona como um espaço complementar aos laboratórios, destinado a pesquisa, informação, comunicação e produção, onde as crianças e jovens aprendem a utilizar as ferramentas, atualizando e mantendo o site da Fundação, aprendem a fazer blogs onde disponibilizam indicações de leituras, filmes e as atividades que estão realizando no seu cotidiano. Eles também recebem aulas de produção textual trabalhando a qualidade dos textos que postam nos blogs.

Os jovens também gerenciam um site que contém informações sobre o histórico da instituição, os Programas e os eventos que estão ocorrendo. É utilizado também para o acompanhamento e avaliação dos Programas.

Os **blogs** dos meninos e meninas da Casa Grande são boletins públicos, fichas de avaliação online, onde são acompanhados o desenvolvimento do conteúdo, produção de gestão e protagonismo.

São criados por eles mesmos trazendo como tema central “minha semana” com informações biográficas e sobre o que aprenderam nos laboratórios de conteúdos, ou seja, falam sobre os livros, revistas e filme que leram e assistiram expressando o que compreenderam, o que aprenderam com o material, falando sobre o que produziram durante a semana, pois trabalhos desenvolveram nos laboratórios de produção.

Este é um espaço onde podem abrir canais de comunicação com pessoas de todo o mundo e as pessoas podem ver e conhecer o que fazem na instituição.

Tivemos a oportunidade de realizar algumas oficinas com eles nos meses de março e abril de 2009 com o objetivo de trabalhar a competência lingüística e a produção textual.

O **Laboratório de Arqueologia** está inserido na escola de comunicação por não ter



sala própria ainda, mas ali inicia-se um projeto de laboratório de catalogação e análise do material colhido nas escavações realizadas pela equipe da Fundação nos sítios arqueológicos da região do Cariri que tem como coordenadora Rosiane Limaverde, doutoranda na área, e funciona também como uma incubadora de uma futura escola de formação de crianças e jovens do sertão em

Arqueologia.

Os **Alojamentos** são dois apartamentos que servem para hospedar os gestores durante as atividades, pois vão todos os finais de semana e qualquer outro dia ou hora que precisar e, também para os meninos que precisarem de hospedagem.



Fotografia 17: Fachada do Teatro Violeta Arraes

### 3.3.3. O Teatro Violeta Arraes – Engenho de fazer artes

É o educar para *sentirpensar* que produzirá a prática da integralidade e da integridade, da escuta inclusiva e da ênfase no cuidar do ser, a partir de um fazer mais coerente com os pensamentos e sentimentos.

Maria Cândida Moraes

O terceiro prédio da instituição é o **Teatro Violeta Arraes – Engenho de Artes Cênicas** que abriga o **Programa de Artes** cujo objetivo deste é a formação de crianças e



jovens através da sensibilização pelas artes e a qualidade do conteúdo, incentivando a produção artística;

É um espaço para formação de plateia e gestores culturais nas áreas de direção de espetáculos, sonoplastia, iluminação e cenário. Conta com uma programação semanal aberta ao público, onde exhibe espetáculos nas áreas de música, dança, cineclube e teatro.

O prédio foi doado pela Prefeitura e o projeto arquitetônico foi realizado obedecendo às características das casas de engenho muito comuns na região, com tijolo aparente e madeira por Maria Eliza Costa, filha do arquiteto Lúcio Costa parceiro de Oscar Niemeyer na projeção de Brasília que foi indicada por d. Violeta Arraes, na época reitora da Universidade Regional do Cariri e que também se encantou pelas crianças da Fundação e pelo trabalho ali desenvolvido. Em reconhecimento ao seu sentimento pela Casa e sua grande contribuição pela ampliação da visibilidade da instituição, foi homenageada com o nome do teatro e foi uma importante referência para Alemberg e Rosiane que será demonstrada mais adiante.

O que diferencia a Fundação de outras instituições é que todos os seus Programas são totalmente gerenciados pelas crianças e jovens, com a seguinte equipe gestora a qual limpam, organizam e gerenciam os programas, as atividades e recebem os visitantes durante toda a semana, divididos em turnos, por exemplo, os que estudam pela manhã ficam na Casa à tarde e os que freqüentam a escola no turno da tarde ficam na Fundação pela manhã e os idealizadores trabalham durante toda a semana no escritório localizado na cidade do Crato-Ce e só vão para Nova Olinda nos finais de semana ou em alguma necessidade extra, ou na realização dos eventos promovidos pela instituição. Mas, estão sempre em contato com os meninos e meninas através do sistema de skype ou telefone, mas quem coloca a Casa em ordem é a molecada coordenada por João Paulo, hoje com 25 anos, mas que chegou no espaço desde os 9 anos.



A Casa Grande não fecha. Pode ser freqüentada durante todo o dia e todos os dias da semana pelos alunos e pela comunidade de Nova Olinda, como também pelos visitantes. Por ser o único pólo de cultura da região, está sempre cheia, principalmente nos fins de semana. Aos domingos, no Teatro Violeta Arraes, há duas sessões de cinema: infantil e adulta, e regularmente, peças e outros espetáculos aportam ali.

Mais do que uma escola de comunicação, um centro cultural, ou uma instituição para crianças, a Casa Grande é um laboratório de convivência social onde se aprende a ter responsabilidade sem perder a alma infantil. *Não queremos formar comunicadores, e sim futuros gestores do país*, define Alembert.

O **Programa de Arte** foi idealizado para realizar a formação em música que inicia-se com a participação na **Bandinha de Lata** onde aprendem ritmos e criam suas próprias composições.

Hoje denominada de **Os Cabinha**, porque é assim que a meninada se trata no interior (caba, cabinha) – já gravou CD, DVD e vem fazendo shows pelo Brasil com muitos artistas de renome nacional. Atualmente é formada por 5 garotos. Eles têm entre 9 e 11 anos, e realizam algumas turnês pelo Brasil e pelo mundo afora. Os Cabinha são a terceira geração da banda de lata da Fundação Casa Grande, que tocam com seus instrumentos de brinquedo, construídos por eles mesmos.



Nos espetáculos, o repertório é de rock, ou melhor, uma sátira a ele. Eles brincam com o “mundo rock” adulto, imaginando que estão tocando, enquanto a platéia acredita que está ouvindo. A postura é ainda de menino de interior, ou cabinha, como chamam os pequenos "Caba" (referência a homem) no sertão do Cariri.

Ao longo dos anos, os meninos da bandinha, que tem tradição de iniciação musical, se apresentaram ao lado de nomes como Lobão e Arnaldo Antunes, além da participação no espetáculo Mãe Gentil, de Ivaldo Bertazzo, com Zeca Baleiro. Também foram personagens do documentário, Música do Brasil, de Belisário Franca.



Em abril de 2008, esta nova geração, formada por Arthur, Iêdo, Momô, Renê e Rodrigo se apresentou no palco do Itaú Cultural, em São Paulo. Selecionados pelo projeto Rumos, foram as únicas crianças a participar do projeto. Considerada uma das melhores formações, eles puderam contar com a tecnologia do estúdio da Fundação para gravarem seu primeiro cd, em que cuidam de todas as etapas: da composição das músicas à gravação em si.

Com suas guitarras e baixos feitos de madeira, acompanhadas de percussão e bateria compostas de latas, Os Cabinha, como bem identificou o músico Maurício Pereira, deseletrificou o rock, tantos anos depois do rock ter eletrificado a guitarra.

**Abanda** é o grupo de música instrumental formada por Aécio Diniz (baixo e percussão), Samuel Macedo, (guitarra e violão) Hélio Filho (bateria e percussão) e Rivaldo Sousa (percussão) que chegaram na Casa ainda crianças e hoje são jovens que trabalham com instrumentos profissionais e produzem música de alto nível. Também já viajaram pelo Brasil e até pelo exterior (Portugal e Itália) apresentando seu trabalho.



Três deles já fazem universidade e ganham seu próprio dinheiro realizando trabalhos profissionais na área de música, produção cultural e produção de vídeo.

Atualmente, criaram o espetáculo **Rua do Vídeo** que é um musical que mostra o olhar da Abanda sobre a região do Cariri, utilizando-se do áudio visual e de trilhas musicais para realizar um passeio pelas ruas e cidades da região.

Abanda faz uma leitura das linguagens popular, introduzindo arranjos e imagens neste diverso mundo cultural. O grupo estuda junto desde a infância no laboratório de música da Fundação. Com o conhecimento que cada um vem adquirindo transformam a música em uma ferramenta para a construção social de crianças e jovens, com influência nas origens do seu povo, influência vinda também do contato com os músicos que admiram e outros tantos com quem já tocaram, como Gilberto Gil e Jefferson Gonçalves, Heraldo do Monte, Arismar do Espírito Santo, André Magalhães e outros complementadas pela experiência das viagens Brasil afora e das duas turnês internacionais, pela Alemanha e Itália.

Todos estes espaços e atividades de formação são denominados por Alemberg de Laboratórios que ele os define assim:

*Nós criamos dois tipos de laboratório, um laboratório que denominamos de Laboratório de Conteúdo, cujo objetivo é fazer com que os meninos tenham acesso a um bom material de informação e esse material é o acervo da gibiteca, a dvdteca, da biblioteca de referência de literatura infantil, do laboratório de site, ou melhor, do laboratório de informática para terem acesso a esse universo de internet. Então, até ai é um buscar. É irem até esses meios de comunicação para fazerem a formação através da formação de conteúdo, de conhecimento. E tem os Laboratórios de Produção que é onde vão produzir a partir da experiência do que já*

*viram e ali terem condição de acrescentar seu olhar. Então, vão ter a oportunidade de ver até onde a humanidade chegou em matéria de cinema, de quadrinhos, das expressões artísticas e aprender com os mestres, com o conteúdo existente no planeta e a partir daí também terem condição de formar opinião através do olhar e do sentir, somando à visão do ambiente em que vivem.*

Na Fundação Casa Grande esta garotada tem a oportunidade de ter uma formação cultural de qualidade que não é muito comum o acesso para as crianças e jovens que freqüentam a escola formal, por exemplo, pois a escola ainda não acordou para o poder que a música tem na formação e transformação das pessoas.

A clientela atendida pela Fundação tem a oportunidade de ter acesso ao que há de melhor da cultura mundial e isto torna estes meninos e meninas com um nível diferenciado do gosto musical, literário, cultural.



Com o crescente número de visitantes que chegavam para conhecer a experiência ou participar de algum evento promovido pela Fundação, que anualmente chega a uma média de 28.000 pessoas, ou seja, nove vezes o número da população da cidade, foi criado o Programa de

turismo para atender esta demanda através da Cooperativa dos Pais e Amigos da Casa Grande



(COOPAGRAN) coordenada legalmente por Maria Macedo de Freitas. Por meio do direito de uso de imagem da marca “Casa Grande” produzem e comercializam souveris e artesanatos além de gerenciar o receptivo turístico de um turismo de base comunitário.

Foram construídas Pousadas Domiciliares nas casas dos familiares dos meninos e meninas, contendo cama, banheiro, TV, frigobar, além de filmes, revistas e livros, e na instituição foi construído um Restaurante e uma Lojinha. Isso tem gerado renda para estes pais.

Com este trabalho, vem sendo desenvolvido um “turismo de conteúdo” onde o turista tem acesso ao acervo da Fundação e interage com as atividades. Os visitantes também têm a liberdade de trabalhar alguma oficina de aprendizagem com a garotada. Então, é uma troca de experiências, é uma convivência em formação.

Esta ação também tem trazido muitos benefícios para a cidade, pois Nova Olinda se tornou pólo indutor de turismo e isto tem promovido uma organização dos órgãos públicos nesse sentido e as pessoas que chegam à Fundação também buscam conhecer a cidade e sua

gastronomia, seu artesanato, etc., gerando renda para as pessoas do local e oportunidade de conhecer pessoas diferentes e muitos artistas que circulam pela cidade.

Nos dias de 14 a 16 de agosto a Fundação Casa Grande promoveu o I Seminário Internacional de Turismo de Base Comunitário que reuniu representantes do Ministério da Cultura, Ministério do Turismo, Ministério do Meio Ambiente, A Rede Turisol com alguns dos seus representantes, como: O Projeto Bagagem, Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia, Projeto Saúde e Alegria, Fundação Casa Grande, Prainha do Canto Verde, Rede de Turismo Comunitário do Ceará – TUCUM, e parceiros como o SEBRAE-CE e o SESC. Teve ainda representante da Universidade Estadual do Ceará, representante da Universidade de Coimbra e Porto em Portugal, e do Campo Arqueológico de Mértola e a Cooperativa Terra Chã de Alcobertas – Rio Maior, também de Portugal. E participantes de várias regiões do Brasil e da comunidade de Nova Olinda, representados pela Secretária de Cultura e Turismo do Município e pelos Universitários da cidade.

Teve como objetivos fortalecer as experiências já existentes no Brasil, demonstrar alternativas de modelos incluídos, debater o marco conceitual do setor considerando as realidades locais, consolidar os projetos de turismo de base comunitária por meio do apoio técnico e institucional, influenciar as políticas públicas referentes ao desenvolvimento do turismo no Brasil e Fortalecer o intercâmbio entre países de Língua Portuguesa.

Foram três dias produtivos com palestras e debates durante o dia e a noite para dar uma folguinha aos participantes, palestrantes e moderadores, shows como o do grupo ABANDA (grupo formado pelos meninos da Casa Grande) mostrando em primeira mão o novo espetáculo “Rua do Vidéo”, e outros espetáculos trazidos pelo SESC, como: A Banda Cabaçal Padre Cícero de Juazeiro do Norte, Maneiro pau do Mestre Cirilo do Crato- CE e o Côco Frei Damião de Juazeiro do Norte.

Em maio de 2009 também aconteceu a I Mostra de Países de Língua Portuguesa onde reuniu pessoas da área cultural do Brasil, Portugal, Moçambique e Angola ocorrendo palestras, oficinas e apresentação de espetáculos.

Então, a Fundação tem aberto espaços de diálogos com outros países promovendo intercâmbios, dando visibilidade a cidade de Nova Olinda e exercitando a troca de experiências.

Atualmente, a Fundação está realizando mais uma expansão dos seus programas e ações com a execução de um projeto financiado pela Nestlé de um Parque Ecológico “Os Cajueiros”, local onde existem três antigos cajueiros que abrigaram uma tribo indígena. No local será construída uma réplica de uma oca indígena a qual será um Museu do índio e terá

pista para caminhada com música ambiente, pista de skate com a organização da Associação de skateistas de Nova Olinda e campo de futebol fazendo o registro do antigo time de futebol da cidade com a organização de campeonatos para as diversas faixas etárias.

Alemberg costuma dizer que

*A Casa Grande é uma instituição que não tem pedagogia, tem filosofia, porque a pedagogia é uma coisa que exige um formato. Já a filosofia não, é mais leve. Então, a pessoa, pode filosofar... pode voar o tanto que quiser. Então, nós não temos teto. Dá-se asas e a criança voam. O jovem tem a liberdade de voar até onde ele possa alcançar. E, daquele vôo que ele deu e traz experiências para dentro da Casa Grande para ampliar o diálogo.*

Isto demonstra que o trabalho desenvolvido na Fundação não foi inspirado em nenhuma teoria e que para fazer parte da Casa não tem limite de idade, nem de saída. Ele diz que muitos chegaram ainda de colo, pelos braços da mãe ou de algum irmão ou irmã.

Numa entrevista, Alemberg falando sobre este assunto, pergunta a Momo: *\_ Como foi assim a Casa Grande na tua vida? Como foram as primeiras imagens que tu teve da Casa Grande?* E Momo responde: *“\_ Tinha um monte de menino brincando aqui no pavilhão, só vivia cheio de menino. A gente não tinha TV, ai depois é que foi chegando os laboratórios.”*

E pergunta ao Rodrigo: *\_ Tu Rodrigo, também chegou aqui bebê ainda nos braços, não foi?*

Rodrigo diz: *“\_ Foi, eu vinha para a Casa, pequenininho, mas, me mudei para outra cidade e quando eu voltei aqui, logo no primeiro dia eu vim para a Casa Grande. Na época, tinha umas reuniões e eu vim participar. Participar dos programas, da escolinha. Depois eu lia na Gibiteca, fui passando um tempo aqui e fui gostando e agora eu to participando da TV, gosto de ler, porque antes eu gostava de ler mas, só que não era muito não. Agora eu gosto de ler, gosto de revista em quadrinhos.”*

Como podemos perceber nas narrativas acima, desde pequeno a maioria da garotada vivencia experiências nestes espaços de aprendizagens que desenvolve as seguintes ações:

- ☆ Formação de leitores;
- ☆ Formação de platéia;
- ☆ Formação de arqueólogos mirins;
- ☆ Formação de locutores e produtores de rádio;
- ☆ Formação de editoração de revistas e jornais;

- ☆ Formação em produção e edição de documentários para TV;
- ☆ Formação em novas tecnologias;
- ☆ Formação em produção de espetáculos;
- ☆ Formação em instrumentos musicais.

O idealizador destas ações e contador de causos e lendas, Alemberg Quindins inspirou diretores e atores do cinema brasileiro. Palestrante e conferencista têm realizado aulas e espetáculos em congressos, seminários, encontros e eventos ligados a educação, comunicação, arte, turismo, cultura e cidadania. Foi palestrante da caravana do programa "Rumos" Itau Cultural, é fellow da ASHOKA<sup>19</sup> e líder da AVINA<sup>20</sup>.

E Rosiane Limaverde é graduada em História pela Universidade Regional do Cariri-URCA e Mestre em Arqueologia e Preservação do Patrimônio pela UFPE. Em 2002, recebeu da Editora Abril o Prêmio Cláudia que reconhece trabalhos sociais de mulheres. Realiza atividades de consultoria e cursos nas áreas de licenciamento arqueológico ambiental; preservação do patrimônio, elaboração de projetos e gestão cultural.

Responsável pela área de projetos da Fundação Casa Grande dirige também o Programa de Memória aonde vem criando metodologias educativas unindo a arte e a ciência, com o objetivo de ensinar arqueologia às crianças e jovens do sertão do Cariri. Trabalha em prol da preservação e divulgação da riqueza do patrimônio arqueológico da Chapada do Araripe, Ceará, Brasil que vem sendo ameaçado pelo contrabando internacional de fósseis e os impactos ambientais gerados pelo desmatamento e exploração de riquezas minerais.

Desenvolve também trabalhos de consultoria como Membro da equipe de licenciamento arqueológico ambiental da CHESF- Picos-PI/ Tauá-CE, Pesquisa na área arqueológica do Araripe-CE e é diretora científica do Memorial do Homem Kariri.

É companheira de Alemberg desde o início de seus primeiros sonhos, participou das pesquisas das lendas e mitos da região do Cariri, de festivais de música pelo Brasil e hoje, com dois filhos (Aninha e Pedrinho) formam uma família que vivem unidos pela cultura, pela

---

19 A Ashoka é uma associação global de líderes do mundo - empreendedores sociais, homens e mulheres com o sistema de soluções para mudar o mundo nos mais urgentes problemas sociais. Desde 1981, tem mais de 2.000 eleitos líderes empreendedores sociais, a Ashoka Fellows, fornecendo-lhes bolsas de vida, apoio profissional e acesso a uma rede global de pares em mais de 60 países.

20 Avina é uma organização que contribui para o desenvolvimento sustentável da América Latina, incentivando a construção de laços de confiança e parcerias frutíferas entre líderes sociais e empresariais, e articulando agendas de ações compartilhadas.

arte e pela brincadeira juntos com essas crianças e jovens do sertão cearense, trabalhando por um mundo melhor, um mundo de paz e de alegria.

A seguir, apresentamos a lista de premiações recebidas ao longo dos seus 16 anos de trabalho como reconhecimento pela sua dedicação em prol da educação, cultura, comunicação e desenvolvimento social.

1. Prêmio UNICEF Criatividade Patativa do Assaré Projeto mais criativo e melhor projeto de educação -2002.
2. Comenda da Ordem do Mérito Cultural Ministério da Cultura do Brasil- 2004
3. Summer of Goodwill New York Time Warner -1996
4. "Esta empresa tem responsabilidade cultural" Secretaria da Cultura do Ceará – 2006
5. Troféu Cidadão de Responsabilidade Cultural Secretaria da Cultura do Ceará- 2006
6. Premio Fellow Empreendedor Social Ashoka- 2002
7. Troféu Cidadão Empreendedor - EFESO - Escola de Formação de Empreendedor Social
8. Comenda Promotor de Justiça - Guido Furtado Pinto ACMP - Associação Cearense do Ministério Público
9. Troféu Chapéu de Couro Jornal do Cariri – 2000
10. Prêmio Cláudia Editora Abril -2002
11. Diploma de Cavaleiro da Ordem do Mérito Cultural Ministério da Cultura do Brasil- 2004
12. Troféu Acorde Brasileiro Governo do Estado do Rio Grande do Sul
13. Medalha do Mérito Farroupilha Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul – 2007
14. Prêmio Crianças do Mundo Children's World
15. Prêmio Orilaxé - Direitos Humanos Grupo Cultural AfroReggae – 2008
16. Amigos do Cinema Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis – 2008
17. Prêmio Valores do Brasil - Educação e Geração de Conhecimento Banco do Brasil - 2008

Concluimos aqui este caminhar pelos espaços da Fundação onde procuramos apresentar não somente os espaços, mas principalmente as ações educativas desenvolvidas,



tentando repassar o espírito e o sentimento que encontramos na instituição e nos sujeitos que ali se alimentam de experiências de vida e formação.

No sentido de ampliar mais ainda esta visão iremos a seguir, apresentar um resumo dos programas e ações encontradas:

**Quadro 5: Programas da Fundação Casa Grande**

<b>PROGRAMAS</b>		
<b>Nome</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Ações</b>
<b>Memória</b>		Escola de iniciação à Fundação; Formação de recepcionistas mirins; Formação em mitos e lendas da região; Formação em educação patrimonial.
<b>Artes</b>	Formação de crianças e jovens por meio da sensibilização pelas artes e a qualidade do conteúdo, incentivando a produção artística.	Apresentação de shows musicais, Peças de teatro, sessão de cinemas Adulto e infanto-juvenil; Formação de platéia; Formação de palco (iluminação, Cenário, etc.); Formação em música.
<b>Turismo</b>	Desenvolver ações de “turismo de conteúdo” gerando renda para os pais dos meninos e meninas da Casa Grande	Formação em recepção do turista; Formação em guia turístico; Formação em relações públicas.
<b>Esporte e Educação</b>	Desenvolver atividades de lazer, esportivas e Conscientização ecológica para toda a Comunidade de Nova Olinda	Formação de jogadores de futebol; Formação de agentes ecológicos;

<b>LABORATÓRIOS DE CONTEÚDO E PRODUÇÃO</b>		
<b>Memorial</b>	O laboratório do Memorial do Homem kariri, tem a formação de recepcionistas mirins, com aulas de arqueologia,	Manutenção e conservação do acervo; Recepção de mais de 28.000 turistas por Ano.

	conservação do patrimônio, mitologia e museologia.	
<b>TV</b>	A TV Casa Grande produz semanalmente a série documental “100 Canal” que vai ao ar antes das sessões de cinema e espetáculos no Teatro Violeta Arraes.	Produção de 02 documentários por mês para a TV Futura
<b>Rádio</b>	Formação de produtor e locutor de rádio, Sonoplastia, discografia, etc.	Produção de vários programas de rádio de criança para criança
<b>Editora</b>	Formação de desenhistas em quadrinhos e jornais	Produção de revistas em quadrinhos sobre as lendas e mitos da região
<b>Teatro</b>	Formação em teatro e espetáculos musicais (cenário, sonoplastia, palco, iluminação, etc)	Apresentação de vários espetáculos durante o ano
<b>Gibiteca</b>	Mais de 2.600 títulos	Formação de leitores e ouvintes; Formação em produção de programas de rádio; Formação em produção de vídeos e documentários; Formação em edição; Formação em produção de revistas em quadrinhos e jornais; Promover uma aproximação entre o cinema e a literatura e dar acesso à população para leitura de revistas em quadrinho.

A parte administrativa da Fundação Casa Grande encontra-se no seguinte nível de organização:

1. Razão Social: Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri

2. Natureza Jurídica: Fundação cultural e filantrópica, fundada em 19/12/1992

3. CNPJ: 41.337.569/0001-24
4. Utilidade Pública Municipal: Decreto 02 de 10 de Novembro de 1992.
5. Tombamento Histórico Municipal: Decreto 03 de 10 de Novembro de 1992.
6. Utilidade Pública Estadual: Lei 12.344 de 31 de Agosto de 1994.
7. Utilidade Pública Federal: Portaria 152 de 22 de Fevereiro de 2002, publicação em 25/02/2002
8. Certificado Nacional de Assistência Social: Resolução 223 de 23/11/2006, seção I.
9. Registro no Conselho Municipal dos direitos da criança e do adolescente: número 001/98, em 13 de Setembro de 2005.

O atendimento ao público ocorre todos os dias, pois a Fundação é aberta de domingo a domingo com equipes de crianças e jovens gerenciando o atendimento da população nas seguintes atividades:

**Quadro 6: Atendimento ao público no Ano de 2008**

<b>ATIVIDADE</b>	<b>QUANTIDADE DE PESSOAS ATENDIDAS</b>
<b>CINEMA</b>	1.774
<b>ESPETÁCULO</b>	5.591
<b>MUSEU</b>	9.094
<b>PARQUE</b>	3.415
<b>INTERNET</b>	885
<b>GIBITECA</b>	1.446
<b>BIBLIOTECA</b>	1.545
<b>DVDTECA</b>	1.360
<b>TOTAL</b>	25.110

**Quadro 7: Atendimento ao público no Ano de 2009**

<b>ATIVIDADE</b>	<b>QUANTIDADE DE PESSOAS ATENDIDAS</b>
<b>CINEMA</b>	3.016
<b>ESPETÁCULO</b>	11.854
<b>MUSEU</b>	8.507
<b>PARQUE</b>	5.985
<b>INTERNET</b>	885
<b>GIBITECA</b>	755
<b>BIBLIOTECA</b>	665
<b>DVDTECA</b>	758
<b>TOTAL</b>	32.109

Não podemos deixar de falar sobre a prestação de contas da instituição que é bem clara e transparente, expondo todo o material na internet e em quadro afixado no espaço do restaurante, onde todos podem ter acesso.

Finalmente, identificando que a educação exercitada na Fundação Casa Grande integra conhecimento com a habilidade de produção agregando valores e atitudes nos formatos de “educação ao longo da vida ou educação permanente” conforme o conceito de transdisciplinaridade e segundo os “Quatro Pilares da Educação Jaques Delors<sup>21</sup>”, pois exercitam o processo de auto-formação:

- ☆ *Aprender a conhecer* a partir da própria experiência vivenciada no dia-a-dia das atividades na Casa. Nos Laboratórios de conteúdos eles tem acesso a livros, gibis, discos, filmes, enfim, muitos materiais para aquisição de conhecimento e informações em várias áreas.
- ☆ *Aprender a fazer* fazendo, pois é na prática da execução e da produção de músicas, vídeos, shows, que vão aprendendo. Nesse sentido vão se aperfeiçoando e se formando profissionalmente para sua inclusão no mercado de trabalho e no mundo globalizado e tecnológico.

---

21 Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors. O Relatório está publicado em forma de livro no Brasil, com o título Educação: Um Tesouro a Descobrir (UNESCO, MEC, Cortez Editora, São Paulo, 1999).

- ☆ *Aprender a conviver* convivendo, se relacionando com os outros da equipe e com os visitantes que na maioria vem trazendo na bagagem outras culturas, linguagens e compreensões e as crianças e jovens da Casa Grande conseguem conviver muito bem. Ao longo da convivência vão encontrando maneiras pacíficas de resolver os conflitos e encontrar soluções.
- ☆ *Aprender a ser* sendo. É sendo recepcionista do museu, escritor, leitor, radialista e sendo também amigo, parceiro, fiel. As experiências do bem conviver e a partir dos exemplos dos educadores que estão a frente do projeto e da metodologia usada a meninada tem condições de refletir e assimilar alguns valores fundamentais na formação do ser humano. Por exemplo, pude participar de algumas rodas de conversa onde o Alemberg fala sobre os princípios que regem a Fundação e sobre valores como honestidade, ética, responsabilidade indicando filmes para eles verem.

Convivem nas brincadeiras, nas responsabilidades, nas reuniões, nos trabalhos, enfim, no cotidiano e levam as experiências do bem viver para as relações familiares, pois muitos dos alunos têm problemas de bebida e/ou pobreza na família.

Não podemos ser ingênuos e pensar que não existem conflitos entre eles, mas não presenciamos nada muito forte, nem nenhum caso de um deixar de falar com o outro. Nem nos casos que muitas vezes, nas reuniões de avaliação alguém tem que dizer que o outro não fez o trabalho ou coisa assim.

Este tipo de aprendizagem exercida na Fundação Casa Grande, de acordo com Delors (2007, p.3)

[...]visa nem tanto a aquisição de um repertório de saberes codificados, mas antes o domínio dos próprios instrumentos pode ser considerado simultaneamente, como um meio e uma finalidade da vida humana. Meio, porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, pelo menos na medida em que isso lhe é necessário para viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais, para comunicar. Finalidade, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir.

Concluimos, então, com esta fala de Alemberg que expressa o sentimento do educador popular que se tornou:

*A Casa Grande não é a minha história, é uma história que está sempre em processo de construção. Na realidade, a Casa Grande é uma grande família, onde todos a construíram. Portanto, todos são herdeiros da Casa Grande. Todos usufruem desse patrimônio que é de todos e vamos deixar para os outros que ainda vem. Na realidade a gente está fazendo uma Casa para gente que ainda nem nasceu.*



**Fotografia 18: Pedrinho Ian, filho de Alemberg e Rosiane no  
Campeonato de Futebol na Casa Grande**

## PALAVRAS “QUASE” CONCLUSIVAS

Ao longo destes dois anos de estudo e pesquisa nos debruçamos na busca de compreender e encontrar respostas para algumas perguntas que nos acompanharam ao longo do percurso e que foram nos alimentando muitas vezes não para encontrar as respostas, mas em deixar fluir outras perguntas, pois isso nos impulsiona a continuar nesse caminho de eternos aprendizes.

Andamos por trilhas novas na área da educação, pois a revalorização atual da experiência neste campo ainda se dava no Brasil apenas na linha da formação de professores principalmente em estudos pelos pesquisadores das Universidade de São Paulo, da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e em nossos estudos nos aventuramos a trabalhar com o profissional da educação popular no contexto de uma Organização Não-Governamental no interior do Ceará.

O estudo aqui realizado encontrou na abordagem (auto)biográfica (Dominicé, 2006) um terreno fértil para o plantio de novas reflexões e de pesquisa tendo como base a subjetividade do ator, utilizando a narrativa como recurso no “caminhar para si” (Josso, 2004, p.58) numa viagem onde procuramos reconstituir o itinerário percorrido, os encontros, os acontecimentos marcantes, os momentos divisores de águas tentando compreender o que motivou seu direcionamento, decisões e comportamentos nessa busca de construir o caminho biográfico e encontrar razões e sentimentos que o tornou o que é hoje.

Este não foi um percurso fácil porque também nos implicamos neste mesmo “caminhar para si” e nesta busca de si colocando em evidência os três níveis de análise que permitem caracterizar as principais etapas do trabalho biográfico que, segundo Josso (2004, p. 61) são: os processos de formação, conhecimento e aprendizagem que foram aqui trabalhados paralelamente no pesquisado e pesquisadora através das narrativas das nossas experiências de vida e formação.

A vinda para residir no Cariri e assim, ficar mais próximo do sujeito pesquisado, do contexto sócio-cultural em que ele vive e, principalmente, no contexto da Fundação Casa Grande onde ele vivencia a prática educativa nos tornou mais perto de Alemberg Quindins porque pudemos conviver mais com seu cotidiano e sentimos que isto facilitou nossa análise.

Nesta perspectiva, procuramos aqui nos conectarmos com nossos objetivos iniciais buscando apresentar algumas compreensões que foram ampliando-se ao longo da pesquisa.

Após este mergulho no interior da narrativa do sujeito podemos dizer que descobrimos suas experiências mais significativas, dentre elas:

- ☆ A escuta de lendas e mitos da região do Cariri por uma descendente indígena;
- ☆ A viagem para Tocantins com o pai e o irmão;
- ☆ O recomeço da vida em Miranorte.

Dentre as pessoas que mais o influenciaram durante sua formação ao longo da vida estão:

- ☆ Seu pai, Sr. Miguel;
- ☆ Artemísia, a descendente indígena;
- ☆ Tio Antonio, o filósofo do sertão;
- ☆ Padim Hera, o contador de causos;
- ☆ José Henrique, músico de Miranorte;
- ☆ Violeta Arraes, a flor de Paris

Assim, após pesquisar as ações educativas desenvolvidas na Fundação Casa Grande, afirmamos que podemos caracterizar a educação exercida na Fundação Casa Grande como uma práxis de Educação Popular porque suas ações estão totalmente voltadas para a classe mais carente da comunidade de Nova Olinda-Ce onde a metodologia, mesmo utilizando os mais avançados recursos tecnológicos, está centralizada no aprender fazendo e, principalmente, na valorização do saber popular das singularidades do local e do regional. E, que estas ações podem e devem influenciar a Educação Popular hoje como um exemplo de educação que trabalha a formação de crianças e jovens não apenas em habilidades e competências técnicas, mas em formação humana e de convivência social.

Sabemos que toda instituição tem pontos que precisam ser aperfeiçoados e a Fundação Casa Grande não fica de fora deste aspecto, mas reconhecemos que o seu sistema de avaliação após cada atividade desenvolvida contribui para este aperfeiçoamento técnico, portanto pensamos que é sempre positivo se buscar ampliar mais o conceito de avaliação para que o lado humano se sobreponha à técnica.

Como vimos na Fundação Casa Grande os saberes são repassados pela experiência dos que já aprenderam e um dos processos de avaliação da aprendizagem se dá através dos Blogs pessoais da meninada onde eles expressam o que aprenderam e ensinam o que já sabem, falam dos seus sonhos de futuro e da sua história de vida.

Então, neste trabalho, refletimos sobre o conceito de Educação Popular percebendo como está em constante mudança e que tem se ampliado mais ainda, além do campo da política e sentimos como ainda está viva hoje com a atuação de muitas ações do Terceiro Setor no Brasil e acreditamos que contribuimos para a reconstrução da história da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri até porque tivemos a oportunidade de acompanhar seu crescimento e



desenvolvimento desde 1995 quando moramos no Crato pela primeira vez até 2000 e que a instituição estava apenas com três anos de criação.

Focalizamos neste trabalho a narrativa (auto)biográfica do educador popular Alembert Quindins, presidente da Fundação Casa Grande que foi acompanhado durante estes dois anos de pesquisa em vários contextos da sua vida. E trazemos os resultados da pesquisa sobre o que o tornou o que é, como também a narrativa da Antropóloga Rosiane Lima Verde, companheira de vida e de trabalho e as transcrições de quatro horas áudio-vídeo-gravadas e seis horas de outras falas audiogravadas que nos permitiram acompanhar suas experiências em várias fases da vida e analisar como o sujeito pesquisado reorganiza os acontecimentos da sua vida passada, presente e qual a sua visão de futuro para dar sentido e coerência na tessitura do enredo da sua história de vida.

Este trabalho utilizou como técnica a Entrevista Narrativa (Jovchelovitch, S. & Bauer, Martin, 2002) onde a intervenção do entrevistador é significativamente reduzida, principalmente no início, quando é solicitado ao informante narrar espontaneamente sua história de vida. A fase de perguntas só acontece após o fim da narração livre. Esta técnica apresenta a vantagem de mostrar o lugar, o tempo, a motivação e as orientações do sistema simbólico do ator, permitindo ao pesquisador apreender o enredo de maneira contextualizada.

E o uso de narrativas de histórias de vida nos permite observar e conhecer o que é a formação do sujeito aprendiz trazendo compreensões sobre como aprendemos, como conhecemos e como ocorre o nosso processo de formação ao longo da vida do ponto de vista do aprendiz.

A análise das narrativas permitiu-nos teorizar sobre as experiências de vida e os processos de aprendizagem, conhecimento e formação desse educador popular a partir de três fases, sugeridas pela própria estrutura textual, ou seja, infância, juventude e adulto.

Assim, demonstramos na prática, a fecundidade da pesquisa (auto)biográfica para a teorização sobre a formação de educadores populares como também, pensamos ter contribuído para ampliar a compreensão sobre o conceito de formação.

Como prometido anteriormente, apresentamos a seguir o auto-retrato dinâmico do sujeito desenhado na construção de sua narrativa percorrendo o caminho proposto por Josso (2002) percebendo as evidências da “posições existenciais” (p. 59) que correspondem as “figuras antropológicas” (p. 91) e “posições de aprendiz” (p. 82), definidas como a “busca da felicidade” e que criamos um quadro para demonstrá-las:

**Quadro 2: Busca da Felicidade**

<b>BUSCA DA FELICIDADE</b>				
<b>POSIÇÕES EXISTENCIAIS</b>	<b>EXPECTATIVA</b>	<b>REFÚGIO</b>	<b>INTENCIONALIDADE</b>	<b>DESPRENDIMENTO</b>
	Desejar sem fazer nada	Remeter-se ao superior	ter a intenção e enfrentar os desafios	Desejar sem apego
<b>POSIÇÕES DE ESTADO DE FELICIDADE</b>	Tirar a sorte na loteria	Invocar Deus	Não recuar diante dos desafios	a satisfação dos desejos não nos pertence
<b>FIGURA ANTROPOLÓGICA</b>	<b>O PRISIONEIRO</b>	<b>O SERVIDOR</b>	<b>O CONQUISTADOR</b>	<b>O SÁBIO</b>
<b>POSIÇÃO DE APRENDENTE</b>	Ensine-me	Se for bom professor serei bom aluno	(Vencedor de desafios) <sup>22</sup>	Deixe-me resolver sozinho

Assim, procuramos observar os aspectos centrais das situações formadoras de Alemberg Quindins que permitiram uma interpretação das representações do saber-fazer e dos referenciais que serviram para descrevê-lo e compreendê-lo no seu ambiente natural de vida.

Na análise da “busca da felicidade” (Josso, 2004, p. 88) de Alemberg Quindins e especificamente das Posições Existenciais (p. 59) desse educador popular, percebemos pela sua narrativa e pelo resultado do seu trabalho social que as posições mais fortemente identificadas são as de intencionalidade, pois a maioria das suas ações como educador popular foram sonhadas refletidas e nem sempre planejadas, portanto com um forte conteúdo de intenção e motivação, seguindo-se de uma busca de tornar real, mesmo com poucos recursos materiais.

Antropologicamente, Alemberg se coloca na vida como “O Conquistador”, ou seja, aquele que vence e que triunfa. Aquele que luta para realizar seus objetivos e que não desiste diante das dificuldades.

Na entrevista narrativa realizada com sua companheira e parceira na educação popular, Rosiane Lima Verde narra sobre alguns momentos que caracterizam o Alemberg nesta posição de conquistador:

<sup>22</sup> Já que a autora deixou esse espaço sem preenchimento, nos propomos a fazê-lo dando a nossa compreensão.

*Nesse primeiro período que a gente morou na casa da minha mãe foi um momento de muita crise existencial na vida dele, ele sofria muito porque tava ali naquele lugar, porque era como se ele tivesse procurando quem era ele, então ele sofria muito. [...] Depois que a gente passou pra casa da gente e começou a trabalhar e a gente começou a se manter, se bem que minha mãe ajudava muito, mas a gente já se mantinha, então ele resolveu que ia fazer pesquisa, que ia compor música e que ia fazer pesquisa para compor essas músicas. Ele estava querendo fazer uma música sobre a “Pedra da Batateira”. Foi aí que tudo começou. [...] aquela lenda da história que o Crato ia virar mar. E com a história dessa lenda da Pedra da Batateira, ele pegou um gravadorzão, que era um tijolão grande, que ele tinha na época e botou debaixo do braço e começou a ir atrás de descobrir que lenda era essa. Então, ele começou a se informar quem eram essas pessoas que sabiam contar essas lendas, e começou a visitar os pés de serra e a conviver com essas pessoas, com esses caboclos do pé de serra, com esses matuto e ia fazer entrevista e nessa época a gente conheceu os Irmãos Aniceto, começou a freqüentar a casa dos Irmãos Anicetos.*

A outra posição é a de desprendimento, porque sentimos que o educador popular se fez justamente deste desejo de fazer pelo outro, pelos que não tem acesso à educação e à cultura.

No início de sua pesquisa sobre os mitos e as lendas da região do Cariri, Alemberg guardava o acervo material e imaterial do resultado do seu trabalho em sua residência e recebia as pessoas amigas ou desconhecidas que vinham ouvir suas histórias sobre esse patrimônio cultural que estava se apropriando.

Rosiane fala que:

*[...], ele começou a contar essas histórias para as pessoas que freqüentavam a nossa casa, os amigos, os artistas, os outros músicos que gostavam de ir pra lá pra conversar e tudo e as pessoas começaram a gostar de ouvir, então a nossa casa se transformou num ponto de encontro. As pessoas iam lá pra conversar com ele e ele contava essas histórias e a gente cantava essas músicas.*

Em continuidade ela fala que: *os estudantes começaram a freqüentar a nossa casa para entrevista, para ter aula, a gente começou a ser chamado pra fazer palestra na escola sobre esse assunto.*

A posição de desprendimento aqui identificada demonstra que Alemberg tem em sua prática o desapego com os saberes acumulados ao longo da vida quando trabalha com a formação de crianças e jovens do sertão cearense em patrimônio e gestão cultural.

A figura antropológica que se remete a esta posição existencial aqui encontrada é a do “sábio” que após passar por experiências de vida procura repassar para os mais novos o que vivenciou. Não fala de teorias, mas das suas próprias experiências.

Percebemos aí o início do tornar-se educador popular quando este saber coletado nas pesquisas sobre o patrimônio cultural na região começou a ser repassado para as pessoas mais próximas, depois visitantes e para os estudantes da escola formal sem nenhum interesse financeiro, mas demonstrando um real desprendimento quanto a estes saberes.

Encontramos também, sua posição de aprendiz, pois como observamos nas entrevistas, ele foi uma criança que nunca esperou alguém (o mestre) que lhe ensinasse o que queria aprender, mas via, se encantava, observava, refletia como fazer e realizava através de várias tentativas até conseguir o resultado esperado. Foi assim com o cinema, a editora e outros projetos.

Então, o formar-se de Alemberg Quindins deu-se por uma integração de prática do saber-fazer com os conhecimentos adquiridos no cotidiano por meio de uma pluralidade de registros (psicológico, psicossociológico, sociológico, cultural, econômico, etc) a que acabamos de descrever nos tópicos anteriores, confirmando o que nos ensina Josso (2004, p.39) que “Aprender designa, então, mais especificamente, o próprio processo de integração.” Assim, Alemberg foi aprendendo pela própria experiência sendo capaz de resolver problemas a partir das suas vivências e sem muita formulação teórica, pois os estudos formais e acadêmicos não foram dados continuidade.

Hoje Alemberg viaja por todo o Brasil ministrando palestras falando sobre suas experiências de educador popular e o trabalho desenvolvido na Fundação Casa Grande – memorial do Homem Kariri já recebendo recursos financeiros para isso.

Finalmente, os resultados de nossas análises sobre estes dados empíricos coletados ao longo da pesquisa de campo nos sinalizaram que as aprendizagens experienciais mais significativas na trajetória de vida de Alemberg Quindins foram:

1. A forte presença da figura paterna que serviu como modelo a seguir;
2. A insatisfação com os processos de aprendizagem escolar;
3. O contato e a identificação com a cultura local;

4. A valorização das pessoas simples da região e de seus saberes populares;
5. A ligação e reconhecimento com a religiosidade popular;
6. A interação com crianças e jovens;
7. A partilha de sonhos com a meninada do sertão;
8. A valorização do trabalho, da família e da religião como os três pilares da formação humana;
9. A família que construiu;
10. A escola da vida, quando foi para Miranorte e aprendeu na rodovia Belém-Brasília e;
11. Os encontros com pessoas que acreditaram nos seus sonhos.

A partir destas reflexões, acreditamos que para a formação de qualquer educador popular se faz necessário que ele vivencie experiências que sejam realmente significativas e que estejam ligadas ao sentimento daqueles que ainda não tiveram oportunidades de aprender, conhecer e fazer.

São muitos os desafios e atribuições que o educador popular se depara no processo pedagógico de suas práticas, principalmente num país como o nosso, com tantos pobres, marginalizados e esquecidos pelo poder público. Mas, a busca da realização do sonho alimentado pelo sentimento de amor pelo outros poderá supri-lo de forças para construir algo novo.

Pudemos comprovar com esta pesquisa que a Fundação Casa Grande tem contribuído consideravelmente, com uma práxis pedagógica de Educação Popular voltada para a cultura, o lazer e a arte dando exemplo para a escola formal de como educar com alegria, amor e solidariedade na formação de crianças e jovens protagonistas de seu próprio viver.

Esperamos que ela contribua na elaboração de uma teoria da formação no campo da Educação Brasileira, principalmente para que as escolas deste país possam aproveitar os exemplos deste educador popular, da Fundação Casa Grande e a metodologia do aprender fazendo e brincando para que possamos como diz Maria Cândida de Moraes (2008), reencantar a educação alimentando nossas crianças e jovens não apenas de conteúdos curriculares, mas de alegria, afetividade, solidariedade, respeito à Natureza, amor, experiências e sentido.

Observamos que neste momento não pudemos nos aprofundar nos aspectos metodológicos e educacionais da instituição por nosso foco aqui ser outro, mas pensamos que a Fundação Casa Grande é um espaço muito rico para pesquisas em várias áreas e queremos dar continuidade aos nossos estudos no campo educacional nos aprofundando ainda mais as temáticas que nos acompanharam até aqui, ou seja, narrativa, experiência e formação como também em

novos conceitos como o de *educação ao longo da vida* que o pesquisador John Field (2000) denomina de *nova ordem educativa* que tem como espaço de aprendizagem a *universidade da vida* que é uma área ainda próspera de conhecimento.

Sentimos que neste mundo contemporâneo em que estamos vivendo com tanta informação e pouca experiência, com tanta correria pelo ter é preciso, urgentemente, educar o coração e despertar para uma vida mais espiritualizada, ecológica e simples para que possamos continuar a contar nossas histórias, pois a tecnologia não substitui uma boa história e quem nos conta as histórias são as pessoas. Então, como espiritualizar a educação? Qual o modelo de educação mais apropriado para este momento da humanidade?

Para “quase” concluir, confirmamos que as narrativas constituem uma importante fonte de reconstrução das histórias de vida e da formação nos dando a oportunidade de olhar para nós mesmos e refletirmos sobre o que se passou, corrigindo nossas falhas, limpando nossos sentimentos para que o horizonte do futuro se apresente mais limpo e claro e possa surgir um novo sol que iluminará o que há de vir nos tornando seres mais humanizados e mais conscientes da nossa missão nesta viagem que é a vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALHEIT, Peter & DAUSIEN, Bettina. **Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida**. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 1. p. 177-197, jan/abr, 2006. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/298/29832111.pdf>. acesso em: 17.06.2008.

AMÂNCIO, C. **Educação Popular e Intervenção Comunitária: Contribuições para a reflexão sobre empoderamento**. Anais da 27ª Reunião Anual da ANPED. 2004.

ALVES, Nilda. **Trajetórias e redes na formação de professores**. Rio de Janeiro: D, P & A, 1998 a.

\_\_\_\_\_. **O espaço escolar e suas marcas: o espaço escolar como dimensão material do currículo**. Rio de Janeiro: D, P & A, 1998 b.

\_\_\_\_\_. **De onde vem a ética e a estética que nos fazem professoras?** Disponível em: <http://www.lab-eduimagem.pro.br/frames/seminarios/pdf/14.pdf>. Acesso em: 15.04.2008

\_\_\_\_\_. **Imagem: é desse ponto fixo no espaço que partimos**. Disponível em: <http://www.lab-eduimagem.pro.br/frames/seminarios/pdf/convna.pdf>. Acesso em: 13.05.2008

\_\_\_\_\_. **Imagens das escolas: sobre redes de conhecimentos e currículos escolares**. Educar, Curitiba, n. 17, p. 53-62. Editora da UFPR. 2001. Disponível em: [http://www.educaremvista.ufpr.br/arquivos\\_17/nilda\\_alves.pdf](http://www.educaremvista.ufpr.br/arquivos_17/nilda_alves.pdf). Acesso em: 22.08.2009

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino**. RJ: Vozes, 1978.

BARTHES, Roland. **O Desafio Semiótica**. University of California Press, Berkeley. 1993

BETTO, Frei. **Desafios da Educação Popular: as esferas sociais e os novos paradigmas da educação popular**. Disponível em: <http://www.cefuria.org.br/doc%5Ceducpopdesafios.doc>. Acesso em: 07.09.2007

BRANDÃO, C. Rodrigues. **A Educação Popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Aprender o amor: sobre um afeto que se aprende a viver**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

CARVALHO, Gilmar de. **Artes da tradição: mestres do povo**. Fortaleza-CE: Expressão Gráfica/Laboratório de estudos da oralidade UFC/UECE, 2005.

- CASCUSO, Luis da Câmara. **História da Alimentação do Brasil**. V. II. Itatiaia: Edusp. 1968.
- CAVACO, M. H. **Ofício do professor: o tempo e as mudanças**. In NÓVOA, A. (ed.). *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora, 1991. p.155-191.
- CHENÉ, Adele. **Narrativas de formação e formação de formadores**. In: NÓVOA, Antonio e FINGER, Mathias. *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/ Ministério da Saúde. Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional. Cadernos de Formação, 1988.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. **A descoberta do fluxo: a psicologia do envolvimento com a vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999
- \_\_\_\_\_. **Creativity: Flow and the psychology of discovery and invention** Harper Collins, Londres, 1996.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O professor universitário na transição de paradigmas**. São Paulo, Araracuara: JM, 1998.
- DECCA, Edgar Salvadori de. **História, acontecimento e narrativa** (mimeog.). São Paulo: Unicamp, 2004.
- DELVAL, Juan. **Aprender na vida e aprender na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN, São Paulo: PAULUS. 2008.
- \_\_\_\_\_. **Formação e Socialização: os ateliês biográficos de projeto**. 2006. Educ. Pesqui. v.32 n.2 São Paulo maio/ago. 2006. disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 11.09.2007
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, Norman K. *O planejamento da pesquisa qualitativa : teorias e abordagens*. DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Trad Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DEWEY, John. **Experiência e educação: introdução à filosofia da educação**. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Nacional. 1976.
- DOMINICÉ, Pierre. **A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico. Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 32, 345-357. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a10v32n2.pdf>. Acesso em 30.10.2007
- \_\_\_\_\_. **A Biografia educativa: Instrumento de Investigação para a educação de Adultos**. In A. Nóvoa e Mathias Finger (eds.), *O Método (Auto)biográfico e a Formação*. Lisboa: Ministério da Saúde - Cadernos de Formação 1, 87-98. 1988a.



- \_\_\_\_\_. **O que a Vida lhes Ensinou.** In A. Nóvoa e Mathias Finger (eds.), *O Método (Auto)biográfico e a Formação*. Lisboa: Ministério da Saúde - Cadernos de Formação 1, 87-98. 1988b.
- FABRE, Michel. **Penser la formation.** Paris: PUF, 1994
- FERRAROTI, Franco. **Sobre a Autonomia do Método Biográfico.** In A. Nóvoa e M. Finger (eds.), *O Método (Auto)biográfico e a Formação*. Lisboa: Ministério da Saúde - Cadernos de Formação 1, 17-34.
- FIELD, John, **Lifelong Learning and the new educational order.** Stoke on Trent, UK. 2000.
- FINGER, Mathias. **As Implicações Sócio-epistemológicas do Método Biográfico.** In A. Nóvoa e M. Finger (eds.), *O Método (Auto)biográfico e a Formação*. Lisboa: Ministério da Saúde - Cadernos de Formação 1, 79-86. 1988.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A Educação como Prática de Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Cartas à Cristina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire.** São Paulo: Scipione, 2001.
- GOHN, Maria da Glória. **História dos Movimentos e Lutas Sociais.** São Paulo: Loyola, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Movimentos Sociais, ONG's e Terceiro Setor: perspectivas para a solução das questões da velhice no Brasil.** In: FREITAS, Elizabete V. de, PY, Ligia, NERI, Anita L., CANÇADO, Flávio A. X, GORZONI, Milton L., ROCHA, Sônia M. da *Tratado de Gerontologia e Geriatria.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2002.
- HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia.** Petrópolis, Vozes, 1987. 163p.
- HONORE, B. **Pour une théorie de la formation: dynamique de la formativité.** Paris: Payot. 1977.
- HUBERMAN, Michael. **O ciclo de vida dos professores.** In: NÓVOA, A. (org.), *Vidas de professores.* Porto: Porto Editora, 1995.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação.** São Paulo: Cortez. 2004.

\_\_\_\_\_. **Os relatos de histórias de vida como desvalamento dos desafios existenciais de formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si.** In SOUZA, E. C. e ABRAHÃO, M. H. (Org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.* Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador: EDUNEB. 2006.

JOVCHELOVITCH S, BAUER MW. **Entrevista narrativa.** In: Bauer MW, Gaskell G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.* Petrópolis: Vozes; 2002. p.90-113.

JUNG, Carl G. **Psicologia do inconsciente.** Rio de Janeiro: Petrópolis, 1987.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUEZ, Maria Elena. **Escola, leitura e produção de textos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LANDIM, Leilah. **Múltiplas identidades das ONGs.** In: HADDAD, S. (Org.). *ONGs e universidades: desafios para a cooperação na América Latina.* São Paulo: Fundação Petrópolis, 2002. p.17-49.

\_\_\_\_\_. **Experiência militante: historia das assim chamadas ONGs.** Lusotopie, Paris, p.215-239, 2002.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana.** Porto alegre: Contra-bando, 1998.

\_\_\_\_\_. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** 2001. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe19/03-bondia.pdf>. Acesso em: 20.10.2008.

LIMAVERDE, Rosiane. **Acervo lítico e cerâmico da Chapada do Araripe, Ceará, Brasil.** Disponível em: <http://www.fundacaocasagrande.org.br/pdf>. 2006. Acesso em: 3.07.2008.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens.** S. Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MATURANA, H. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. **De Máquinas e Seres Vivos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997a.

\_\_\_\_\_. **Ontologia da Realidade.** In. Magro, C. et al. (Orgs.) Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1995.

\_\_\_\_\_. & VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano.** São Paulo: PSY, 1997.

MOITA, Michael. C. **Percursos de formação e transformação.** In NÓVOA, A (Org) *Vidas de Professores.* Porto: Porto Editora, 1995

MORAES, Maria Cândida. **Educar na biologia do amor e da solidariedade.** Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais.** São Paulo: AntaKarana/WHH – Willis Harman House, 2008.

\_\_\_\_\_. **A formação do educador a partir da complexidade e da transdisciplinaridade.** *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 7, n. 22, p.13-38, set./dez. 2007. Disponível em: [www2.pucpr.br/reol/index.php](http://www2.pucpr.br/reol/index.php). Acesso em: 05.03.2008.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os sete sabers necessários à educação do futuro.** São Paulo, Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar.** Rio de Janeiro, Garamond, 2000.

\_\_\_\_\_. **Complexidade e transdisciplinaridade. A reforma da universidade e do ensino fundamental.** Natal, EDUFRN, 2000.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

NUTTIN, J. **Teoria da motivação humana: da necessidade ao projeto de ação.** São Paulo: Loyola, 1983.

OLINDA, M. Ercília Braga. **Experiências formadoras de uma jovem caririense: rebeldia e responsabilidade.** Fortaleza: UFC, 2003

\_\_\_\_\_. & CAVALCANTE JR, Francisco S (orgs). **Artes do existir: trajetórias de vida e formação.** Fortaleza: UFC, 2008.

PAIVA, Vanilda. Introdução. In: Idem (Org.) **Perspectivas e dilemas da educação popular.** Rio de Janeiro: Graal, 1984.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A dimensão histórica do sujeito na formação docente.** Disponível em: <http://www.ccsa.ufrn.br/ccsa/docente/conceicao/artpub3.pdf>. 1999. Acesso em: 9.09.2009

PETERS, Richard. **Educação como iniciação.** In: ARCHAMBAULT, R.D. (Orgs.) *Educação e análise filosófica.* São Paulo: Saraiva, 1979. p. 101-30.

PINEAU, Gaston. **As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial.** *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, p. 329 – 343 maio/agosto. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a09v32n2.pdf>. Acesso em: 13.11.2007.

\_\_\_\_\_. **Temporalidades na formação.** São Paulo: Editora Triom, 2004 \_\_\_\_\_.

**A autoformação no decurso da vida.** 1983. Disponível em:  
<http://forumeja.org.br/files/autopineau.pdf>. Acesso em: 07.08.2007

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa.** Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.

**SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos em cena: ... e as teorias por onde andam?**  
In: *Cidadania e multiculturalismo: a teoria social no Brasil contemporâneo.*  
Lisboa/Florianópolis, Socius/Edufsc, 2000. p. 23-51.

\_\_\_\_\_. **Ações coletivas na sociedade contemporânea e o paradigma das redes,**  
Revista Sociedade e Estado, 8(1): 55-70, Jan./Jul. 1998.

\_\_\_\_\_. **Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização.** São Paulo:  
Hucitec. 1999.

SPANCA, Florbela. **Sonetos.** São Paulo: Bertrand Brasil, 2000.

STRAUSS, Levi. **Mito e Significado.** Edições 70, Lisboa, 1978.

TORRES, Rosa Maria. **Discurso e prática em educação popular.** Ijuí: Unijuí, 1988.